DIÁLOGO ENTRE A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA ATRAVÉS DA ESCRITA E AUTOFORMAÇÃO

DIÁLOGO ENTRE A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA ATRAVÉS DA ESCRITA E AUTOFORMAÇÃO

Lourdes Maria Bragagnolo Frison
Gilceane Caetano Porto
(Organizadoras)

Ministério da Educação (MEC) / Diretoria de Educação Básica Presencial (DEB) Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)
Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)

Presidente da República: Dilma Roussef
Ministro da Educação: Aloizio Mercadante
Diretora da DEB: Carmen Moreira de Castro Neves
Coordenador-Geral de Programas de Valorização do Magistério: Hélder Eterno da Silveira

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) / Pró-Reitoria de Graduação (PRG)
Diretoria de Projetos Educacionais e Estágios (DPEE) / PIBID II – Humanidades

Reitor da UFPEL: Mauro Augusto Burkert Del Pino
Pró-Reitora de Graduação: Fabiane Tejada da Silveira
Diretora do DPEE: Rita de Cássia Tavares Medeiros
Coordenadora Institucional do PIBID II – Humanidades: Sônia Maria Schio (2011-2012); Vanessa Caldeira Leite (2013)
Coordenador de Gestão de Processos Educacionais: Edgar Ávila Gandra (2012); Lourdes Maria Bragagnolo Frison (2013)

Coordenadoras do Subprojeto Pedagogia: Lourdes Maria Bragagnolo Frison (2010-2012); Gilceane Caetano Porto (2012-2013)
Co-Coordenadora do Subprojeto Pedagogia: Gilceane Caetano Porto (2010-2012)

Coordenadoras do Subprojeto Teatro: Taís Ferreira (2010-2011); Fabiane Tejada da Silveira (2011-2012), Maria Amélia Gimmler Netto (2013)
Co-Coordenadora do Subprojeto Teatro: Vanessa Caldeira Leite (2011-2012)

Projeto gráfico e impressão: Observatório Gráfico

CIP – Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Sumário

Prefácio, 9

Apresentação, 13
Lourdes Maria Bragagnolo Frison
Gilceane Caetano Porto

PARTE I
A ESCRITA DE MEMORIAIS REFLEXIVOS SOBRE A DOCÊNCIA NO PROJETO PIBID PEDAGOGIA: PROCESSO DE AUTOFORMAÇÃO E AUTORREGULAÇÃO DA APRENDIZAGEM, 17
Lourdes Maria Bragagnolo Frison
Gilceane Caetano Porto

II PARTE
Memoriais escritos por professoras supervisoras das escolas municipais envolvidas no pibid PEDAGOGIA 2010/2012

1.MEMÓRIAS NA FORMAÇÃO CONTINUADA: SUPERANDO MEDOS E ABRINDO UM LEQUE DE NOVAS POSSIBILIDADES ALFABETIZADORAS, 33
Arita Mendes Duarte

2. MEMÓRIAS DE UMA TRAJETÓRIA ACADÊMICA E DOCENTE, 44
Patrícia Perleberg Gielow

III PARTE
Memoriais das alunas bolsistas DO PIBID PEDAGOGIA 2010/2012

1. PIBID: UMA OPORTUNIDADE DE CRESCIMENTO PROFISSIONAL, 57
Andressa Bilhalva Rodrigues Bartz

2. MINHAS NARRATIVAS: EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES COMO PIBIDIANA, 70
Angela Maria Ferreira Garcia

3. O PIBID E A PEDAGOGIA: TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS, 77
Camila Gamino da Costa

4. MEMORIAL, UM INSTRUMENTO DE REFLEXÃO E AUTO REGULADOR EM MINHA FORMAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL, 81
Dalva Rosane Cruz Rodrigues

5. MEMÓRIAS DE UMA TRAJETÓRIA ACADÊMICA, 88
Estelamar Prestes Aires

6. MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS DE UMA ACADÊMICA NO CAMINHO DE SUA FORMAÇÃO DOCENTE ENQUANTO BOLSISTA DO PIBID, 94
Gleciane Saldanha Goetzke da Rosa

7. PROCESSOS DE UMA DOCÊNCIA: ENCONTROS E DESENCONTROS, 101
Graciele Silva do Amaral

8. MINHA TRAJETÓRIA NO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA 108
Jéssica Aline Leal da Rosa

9. MINHA TRAJETÓRIA, 117
Josiane Zarnott Crizel

10. QUANDO AS HISTÓRIAS NARRAM UM OBJETIVO, 123
Julia Graciela da Silva Luna

11. TECENDO UMA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL, 133
Juliana Ribeiro da Silva

12. PIBID: VIVÊNCIAS ENQUANTO ACADÊMICA E INICIANTE À DOCÊNCIA, 145
Letícia Fagundes Corrêa

13. UM SONHO POSSÍVEL, 160
Maria Zilda Nascente Caetano Tavares, 160

14. MINHAS MEMÓRIAS DURANTE O PIBID, 166
Mayra Prates da Silva

15. NARRATIVA DO MEU PROCESSO DE AUTO-FORMAÇÃO ENQUANTO BOLSISTA DO PIBID, 174
Natália Douglas Laner

16. MEU PROCESSO DE DESCONSTRUÇÃO E CONSTRUÇÃO PARA ATUAR COMO FUTURA DOCENTE, 181
Patrícia Cabral Duarte

17. COSTURANDO UMA TRAJETÓRIA ACADÊMICA: MEMÓRIAS DE EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO E AUTO-FORMAÇÃO, 187
Raquel Mello Costa de Oliveira

18. TRAJETÓRIAS EM BUSCA DE UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA 192
Samanta Ferraz de Almeida

19. PIBID: VÍNCULO IMPORTANTE ENTRE A UNIVERSIDADE E A ESCOLA 201
Vanessa Silva da Silva

20. NARRATIVAS DA MINHA CAMINHADA EM BUSCA DE APERFEIÇOAMENTO PESSOAL E PROFISSIONAL, 211
Veridiana de Matos Paladino

NOTAS SOBRE AS ORGANIZADORAS, 227

Prefácio

> A pesquisa autobiográfica na situação de intersubjetividade permite, assim, uma escuta e além disso, uma exploração das emergências interiores (sob a forma de desejos, anseios, projetos) que revelam uma busca ativa de realizações do ser humano em suas potencialidades insuspeitas ou inesperadas (Bernard Honoré).

No presente livro, os conceitos MEMORIAIS e NARRATIVAS de (AUTO)FORMAÇÃO imbricam-se, entrelaçam-se, revelando significados que justificam seu emprego nesta obra e mostra, a partir da reflexão sobre o trabalho realizado por alunas bolsistas do Programa Institucional de Iniciação à Docência – PIBID Pedagogia/UPFel, a visão do humano destacada por Bernard Honoré.

A escrita de memoriais, tem sido uma ferramenta através da qual os sujeitos e, neste caso, as alunas universitárias bolsistas registram fatos, aprendizagens, reflexões a partir de suas trajetórias e das experiências construídas no contexto pessoal, familiar, escolar, profissional. Por meio das escritas de narrativas de memoriais é possível potencializar no sujeito o contato com sua subjetividade de forma a oferecer condições para que mergulhe em suas inquietações, certezas, incertezas e construa a própria identidade (Abrahão)[1]; (Souza)[2]. Trabalhar com memoriais fortalece o "propósito de fazer a pessoa tornar-se mais visível (também) por ela mesma" (Cunha)[3], 1998, p. 42). A pessoa, no momento que se conhece e se auto-reconhece, transforma a si e as suas ações. Assim, as narrativas ganham sentido e potencializam-se como processo de formação porque revelam uma busca ativa de desejo e realizações humanas, despertando po-

[1] ABRAHÃO, M. H. M. B. As narrativas de si ressignificadas pelo emprego do método autobiográfico. In: Souza, E. C.; Abrahão, M. H. M. B. (Orgs.). Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si. 1 ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2006, p. 149-170.
[2] SOUZA, E. C. De. (ORG.). Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino. Porto Alegre: EDIPUCRS; SALVADOR: EDUNEB, 2006.
[3] CUNHA, M. I. O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO NA TRANSIÇÃO DE PARADIGMAS, SÃO PAULO: JM GRÁFICA E EDITORA, 1998, p. 42.

tencialidades. A arte de narrar a própria história atrela-se à busca interior e imbrica-se com as dimensões espaço/tempo em que os sujeitos estão ao narrarem suas experiências.

O registro dos memoriais das alunas bolsistas mostra que houve de fato uma reflexão centrada na própria abordagem (auto) biográfica, entendida como uma metodologia que medeia as aprendizagens das alunas bolsistas, de forma a assumirem com consciência e controle suas responsabilidades, justamente por viverem um processo de formação que objetiva não apenas a participação, as análise do que elas faziam no projeto, mas refletem sobre os caminhos por elas percorridos, visualizando as ações realizadas na retrospectiva do seu percurso de vida, de sua escolha profissional. Além disso, nota-se que, com as experiências vividas no PIBID, puderam abrir outras portas reveladoras de si, armazenando experiências que solidificaram a sua prática e a sua formação docente.

Cabe destacar que as narrativas (auto)biográficas que enriquecem o livro em tela são verdadeiros relatos produzidos por um grupo de alunas que querem ser professoras e que se preparam para exercer a profissão. Este processo se revela na intencionalidade das falas de cada uma, constitui a memória deste grupo, destas alunas, das supervisoras e das professoras coordenadoras do projeto que se dedicam a provocar um processo (auto)formativo, mas que também aprendem no coletivo o que é ser uma profissional da educação.

As narrativas reveladas nos memoriais de vida pessoal/profissional descrevem fatos, acontecimentos que ocorreram ao longo dos dois anos de projeto e retratam o percurso de vida de cada uma das alunas, em particular, e do coletivo, da totalidade do grupo. Nesse sentido, as (auto)biografias permitem que as alunas (re) lembrem fatos que marcaram a sua existência, conectando em uma rede outros fatos que ordenaram o curso deste grupo de trabalho. Os memoriais trouxeram à tona lembranças do entorno: vivências familiares e universitárias, modelos de professores, trabalhos realizados no projeto, todas elas lembranças que contribuíram para a confirmação da escolha da docência, pois afirmam que sentiram-se apoiadas, amadas, reforçadas, o que se transformou em elemento fundador da passagem da condição de aluno para a configuração de ser professor.

Ao concluir este prefácio, destaco que os memoriais escritos por estas alunas da Pedagogia contribuíram para ratificar a ideia do quanto é importante refletir sobre como cada uma se constituiu professora, o quanto as aprendizagens da docência, as experiências de formação inicial e continuada sistematizadas no cotidiano da escola, possibilitam afirmar o profissional que elas querem ser.

Pelas narrativas percebe-se que as pibidianas mostram mudanças provocadas pela compreensão de si próprias e dos outros. Revelam que estão comprometidas com a dimensão educativa, cultural e social da própria formação, assumindo a condição reflexiva, dispostas a organizar espaços e contextos de aprendizagem junto aos alunos com quais trabalham. Assumem, portanto, formação como (auto)formação, sendo que as práticas vividas no PIBID contribuíram para solidificar este processo de formar-se professor.

Trata-se de um livro que não só nos faz melhor compreender a formação de professores, mediante a reflexão posta pelas professoras em formação – em especial mediante vivências hauridas no PIBID, programa do MEC de implantação ainda recente –, como, uma vez mais, fortalece no profissional que se dedica à pesquisa (auto)biográfica o entendimento das inexcedíveis possibilidades de aplicação prática de pesquisa dessa natureza, seja pela utilização de memoriais de formação, ou de outra modalidade autonarrativa. Recomendo a leitura.

Maria Helena Menna Barreto Abrahão

É Doutora em Ciências Humanas - Educação, pela UFRGS. Pesquisadora 1 CNPq. Titular DE na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Brasil. Atua no Programa de Pós-Graduação em Educação e no Curso de Pedagogia, onde ministra, no Programa de Pós-Graduação, o Seminário Instrumental Metodológico de Pesquisa (Auto)biográfica I: Histórias de Vida e o Seminário Metodológico de Pesquisa (Auto)biográfica II: Investigação-Formação, com Memoriais de Formação e, na Graduação, a disciplina de Pesquisa. Orienta Iniciação Científica, Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado. É líder do Grupo de Pesquisa "Profissionalização Docente e Identidade – Narrativas na Primeira Pessoa" – GRUPRODOCI.

Apresentação

Lourdes Maria Bragagnolo Frison[4]
Gilceane Caetano Porto[5]

O objetivo deste livro é apresentar os memoriais reflexivos escritos por uma turma de bolsistas e por duas professoras supervisoras que atuam nas escolas municipais onde o PIBID Pedagogia - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - Humanidades, do Curso de Pedagogia/UFPel. Através da escrita dos memoriais, buscou-se estimular as alunas pibidianas a escreverem e refletirem sobre seu processo de autoformação, destacando os processos de ensinar e de aprender, a partir da compreensão de si e da realização de experiências profissionais, realizadas no grupo do PIBID Pedagogia. As duas supervisoras das escolas municipais envolvidas e as bolsistas, denominadas *pibidianas,* escreveram seu memorial em três momentos distintos. A primeira versão foi escrita no início do projeto, a segunda ocorreu durante o primeiro ano de trabalho e a terceira versão foi escrita no final do projeto. Em todas essas etapas, os memoriais foram devolvidos às alunas com comentários, questionamentos, para que, a partir deles, pudessem investir no aprofundamento das questões por elas apresentadas. A leitura dos mesmos, também foi realizada no grupo das alunas bolsistas, junto as professoras supervisoras e coordenadoras, no decorrer do projeto, o que oportunizou uma reflexão mais detalhada sobre o que haviam escrito. Neste sentido, a escrita dos memoriais aqui apresentados passou por diferentes etapas de reflexão, que podem ser sintetizadas em três momentos: antes, durante e depois do trabalho realizado no PIBID.

Destaca-se que todos os memoriais contidos neste livro foram escritos por alunas e supervisoras bolsistas que atuaram no

[4] Docente da UFPel/FaE/PPGE, Coordenadora do PIBID/Pedagogia. lfrison@terra.com.br

[5] Docente da UFPel/FaE/PIBID, Coordenador do PIBID/Pedagogia. gilceane@terra.com.br

PIBID Pedagogia, da Universidade Federal de Pelotas – UFPel que teve a duração de dois anos e meio de trabalho ininterruptos, especificamente, de março de 2010 até julho de 2012.

Os memoriais escritos revelam os motivos que as levaram a participar do PIBID Pedagogia e explicitam as aprendizagens realizadas no decorrer do projeto. As narrativas incidem na (re)organização das representações que conduzem à compreensão do vivido, contribuindo para a (re)construção e (re)significação das situações do presente, que têm como base o passado, mas que projetam o futuro, ou seja, as situações e práticas profissionais são refletidas à luz da perspectiva da tridimensionalidade (RICOEUR, 1995) em que presente, passado e a expectativa do futuro se imbricam. Percebe-se que as aprendizagens realizadas conduziram as pibidianas a um duplo processo: a descoberta das representações que tinham de si e as representações que as constituíram no decorrer das práticas realizadas.

As professoras Lourdes Maria Bragagnolo Frison e Gilceane Caetano Porto, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) foram as coordenadoras do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID Pedagogia - Humanidades, da Faculdade de Educação/FaE, do curso de Pedagogia. As referidas professoras acompanharam o trabalho realizado ao longo de dois anos e meio, durante os quais, os memórias foram escritos e após por elas analisados.

Este livro contém três partes. A primeira parte apresenta um texto escrito por professoras do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Pelotas, coordenadoras do PIBID Pedagogia na Faculdade de Educação – FaE. Este texto analisa os memoriais escritos pelas bolsistas pibidianas. A segunda parte apresenta na íntegra os memoriais escritos por supervisoras das escolas municipais e, na terceira parte, transcreveram-se os memoriais escritos por alunas bolsistas do PIBID Pedagogia – Humanidades – FaE/UFPel.

Para facilitar a leitura deste livro, afirma-se que as siglas UFPel, FaE, PIBID Pedagogia, foram explicadas nesta introdução, por este motivo, acreditamos que não seja necessário repetir em todos os textos deste livro o que elas significam.

PARTE I

A ESCRITA DE MEMORIAIS REFLEXIVOS SOBRE A DOCÊNCIA NO PROJETO PIBID PEDAGOGIA: PROCESSO DE AUTOFORMAÇÃO E AUTORREGULAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Lourdes Maria Bragagnolo Frison[6]
Gilceane Caetano Porto[7]

Contextualizando o estudo

O Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID Pedagogia), financiado pela CAPES, tem como finalidade apoiar estudantes das licenciaturas para que atuem como aprendizes-de-professora, em escolas da rede pública (municipal e estadual), estreitando o vínculo entre universidade e escola. Com essa iniciativa, o PIBID Pedagogia oportuniza que os acadêmicos tenham vivências que não estão previstas no currículo do curso e que, certamente, enriquecerão a sua formação inicial. Para formar o profissional que se deseja, percebemos que a participação no PIBID é uma das possibilidades mais concretas de aprendizagem da docência. O PIBID Pedagogia tem por objetivo fortalecer os conhecimentos dos acadêmicos em relação à teoria e à prática pedagógica nos anos iniciais do Ensino Fundamental, especialmente no que se refere à alfabetização e às diferentes áreas que compõem os currículos, através da interação com professores e colegas, por meio de vivências concretas realizadas com alunos das escolas envolvidas com o projeto. Também é objetivo desse projeto proporcionar o contato dos acadêmicos do Curso de Pedagogia com classes de alfabetização promovendo espaços de pesquisa e reflexão acerca da realidade da alfabetização.

[6] Docente da UFPel/FaE/PPGE, Coordenadora do PIBID/Pedagogia. lfrison@terra.com.br

[7] Docente da UFPel/FaE/PIBID, Coordenador do PIBID/Pedagogia. gilceane@terra.com.br

Tal prática oportuniza ainda a articulação entre a formação inicial das pibidianas[8] e a formação continuada das professoras titulares[9] das classes alfabetizadoras das duas escolas municipais envolvidas. Para isso, organizou-se como meta deste trabalho, o planejamento construído coletivamente, em reuniões pedagógicas agendadas nas escolas, com ênfase no processo de alfabetização, letramento e interdisciplinaridade.

As escolas participantes do programa foram selecionadas por terem especificidades próprias: uma delas, porque apresenta um alto índice de fracasso escolar no primeiro ano do Ensino Fundamental e também por ter o IDEB bem abaixo da média. A outra, por ter IDEB superior ao da primeira e por apresentar, conforme dados da Secretaria de Educação, práticas pedagógicas que buscam qualificar o ensino e a aprendizagem dos alunos, através de ações de inclusão no ambiente escolar. Entende-se que a escolha das escolas em condições diversas permite a análise dos diferentes contextos e dos projetos educativos nelas existentes. Entretanto, cabe destacar que essas distinções entre as escolas não são determinantes para o processo de formação das acadêmicas e para o planejamento das atividades, visto que se parte do pressuposto de que ações voltadas para potencializar as condições de aprendizagem e o avanço dos alunos podem ter impactos favoráveis em diferentes contextos. A participação das acadêmicas neste projeto tem sido a oportunidade de vivenciar estudos e práticas que não estão previstas no currículo do curso de Pedagogia e que, certamente, enriquecerão a formação inicial e a formação continuada das professoras titulares.

A escrita de memoriais reflexivos sobre a docência no projeto PIBID teve como objetivo estimular as alunas bolsistas pibidianas a escreverem seu memorial e a refletirem sobre seu processo formativo, destacando os processos de ensinar e de aprender, a partir da reflexão de si e da realização de experiências profissionais vividas no grupo do PIBID.

---

[8] Por serem todas mulheres, oprtou-se por nomeá-las como pibidianas

[9] Na escola, todas as professoras com as quais as bolsistas pibidianas atuaram em sala de aula, são mulheres, portanto, foram denominadas, professora titulares.

Optou-se pela escrita de memoriais, por ser uma ferramenta que permite a cada sujeito registrar fatos a partir da trajetória vivida e das experiências construídas na vivência escolar. Pode-se dizer que a escrita dos memoriais

> potencializa no sujeito o contato com sua singularidade e o mergulho na interioridade do conhecimento de si, ao configurar-se como atividade formadora porque remete o sujeito para uma posição de aprendente e questiona suas identidades a partir de diferentes modalidades de registro que realiza sobre suas aprendizagens experiências (SOUZA, 2006, p. 135).

Conforme Souza (op. cit.), através das narrativas, buscou-se mapear o desvelar das experiências que caracterizaram marcos significativos no processo de formação e de autorregulação do conhecimento. Portanto, compreender como as acadêmicas percebem sua relação com a docência, a escola, os alunos, os professores e, principalmente, com as questões relacionadas aos processos de ensinar e de aprender foi uma das metas estabelecidas no processo de escrita dos memoriais. Solicitou-se que a escrita contemplasse especialmente como cada uma se percebeu educadora enquanto participante do programa PIBID e no desempenho da docência compartilhada. Com essa finalidade, encaminhou-se a seguinte orientação:

"Prezadas alunas, para iniciarem seu memorial é preciso pensar que o professor aprende no exercício da docência e que ao ensinar promove aprendizagens, mas também aprende. Ou seja, um dos princípios que permeia a formação docente é o entrelaçamento existente entre as experiências narrativas e a identidade de cada sujeito. Nesse sentido, ao escrever seu texto reflitam sobre:

– as escolhas que cada estudante faz ao investir em sua formação;

– a consciência pessoal na autorregulação das aprendizagens;

– o estabelecimento de suas metas e objetivos;

– a capacidade autorreflexiva para perceber-se e autoformar-se" (encaminhamento das coordenadoras).

As acadêmicas escreveram suas memórias em três etapas: antes, durante e depois do período do projeto PIBID Pedagogia (2010-2012), sendo que, os textos foram recolhidos e devolvidos

com comentários, que serviram para nova reflexão. Durante esse período, as acadêmicas faziam perguntas, questionavam, tiravam dúvidas, refletiam sobre angústias, medos, desejos, revelados em sua escrita. Com essa dinâmica, ampliavam e aprofundavam a reflexão sobre como cada um vinha se constituindo professora. Isso mostrou que a escrita de memoriais é um "processo contínuo de construção que tem a qualidade de possibilitar maior clarificação do conhecimento de si, como pessoa e profissional" (Abrahão, 2006, p. 161).

Infere-se da experiência realizada que o memorial não teve um ponto final, ele foi entendido como um processo que permite rever fatos que podem ser redimensionados na medida em que se compreende esses mesmos acontecimentos. No decorrer do período em que o memorial foi gestado, inadvertidamente, o amadurecimento, a reflexão sobre os objetivos de vida e profissionais, o planejamento, as metas foram repensadas. A ação de revisitar-se estimulou a autorregulação da aprendizagem e a formação docente.

A escrita de memoriais e a autorregulação

A escrita de memoriais em processos de formação inicial ou continuada tem se tornado cada vez mais frequente no Brasil, sendo que, essa prática configura-se como um dispositivo que potencializa a autorregulação da aprendizagem dos sujeitos envolvidos. A autorregulação da aprendizagem é entendida como um processo no qual os sujeitos, após estabelecerem metas a serem alcançadas, criam condições para que a aprendizagem se efetive. Para isso, é preciso que a aprendizagem decorra da reflexão consciente, buscando significado dos problemas que possam surgir, decidindo as ações numa espécie de diálogo consigo mesmo (Veiga Simão, 2004).

Zimmerman (1989) descreve a estrutura do processo autorregulatório em três fases distintas, mas, ao mesmo tempo, interligadas. As três fases são: prévia, controle volitivo e autorreflexão. Na fase prévia, os sujeitos planejam e criam metas. É o processo de antecipar o que e como serão realizadas as atividades. Na segunda fase, a da execução, os sujeitos escolhem estratégias de ação, que dependerão do processo, do controle, da vontade e da consciência

de cada sujeito. A execução refere-se ao esforço dedicado a realizar o que foi planejado. A terceira fase é a de autorreflexão e diz respeito ao processo de análise do que foi realizado, o investimento da percepção que influencia ou influenciou nas diferentes respostas e nas diferentes reações do aprendente. As três fases apontadas por Zimmerman (1989), no processo autorregulatório, são interdependentes e formam um ciclo permanente (Rosário, 2006).

Essa metodologia se constitui a partir de condicionantes da própria pessoa, atravessada pelos condicionantes reguladores sociais, aos quais está ou esteve afetada; o contexto presente, em que projeta as redes de relações construídas no presente e no passado, com prospectiva para o futuro (Abrahão, 2006). A perspectiva da tridimensionalidade do tempo da narração pode ser encontrada, especialmente em Ricoeur (1995), autor que ressalta as narrativas de autoformação como a (re)organização das representações que conduzem à compreensão do vivido, contribuindo para a (re)construção e (re)significação das situações do presente, que têm como base o passado, mas que projetam o futuro, ou seja, as situações e as práticas profissionais são refletidas à luz da perspectiva da tridimensionalidade, em que presente, passado e a expectativa do futuro se imbricam.

A perspectiva de trabalhar com memoriais teve "o propósito de fazer a pessoa tornar-se mais visível (também) por ela mesma" (Cunha, 1998, p. 42); isto é, oportunizar "auto-conhecer-se e, partindo do auto-conhecimento, transformar a si e suas ações" (Abrahã0, 2006, p. 166). O interesse pelos memoriais de formação deve-se ao fato de que é uma abordagem autobiográfica, que pode ser entendida como uma maneira de mediar estratégias que permitam ao professor tomar consciência de suas responsabilidades pelo processo de sua formação, através da apropriação retrospectiva do seu percurso de vida (Passeggi, et al., 2006).

Pela análise dos memoriais das alunas bolsistas do PIBID, foi possível perceber a tomada de consciência, existente na maioria dos depoimentos, que foram constituindo-se na história de vida de cada um, armazenando experiências que solidificaram sua prática e contribuíram para sua formação docente.

Diante dessas considerações, acredita-se que refletir sobre como cada bolsista do PIBID se constituiu professora, implica

considerar também as aprendizagens da docência, as experiências de formação inicial, sistematizadas no cotidiano da escola, o que possibilitou afirmar a importância das ações que estão sendo desenvolvidas no PIBID Pedagogia. Visualiza-se, também, que o envolvimento das acadêmicas de Pedagogia nas duas escolas é um dos caminhos que permite a qualificação profissional.

Formação inicial e continuada na docência compartilhada

A formação inicial e continuada das pibidianas e das professoras constitui-se em um dos maiores desafios deste projeto. Essa constatação tem sido feita por muitos educadores, ao longo da prática educativa, da atuação profissional. As professoras coordenadoras do projeto perceberam que as escolas se deparam com problemas bastante sérios no que diz respeito à profissionalização dos professores em relação à alfabetização. Na tentativa de superar os problemas relacionados com a alfabetização, optou-se por trabalhar com a modalidade de ensino denominada docência compartilhada. A partir dessa modalidade foi possível fazer inovações estruturais, desenvolver alternativas para a elaboração coletiva de intervenções pedagógicas, contemplando também novas formas e modalidades organizativas do trabalho educativo, voltadas para o processo de aquisição da leitura e da escrita e do uso social dessas práticas. É importante destacar esses fatos, para que se possa entender de que lugar as bolsistas pibidianas relatam suas aprendizagens, reguladas por um processo de autoformação, partilhando saberes com as professoras titulares das turmas que receberam as bolsistas envolvidas no projeto PIBID Pedagogia.

Portanto, a ideia de docência compartilhada é entendida neste projeto como um "espaço real onde o aluno-mestre observa, analisa, atua e reflete" (Pérez Gómez, 1992, p.111). Acadêmicas e professoras em serviço, ao partilharem suas experiências, medeiam suas aprendizagens umas com as outras. Com as ferramentas adquiridas nessa interação, no contexto sociocultural da escola, dos alunos, do local de trabalho, o indivíduo é capaz de avançar do estágio de regulação externa assistida para o de autorregulação interna

(Perrenoud, 1999). Em outras palavras, o aprendiz avança primeiro por processos controlados pelo meio (regulação) e passa depois para um outro estágio de autorregulação, ou seja, planeja, executa e avalia sua ação, a partir da tomada de consciência.

A proposta da docência compartilhada estimula o desenvolvimento dos processos de ensino e de aprendizagem de forma que os envolvidos, em conjunto, assumam o comando dos processos de alfabetização e de letramento. Esse trabalho qualifica as propostas de ensino e aprendizagem, ajuda as acadêmicas bolsistas a assumir a docência, com maior autonomia e segurança. Estimula também a professora titular a pensar sobre suas ações: o que faz, o que não faz e porque faz.

Nessa forma de atuação há um duplo movimento, professoras e acadêmicas aprendem e regulam suas ações através do diálogo, mediadas também pela atuação das professoras coordenadoras da Universidade[10]. O processo é construído em parceria, numa relação interpessoal, o que gera uma aprendizagem intrapessoal, necessária para a construção do próprio conhecimento. Vygotsky (1994) defende a ideia de que as funções psicológicas intelectuais superiores, nas atividades coletivas, funcionam primeiro como funções interpsíquicas e depois como atividades individuais, ou seja, funções intrapsíquicas, assumindo que vai do social para o individual. O fato de a acadêmica interagir, dialogar e partilhar dúvidas com a professora titular das turmas e com as coordenadoras do PIBID Pedagogia, permite que todas as envolvidas alcancem uma aprendizagem mais efetiva, configurando a mão dupla da aprendizagem – ensina-se ao mesmo tempo em que se aprende.

Dessa forma, entende-se que o processo de formação deva ser parte de uma engrenagem, em que a formação inicial das acadêmicas possa contribuir com a formação continuada das professoras titulares. A docência compartilhada proposta neste projeto PIBID Pedagogia, promoverá que as envolvidas tenham uma prática pedagógica diferenciada, privilegiando a aprendizagem de leitura e de escrita das crianças. Professoras e bolsistas, ao trocarem experiências,

[10] As duas professoras coordenadoras do PIBID Pedagogia – Humanidades/Pedagogia/Fae/UFPel são também as autoras deste texto.

partilham saberes. Assim, cada uma das profissionais ao formar-se, ajuda a formar a outra.

Esta proposta de trabalho permitiu que as professoras e as bolsistas compreendessem e investissem na realidade escolar, independentemente das dificuldades existentes na condução de suas aulas e dos processos educativos. O diálogo entre a formação inicial e a formação continuada se estabeleceu marcado pelo entrelaçamento entre elementos teóricos e as situações práticas. "Portanto, a formação continuada, para desenvolver processos conjuntos e romper com o isolamento e a não comunicação dos professores, deve levar em conta a formação colaborativa" (Imbernón, 2010, p. 63). Compactua-se com essa ideia e acredita-se que o professor isolado tem pouco poder, mas se estiver juntando esforços coletivamente poderá redimensionar sua prática, alfabetizar com sucesso, ensinar com eficácia e ser de fato um profissional realizado com aquilo que faz. Os trabalhos isolados acabam sendo ineficazes, quando estão restritos a um espaço pequeno de sala de aula e, principalmente, quando não são compartilhados e apoiados pelo grupo que pensa e faz coletivamente. Os achados da pesquisa indicam que ao atuar na docência com os professores titulares, houve investimento em práticas reais de leitura e escrita, o que contribuiu para qualificar o trabalho pedagógico e diminuir o fracasso escolar.

A partir da análise dos memoriais, verificou-se que a participação dos acadêmicos no programa PIBID contribuiu para despertar o sentido de consciência profissional que possibilitou autoformação e autorregulação na aprendizagem. Os dois processos revelaram-se na análise dos memoriais tabulados.

Na sequência do texto alguns excertos retirados dos memoriais ajudam a compreender os sentimentos vividos pelas pibidianas ao longo desse percurso, os quais se encontram explicitados nas categorias de análise: Motivos para ser professora e Aprendizagem: um processo permanente.

Motivos para ser professora

Um aspecto bastante peculiar nos memoriais é a consciência e a compreensão de que a escrita se revela como uma prática reflexi-

va. Nesse sentido, "a escrita de si confirma-se como mediadora importante na formação docente" (Passeggi et al., 2006, p. 265), processo que inclui, simultaneamente, avanços e retrocessos, ganhos e perdas. Isso pode ser percebido nos depoimentos que seguem[11]

> neste memorial, venho relatar e refletir sobre meu processo de autoformação como professora, destacando todas as experiências significativas que fizeram constituir-me no profissional que sou. Este é, sem dúvida, um exercício de análise meticulosa e importante para o meu desempenho no PIBID, que retrata as minhas convicções, sensações e expectativas como futura professora (Memorial 2).

Nessa mesma linha de reflexão, outra bolsista destacou que "narrar experiências que vivi, relembrar o passado a partir do presente, são vestígios que me mostravam algumas possibilidades de futuro". Nesse depoimento fica revelado o caráter temporal da tridimensionalidade, apresentado por Ricoeur (1995).

Apresenta-se a seguir excertos retirados dos memoriais os quais sugerem que o sujeito, ao narrar-se, explicita a configuração de si mesmo, balizada pela análise daquilo que fez e do sentido que tais ações contribuíram para sua vida pessoal e profissional, uma vez que ambas são inseparáveis. Os memoriais fazem com que o sujeito "reflita sobre o que o sujeito enuncia sobre si mesmo e sobre como ele de fato o faz" (Rego et. al., 2006)". Cabe salientar que para esta metodologia, o importante é o sujeito lembrar de fatos que tenham significado, os quais, se perpetuam em sua memória como fazer docente qualificado. A seguir, destacam-se excertos que explicam os motivos que levaram os estudantes a participar do PIBID:

– Oportunidade enriquecedora de crescimento profissional;

– Possibilidade de interação entre coordenadores, supervisores e alunos a fim de elaborar projetos, seminários, palestras;

– Compreensão a respeito do universo escolar;

[11] Optou-se em numerar os memoriais aleatoriamente, sem estabelecer qualquer relação com a ordem dos memoriais publicados neste livro.

– Entendimento da situação, das dificuldades e das possibilidades das escolas envolvidas;

– Aprender a tornar-me uma boa educadora, para conhecer alunos, colegas, presenciar vivências em torno do exercício da docência e posteriormente ministrar aulas;

– Compreender os problemas que aparecem do dia-a-dia da escola;

– Planejar aulas de acordo com as características da turma;

– Trabalhar em parceria, em cooperação;

– Aperfeiçoar meus estudos e conhecer a realidade da escola;

– Encontrar subsídios para garantir a minha aprendizagem e a dos alunos;

– Compreender a necessidade em articular o processo de ação-reflexão-ação;

– Pensar e repensar minha prática, avaliar-me e questionar-me se o aluno aprendeu, que contribuições a aula teve para ele;

– Considerar as características culturais dos grupos a que pertencem, e as características individuais de cada um.

Analisando os dados destacados e olhando-os na transversalidade, evidenciam-se elementos comuns quanto aos motivos pelos quais as bolsistas entraram no PIBID, como o desejo de ser uma profissional mais qualificada e competente, revelando também, aproximações com as questões de aprendizagens. Os dados permitiram perceber características tanto de formação, que contribuíram para uma prática refletida, tendo como foco a aprendizagem das crianças em sala de aula, quanto com o movimento de transformação pessoal/profissional. As pibidianas revelaram que houve empenho e dedicação, mesmo que as angústias persistam, acreditam que elas contribuem para a não alienação.

Aprendizagem: um processo permanente

Os memoriais estão visivelmente marcados por sentimentos de conquistas, desejos, rotinas de trabalho, exigências do próprio projeto PIBID que revelam uma crença incalculável no fazer pedagógico e na vontade de superar-se na aprendizagem da prática

docente. Todas as alunas bolsistas, sem exceção, querem alfabetizar crianças, com práticas inovadoras, ensinando-as a utilizarem diferentes gêneros textuais. Textos estes que podem ser articulados com ensinamentos de contos de fadas, o que poderá proporcionar às crianças um efetivo aprendizado. Infere-se dos depoimentos que esses sentimentos nasceram com a paixão que o projeto PIBID despertou.

A partir da análise feita, foi possível afirmar que "o exercício da reflexão autobiográfica permite a redescoberta da profissão, a qual surge marcada pela consciência da troca de papéis (de discente para docente) e de sentimentos paradoxais, vistos como inerentes à prática pedagógica: medo e desejo; insegurança e desafio" (Passeggi et al., 2006, p. 262).

Os dados tabulados revelaram que as pibidianas estão comprometidas com a dimensão educativa e social, assumindo com consciência reflexiva os espaços, os contextos, as estratégias de aprendizagem, considerados estimuladores do desenvolvimento e das competências necessárias para a docência. Demonstraram também investimento na capacidade de relacionarem-se com a teoria e a prática, especialmente no que se refere à construção da leitura e da escrita, apoiando-se nas diferentes áreas de conhecimento.

Para Zimmerman (1898, p. 22), "aprender não é algo que acontece aos alunos, é algo que ocorre em consequência do comportamento dos alunos". Pode-se dizer que os processos de estudo contribuíram para a autoformação, desenvolvendo competências de aprendizagem que permitem aprender ao longo da vida. Mesmo depois de saírem da Universidade, as futuras professoras precisam continuar aprendendo, já que a formação inicial se estende e se transforma em formação continuada, e somente assim elas poderão responder de forma afirmativa às demandas educacionais. Pelos depoimentos percebe-se o empenho das pibidianas em relação a suas aprendizagens, aproximando-se dos pilares do processo autorregulatório que coincidem com o que eles têm em comum, a escolha e o controle.

Destacam-se a seguir alguns depoimentos retirados dos memoriais relacionados às aprendizagens realizadas pelas pibidianas:

– Aprendi a fazer a avaliação diagnóstica;

– Aprendi muito estudando os Parâmetros Curriculares Nacionais;

– É preciso trabalhar em parceria, contudo, o trabalho sobre inclusão ainda precisava avançar muito como prática educativa;

– É preciso planejar, executar e avaliar, às vezes, ocorrem imprevistos e precisamos saber lidar com eles;

– Aprendi que a interdisciplinaridade deve nortear o trabalho;

– Confiar na capacidade do aluno serviu de grande lição, incentivo e superação;

– É imprescindível o respeito entre colegas, professoras e coordenadores;

– Aprendi a registrar e a fazer reflexões, aprendi que sou capaz de fazer;

– Perdi o medo de falar em público, venci a timidez e a vergonha de expressar-me;

– Proporcionou-me momentos de muita aprendizagem e mostrou-me dados alarmantes sobre a alfabetização.

Ao refletir sobre os excertos apresentados, constata-se que as bolsistas demonstraram ter sistematizado aprendizagens significativas no percurso do trabalho do PIBID. Algumas pibidianas destacarem que "é preciso planejar, executar e avaliar, às vezes, ocorrem imprevistos e precisamos saber lidar com eles". Esse depoimento vai ao encontro do que Rosário (2006) salienta sobe autorregulação da aprendizagem, quando enfatiza ser ela um processo ativo, dinâmico em que o sujeito é capaz de regular suas metas, definir suas estratégias para atingir os objetivos pretendidos. Isso é ratificado por uma pibidiana ao afirmar que o PIBID oportuniza o redimensionamento sua prática, na medida em que ela se envolve com as propostas de trabalho da escola e com as necessidades dos alunos. Expressa também que "avança no que se refere ao o que e como fazer, revelando sentimentos que a gratifica pelas conquistas realizadas".

A escrita autobiográfica revelou que o memorial serviu para que cada aprendiz-de-professora reconstruísse o alicerce de seus saberes relacionados à docência, muitas vezes ainda embrionários o que estimulou o desenvolvimento de competências que ainda não

sabiam existir. Os dados analisados revelaram em muitas passagens, um misto de desafio, medo, alegria, angústia e gratificação, vividos pelas narradoras ao reestruturarem seus saberes docentes.

Considerações finais

É possível afirmar que a formação é, inevitavelmente, um processo de autoformação. Logo, esse trabalho de análise dos memoriais contribui para desvelar as razões pela quais as aprendizes se constituíram professoras e para compreenderem a dimensão da formação, enquanto autoformação, configurada pelas vivências oportunizadas no PIBID Pedagogia.

Os dados analisados não apresentam fatos que contrariam os estudos sobre a autoformação docente, pelo contrário, referendam que as narrativas permitiram a reorganização das representações que conduziram à compreensão do vivido. As narrativas contribuíram também para a reconstrução e ressignificação de outras situações pessoais/profissionais. A experiência pibidiana comprovou o entendimento de um duplo processo de descoberta, as representações que tinham de si e as representações que construíram pela aprendizagem com os outros.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena, Menna Barreto. *Profissionalização docente e identidade* – narrativas na primeira pessoa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 189-206.

IMBERNÓN, Francisco. *Formação continuada de professores*. Porto Alegre: Artmed, 2010

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros Curriculares Nacionais* / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 2000.

CUNHA, M. I. da. *O professor universitário na transição de paradigmas*. Araraquara: JM Editora, 1998.

MINAYO, M. C. de S. *O Desafio do Conhecimento*: pesquisa qualitativa em saúde. 2.ed. São Paulo - Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1992.

PASSEGGI, M.C.; BARBOSA, T.M.; CARRILHO, M. de F.; MELO M.J.M. de; COSTA, P.L. da. Formação e pesquisa autobiográfica. IN: *Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino.* Elizeu Clementino de Souza (org.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

PERRENOUD, Philippe. *Avaliação:* da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PÉREZ GÓMEZ, A. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, A. *Os professores e sua formação* (coord.). Lisboa: Dom Quixote, 1992.
REGO, T. C.; AQUINO, J. G.; OLIVEIRA, M. K. *Narrativas autobiográficas e constituição de subjetividades.* IN: SOUZA, E. C. Autobiografias, histórias de vida e formação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 269-286.

RICOEUR, P. Tempo e Narrativa. *Tomo II. São Paulo: Papirus, 1995.*

ROSÁRIO, P.; NÚÑEZ, J.; GONZÁLEZ-PIENDA J. A. *Comprometer-se com o estudar na Universidade:* Cartas do Gervásio ao seu umbigo. Coimbra: Gráfica Coimbra, 2006.

SOUZA, C. E. Pesquisa narrativa e escrita (auto)biográfica: interface metodológica formativa. In: SOUZA, C. E.; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Orgs.). *Tempo, narrativas e ficções:* a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 135-147.

VEIGA SIMÃO, A. M. *Aprendizagem auto-regulada pelo estudante:* perspectivas psicológicas e educacionais. Porto Editora: Porto, 2004, p. 77-87.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente.* São Paulo: Martins Fontes. 1994.

ZIMMERMAN, Barry. J. Attaining self-regulation**:** A social cognitive perspective. In Monique Boekaerts, Paul Pintrich e Mosche Zeidner (Eds.), *Handbook of Self-Regulation***,** 13-39. New York: Academic Press, 1989.

II PARTE

Memoriais escritos por professoras supervisoras das escolas municipais envolvidas no pibid PEDAGOGIA 2010/2012

1.MEMÓRIAS NA FORMAÇÃO CONTINUADA: SUPERANDO MEDOS E ABRINDO UM LEQUE DE NOVAS POSSIBILIDADES ALFABETIZADORAS.

ARITA MENDES DUARTE[12]

Primeiros passos da trajetoria profissional

O presente memorial tem a finalidade de relatar reflexivamente minha trajetória de formação profissional e de minha formação continuada dentro do Programa Institucional de Bolsas Iniciação à Docência (PIBID), bem como sua importância no desempenho de minhas atividades profissionais.

Sou professora da Escola Municipal Ministro Fernando Osório, onde atuo nas turmas de 1º e 2º anos das classes de alfabetização. Tenho como formação profissional em nível médio o curso de Magistério, que cursei no Instituto de Educação Assis Brasil (IEAB), também graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia – Habilitação séries iniciais e pedagógicas do 2º grau, pela Universidade Federal de Pelotas/UFPEL, concluída em 1998; e Pós – graduação em Metodologia do Ensino e Ação Docente pela Universidade Católica de Pelotas/UCPEL, concluída em 2002.

Minha trajetória profissional teve início quando cursava Magistério. Estagiei na Casa da Criança São Francisco de Paula, que era mantida pela UCPEL, que atendia crianças de 0 a 7 anos. Ao concluir o curso, fui contratada pela entidade, onde permaneci como atendente durante 10 anos. Ao concluir o curso superior, fiz estágio de filosofia no Colégio Santa Margarida e após o final do estágio, também fui convidada pela escola para trabalhar com as turmas finais do curso de magistério e técnico em informática, onde atuei no ano de 1998.

No ano de 2000, fui nomeada pela rede Municipal de ensino como professora da Escola de Educação Infantil Nestor Rodrigues,

[12] Professora da rede Municipal de Ensino da cidade de Pelotas-RS e Supervisora do PIBID-Pedagogia da EMEF Ministro Fernando Osório.

localizada no bairro Três Vendas, da cidade de Pelotas. No ano de 2002 assumi nova carreira, desta vez, no Ensino Fundamental, nas séries iniciais. Dessa forma, atuando sempre como professora titular, pude sentir de perto os desafios e o comprometimento que é requerido de quem trabalha na educação, bem como a necessidade de atualização. No ano de 2010, surgiu a oportunidade de participar da seleção de professores para atuar como supervisora da escola no programa PIBID Pedagogia. No momento eu desconhecia o significado do mesmo e sua finalidade. O desafio de participar deixou-me insegura com relação ao meu desempenho e confesso que ainda não superei muitos dos meus medos.

No começo do ano letivo, fui chamada pela equipe diretiva da minha escola para uma conversa em particular. Na ocasião me assustei um pouco com a proposta, pois me relataram que estavam firmando uma parceria com a UFPEL em um projeto de apoio à docência e que precisavam da minha participação representando a escola. Eu concordei imediatamente sem ao menos saber direito do que se tratava. Deram-me então o edital para que eu pudesse lê-lo e estar ciente da importância e finalidade do programa. Começava então uma nova caminhada arrumando papéis, participando de seleção para, então, finalmente conhecer o grupo do qual eu faria parte nos próximos dois anos.

Nosso trabalho sempre foi focado em estudos adicionais e práticas permanentes, visando qualificar nossas futuras intervenções. Durante o ano que se passou foi possível perceber a importância do programa para todos os integrantes, desde as discussões no grupo, as leituras prévias, as oficinas, o planejamento compartilhado até o momento de entrada na sala de aula para contribuir com a melhoria do ensino, intervindo nas aulas ministradas pelas professoras e oportunizando aos alunos momentos únicos, fundamentais e inesquecíveis, e às professoras uma parceria muito rica em momentos de troca de saberes.

Um programa de possibilidades

No transcorrer das nossas atividades, percebi que o PIBID possibilitou a todas nós outro olhar sobre a educação, que, ao invés de confrontar teoria e prática, busca a convergência das mesmas

para resultar em ações efetivas. Como supervisora, procurei sempre realizar as tarefas a mim delegadas e refletia sobre a melhor forma possível de executá-las, buscando contribuir para que todos tirassem dessa experiência aprendizagens relevantes e significativas

Nosso trabalho foi realizado de forma conjunta, exigindo muito comprometimento do grupo na busca de novas possibilidades e fazendo da escola um espaço de construção e reconstrução do conhecimento. Destaco as reuniões de estudo como forma de oportunizar trocas de experiências, propiciando ao grupo momentos de reflexões que nos conduzem a acreditar na educação e na importância dos seus agentes. O PIBID oportunizou-me a retomada dos estudos e leituras sobre educação, fato este que foi muito importante para que eu pudesse repensar minha prática. Pois, sempre temos algo a aprender e a ensinar, desacomodando não só a mim como a todas as professoras da escola envolvidas no projeto.

Durante as reuniões semanais, as discussões e os planejamentos me oportunizaram momentos de estudos e reflexões que provavelmente não faria se estivesse fora do programa, devido a várias tarefas por mim desempenhadas no decorrer do dia, como ser mãe, esposa, dona de casa e profissional. Tudo isso exige tempo e disponibilidade.

Com o objetivo de preparar e instrumentalizar a todas nós para atuarmos nas escolas, o trabalho começou através da leitura dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, que embasaram toda a elaboração e execução das atividades. Embora este material exista em todas as escolas da rede, não há disponibilidade de tempo para uma discussão acerca da proposta nas reuniões pedagógicas. Temos acesso, mas não temos troca de opiniões e saberes, por isso esse momento acrescentou muito em meu conhecimento e pude, depois, compartilhar com as demais colegas.

Paralelamente aos estudos, teve início o trabalho na escola, que abrangeu as observações diretas e os registros da estrutura e funcionamento da mesma, estudo do Projeto Político Pedagógico e das realidades da sala de aula nas classes de Alfabetização. Esse diagnóstico foi o marco inicial da nossa caminhada e fundamentou o trabalho que estaria por vir.

A coleta de dados possibilitou uma visão real do espaço físico que a escola disponibilizava para a realização das atividades de inter-

venção, bem como o tipo de intervenção necessária em cada turma, pois em algumas estavam matriculados alunos com necessidades especiais (cadeirantes, autista, síndrome de Williams, hiperativos, deficiente mental leve). A escola trabalha com a inclusão e, portanto, para esses alunos as atividades necessitavam de diferenciação.

Esse momento foi muito importante à escola e ao grupo, pois permitiu o contato com a realidade escolar na qual o grupo do PIBID estaria inserido e trabalhando nos próximos dois anos. Diante da realidade da escola, teve início o estudo a respeito de Interdisciplinaridade em busca de estratégias de intervenção que contemplassem as duas áreas atuantes: Pedagogia e Teatro sempre trabalharam de forma interdisciplinar.

O vínculo estabelecido com as coordenadoras do projeto, bem como, a troca com professores de outras escolas e o conhecimento de outras realidades também foi muito relevante, pois trabalhar com outras pessoas é sempre uma grande oportunidade de aprender.

O PIBID foi um programa que visou incentivar o exercício da docência na Educação Básica e oportunizou aos estudantes o contato com as escolas antes mesmo da conclusão do curso, fazendo com que a percepção inicial de cada um deles se ampliasse. Por tudo isso me sinto valorizada pela oportunidade de participar.

A proposta de uma intervenção pedagógica interdisciplinar buscou estabelecer um diálogo entre as graduações de Pedagogia e Teatro, e abriu espaço para o estabelecimento da relação necessária entre as diferentes áreas do conhecimento, enriquecendo as atividades. Percebi que a formação continuada qualifica as práticas pedagógicas e o movimento de aprendizagem na atualidade, exigindo do professor qualificação constante. Penso ser muito relevante a continuidade de aperfeiçoamento e a prática de leitura, pois o ato de educar não é estático.

Convergência de interesses e necessidades

Sempre gostei de trabalhar nas turmas de alfabetização, me encanta os momentos iniciais, a descoberta do mundo letrado e as tentativas de leitura e escrita que as crianças apresentam. E o PIBID me oportunizou refletir criticamente sobre minha prática, além de

me proporcionar momentos de estudo e vivências renovadas, novas formas de avaliar e reavaliar para conhecer mais e melhor. Nesse trabalho, novas vivências se agregam, como quando realizamos a festividade especial para o dia das crianças/2010. Foi muito fácil observar, na ocasião, o prazer com o qual as bolsistas desempenharam as oficinas. Foi muito gratificante poder contribuir para esse momento, que tornou-se um avanço de referência na nossa história profissional.

Confesso que ainda enfrento alguns problemas pessoais, como muita dificuldade de falar em público, mesmo nas nossas reuniões. Porém, fazer parte desse grupo sempre é muito bom, porque tenho vencido e superado a cada dia minhas dificuldades.

Fazer a intermediação entre o programa e a escola algumas vezes não é uma tarefa fácil, pois as professoras ficam com certa resistência ao novo. Mas não é tarefa impossível, afinal, conseguimos atingir nossos objetivos. Uma característica que gostaria ainda de destacar é o fato de as coordenadoras sempre abrirem espaço ao diálogo e às negociações, mostrando a todas nós o quanto a educação necessita ser flexível para o bom andamento do trabalho. Não esquecerei essa forma de carinho a todas nós dispensada. Acredito que nenhuma de nós é tão boa, quanto todas nós juntas! Este foi o lema escolhido pelo grupo.

As atividades em sala de aula foram sempre executadas de forma lúdica e prazerosa, sendo resultado do planejamento compartilhado que acontecia, uma vez por semana, unindo professoras, bolsistas, coordenadora e supervisora. O estabelecimento do diálogo sempre oportuniza a construção e a reconstrução de atividades que buscam favorecer a aprendizagem, além de serem construídas grandes amizades.

Quanto à atuação das bolsistas com os alunos portadores de necessidades especiais, os quais a escola atende, sinto-me muito recompensada, pois elas sempre os trataram com carinho especial, enxergando-os com diferentes possibilidades e potencialidades. Nas turmas atendidas tínhamos dois alunos cadeirantes, um autista, um deficiente mental leve, um com síndrome de Willians, além dos hiperativos, dos superativos e demais alunos com suas características peculiares. Nossa luta pela inclusão ainda necessita de apoio espe-

cializado, contudo, unindo forças e saberes conseguimos progressos significativos. Agradeço a todas à dedicação sem preconceito.

Participei das oficinas de formação e, vale dizer, que foram momentos importantes, pois aprendi e reaprendi formas e maneiras de ensinar o mesmo conteúdo para diferentes olhares e diferentes potencialidades.

No segundo semestre de 2011, apresentei juntamente com a colega Patrícia, o nosso projeto interdisciplinar aos outros colegas integrantes do PIBID HUMANIDADES. Nesse momento, foi muito bom ver o trabalho da Pedagogia reconhecido e parabenizado; também um dos mais gratificantes, pois foi a resposta do trabalho desenvolvido.

Ao apresentá-lo, percebi que estávamos trabalhando na direção certa para que o restante do ano letivo fosse muito produtivo e de grandes realizações. Certamente superamos as nossas dificuldades e atingimos nossas metas, que eram muitas. Logo notei que tínhamos potencial para alcançar nossos objetivos. Os problemas e conflitos que existiram foram sempre superados, me gratificando e estimulando a avançar e aprender.

Destaco que, para nossa escola, o trabalho do PIBID foi um ponto de ancoragem na retomada de estudos a respeito da alfabetização por todas nós, professoras das turmas, pois estando em sala de aula, por vezes, não sobra tempo para retomar leituras que são tão fundamentais pra legitimar nossa prática. Durante o desenvolvimento do projeto, os avanços foram expressivos e notados por todos que nele estavam envolvidos.

Dentre os momentos marcantes, destaco os momentos de união do trabalho realizado por bolsistas do PIBID Pedagogia e do PIBID Teatro. O grupo do Teatro também oportunizou o acesso a essa área com a peça *E o gato não comeu...* Sair da escola e entrar em um teatro, para nossos alunos, foi, certamente, um momento inesquecível.

Ao realizar uma análise relativa ao crescimento do grupo, é possível dizer que este foi gradativo e fundamental, tanto para as bolsistas, pessoal e profissionalmente, quanto para as professoras dentro da escola, pois os estudos e discussões eram socializados nas reuniões gerais. O livro de estudos *Escrever e Ler* foi disponibilizado

para todas as professoras interessadas, mesmo as que não participaram do projeto neste ano. Isso qualificou nossas discussões a respeito de alfabetização nas reuniões pedagógicas e nas conversas informais do horário de intervalo.

Trilhando um novo caminho: experiências significativas

Dentro da proposta de trabalho, estavam previstos alguns objetivos que considero que tenham sido atingidos, tais como colocar as bolsistas em contato com a realidade escolar; promover a troca de experiências e conhecimento entre alunas da universidade e professores da rede municipal de ensino; planejar e executar ações de intervenção no processo de aprendizagem dos alunos dos 1º e 2º anos, melhorando a qualidade de ensino; realizar reflexões e avaliações individuais e coletivas sobre as experiências dentro da escola; e estudos visando à auto-regulação da aprendizagem. Ao longo do desenvolvimento do nosso trabalho, acredito que esses objetivos foram alcançados, além de muitos outros que surgiram no decorrer do processo.

Além dos estudos sobre interdisciplinaridade, muitos estudos a respeito de avaliação foram realizados, o que possibilitou uma reflexão sistemática a respeito do tema. O estudo dos níveis de alfabetização, segundo a teoria de Emilia Ferreiro, foi também uma constante em nossas reuniões de planejamento. Nossas inquietações durante o primeiro ano de trabalho nos direcionaram para a busca de estratégias de intervenção que fossem capazes de melhorar e qualificar a aprendizagem dos alunos. Para isso, trabalhamos com o grupo de professoras da escola envolvidas com o projeto, propondo a formação continuada, durante as nossas reuniões de planejamento compartilhado.

No primeiro semestre de 2011, começamos a realizar as intervenções com projetos por turmas. Nas turmas do primeiro ano foi desenvolvido o projeto *Aprendendo com as Letras*, e nas turmas de segundos anos com os projetos *Poesias* e *Correspondências*. Cada um desses projetos, dentro das suas especificidades, tinham o mesmo intuito, que era o de promover o contato com linguagem oral e escrita dos discentes, partindo da perspectiva do letramento literário e promovendo, assim, aprendizagens com o real significado para as crianças.

No segundo ano do turno da manhã, o trabalho foi realizado através dos gêneros textuais. Com ênfase nas poesias, o objetivo era formar leitores em ação, oferecendo materiais ricos no momento em que as crianças estão iniciando seu processo de construção da língua escrita. Essas atividades foram muito importantes para a aprendizagem dos alunos, pois proporcionou vários momentos de atividades, diferentes das realizadas pelas professoras titulares. Penso que foram muito relevantes e que, certamente, os alunos levarão esse conhecimento durante todo o seu processo de aprendizagem.

Sem dúvida alguma, o PIBID acrescentou muito e contribuiu, principalmente, com as atividades de inclusão, já que estas ainda representam um desafio para a escola. Pois a educação inclusiva exige mudanças no sistema educativo e desacomodação docente, além de apoio especializado, formação de profissionais e redução de alunos por turmas.

O projeto interdisciplinar envolvia três eixos norteadores: atividades permanentes, atividades de sistematização e sequências didáticas. Baseou-se no livro *O carteiro chegou*, abrangendo diferentes gêneros textuais contidos em alguns contos de fadas: João e Maria (panfleto/ encarte), João e o pé de feijão (cartão postal), Cinderela (carta- comunicação), Três Porquinhos (carta de despejo), Cachinhos Dourados (carta), chapeuzinho Vermelho (cartão de aniversário).

A Escola, como ambiente alfabetizador, envolveu atividades relacionadas ao recreio orientado, que acontecia uma vez por semana; o uso da brinquedoteca, que foi montada com materiais oferecidos pelo PIBID, como fantoches e jogos; o uso da biblioteca como ambiente literário; e a hora do conto, realizada pelas bolsistas semanalmente com muita responsabilidade e competência.

Para a elaboração das atividades do projeto foi realizada avaliação diagnóstica individualmente, o que nos permitiu realizar uma síntese da turma e do processo de alfabetização e, assim, elaborar atividades de intervenção adequadas à realidade das turmas atendidas pelas bolsistas do projeto.

As atividades de sequência didática foram elaboradas no grupo e envolviam diferentes atividades, respeitando os níveis de aprendizagem de cada aluno, buscando estabelecer relações entre as

diferentes áreas de conhecimento e abordando os conteúdos através de diferentes linguagens.

O avanço, não só das turmas de forma geral, mas principalmente nos casos das crianças com necessidades especiais e déficit de atenção, foi constatado ao longo de todo o processo. A avaliação foi realizada de forma individual e com base no crescimento do aluno, levando em consideração seu avanço desde a primeira avaliação diagnóstica até as últimas atividades realizadas dentro do projeto, o que deu a dimensão real da contribuição que as intervenções tiveram no avanço em relação à alfabetização e ao letramento das crianças.

Outro ponto muito positivo foi o desenvolvimento do projeto de extensão, que possibilitou a entrada de alunas da Pedagogia em sala de aula para atuar como monitoras nos momentos em que o grupo se reunia com as professoras titulares para a efetivação dos planejamentos e discussões. Pois, sem a colaboração das mesmas não seria possível o planejamento compartilhado.

Nossa formação continuada contou, ainda, com dois encontros importantes: PIBID: Identidades no contexto escolar e I Fórum Internacional do PIBID Pedagogia: alfabetização e aprendizagem. Realizamos a leitura do livro, oferecido pelo MEC, Ensino Fundamental de 9 anos e, também, a leitura do livro Escrever e ler. Este último foi estudado pelas bolsistas e pelas professoras titulares das turmas atendidas. O estudo era realizado nas reuniões de planejamento compartilhado, que foram realizadas todas as terças-feiras com duração de 1h30min.

É indispensável dizer que a contribuição do PIBID para a formação continuada das professoras em serviço foi essencial na busca de práticas reflexivas, tornando o professor um pesquisador. O trabalho das bolsistas causou inquietação nas práticas que, por vezes, estavam imersas em conceitos tradicionais.

A experiência proporcionou-me reflexões sobre minha prática docente, percebendo a necessidade de articular os eixos teoria-prática com a realidade contextual. É preciso pensar e desenvolver intervenções que possibilitem a aprendizagem efetiva e o envolvimento das crianças, contribuindo para a melhoria da qualidade da Educação Básica e proporcionando troca de experiências e saberes

sobre questões ligadas ao cotidiano da sala de aula, tanto para os alunos quanto para a escola como um todo. O processo de intervenção tornou possível a abordagem dos conteúdos em diferentes oportunidades a partir de perspectivas diversas, fazendo a diferença no ato de educar. A mudança é necessária e espero poder multiplicar tudo o que aprendi.

Docência compartilhada: o segredo do sucesso

Parece-me que o tempo passou depressa demais. Dois anos já se foram, muita coisa foi realizada e a saudade começa a aparecer. Contudo, como dizem os poetas, "saudade é o amor que fica". E devo, por obrigação moral, transformar esse amor em atitude, procurando, cada vez mais, melhorar minha prática e contribuir, fazendo a diferença e qualificando as intervenções a serem realizadas com os meus futuros alunos.

Jamais esquecerei tudo que foi vivido e as pessoas que eu encontrei. Certamente já não sou mais a mesma professora do início do programa, acredito estar bem melhor e quem ganha com tudo isso são os alunos que ainda alfabetizarei.

Durante esses dois anos, pude aprender muito a respeito do processo de aprender e ensinar, além de poder compartilhar com as colegas de escola todas as possibilidades e os novos rumos de alfabetizar que aprendi no programa. Passou-se esse tempo e, algumas vezes, cheguei a pensar se ensinávamos as crianças ou a nós mesmas. Para elas ensinávamos o processo de aquisição da leitura e escrita e, a nós mesmos, ensinávamos o essencial: carinho, respeito e amizade.

A oportunidade de dividir o espaço com pessoas comprometidas me faz refletir a respeito da importância de um grupo e de pessoas que, com espírito de liderança, oferecem condições para que o trabalho aconteça. Se eu pudesse definir em uma palavra nosso grupo do PIBID Pedagogia 2010-2012, sem dúvida seria competência. Unindo nossas forças, transformamos nossos sonhos em realidade.

Certamente, ainda gostaríamos, enquanto grupo, de fazer muito mais. Mas o tempo implacavelmente se esgota, deixando a

certeza do dever cumprido e de ter feito a diferença para as crianças com as quais trabalhamos. Agora, cabe a mim a tarefa de dar continuidade ao trabalho que o grupo realizou, para que permaneça viva a ideia de que educar com qualidade é possível, buscando uma educação mais justa, solidária e realmente democrática e, ao mesmo tempo, torcer para que este projeto se torne realidade permanente dentro da escola.

2. MEMÓRIAS DE UMA TRAJETÓRIA ACADÊMICA E Ddocente

Patrícia Perleberg Gielow[13]

Linha do tempo

Ingressei na Universidade Federal de Pelotas/UFPEL, no Curso de Pedagogia, no ano de 1999 com muitas expectativas, esperanças e angústias em realizar uma formação acadêmica com subsídios para, depois de formada, colocar em prática os conhecimentos e aprendizagens que obtive durante quatro anos.

Durante esse tempo, aprendi muito e fiquei com incertezas em algumas disciplinas da grade curricular do Curso, mas a minha dúvida sempre foi tentar saná-las de outras maneiras. Isto é, através de leituras, de visitas a instituições de ensino, de grupos de estudos com as colegas do curso e, mais do que nunca, da maior oportunidade que tive (de colocar em prática a teoria e amenizar minhas dúvidas): quando concorri a uma vaga de bolsista para o Programa de Iniciação Científica financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) na Faculdade de Educação.

Durante o período como bolsista do CNPQ, aprendi muito e estudei bastante sobre temas relacionados à educação, além disso, realizei apresentação de trabalhos em congressos, fóruns, simpósios e encontros. Mas foi no trabalho de campo, durante a época como bolsista, realizado em escolas da rede pública da cidade de Pelotas, que, então, refleti e tive certeza de que o Curso de Pedagogia foi a melhor escolha que fiz para a minha formação profissional.

[13] Professora da rede Municipal de Ensino da cidade de Pelotas-RS e Supervisora do PIBID- Pedagogia da EMEF Núcleo Habitacional Getúlio Vargas

Agradeço a professora Magda Floriana Damiani[14], que foi minha orientadora enquanto bolsista desse programa. Penso que durante uma formação acadêmica esses programas, assim como está acontecendo com o PIBID, são enriquecedores para uma prática pedagógica significativa.

Concluí o curso de Pedagogia no final do ano de 2002 e, com isso, vieram outras angústias, sonhos, sensações e expectativas para colocar em prática todo conhecimento que tive no curso, sem dúvida construir uma formação docente de qualidade.

Oportunidades: trajetória profissional

A minha primeira oportunidade, enquanto docente, surgiu em abril do ano de 2003. Fui convidada, através da Secretaria Municipal de Educação – SME, da cidade de Pelotas, a ser Diretora em cargo de comissão da Escola Municipal de Educação Infantil Lobo da Costa, situada no bairro Pestano, na periferia desta cidade. Confesso que fiquei preocupada, pois não havia realizado prática docente em sala de aula, a não ser o estágio da Faculdade. Estava na minha frente a oportunidade e o desafio de ser gestora de uma Instituição de Educação Infantil.

Aceitei e, com toda minha vontade e certeza de que podemos mudar muito a educação do nosso país, construí uma trajetória de aprendizagens dentro da comunidade com os docentes daquela Escola. Aprendi muito com os educandos que permaneciam o dia inteiro comigo e com todos os funcionários da instituição. Enfrentei alguns problemas, mas juntamente com o corpo docente e com a equipe da SME daquela época consegui transformar aquela escola, chamada pela comunidade por "creche", em uma Escola Municipal de Educação Infantil reconhecida e respeitada por todos como uma instituição de ensino e não como um local de assistencialismo.

Durante o período como gestora nessa escola, participei do III Fórum Mundial de Educação em que apresentei um trabalho

[14] Professora do PPGE/FaE/UFPel e orientador de bolsa de iniciciação científica, no período de 2000 a 2002, investigando sobre Grupos de apoio para professores e a criação de culturas inclusivas em escola públicas.

desenvolvido na turma de berçário da instituição. Realizei diversos cursos voltados à área da educação nessa época, todos oportunizados pela Secretaria Municipal de Educação.

Os frutos que colhi desse desafio foram: além de uma prática em gestão escolar e a especialização em Educação Infantil – que realizei no período de agosto de 2003 a agosto de 2004, pela UCB (Universidade Castelo Branco) – a paixão pela Educação Infantil.

A segunda oportunidade que tive aconteceu em novembro do ano de 2004, ainda estava na gestão da EMEI Lobo da Costa, quando fui convidada a ser professora de uma turma de 3ª série de uma escola privada de Pelotas. Outro desafio: estar em sala de aula, ou seja, ensinar uma turma... Aprendi a ser professora sendo professora, ou seja, planejando as aulas, organizando rotinas, corrigindo trabalhos e provas. Ser professora é abrir-se ao outro, às relações. Ser professora é ter uma disposição, uma disponibilidade para ser atravessado pelo mundo. Aprendi a ser professora com olhares, com gestos, com as palavras de meus alunos.

No espaço chamado escola, o professor é estudante, o estudante é professor, a escola é a afirmação de um espaço relacional. Aprendi a ser uma Professora-estudante. O professor tem de se jogar nas letras e livros, nas imagens e sons, nas ideias e pensamentos, nas conversas e discussões. Ler, escrever, discutir, escutar música, ver filmes, saber e sentir as coisas que passam pelo mundo.

Ingressei na Escola Freinet, situada no bairro Fragata, no final do ano de 2004 e, então, fui professora até o ano de 2007 onde tive a oportunidade de ministrar aulas nas séries iniciais. Foi uma aprendizagem única, pois aprendi a planejar diferentes aulas – estive ciente dos conteúdos, das sequências didáticas, dos anos iniciais e aprendi a conhecer os interesses com relação ao conhecimento e aprendizagem das diferentes faixas etárias dos educandos.

No início do ano de 2008 fui convidada a ser coordenadora pedagógica da Escola Freinet, outra oportunidade desafiadora, pois além de colega dos educadores passaria a coordenar uma equipe muito dedicada em tudo que faz. Até o presente momento, tenho vínculo com essa equipe e sou coordenadora pedagógica realizando 12h mensais. A aprendizagem desse vínculo é constante, mesmo já constando em meu currículo experiência

em gestão escolar, cada oportunidade torna-se um aprendizado diferenciado.

Aprendi, sendo coordenadora pedagógica, que o foco desse profissional aponta fortemente para a gestão da aprendizagem e para a formação dos professores. Isso inclui dominar algumas tarefas, como: saber como o currículo foi planejado, saber quando e como se articulam as áreas do saber e quais os modelos de avaliação disponíveis. Apesar de não ser uma tarefa fácil, ela é indispensável. É justamente o conhecimento das diferentes disciplinas, de seus objetivos, de suas propostas de recuperação, da bibliografia adotada e das metodologias propostas que conferirá a mim a respeitabilidade dos professores. Isso exige constante estudo e organização de rotinas.

Atualmente sou professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Núcleo Habitacional Getúlio Vargas, onde comecei desde que fui nomeada. Atuo desde o ano de 2009 como professora titular no 1º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Outro desafio: o comprometimento com a alfabetização e o letramento. Porém, depois de ter uma trajetória de desafios na minha carreira profissional, hoje não tenho dúvida de que o que mais amo é alfabetizar. O professor alfabetizador deve planejar constantemente, e com antecedência, as atividades de leitura e escrita. Por isso, manter-se atualizado com as novas pesquisas didáticas é muito importante.

Hoje sei o quanto é primordial organizar a rotina com antecedência e fazer uma avaliação diagnóstica de qualidade para que os meus alunos estejam diariamente em constante contato com um ambiente alfabetizador.

Acredito que o comprometimento de quem trabalha na educação, com certeza, só terá maiores e melhores resultados se houver sempre a formação atualizada e continuada dos docentes.

O PIBID...

No ano de 2010 surgiu a oportunidade de participar da seleção de professores para atuar como supervisora da escola no programa do PIBID Pedagogia. Outro desafio...

Dessa vez, estava mais tranquila e penso que talvez seja porque já estava na prática docente e, mais do que nunca, ansiosa em fazer

algo juntamente com a Universidade para tentar reverter os índices do IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

Vou relatar as atividades que foram realizadas no PIBID Humanidades/UFPel, no período de maio de 2010 a dezembro de 2011, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Núcleo Habitacional Getúlio Vargas, bem como descrever o trabalho que foi desenvolvido a fim de qualificar a formação continuada dos alunos bolsistas e das docentes envolvidas no programa em serviço. As atividades na escola foram organizadas com a efetiva participação dos bolsistas do PIBID Pedagogia e do PIBID Teatro.

Desde o mês de maio, do ano de 2010, começamos a reunir o grupo de trabalho todas às quartas-feiras pela parte da manhã, nas dependências da Faculdade de Educação da UFPel. Em um primeiro momento, estudamos o projeto geral do PIBID Humanidades e depois nos aprofundamos na leitura e no estudo propriamente dito do subprojeto da Pedagogia. Traçamos metas, objetivos e materiais de estudo, como textos relacionados à alfabetização e letramento, estudo completo dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNS. Demos início a um trabalho que não sabíamos quais seriam os obstáculos, as dificuldades e os resultados alcançados. Ainda neste mês, tivemos a primeira reunião geral do PIBID Humanidades, em que conhecemos os bolsistas, coordenadores e supervisores dos outros cursos de licenciatura e das escolas participantes.

Em junho de 2010, aconteceu a primeira visita do grupo à escola, foi o momento de conversar com a gestão escolar, professores e funcionários e conhecer todo o espaço físico da escola e a realidade dos educandos.

A coleta de dados das turmas, ou seja, o diagnóstico da escola, começou a ser estruturado a partir da visita que fizemos e do estudo do Projeto Político Pedagógico. A partir das informações obtidas, construímos uma tabela com a divisão dos pibidianos que iriam para cada uma das escolas em que o PIBID Pedagogia atua, essa tabela era dividida em: escola, turno, turma e nome do bolsista. Depois de toda estrutura organizada, partimos para a intervenção que acredito ter sido uma das mais importantes: a avaliação diagnóstica das turmas de 1º e 2º anos dos turnos manhã e tarde.

Durante o ano de 2010, tivemos um estudo detalhado de to-

dos os Parâmetros Curriculares Nacionais, além de livros da Emilia Ferreiro. Foi o ano em que aconteceram práticas na escola e nas reuniões de planejamento compartilhado, importantíssimas para o desenvolvimento do trabalho, tais como: contato com a realidade escolar – na qual o grupo do programa estaria inserido e atuante nos próximos dois anos, estudo aprofundado sobre interdisciplinaridade – sempre visando à busca por estratégias de intervenção que contemplassem as duas áreas atuantes.

Algumas ações ocorreram de forma paralela aos estudos, dentre elas destacam-se o espetáculo teatral *E o gato não comeu...* Uma oportunidade única para os educandos, pois a realidade em que vivem não proporciona condições para esse contato com a cultura. Essa ação foi desenvolvida em conjunto com o PIBID-Teatro, também no mês de outubro, para comemorarmos o dia das crianças/2010. O grupo reuniu-se e organizou uma festividade com as seguintes oficinas lúdicas para os alunos: Oficina de pinturas (pintura na pele e no muro da escola); Oficina de literatura infantil; Oficina "eleições e democracia"; Oficina "brincando na rua"; Oficina "brincando com música" e a Oficina "circuito de atividades".

Essa festividade teve como um dos objetivos realizar a integração do programa entre a Universidade e a escola, pois seria fundamental para constituir um maior vínculo com os professores, direção e alunos. A importância dessa atividade foi de uma proporção enorme, pois foi através dos registros desse dia que, ao final do ano de 2010, começou a caminhada para a realização de um sonho. A premiação era o Programa pelo direito de ser criança, promovido pela marca Omo-Unilever, em parceria com o instituto Sidarta. A Escola foi selecionada e passou por várias etapas até chegar à premiação, na cidade de São Paulo em abril de 2011. Esse prêmio só aconteceu porque o programa estava na escola, pois através das coordenadoras do programa é que fui informada sobre as inscrições e, assim, todos se envolveram para que a cada etapa nosso sonho fosse realizado.

Foi no ano de 2011 que, a partir do diagnóstico da escola e da avaliação das turmas, estruturamos o nosso trabalho em três eixos norteadores: o eixo planejamento compartilhado, que contempla reuniões semanais com professoras titulares da escola, bolsistas

pibidianas e orientadora cujo objetivo é orientar o planejamento da semana de trabalho e o eixo sala de aula, que está vinculado ao primeiro. É neste espaço que se desenvolvem as atividades planejadas, que são acompanhadas duas vezes por semana pelas pibidianas. Neste eixo, desenvolvemos os projetos, as sequências didáticas, as atividades permanentes e de sistematização que foram planejadas coletivamente. O terceiro eixo recebeu o nome de 'A escola como ambiente alfabetizador', quando demos início à criação da brinquedoteca na escola com materiais, tais como, fantoches adquiridos pelo PIBID. Também, com esse eixo, reativamos o uso da biblioteca incentivando os empréstimos dos livros e realizando hora do conto no espaço da biblioteca. Além disso, organizamos duas vezes por semana o recreio orientado, a fim de possibilitar, para as crianças, a participação em atividades de recreação que visam resgatar a cultura infantil.

Dentro do eixo sala de aula aconteceram projetos, como, por exemplo o projeto Identidade nas turmas de primeiros e segundos anos, cujo objetivo era fazer com que os alunos reconhecessem o nome próprio através de sequências didáticas, que visaram o processo de análise e reflexão da escrita do próprio nome e dos colegas da turma. O projeto Patrick, desenvolvido com duas turmas de segundos anos do turno da manhã as quais tinham alunos que já estavam repetindo o segundo ano pela terceira vez. Sendo assim, foi organizado um planejamento voltado para esses alunos que, por si só, já se encontravam desacreditados em função do fracasso escolar que obtiveram. Nesse projeto, foram utilizados os materiais do GEEMPA, como o documentário "Que letra é essa?".

Em todas as turmas atendidas pelo programa foi desenvolvido o projeto "Um carteiro que desvenda histórias...", em que foi utilizado o livro "O carteiro Chegou", de Janet & Allan Ahlberg. Através dessa literatura, organizamos sequências didáticas com os contos clássicos que tinham no livro. O objetivo foi proporcionar situações de uso de diferentes gêneros textuais articulando-os com contos de fadas e proporcionando um aprendizado lúdico de vários gêneros textuais.

O projeto Leitura em movimento aconteceu em uma turma de 1º ano do turno da tarde e teve como principal objetivo pro-

porcionar um espaço de maior interação com os livros, visto que constatou-se no cotidiano destas crianças, a ausência desse suporte tão importante no processo de aquisição da língua escrita. Os alunos, uma vez por semana (terça-feira), escolhiam um livro de sua preferência e o levavam para casa. O livro ficava com o aluno por uma semana para, que nesse período, tivessem a oportunidade de manusear, ler as imagens e as palavras e familiarizar-se com os livros. O projeto também visou incentivar a responsabilidade, a pontualidade e o cuidado com o material emprestado.

Para cada projeto, sequência didática sistemática ou permanente, o grupo respeitou os níveis de aprendizagem de cada turma visando, assim, estabelecer relações entre as diferentes áreas do conhecimento e abordar os conteúdos através de diferentes linguagens.

Dentro do eixo escola como ambiente alfabetizador destaca-se ainda a atividade permanente que aconteceram juntamente com o PIBID-Teatro - A Hora do Conto. Tal atividade aconteceu em todas as segundas-feiras no turno da tarde e fez com que os alunos desenvolvessem melhor a oralidade, o gosto pela leitura e o encantamento através da fantasia.

Acredito que, durante esses quase dois anos de trabalho, aprendi enquanto docente e supervisora de um programa de extrema relevância que é o programa PIBID. As minhas preocupações sempre vieram ao encontro dos objetivos do subprojeto da Pedagogia, portanto todo o processo do desenvolvimento das atividades, tanto das reuniões na Faculdade quanto das práticas na escola, fez com que eu estivesse em constante aprendizado e conhecimento de uma formação continuada. Confesso que a minha angústia sempre foi muito grande, pois enquanto docente da escola, sempre pensei em fazer o melhor para todos do programa. Porém, existiam situações que me deixaram muitas vezes dependendo da gestão da escola, para que acontecesse um melhor resultado do que esperávamos.

Preciso registrar que assim como todo processo de projetos, programas novos que chegam à escola e geram expectativas, hoje faço um balanço dos resultados e, posso dizer que o PIBID é, sem dúvida, um programa que está presente em todo planejamento da nossa escola.

O reconhecimento do corpo docente foi emocionante desde o começo. Tivemos apenas um acontecimento de uma docente

pedir para retirar-se do programa, pois não se sentia a vontade com a prática que estava sendo proposta. Portanto, o acolhimento e reconhecimento do programa são muito importantes na escola. A gestão e o corpo docente acreditam que a instituição precisa muito do programa e que o futuro e as mudanças, que estão para acontecer na escola, fazem parte das reflexões que o PIBID trouxe ao grupo. Concluindo, nossa escola não enxerga o nosso planejamento escolar sem o programa.

O avanço na aprendizagem dos alunos é outro ponto positivo a ressaltar. Realizamos durante o início do mês de dezembro, ou seja, ao final do ano letivo de 2011, a segunda avaliação diagnóstica e verificamos, de uma maneira geral, que grande parte dos educandos teve um significativo avanço da sua aprendizagem.

Outro aspecto significativo do PIBID Pedagogia foi o desenvolvimento do projeto de extensão, por parte das coordenadoras, que possibilitou a entrada de alunas da Pedagogia em sala de aula para atuarem como monitoras nos dias em que o grupo se reunia com as professoras titulares, coordenadora e supervisora para a organização dos planejamentos e discussões dos estudos das leituras. Com certeza se não tivéssemos a presença das estudantes/monitoras, não seria possível o planejamento compartilhado.

A formação continuada do programa contou, ainda, com dois encontros importantes: PIBID: I Encontro do PIBID/UFPEL-Identidades no Contexto Escolar e I Fórum Internacional do PIBID Pedagogia: alfabetização e aprendizagem. Realizamos, também, a leitura dos livros oferecidos pelo MEC: Ensino Fundamental de nove anos e Escrever e Ler vol. 1, este foi estudado pelas bolsistas do turno da tarde e pelas professoras titulares das turmas atendidas também no turno da tarde. Tal estudo era realizado nas reuniões de planejamento compartilhado na escola, que foram realizadas todas as segundas-feiras.

Durante o ano de 2010 ainda aconteciam inquietações por parte das docentes envolvidas no programa, pois existiam muitas práticas ditas como tradicionais desenvolvidas no cotidiano destas profissionais. O PIBID, entretanto, fez com que as docentes tivessem oportunidade de ter uma formação continuada em serviço, fazendo com que refletissem sobre a sua prática e buscassem novas

práticas para que a aprendizagem dos educandos fosse mais significativa, ou seja, os docentes tornaram-se professores investigadores e pesquisadores. As bolsistas fizeram com que as práticas que estavam há muito tempo defasadas, dito pelas próprias docentes, começassem a mudar e mudaram em muitos aspectos.

Essa experiência proporcionou um significativo crescimento profissional e acadêmico a todos os envolvidos, pois os docentes em serviço puderam refletir sobre a prática de cada um, trocar experiências entre si e com as bolsistas, estas que não mediram esforços para levar sempre atividades inovadoras para todas as professoras.

Muitos objetivos foram concretizados durante todo esse tempo de múltiplas aprendizagens e, principalmente, o objetivo da proposta de integração entre a formação inicial e a continuada, a qual teve o caráter de fortalecer os conhecimentos dos acadêmicos da Pedagogia em relação à prática pedagógica nos anos iniciais do ensino fundamental, principalmente no que se refere à alfabetização e letramento das crianças do primeiro e segundo anos do Ensino Fundamental.

Ao refletir sobre minha trajetória, enquanto docente e supervisora do programa, acredito que existe a necessidade efetiva de articular a teoria com a prática. Para isso, precisamos desenvolver oportunidades como o trabalho do PIBID na escola, pois assim vamos desenvolver e possibilitar a aprendizagem efetiva e significativa dos educandos contribuindo para a melhoria da Educação Básica e, principalmente, para a mudança no IDEB da escola.

Logo, afirmo que a aprendizagem foi constante durante esses dois anos de trabalho, pois tanto eu como os demais envolvidos no Programa encaramos o PIBID como uma oportunidade única e enriquecedora de formação. Aprendi, enquanto docente, a realizar uma avaliação diagnóstica de qualidade com os meus alunos de 1º ano. Ao acompanhar esse trabalho com as bolsistas do projeto, estudamos cada tarefa da avaliação e, com isso, conseguimos resultados significativos, pois tanto eu quanto as minhas colegas começamos a planejar nossas aulas com um olhar voltado aos resultados dessa atividade.

Logo, penso que o programa é um espaço formador de possibilidades, de reinventar novas formas de transformação da prática

pedagógica da escola. O programa atua como ferramenta de articulação do processo de ação-reflexão-ação, que deveria ser constante durante todo o curso de Pedagogia e não somente em alguns Programas dentro da Universidade, conforme vem acontecendo.

Desde o ingresso nesse programa, faço reflexões diárias da minha prática docente, pois através das reuniões do PIBID, das intervenções dos bolsistas acadêmicos nas escolas e da aprendizagem e troca de experiências com as professoras coordenadoras, Gilceane Caetano Porto e Lourdes Maria Bragagnolo Frison[15], que realmente estou tendo a oportunidade de realizar uma formação continuada na minha carreira profissional.

O programa visa incentivar o exercício da docência na Educação Básica de forma a oportunizar aos acadêmicos o contato com as escolas antes mesmo da conclusão do curso. Esse projeto propõe intervenções pedagógicas interdisciplinares com destaque para os saberes necessários à prática do professor. Durante a minha formação acadêmica, não tive momentos tão ricos de prática docente como o PIBID vem proporcionando aos bolsistas.

O programa me oportuniza diariamente repensar a minha prática docente, já que voltei a estudar e acreditar em vivências, experiências novas, a cada atividade que realizamos dentro do Programa. Estas são oportunidades de crescimento profissional para mim.

Esse período de dois anos do projeto na escola passou muito rápido, pois ainda temos muito que fazer para alcançarmos todos os objetivos propostos. Acredito que muito ainda tem que ser feito na escola, no que diz respeito à alfabetização e letramento, mas digo com o muito orgulho: "A EMEF Núcleo Habitacional Getúlio Vargas avançou depois da chegada do programa na escola".

A transformação deve começar dentro de cada um e ao nos transformar, modificamos o mundo a nossa volta. Com este pensamento, pretendo continuar desempenhando da melhor forma possível meu papel como profissional e como supervisora do PIBID.

[15] Coordenadoras do PIBID Pedagogia /FaE/UFPel

III PARTE

Memoriais das alunas bolsistas DO PIBID PEDAGOGIA
2010/2012

1. PIBID: UMA OPORTUNIDADE DE CRESCIMENTO PROFISSIONAL

Andressa Bilhalva Rodrigues Bartz[16]

Quando tudo começou

Ingressar na Universidade Federal de Pelotas/UFPel para mim foi a realização de um sonho. Eu ansiava muito ser uma estudante universitária, começar a vida acadêmica, pensar em uma profissão, porque desde muito cedo ouvia minha mãe, que hoje já é falecida, dizer que estudar era uma meta que eu jamais deveria esquecer, pois com estudo adquirimos conhecimento e independência, tanto intelectual como financeira.

Eu cresci ouvindo isso. E durante muito tempo não soube se optaria por Pedagogia ou Letras e Literatura. Mas o contato que tive no Ensino Fundamental com uma Orientadora Educacional e o apoio pedagógico que recebi da mesma me fizeram escolher o caminho de Pedagogia.

Sendo assim, depois de ter certeza do curso que queria, passei a estudar um livro que continha todas as questões do Exame Nacional do Ensino Médio/ENEM. Livro este que ganhei do meu noivo. Devido ao fato de não ter condições de pagar um cursinho pré-vestibular, resolvi encarar o estudo desse livro e foi por meio dele que entrei para a UFPel, na 1ª etapa do Sistema de Seleção Unificada/SISU.

Após entrar no site do SISU às 06h15min e receber os parabéns virtuais por ter conseguido a vaga na Universidade, fiquei estagnada, surpresa, pois finalmente havia alcançado aquilo que tanto almejava. E, a partir de então, comecei a minha vida acadêmica, com muitas dúvidas, medos, receios, mas sempre tendo em mente que ser docente faz parte do meu futuro profissional.

[16] Bolsista do PIBID – Aluna do 5º semestre do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas.

O primeiro contato com a Universidade foi assustador, porque coloquei os meus pés na Faculdade de Educação/FaE totalmente perdida, não sabia absolutamente nada, mas com a ajuda de uma veterana encontrei a sala destinada ao primeiro semestre e me acomodei. Olhando ao redor, pensava que não ia conseguir me encaixar naquela turma, pois eu parecia ser tão jovem perto das demais colegas. Depois percebi que a idade não é o mais importante e, sim, a vontade de aprender e de ensinar.

Logo, as aulas de Práticas Educativas I e Teoria e Prática Pedagógica dos Anos Iniciais I - TPP I chamaram minha atenção, talvez porque abordavam assuntos mais reais, mais práticos, embora as aulas não fornecessem nenhuma ferramenta que aproximasse o aluno à prática docente efetivamente.

O primeiro semestre era repleto de novidades, aprendizagens significativas gerais a respeito de autores, pedagogos, Ensino Fundamental de 9 anos, analfabetismo, alfabetização e, além disso, o trabalho envolvendo autoreconhecimento. Sem esquecer, também, da disciplina Atividades Complementares de Graduação - ACG e do trabalho de iniciação à pesquisa, que foi muito importante para mim, pois foi por meio dessa disciplina que fiz minha primeira pesquisa, pequena e modesta, mas essencial para meu crescimento intelectual e, principalmente, para o desenvolver do meu processo de autoformação.

Ingresso no PIBID

Como já mencionei, o ingresso na Universidade foi uma grande conquista para mim. Em maio de 2010, durante o terceiro mês de aulas, no primeiro semestre, recebi uma ligação da minha irmã dizendo que haviam aberto inscrições para o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação á Docência) e, alguns poucos dias depois, a Professora Gilceane Caetano Porto[17] avisou às turmas, inclusive a minha, a respeito dessa seleção.

Eu não sabia ao certo se tentava ou não ser bolsista, mas não

[17] Professora coordenadora do PIBID Pedagogia.

pensei muito e resolvi ariscar e escrevi, então, uma carta[18], que por sinal me tirou três noites de sono, para poder participar do processo seletivo. Logo depois realizei a entrevista, que foi a primeira da minha vida, a qual me deixou extremamente ansiosa e nervosa.

Os dias foram se passando e a ansiedade aumentava cada vez mais. Eu pensava: "será que eu, que nem sequer tenho o magistério, vou conseguir uma vaga?". Essa e outras tantas perguntas perpassavam meus pensamentos, mas pela primeira vez, no meu íntimo, eu tinha a certeza de que ia ser selecionada.

No dia em que os nomes dos selecionados iam ser divulgados, fui embora para casa e mal aguentei esperar até o horário de divulgação. Contudo, por volta das 20h e alguns minutos, recebi uma ligação da minha irmã trazendo a excelente notícia: eu havia sido selecionada!

Desde então, passei a ter o grande privilégio de ser bolsista PIBID. Oportunidade esta que a cada dia tem me proporcionado novos conhecimentos e aprendizagens, fazendo-me perceber que valeu à pena o esforço e o empenho em cada momento.

Primeiras leituras e práticas

Durante o ano de 2010, muitas foram as leituras e tarefas que realizei dentro do PIBID Pedagogia. A primeira leitura foi a do Projeto Institucional, o qual me fez enxergar que seria uma oportunidade enriquecedora participar desse programa, pois haveria uma interação entre coordenadores, supervisores e alunos a fim de elaborar projetos, seminários, palestras e outras tantas atividades visando ampliar a minha formação e a dos colegas. Além disso, o projeto previa uma nova compreensão a respeito desse universo do fracasso escolar e trabalhar meios para dar fim, ou pelo menos amenizar, essa situação-problema observada nas escolas. Desde então, novas leituras surgiram, contribuindo, e muito, para o meu crescimento como docente.

O subprojeto de Licenciatura em Pedagogia, ao mesmo tempo em que abriu os meus olhos mostrando que iríamos trabalhar

[18] Requisito para o processo seletivo, a carta, deveria contar as intenções e justificativas para querer ingressar no PIBID.

e traçar um caminho voltado para o estudo, pesquisa e prática, me trouxe preocupações, pois fiquei com medo de não ser capaz de cumprir tantas metas. Confesso que até agora, depois de 10 meses de PIBID, ainda tenho receios sobre certas tarefas, como por exemplo, a avaliação diagnóstica que será realizada com os alunos. Essa é uma tarefa que nunca realizei e que não aprendi ainda a teoria no decorrer do curso de graduação, talvez seja por isso que me sinto despreparada para cumprir a essa demanda.

Mas voltando ao que foi vivido no PIBID durante 2010, posso dizer que, em seguida, surgiu a ideia de construir um portfólio e o estudo de um texto com o objetivo de ampliar os meus conhecimentos e das demais pibidianas a respeito do que era pretendido com esse trabalho. Pelo fato de não ter tido uma fórmula pronta a respeito de como fazê-lo, me senti, mais uma vez, frustrada, porque não queria ser superficial e ao mesmo tempo não sabia aonde iria começar, como escrever, o que dizer, como fazer. Entretanto, resolvi agir de acordo com aquilo que eu achava que fosse o mais correto e acredito que fiz um bom trabalho.

É imprescindível comentar que a leitura dos quatro primeiros PCNs- Parâmetros Curriculares Nacionais (Introdutório, Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais) foi extremamente significativa. Dentre eles o de L. Portuguesa e C. Naturais, pois são áreas que me cativam mais, não querendo deixar de lado a Matemática, mas ela nunca foi uma área que despertasse interesses em mim, no entanto, sei que por esse mesmo motivo terei que me dedicar mais a essa disciplina do que às demais.

Em se tratando do PCN de Língua Portuguesa, gostaria de comentar que, no decorrer do pouco tempo que estou no curso de Pedagogia, pude aprender e perceber que o fracasso escolar não é uma questão inexistente nas escolas, pelo contrário, é uma realidade que está instalada na Educação Básica e o seu ponto chave é a alfabetização. No que diz respeito à Língua Portuguesa, fica evidente que algo precisa ser repensado e realizado, de forma inovadora, para transformar os índices de insucessos em grandes conquistas e descobertas em termos de leitura e de escrita. No entanto, tal realização só se tornará possível quando os educadores e gestores perceberem que os alunos, os quais estão ingressando no mundo

letrado, precisam ter contato, dentro da escola, com diferentes portadores de texto que tenham conexão com o seu cotidiano e que, automaticamente, sejam o portal de entrada para serem inseridos na sociedade letrada.

Quando li esse PCN ficou claro para mim que o aluno, a Língua e o ensino são um tripé que jamais deveria ser separado, um depende do outro e ambos devem trabalhar juntos. Porém, a Língua que deve ser ensinada não é aquela que serve apenas para alfabetizar, é uma linguagem real, a qual é vivida fora e dentro das escolas permeando as relações dos seres humanos possibilitando a comunicação. E é nesse ponto que entram os textos, que precisam ser bons, de qualidade, cativantes e de acordo com o que realmente acontece no mundo social. Portanto, o papel dos profissionais que trabalham com Língua Portuguesa é o de criar novas oportunidades para aprender a linguagem, trabalhar com novas formas de envolver o aluno através do falar, do escutar, do ler e do escrever.

Essas são algumas conclusões a que cheguei ao ler o referido documento. No entanto, quando li o de Matemática, percebi que ela também é uma área que pode ajudar o aluno, pois através dessa ciência ele pode desenvolver diversas habilidades e competências que são indispensáveis como, por exemplo, as capacidades intelectuais, o pensamento, o raciocínio, aplicação a problemas, situações da vida cotidiana (fator esse que é muito importante), construções de conhecimentos em outras áreas etc. Contudo, sei que para a Matemática ser uma área bem vista pelos alunos é necessário que o educador enfatize o quanto ela faz parte da vida real e, além disso, leve em consideração os conhecimentos que cada aluno já traz para a sala de aula todos os dias. Pois dando crédito a esses conhecimentos eu tenho certeza que o aluno participará de forma ativa na transformação do meio em que vive.

Sobre o PCN de Ciências Naturais, tenho também algumas reflexões que fiz a respeito do que li. Penso ser indispensável dizer que o ensino de Ciências tem sido abordado pelos professores como algo pouco importante e privilegiado, pois muitos educadores deixam essa área em segundo plano na sala de aula, onde os conteúdos se tornam fins e não meios de aprendizagem. Isso faz com que os Parâmetros Curriculares Nacionais sejam utilizados com a

finalidade de mudar essa concepção tão errônea de que a ciência não exerce um papel relevante no sistema de ensino e aprendizagem, pois, afinal de contas, o aluno precisa conhecer a ele próprio e as estruturas sociais ao seu redor para depois conseguir se inserir como cidadão na sociedade.

Sendo assim, ficou claro para mim que o PCN aborda muito a questão dos conteúdos estarem ligados com os aspectos sociais e a questão de a escola favorecer a inserção do aluno das questões que este vivencia em seu cotidiano em um universo cultural maior, aonde ele consiga utilizar conhecimentos de natureza científica e tecnológica, pois, sem o saber científico não é possível formar cidadãos críticos e comcondições de exercer direitos e deveres. Além disso, penso ser de extrema importância mostrar às crianças, desde cedo, que a área de ciências traz conhecimentos que colaboram para a compreensão do mundo e de suas transformações, para reconhecer o homem como parte do universo e como indivíduo.

Logo, digo que a leitura desses três livros foi inovadora para mim, que sou ingressante no universo docente. Afirmo isso com grande convicção, e a prova disso foi que, na primeira reunião do PIBID Pedagogia, me senti "um peixe fora d'água" quando foi lançada a meta de que tínhamos que ler todos os dez livros dos PCNs ao longo dos dois anos de trabalho. Isso devido ao fato de que eu nem sabia o que significava a sigla PCN, muito menos de que se tratavam os livros. Entretanto, depois de algumas pesquisas na Internet e da leitura propriamente dita, descobri do que se tratava e passei a entender um pouco mais sobre o assunto. Por isso afirmo, novamente, que foi uma experiência inovadora.

Agora, relato um pouco as memórias significativas que tenho a respeito de algumas práticas que realizei no PIBID durante 2010, como, por exemplo, o Projeto do Dia das Crianças, o Diagnóstico e as Intervenções até o final do ano de 2010.

Primeiramente, quero começar dizendo que foi muito prazeroso realizar todas essas atividades, e só tenho lembranças boas de todos os momentos, contudo, esses que citei acima, são os mais importantes e que fizeram a diferença em mim.

O Projeto do Dia das Crianças foi mágico e, no dia, tudo passou muito rápido. Houve alguns contratempos quando chega-

mos à Escola Municipal de Ensino Fundamental Getúlio Vargas, pois a oficina de Pintura no Muro, a qual eu fazia parte, não tinha espaço para ser realizada, mas com a ajuda da Coordenadora Lourdes Frison[19] conseguimos realizar a oficina. Eu fiquei muito feliz por ter feito com êxito esse trabalho, foi uma grande satisfação ver nos olhos das crianças o quanto elas gostavam de registrar a sua mão no muro da escola, ato este que deixava a certeza de serem parte integrante e fundamental no ambiente escolar.

A realização do Diagnóstico foi um trabalho bem mais árduo, embora fossem poucas turmas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Ministro Fernando Osório, a tarefa exigiu certo empenho, porque nem sempre o que eu percebia era a mesma coisa que as outras colegas interpretavam em termos de ações e comportamentos dos alunos Porém, o que mais me chamou a atenção ao fazer esse tipo de trabalho pela primeira vez, foi ver a escola como um todo interligado, ou seja, ninguém trabalha isolado (pelo menos não nessa escola). Lá as professoras conversam entre si e com a direção, os alunos interagem, são participativos, os funcionários são cuidadosos e prestativos. Realmente há uma parceria, todos trabalham para a construção de uma educação de qualidade tanto para os estudantes menores, quanto para os maiores. Contudo, o trabalho com a inclusão e a interdisciplinaridade precisa ter um enfoque maior na escola a meu ver.

Por isso, criamos atividades, até o final de dezembro, com o intuito de trabalhar com as diferenças, tentando transmitir às crianças que ser diferente faz parte da vida e que isso não é motivo para exclusão ou rejeição. No primeiro e no segundo encontro ocorreu tudo da forma como eu imaginava. Porém, no terceiro e no último encontro apareceram apenas três crianças, porque era um dos últimos dias de aula, o que foi muito decepcionante. Essa experiência me fez perceber que nem sempre é possível fazer tudo de acordo com o planejamento, às vezes ocorrem imprevistos e é preciso saber lidar com eles. Mas confesso que o que mais me deixou feliz foi à aproximação de um aluno autista comigo e com minhas colegas pibidianas. No segundo dia de atividades ele já brincou comigo,

[19] Professora Adjunta PPGE/FaE/UFPel e coordenadora do PIBID Pedagogia.

conversou, permitiu que eu tocasse no ombro dele e o ajudasse a levantar enquanto realizávamos atividades no pátio... Foi especial aquele dia!

Outras leituras indispensáveis

Além de recordar sobre os PCN e sobre todas essas atividades já mencionadas, lembro-me que realizei, também nesse período de estudo no PIBID, leituras sobre Interdisciplinaridade, sobre o Ensino Fundamental de Nove Anos e sobre Avaliação Diagnóstica.

Logo, achei um pouco difícil ler sobre interdisciplinaridade, pois há de minha parte um bloqueio a respeito desse assunto. Nunca assisti e nem realizei por mim mesma um trabalho com esse enfoque, por isso se torna complicado imaginar uma prática puramente interdisciplinar.

Pergunto-me por que a maioria dos professores não trabalha assim? Será que é inviável? Ou será que a falta de conhecimento torna essa forma de trabalho inacessível?

A Interdisciplinaridade, é uma prática que permite articular as diferentes áreas do conhecimento, o que proporciona a interrelação entre os diferentes saberes. Percebo que está prática é necessária, mas que precisa ser mais compreendida para se utilizada pelos professores.

A construção de uma nova etapa de trabalho

Durante o 1º semestre do ano de 2011, nos foi lançado o desafio de registrar todos os acontecimentos significativos do PIBID em um diário de campo. No começo eu não sabia muito bem como organizar esse diário, comecei escrevendo sobre os outros Parâmetros Curriculares Nacionais que estudamos com todo o grupo da Pedagogia e logo percebi que não era bem essa a proposta.

Sendo assim, com o passar dos dias fui relatando aspectos importantes do dia a dia da escola, como a avaliação diagnóstica dos alunos, as intervenções em sala de aula, o trabalho das monitoras, o trabalho com a professora da turma, o relacionamento com os

alunos, o momento do recreio dirigido, as reuniões de planejamento; enfim, tudo estava se consolidando e sendo transformado em comentários e reflexões pessoais.

O principio de todo esse trabalho foi à avaliação inicial, que realizamos com todos os alunos, assim, tivemos uma boa ideia sobre quais eram os conhecimentos prévios que os alunos tinham em termos de linguagem escrita e leitura. Baseado nessa avaliação, eu realizei um planejamento de aula inicial para poder me inserir na turma do 1º ano A, juntamente com a professora titular.

Desde que ocorreu essa inserção minha e de outra bolsista, a Graciele, nessa turma, começou um processo bem interessante de erros e acertos. Eu digo isso, porque muitas vezes elaborávamos atividades as quais não surtiam o resultado que esperávamos. Um exemplo claro disso foi no dia que elaboramos algumas atividades, dentre elas o jogo de bingo.

No momento da realização do jogo, os alunos demonstraram muitas dificuldades, pois estavam acostumados a trabalhar com letras e não com palavras, gerando certa inquietude neles. Teve uma ocasião em que um dos alunos disse: "Eu estou cansado desse jogo, porque eu não consigo entender essas palavras!".

Depois de muita explicação, ele resolveu voltar a jogar. Quando bingou ficou animado e, com o meu incentivo, ele apresentou a palavra aos colegas; depois todos os outros alunos tiveram a mesma atitude.

Logo, posso dizer que ao planejar as atividades sempre esperamos que todos gostem e aprendam com elas. Nesse dia do bingo, os resultados positivos demoraram a acontecer, mas aconteceram e é isso que nos motiva.

Acho interessante contar sobre outro dia que propomos a eles trabalhar com palavras que tivessem a letra D. Eles estavam copiando muitas coisas sobre essa letra durante alguns dias, foi aí que eu e minha colega pensamos em trazer para eles algo mais consistente sobre isso. Resolvemos trabalhar com dois livros: O Batalhão das letras e o Alfabetário do José de Nicola. Salientamos com eles as palavras chaves dessas histórias e colocamos em um banco de dados (uma caixa decorada) a que teriam acesso todos os dias.

Depois disso, retiraram de livros de recorte palavras que continham a letra D que eles nunca tivessem visto antes. Nesse momento, eles ficaram muito concentrados procurando e tentando decodificar as palavras. Foi muito legal, porque já não estavam mais preocupados com o D e, sim, com todo o conjunto!

Recordo-me, também, que realizamos um jogo da memória com as imagens dos próprios alunos e os nomes deles. Tiramos fotos de cada um e anotamos o nome completo. No momento do jogo, eles escolhiam um nome e tentavam ler, depois, através do uso da memória, tentavam encontrar aonde poderia estar a imagem do colega . Durante essa atividade surgiam comentários sobre os sobrenomes, qual sua origem, porque os pais deram aquele nome, ou seja, questões ligadas à identidade.

Nós já tínhamos trabalhado essas questões através do uso de crachás, da chamada móvel, da entrevista que realizaram em casa com os pais sobre a história do nome, dos relatos em sala de aula, dos desenhos etc. Eles estavam apenas recordando aquilo que já haviam aprendido. Essa questão do autoconhecimento me pareceu significativa.

Os dias em que fizemos o jogo das letras também foram gratificantes. Os próprios alunos formavam as palavras, liam trechos e escreviam no quadro; tudo isso organizados em grupos. O trabalho que fizemos com as músicas do Toquinho, com desenhos (ouvir uma história e tentar desenhá-la e contá-la), o boliche (explorando os numerais), as poesias (explorando o escrito) etc; tudo isso contribuiu para o meu crescimento profissional. Mas, principalmente, foi produtivo para os alunos e até mesmo para a professora, pois ela mesma diz que o PIBID veio para acrescentar ideias boas e ajudar a melhorar a prática docente dela.

Diante do exposto, eu percebo que, aos poucos, estamos aprendendo a sair dessa fase de ensaio e erro e começando a planejar de uma forma mais sólida, levando em conta as características dos alunos, os interesses, a faixa etária, a didática utilizada pela professora titular, enfim, diversos fatores que ajudam a construir uma aula de qualidade. E é esse caminho que queremos continuar construindo com essa turma, trabalhando de forma integrada com a professora e buscando sempre trazer atividades que motivem os alunos a quererem aprender cada vez mais.

Projeto interdisciplinar: um breve relato

No início do 2º semestre de 2011 começamos um trabalho diferenciado nas escolas, passamos a realizar um projeto interdisciplinar construído pelo grupo todo do PIBID Pedagogia juntamente com alguns pibidianos do Teatro.

Esse projeto nos trouxe um desafio muito grande, pois precisávamos construí-lo de um modo que englobasse todas as áreas de conhecimento ou, pelo menos, quase todas. Então, surgiu o projeto "Carteiro Chegou – Uma História Puxa a Outra", baseado em um livro de Literatura Infantil chamado " O Carteiro Chegou", escrito por Allan Ahlberg e Janet Ahlberg.

O objetivo desse trabalho foi fazer com que, através de diferentes histórias de literatura infantil, os alunos conhecessem diferentes portadores de textos e também conseguissem aprender conteúdos importantes referentes às diferentes áreas de conhecimento. O meu desafio, mais especificamente, foi realizar esse projeto na turma do 1º ano A da Escola Municipal de Ensino Fundamental Ministro Fernando Osório, juntamente com outra colega pibidiana. Nós começamos essa etapa de trabalho dando ênfase à sequência didática que criamos a partir do livro "João e o Pé de Feijão".

Após as crianças terem se familiarizado com a história "João e o Pé de feijão", e de terem compreendido como se estrutura um cartão postal, começamos a desenvolver com elas atividades de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Tema transversal, Ética, História e Geografia e de Arte e Ed. Física, todas baseadas na história em questão.

Depois disso, realizamos outras sequências didáticas que foram criadas por outras pibidianas, tais como "Chapeuzinho Vermelho, Três Porquinhos e João e Maria". Infelizmente, faltou-nos tempo para trabalhar com "Cachinhos Dourados e Cinderela".

Fazendo uma análise mais detalhada de todo esse projeto, eu percebi que, apesar do pouco tempo que tivemos, realizamos um bom trabalho, pois conseguimos ensinar aos alunos conteúdos importantes de serem abordados durante o processo de Alfabetização e Letramento.

De todas as atividades, algumas delas marcaram mais os alunos e a mim, dentre elas os Jogos Boole (jogos de lógica realizados

com cartas). Os alunos tiveram a oportunidade de jogar com as cartas originais e, depois, com cartas que eu confeccionei baseadas na história "João e o Pé de Feijão".

Eles também gostaram de atividades relacionadas ao tema ética como, por exemplo, a roda de conversa. Também de atividades relacionadas à área de ciências, como o plantio do feijão com observação e registro semanal do desenvolvimento da planta.

Resumidamente, posso dizer que os alunos gostaram de quase todas as atividades que levamos para eles. Porém, algumas delas relacionadas à área de língua portuguesa, que exigiam a escrita de algumas palavras, eu pude sentir um bloqueio por parte dos alunos, dentre elas a elaboração dos diferentes portadores de textos, como cartão postal, carta, convite, carta de despejo etc.

Logo, eu e a Graciele tentamos trabalhar, ao menos uma vez por semana, com essa questão. Sendo assim, com o passar do tempo, e com a ajuda constante da Professora Ingrid, que substituiu a Professora Tatiane, conseguimos fazer com que os alunos perdessem um pouco daquele medo que tinham de escrever e, então, passamos a desenvolver melhor o nosso trabalho na turma.

De modo geral, esse projeto interdisciplinar só me trouxe benefícios. Eu aprendi a planejar uma aula interdisciplinar, a elaborar uma sequência didática, a entender, mesmo que minimamente, como se trabalha com a Pedagogia de Projetos na sala de aula. Por fim, mas não menos importante, aprendi a entender esse universo da leitura e da escrita através dos estudos do livro "Escrever e ler" debatido e apresentado na escola semanalmente pelas pibidianas, professoras, supervisora e coordenadora do projeto PIBID Pedagogia.

Considerações finais

Ao invés de terminar ressaltando conclusões importantes que cheguei a respeito da docência, como eu fiz no portfólio, eu resolvi focar em memórias que envolvem momentos e pessoas fundamentais que fazem parte do meu percurso rumo à prática docente.

Embora eu tenha apenas dois anos de curso, posso afirmar com convicção que vários foram os momentos bons que vivi no PIBID e na Faculdade, e relatar isso me deixa muito feliz. Entretanto,

seria ingênuo de minha parte dizer que tudo ocorreu perfeitamente, pois também passei por alguns desafios e fases de ansiedade No entanto, os aspectos ruins de tudo isso foram superados.

Logo, sei que ser educadora não é fácil, existem muitas intempéries no decorrer desse caminho, porém, sinto uma vontade muito grande de traçá-lo e desempenhá-lo com êxito. A área de Orientação Educacional é muito especial para mim, pois, assim como eu fui ajudada por uma pedagoga, também quero fazer o mesmo por outras crianças que, de certa forma, merecem esse tipo de auxílio.

Contudo, não é por isso que decidi ser pibidiana, foi porque acredito ser indispensável me tornar uma boa educadora, conhecer alunos, colegas de trabalho, presenciar vivências em torno do exercício da docência para, posteriormente, orientar e coordenar. Portanto, as escolhas que fiz até hoje têm me trazido aprendizagens que me encaminham a um exercício de qualidade na área de trabalho que quero seguir.

Nunca vou esquecer o olhar das crianças do 1º ano da Escola Ministro Fernando Osório quando me viram chegando com uma "Floresta" que eu havia montado de tecido para realizar, com minhas colegas do PIBID, atividades sobre "As diferenças", com eles. E, principalmente, jamais vou esquecer os momentos de planejamento e execução das atividades em sala de aula.

Enfim, tenho muito a dizer, mas poucas são as páginas para expressar tantos momentos bons, difíceis, gratificantes e especiais. Todo esse tempo que passei atuando como bolsista de iniciação à docência me trouxe um enriquecimento profissional inexplicável.

Cada instante que vivi com os alunos na sala de aula, cada leitura realizada, cada registro feito por mim, me ajudaram a ampliar horizontes e a perceber a docência com outros olhos. Olhos de quem quer fazer a diferença!

2. MINHAS NARRATIVAS: EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES COMO PIBIDIANA

Angela Maria Ferreira Garcia[20]

O ingresso na faculdade

Conquistar uma vaga na UFPEL para mim foi uma vitória e tanto. Quando uma amiga me ligou dizendo que meu nome estava na lista de aprovados, simplesmente não acreditei. Só me convenci quando vi com meus próprios olhos.

No primeiro contato com os colegas de sala senti-me um pouco deslocada por ser uma das alunas com mais idade em uma turma onde a maioria dos alunos é jovem. No entanto, essa impressão logo passou e fui muito bem recebida e aceita, tanto pelos colegas como pelos professores. Em seguida, já me sentia bem à vontade. Contudo, no primeiro semestre, pensei várias vezes em desistir do curso e pedir reopção. Isso porque alguns professores falavam de forma tão pessimista da profissão docente que pensei ter optado pelo curso mais desprestigiado da faculdade, comentavam que era muito fácil entrar no curso de Pedagogia pela baixa procura, falavam sobre os baixos salários, sobre ser professorinha etc. Porém, no decorrer do curso, a cada semestre, fui percebendo que tinha feito a escolha certa. As aprendizagens que tive me ensinaram a rever conceitos, formar opinião, questionar, debater e defender meu ponto de vista.

Recordo que quando criança brincava de escola com as colegas. Todos queriam ser o professor(a), tendo a figura do educador como pessoa importante que tinha todas as respostas. O professor era visto como autoridade máxima em sala de aula. Ao ingressar na faculdade percebi que de lá para cá ocorreram algumas mudanças. No que se refere às políticas para a educação, nossos governantes,

[20] Ex-bolsista do PIBID: Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Pós-graduação em artes visuais e aluna especial do mestrado em educação da Universidade Federal de Pelotas.

há décadas, vêm desprestigiando a profissão docente com salários muito baixos, o que faz com que os professores tenham que trabalhar em mais de uma escola para darem conta de suas despesas.

O curso de Pedagogia me proporcionou experiências muito enriquecedoras, pois no primeiro semestre ingressei como estagiária em um programa do governo estadual (Primeira Infância Melhor - PIM), onde trabalhei durante dois anos, em três comunidades, coordenando oito visitadoras. Cada visitadora trabalha com vinte e cinco famílias, as quais são visitadas semanalmente. O foco do programa são crianças de zero a seis anos e gestantes, e objetiva monitorar e auxiliar o desenvolvimento integral dessas pessoas, orientando os pais ou cuidadores sobre como estimular a criança através de jogos e brincadeiras. As gestantes são visitadas a cada quinze dias para o acompanhamento da gravidez, levando informações e encaminhando, quando necessário, aos postos de saúde. Dessa forma, o bem estar tanto da futura mãe como da criança é garantido.

Ao longo do curso tive oportunidade de estudar e conhecer um pouco sobre alguns autores (filósofos, teóricos, pensadores, educadores). Tudo o que aprendi até então foi de extrema importância para minha formação. Contudo, considero que a teoria deve estar sempre atrelada à prática, ou seja, só se aprende de verdade transformando em ação os conhecimentos teóricos.

PIBID: experiências e aprendizagens

A segunda oportunidade foi ter ingressado no projeto PIBID, que foi para mim uma fonte de aprendizagens diversas. Nas reuniões das segundas e quartas-feiras planejamos, organizamos tarefas, estudamos e trocamos conhecimentos. Foi ótimo adquirir novos conhecimentos, rever conteúdos que estudei durante o curso e esclarecer as dúvidas que ficaram. Também foi importante ler e fazer fichamentos de todas as leituras, produzir trabalhos individuais ou em grupo, projetos escritos para intervenções nas escolas, leitura e interpretação do portfólio e dos Parâmetros Curriculares Nacionais/PCNs, além das práticas nas salas de aula. Nas primeiras reuniões, as professoras coordenadoras solicitaram a leitura dos Projetos para então analisarmos a sua proposta.

Conclui-se que o projeto tem por objetivo diminuir os índices de repetência e evasões no Ensino Fundamental, além de qualificar o trabalho docente. No subprojeto, pontuei a parte que se refere ao fato que para o professor conseguir transformar o seu modo de ensinar ele deve pensar: O que? Como? E para quê vai ensinar? Além disso, durante sua prática pedagógica, o professor deve estar constantemente planejando, executando e avaliando seu processo de ensino. As avaliações deverão ser processuais, sistemáticas e continuadas, focando sempre a aprendizagem do aluno.

Sobre a interdisciplinaridade, aprendi que o tema teve sua gênese na década de 1960 e influenciou documentos como os PCNs e a Lei de Diretrizes e Base/LDB. Porém, é uma questão ainda não explorada como um instrumento no processo de ensino e aprendizagem. De modo geral, observa-se que é utilizada em alguns discursos pelos docentes, mas muitas vezes de forma equivocada e frágil, não tendo total entendimento sobre como se dá a construção de um esquema interdisciplinar, bem como sua execução. Por vezes, realizam o nível multidisciplinar ou pluridisciplinar pensando estar desenvolvendo a interdisciplinaridade.

Acredito que, para trabalhar com a interdisciplinaridade, é necessário que o professor tenha conhecimento sobre o tema e incorpore alguns elementos que o ajudarão no desenvolvimento do trabalho, tais como a transposição didática e a contextualização. Transpor um conteúdo para que se torne compreensível ao ensino é algo que o professor faz frequentemente, porém, nem sempre o faz de forma adequada e eficaz. Para isso, é necessária uma série de habilidades a serem desenvolvidas pelo professor para que elabore sua ação didática de maneira que considere os níveis de conhecimentos dos alunos, seus interesses e relevância para determinada faixa etária.

A contextualização no processo interdisciplinar pode ser favorável para que o aluno consiga situar o que está aprendendo a situações reais da vida, atribuindo sentido e significado ao conhecimento adquirido. Ela também enriquece os saberes dos alunos a partir das relações que poderão ser feitas em momentos em que conhecimentos de outras disciplinas forem articulados.

Para o estudo dos PCNs, nos organizamos em grupos, lemos e fichamos os livros. Enquanto lia e debatia os conteúdos com as

colegas e professora, fui percebendo que eles são excelentes norteadores do trabalho docente, principalmente no meu caso que não tinha tido até então nenhum contato com a sala de aula. No entanto, devemos evitar que os livros sejam utilizados como manual.

Dos PCNs que estudei penso que os temas transversais trazem uma proposta muito oportuna por tratar de assuntos que envolvem diretamente a sociedade. Além disso, nos convidam a refletir quanto à conscientização da importância de serem trabalhados nas escolas.

Para relatar mais especificamente minha participação como pibidiana, tentarei descrever passo a passo o trabalho que foi realizado na escola Getúlio Vargas no turno da tarde nos anos de 2010/2011. Após ser apresentada à escola pela professora supervisora, logo nas primeiras semanas do ano letivo, dei início às observações com os alunos entrevistados, com as gestoras e, também, com a professora Patrícia, objetivando conhecer o histórico da escola.

O segundo passo foi aplicar o teste de avaliação com os alunos, o qual foi embasado na proposta de avaliação do livro Psicogênese da Língua Escrita, das autoras Emília Ferreiro e Ana Teberoski, visando identificar em que nível de aprendizagem as crianças se encontravam no momento. Vale lembrar que, paralelo a isso, também foi aplicado o projeto Batalhão das letras e o trabalho de atividades com os crachás dos alunos, em sala de aula.

De posse do material coletado e analisado, demos início ao planejamento do projeto de intervenção. Este foi planejado no decorrer do ano de 2010 para ser aplicado na escola no começo do ano letivo de 2011.

O projeto teve por base o livro *O carteiro chegou*, e foi estruturado da seguinte forma: O livro é subdividido em quatro histórias, que foram distribuídas em grupos; cada grupo foi orientado a elaborar atividades, tendo como base a história que escolheu direcionando-as a cada ano e nível de aprendizagem, de acordo com as dificuldades dos alunos.

Todas as atividades propostas pelos grupos foram apresentadas nas reuniões das quartas-feiras ao grande grupo e às coordenadoras do projeto. Dessa forma, todos os presentes foram convida-

dos a manifestar sua opinião, fato que considerei muito importante, porque os trabalhos foram concluídos após serem vistos e avaliados sob diferentes olhares, indo assim, de certa forma, ao encontro da proposta do projeto que nos diz, entre outras coisas, que: "... as diretrizes apontam para a relevância do saber fazer/prática. Articulação entre saber e fazer, discussão na prática sobre o que se irá fazer..." "... Planejar, executar, avaliar questões que são avaliadas mutuamente...". Assim sendo, cada grupo organizou um caderno de atividades que, posteriormente, foram transformados em um projeto único para ser trabalhado no ano de 2011.

Após o período de férias, retomamos com as atividades do PIBID no mês de fevereiro. Nesse período, participei, como de costume, das reuniões de estudos e planejamentos, e escrevi um resumo para apresentar como trabalho no II Encontro Interinstitucional do PIBID/III Encontro Institucional PIBID na Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, que aconteceu nos dias 01 e 02 de março de 2011, na cidade de Porto Alegre.

O evento foi bem organizado, fomos bem recepcionadas, forneceram todo o suporte necessário para a exposição do banner e para a apresentação do trabalho, o qual apresentei em dupla com uma colega pibidiana. Além desse evento, participamos como ouvintes, de um seminário na Escola Superior de Educação Física, no qual esteve palestrando, entre outros, o Professor Manuel Sarmento, com o tema: *Coisas de criança-Infâncias, culturas infantis e contemporaneidade*. Depois do evento, visitamos a Escola Érico Veríssimo, a qual me encantou pela organização e metodologia que lá oferecem às crianças, comprovando que é possível fazer um trabalho de excelente qualidade mesmo diante de todas as dificuldades encontradas em uma escola de rede pública. Na escola Marista Champagnat, conhecemos a brinquedoteca, que me permitiu aprender muito sobre a organização da mesma. Percebi que para a realização de um bom trabalho como o daquela escola, o mesmo deve ser planejado e organizado desde os brinquedos até a equipe de cuidadores e gestores.

Sobre meu trabalho na Escola Municipal de Ensino Fundamental Getúlio Vargas, quero pontuar a participação da Patrícia Cabral, colega pibidiana e parceira de trabalho. Trabalhamos juntas a partir do ano de 2011, planejamos e executamos projetos e ativi-

dades para trabalhar com os alunos de primeiro ano da turma da professora Patrícia. Organizamos e aplicamos o Projeto *A Hora do Conto*, juntamente com os colegas do PIBID Teatro nas segundas-feiras, das treze e trinta às quinze e trinta horas, onde atendemos quatro turmas, duas de primeiro e duas de segundo anos, lendo e interpretando os personagens que compunham as histórias dos livros de literatura infantil, que foram previamente selecionadas de acordo com o perfil e idade das turmas.

Além do projeto *A Hora do Conto*, elaboramos o projeto *Leitura em Movimento*. Construímos esse projeto a partir de doação que recebemos de miniclássicos de literatura infantil e implantamos na sala de aula em forma de minibiblioteca. Posso dizer, com propriedade, que o projeto *Leitura em Movimento* foi um sucesso, haja vista a alegria, satisfação e interesse dos alunos pela leitura, fato que percebemos no momento em que muitos deles faziam questão de ler as histórias para a turma, e pelas cartinhas onde registravam o quanto estavam gostando do projeto.

O projeto *O Carteiro Chegou* foi trabalhado em todas as turmas atendidas pelo PIBID, sendo que todas nós utilizamos as atividades do projeto adequando, quando necessário, às dificuldades de cada turma ou aluno.

Entre um projeto e outro levamos até a escola uma tarde de cinema, em que reunimos as crianças no refeitório da escola e projetamos o filme *Meu Malvado Favorito*. Esse acontecimento foi de fato gratificante para nós pibidianas, por constatar que muitas crianças ali presentes nunca haviam assistido a um filme.

Para o encerramento do projeto *A Hora do Conto*, organizamos uma festa inspirada na data comemorativa do dia das bruxas. Solicitamos colaboração dos professores e pibidianas, que contribuíram com doces variados. Alguns sócios do Lions Clube colaboraram levando refrigerante, cachorro-quente e presentes para as turmas de primeiro e segundo anos, e também para turma de pré-escola, somando 138 alunos.

Para finalizar

Sendo estas minhas últimas narrativas como pibidiana, procurei pontuar as experiências e aprendizagens que para mim foram

mais positivas e significativas. Porém, como é comum em toda situação em que se reúnem pessoas, vivi momentos de decepção, angústia e frustração que, apesar de serem sentimentos negativos, contribuíram, e muito, no meu processo de amadurecimento, tanto pessoal como profissional. Deixo a todos os responsáveis pela coordenação do PIBID os meus sinceros agradecimentos pelo carinho, respeito e, principalmente, pela paciência que tiveram comigo durante a minha trajetória de trabalho e estudos. Agradeço também às colegas pibidianas que, de alguma forma, e cada uma a sua maneira, me incentivaram a seguir em frente.

3. O PIBID E A PEDAGOGIA: TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS

Camila Gamino da Costa[21]

Ser professora de anos iniciais não estava nos meus planos. Uma carreira na qual não imaginava seguir. Ao cursar o Ensino Médio no antigo CEFET-RS (atual IF-Sul), conheci o curso de Programação Visual, no qual ingressei e concluí. Meus planos eram terminar o curso, de nível técnico, e partir para Porto Alegre, trabalhar na área e cursar Publicidade e Propaganda na UFRGS. Tinha familiares lá que já atuavam nessa área e poderiam me encaixar na empresa onde trabalhavam. Cheguei a prestar um vestibular na capital. Não sendo chamada, ingressei em um cursinho pré-vestibular com o objetivo de tentar a UFRGS novamente.

Então, comecei a trabalhar como auxiliar de Educação Infantil, por necessidade, em janeiro de 2006. E o trabalho com as crianças começou a me encantar. Dia após dia, a educação me cativava um pouquinho mais. Comecei a perceber que trabalhar trancada em uma sala, em frente ao computador, não iria me fazer feliz; eu queria estar ali, educando, contribuindo para que outras pessoas pudessem ter um futuro melhor, fazendo com que meu trabalho colaborasse para o crescimento de outros. E, em abril, tomei a decisão: desisti de ir para Porto Alegre cursar Publicidade, resolvi tentar a Pedagogia. Não foi uma decisão fácil. Já estava tudo acertado para que eu embarcasse para Porto Alegre no final daquele ano.

Apesar do choque inicial, minha família entendeu e apoiou. Tive que enfrentar uma série de olhares tortos e comentários maldosos sobre desistir de ser publicitária para ser professora de anos iniciais, mas eu já estava decidida: prestaria vestibular para Pedagogia no final do ano. Então, a UFPel me surpreendeu, abrindo, no

[21] Ex-bolsista do PIBID: Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Pós-graduanda em Linguagens Verbais e Visuais pelo Instituto Federal Sul-Riograndense – IF-sul.

vestibular de inverno daquele ano, o curso de Pedagogia noturno. Agarrei a oportunidade e consegui a aprovação. Assim começou minha trajetória dentro do Curso de Pedagogia da UFPel.

A partir do ingresso na universidade, comecei uma nova caminhada. Por motivos de saúde, precisei trancar o curso logo no primeiro semestre, mas retornei no ano seguinte com a 2ª turma do curso de Pedagogia Noturno, turma com a qual segui até o final da formação.

Dentro da universidade, vivi diversas situações de frustração e alegria. Quando ingressei, imaginava a universidade como o centro do conhecimento e da pesquisa, e encontrei um cenário bem diferente: estruturalmente, o curso parecia abandonado pela reitoria, o prédio caindo aos pedaços, a falta de sala de aulas, de água e de material. Muitas vezes me senti podada por alguns professores, que infelizmente pregam uma coisa e em sala de aula agem de outra forma, ao que minha turma chamou de "dicotomia entre a teoria e a prática".

Por outro lado, era incrível poder observar, na prática com as crianças, as teorias que eu estudava em sala de aula. As aulas se tornavam mais palpáveis e reais. Poder ler e ouvir o professor falar e analisar, por mim mesma, o que serviria ou não para meus alunos era uma experiência incrível. Logo no primeiro semestre, Sergio Cortella e José Gaiarsa me marcaram muito, questionando o papel do professor, a quebra com o ensino tradicional e as dificuldades da educação. Durante a formação, pude ter contato com os mais diversos autores; alguns ensinaram muito, outros apenas preencheram o tempo, mas sempre existirão aqueles que realmente valeram à pena serem lidos, como Emilia Ferreiro, Freinet, Rubem Alves e Vygotsky. Eu podia ver, a cada dia, o quanto aprendia e o quanto minha forma de pensar e agir como professora se modificava a cada leitura, a cada debate, a cada aprendizagem. Pude acompanhar o crescimento não só dos alunos, mas também meu crescimento pessoal durante os anos de curso.

Quanto ao PIBID, o conheci através de três folhas de ofício fixadas em uma parede da Faculdade de Educação. Recém havia ficado desempregada, e a oportunidade de trabalhar dentro da Universidade com algo diretamente ligado à minha área de estudo parecia ótimo! Decidi que iria tentar e tinha convicção de que iria conseguir. Assim começou minha experiência junto ao PIBID.

O primeiro ano de trabalho foi focado no estudo dos PCN's, em conhecer e se aproximar da realidade da escola e na avaliação diagnóstica dos alunos. Estávamos ansiosas para trabalhar direto em sala de aula, mas esta preparação era necessária para que tivéssemos embasamento no trabalho que seria feito. Os estudos sobre interdisciplinaridade, apesar de muito complexos, me levaram a uma grande reflexão, não apenas sobre o trabalho do PIBID, mas sobre o papel do professor de forma geral.

O ano seguinte foi o momento de começar o trabalho mais prático: começamos o ano com reuniões de planejamento e realizando a avaliação diagnóstica dos alunos de 1º e 2º anos. Fazer essas avaliações foi extremamente enriquecedor; pudemos acompanhar de perto o raciocínio das crianças, ver como pensam, como aprendem e onde apresentam maior dificuldade. Além de entendermos a importância da avaliação diagnóstica inicial, para nortear um bom planejamento, adequado à necessidade de cada turma, pudemos aprender na prática a fazer essa avaliação, saindo apenas da parte teórica e transformando em ação o que vimos na faculdade através dos estudos das teorias de Piaget e Emília Ferreiro.

Aqui, gostaria de destacar a Oficina de Jogos Boole, idealizada pelas professoras orientadoras. Foi uma das aprendizagens mais significativas do último ano de trabalho. Foi apresentada uma forma diferente de trabalhar a lógica com os alunos, de levá-los a um exercício de análise, reflexão e pensamento lógico. Aprendizado este que, com toda certeza, levarei para minha carreira profissional.

O trabalho na Escola Getúlio Vargas, onde atuei, foi sensacional. Acredito que isto seja o que está faltando no currículo obrigatório do curso: esse contato com a realidade, a vivência da rotina da escola, a experiência de estar em sala de aula - mesmo que no papel de observador. Cada vez que retornava à escola para dar continuidade ao trabalho, reforçava ainda mais a minha vontade de trabalhar como professora, eu percebia que realmente escolhi a profissão certa. A alegria das crianças ao nos verem lá era nítida e contagiante, e esse é o caminho para um bom trabalho.

A cada dia saía de lá com a sensação de dever cumprido. Pude perceber que fazer uma aula realmente dinâmica dá bastante trabalho, mas é compensador. Outra experiência legal desse traba-

lho foi lidar com as faltas e dificuldades do planejamento. As coisas nem sempre saem como gostaríamos e temos que ter muito "jogo de cintura", como se diz, para lidar com as situações mais inusitadas e modificar a proposta de trabalho de acordo com a necessidade e disposição dos alunos. Tivemos que adaptar nossas atividades de acordo com a turma, com o tempo disponível, com o material necessário. Ao fim de cada dia, tínhamos que analisar o que deu certo e o que deu errado e, assim, modificar a atividade para a próxima visita. Dessa forma, fomos encontrando nossa maneira de trabalhar, repensando atividades, elaborando novas propostas e nos reinventando a cada dia como professoras.

Acredito que esta foi a maior contribuição do PIBID na minha vida: a possibilidade de debater, tentar, testar, criar e recriar novas possibilidades. Cada vez mais a cabeça funcionava voltada para a profissão, tentando transformar tudo em atividades que pudessem ser trabalhadas com os alunos, não apenas os atendidos pelo projeto, mas também aqueles que ainda virão até mim. Percebo o quanto é difícil ser uma boa profissional, que ser uma boa professora dá muito trabalho e nem sempre este é reconhecido, mas que no final pode ser recompensador. Pude vivenciar de perto as dificuldades vividas no dia a dia de uma escola pública, onde os recursos são bastante limitados e é necessário muita criatividade e força de vontade para fazer um bom trabalho, diferenciado, e que tenha significado real para os alunos.

4. MEMORIAL, UM INSTRUMENTO DE REFLEXÃO EAUTO REGULADOR EM MINHA FORMAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL

Dalva Rosane Cruz Rodrigues[22]

> A grandeza de um ser humano está na sua capacidade de se fazer pequeno para poder se colocar no lugar dos outros e entender o que está detrás de suas reações...(Cury, 2007, p. 171).

Começo este memorial falando sobre minha entrada na Universidade Federal de Pelotas/UFPel. É importante mencionar aqui que guardava em mim, desde a adolescência, o desejo de cursar História, mas que acabei optando por Pedagogia pela lógica de que antes de tudo é preciso saber dar o primeiro passo, ou seja, saber dar a aula, conhecer metodologias e teorias referentes a esta prática. Precisava, então, colocar minha vida em ordem, dar mais espaço e dedicação aos meus estudos, o que o trabalho não estava mais permitindo, uma vez que conciliar essas duas funções foi, aos poucos, se tornando uma tarefa muito difícil.

Em dezembro de 2009 pedi demissão na farmácia na qual trabalhava há quase três anos, deixei para traz quase vinte anos de balcão, profissão que amo muito e que só deixei para me dedicar a um antigo sonho: ser professora. Dividi meu tempo entre o curso e a busca por um programa ou pesquisa em que eu pudesse me integrar mais à universidade. Em 2010, surgia então o PIBID em minha vida. Depois das entrevistas fiquei confiante e convicta nos meus objetivos, e vi no programa a chance de estar em sala de aula. Quando fui selecionada, comecei a construir meu papel de alfabetizadora. Começamos a nos reunir como grupo de trabalho todas as quartas-feiras no prédio da FAE. Essas reuniões me ajudaram

[22]Bolsista do PIBID – Aluna do 8º semestre do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas.

na descoberta do mundo que existe dentro da escola. Inicialmente, a conversa era dirigida sobre o programa, ou seja, o que seria nosso trabalho nas escolas selecionadas para a realização do trabalho. Lembro-me que fiquei ansiosa. Ser professor é algo único, de extrema responsabilidade, no íntimo eu sabia que precisava de muito mais que o curso de Pedagogia, pensava em uma especialização logo ao término da faculdade. O Programa surgiu como uma oportunidade e um presente ao mesmo tempo.

Durante as reuniões estudamos os PCNS e outros textos também pertinentes à prática da docência. Esse estudo me conscientizou sobre o papel do professor dentro da escola. A cada semana, ao fazer uma reflexão sobre cada tema escolhido, surgiam dúvidas sobre minha escolha de ser professora, porém na medida em que conversávamos emergiam esclarecimentos. Estudar os teóricos da área da educação trouxe, atrelado a esta prática do PIBID, condições para aprender a ser professor. De um jeito particular, com embasamento nas leituras, critiquei alguns métodos e apropriei-me de outros. Durante as reflexões eu aprendia a relacionar o que lia com a realidade vivida antes e depois de minha entrada no PIBID, pois o que seria mais uma leitura era agora a busca pelo saber, a fim de sanar minhas dúvidas e atender aos meus interesses. A cada semana compartilhamos ideias, à medida que apresentava para o grupo minhas reflexões aprendia com as apresentações deles também. Aprender com as experiências de outras pessoas é de extrema importância, pois muitas vezes as dúvidas de um colega são semelhantes às minhas, principalmente quando se referia ao plano de ação nas escolas.

Antes do plano de ação, foi necessário traçar um diagnóstico da realidade escolar. Aprendi muito nesse período, temia junto a todos do grupo desempenhar essa avaliação. Todas as nossas ações foram planejadas a partir dos levantamentos feitos na escola, das necessidades dos alunos segundo a direção, os pais e os funcionários. Depois dos diagnósticos apresentados, cheguei à conclusão de que os problemas enfrentados nas escolas eram, em sua maioria, os mesmos. Mas em relação à alfabetização, as dificuldades na escola onde meu grupo atuou eram um pouco maiores. Sei que muitas vezes essa carência dos alunos começa em suas casas, muitos vêm

de ambientes familiares que não proporcionam a eles sua entrada no mundo literário, ou o acesso a materiais escritos é de certa forma limitado.

A partir das necessidades percebidas, planejamos intervenções individuais para cada turma, apresentação por escrito dessas necessidades e projetos de atividades a serem usadas na sala de aula. Ao longo desse trabalho construímos ligações importantes com professores e direção em nossos encontros. E ressalto aqui como foram importantes esses contatos para toda a execução do trabalho, afinal, a relação entre os professores é muito importante dentro da docência.

Durante minha estada na escola criei uma oficina chamada "Democriança, o futuro do Brasil". A atividade contava com uma caixa de TV, lápis, papel ofício, (que eram as cédulas) e uma urna. As crianças podiam colocar na cédula o que fariam se fossem eleitos presidente do nosso País e o que pediriam se tivessem oportunidade. Na TV a criançada se divertiu fazendo seu próprio horário político, falando do que está errado e o que poderia ser feito para melhorar seu País. Com essa atividade, eu percebi como as crianças sabem de tudo um pouco, inclusive política, um assunto que causa desconforto muitas vezes em nós mesmos, os adultos. Falo por mim, que, por vezes, acho constrangedor, pois não agrada a todos o mesmo partido político ou opinião. Pude aprender com as crianças a naturalidade das coisas, a convicção de que o objetivo é um só: igualdade.

Na escola, observei diversos alunos e vi alguns que se destacavam dos outros. Em duas salas tive a oportunidade de conhecer um menino e uma menina com uma facilidade de aprendizado fora do comum. Terminavam suas tarefas e liam tão depressa os textos dados pela professora que, ao invés de nos deixar mais felizes, trouxe preocupação. Afinal, que atenção iríamos dar a essas crianças enquanto estávamos ocupadas orientando aqueles com tantas dificuldades? Que atividades iríamos fazer com elas para que não atrasassem seu raciocínio e desenvolvimento?

A partir daí entendi o que é ser um professor: é saber utilizar o diagnóstico para planejar uma boa intervenção em sala de aula, utilizando sempre a criatividade como aliada e como incentivo para

a criança nessa caminhada. Pois estamos estudando para alfabetizar, e não distrair as crianças - essa é minha preocupação e devo a cada dia buscar resultados satisfatórios.

Dentro da escola vivenciei muitas experiências, fatos que vieram somar aos conhecimentos acadêmicos e que, de certa forma, enriqueceram minha vida. As crianças nos viam como amigas, professoras, nos contavam suas experiências e até mesmo, quando não contavam, nos ensinavam a saber o que sentiam. Foram surpreendentes e gratificantes as respostas dos alunos frente a todas as atividades propostas. Isso me motivou a pensar ainda mais em como colaborar para o desenvolvimento cognitivo desses alunos.

Para mim entre as tantas coisas dessa jornada, um dos fatos mais especiais foi o convite da professora para participar da reunião com os pais, quando fui devidamente apresentada a eles. Fiquei surpresa quando os pais na sua maioria relataram saber meu nome através das crianças, que contaram felizes o fato de terem mais uma professora na sala de aula. Percebi nessa reunião que o que atrapalha um melhor entendimento entre pais, alunos e professores é a ausência dos pais e responsáveis em momentos como estes.

No início de 2011, a escola recebeu um prêmio em São Paulo. Esse prêmio foi oferecido pela Unilever, que premiou algumas instituições de ensino pela iniciativa de fazer o brincar presente em sua rotina. A premiação, de certa forma, aproximou corpo docente, pais e pibidianos. Fazer parte desse projeto mostrou que o trabalho tinha um diferencial não só por ter alguém a mais na escola, mas por ser um somatório de ideias e forças com o mesmo objetivo: o aprendizado dessas crianças usando todos os espaços da escola e todas as formas possíveis para se chegar a ele. Percebemos, então, que não podíamos deixar brechas e que nem a hora do recreio deles deveria ser desperdiçada. Então, o recreio orientado entrou derrubando barreiras, mais em minhas experiências com eles do que provavelmente eles comigo, pois nunca imaginei existir tal programa e que ele daria certo da forma como deu.

Aperfeiçoar o conhecimento tomou maiores proporções dentro da sala de aula, o que confirmamos em cada reunião geral com todo o grupo pibidiano. Ganhamos muito com experiências relatadas por colegas de outras áreas da mesma forma que tivemos

oportunidade de relatar as nossas. O PIBID, aliado aos professores da escola, amadureceu a ideia do verdadeiro papel do projeto na escola. No decorrer do ano de 2011, foi possível perceber como o PIBID chegou à escola e como hoje faz parte dessa instituição. A aceitação foi de quase 100%, sendo que o estudo dos textos, realizados de forma coletiva, mostraram uma crescente vontade de trabalharmos juntos, banindo aquela regra de reforçar estigmas e estereótipos para buscarmos mudanças que solucionassem os grandes problemas e dificuldades na alfabetização das nossas crianças. Pois não podemos ficar baseados na antiga ideia de que conteúdo aplicado é aula dada, é conhecimento apreendido.

Foram positivas também as ideias de trabalhar com projetos coletivos criados com o grupo Esta abertura de possibilidades compartilhadas entre todos foi uma experiência de somatório para a realização de trabalhos posteriores, uma vez que alfabetizar é um processo que exige calma, paciência e, muito além de boa vontade, é preciso ter criatividade para fazer diferente algo que normalmente é monótono, repetitivo e não desperta a atenção dos alunos. Entre os projetos desenvolvidos na escola está *O Carteiro Chegou*, que veio acrescentar-se a um trabalho que começamos no início do ano. Mas com uma diferença, a presença de diversos gêneros textuais. Isso abriu possibilidades de abranger todas as áreas da educação a partir de um único livro, do qual tiramos várias atividades alfabetizadoras que nos renderam bons resultados. Um dos pontos que destaco nesse projeto foi a aula passeio, em que as crianças foram orientadas a reconhecer os problemas existentes no bairro, fotografar algumas situações e depois escrever um texto sobre o assunto. Promover a alfabetização a partir do cotidiano vivenciado pelos alunos transforma o aprender em um desafio atraente.

Entre as atividades importantes das quais participei durante o ano de 2011, uma das mais significativas foi a apresentação do trabalho *Ler Brincando? Estou Bibliotecando*, em Belo Horizonte, no Fórum de Letramentos e Aprendizagens. Estive com uma colega de grupo nesse programa, escrevemos sobre parte no projeto realizado na escola e o que aconteceu dentro da biblioteca. Depois de arrumar, limpar e organizar passamos a levar as crianças, uma vez por semana, para a biblioteca, onde desenvolvemos diversas ativi-

dades. Foi em momentos como este que vi aumentar o interesse das crianças pela leitura. A cada visita, notei a vontade crescente dos alunos em ler e entender tudo que se passa a sua volta e percebi que não podemos perder nenhuma fagulha de interesse que surge a nossa frente. Após a nossa iniciativa, a funcionária responsável pelo espaço passou a buscar as crianças de duas a duas na sala de aula para dar continuidade ao trabalho, mesmo quando não estávamos na escola. Esse passo contribuiu muito na minha formação. Elaborar um projeto e colocá-lo em prática é importante, mas falar dele e ganhar incentivos e ideias faz parte do processo de crescimento.

As leituras me serviram de base para o trabalho, foram alicerces para nossos planos de aula a partir da utilização de métodos e estratégias adequadas. Sem leitura não nos aperfeiçoamos. Portanto, é preciso levar esse gosto pelos livros aos alunos. Isso aprendemos juntos e foi o PIBID nos ofereceu essa oportunidade, o que considero um presente em minha vida. Acredito, também, que além de nos inserirmos na escola, precisamos inserir a escola na universidade. Para isso, contamos com materiais, monitoras e um grupo sempre disposto a participar de todas as atividades da escola.

Durante o ano várias atividades aconteceram na escola. Aceitei, muito feliz, a cada convite recebido. Acompanhei a escola nos desfiles da Pátria, no concurso de bandas na Av. Bento Gonçalves etc. Isso demonstrou a confiança dada pela escola a mim. Realmente foi uma experiência única, algo tão especial que, após isso, planejamos a primeira "Mateada" entre as turmas de segundo ano, com muita música, pipoca, chimarrão e muita alegria. Levei os vestidos de prenda da minha filha, os quais as meninas revezavam entre si para dançar e tirar fotos. Na sala de aula, tudo isso se torna enriquecedor. Através desses encontros fundamentamos nosso aprendizado, que se tornou mais rico com o trabalho e, principalmente, me fez avançar com ele.

O ano de 2011 foi realmente importante para minha formação. Com o grupo aprendi muito e agora me sinto realmente preparada para enfrentar a sala de aula. Sei que este não é um desafio fácil, mas dentro do grupo tivemos a possibilidade de ver o que teremos pela frente. Sei que é preciso juntar todas as peças desse trabalho, ver prós e contras e continuar buscando melhorar,

pois sou consciente das minhas falhas e dificuldades e sei que elas podem ser superadas. Afinal, recomeçar, mudar e melhorar alguma coisa está dentro das oportunidades que o PIBID oferece.

Dentro do PIBID, cheguei à conclusão do meu objetivo no curso: ser um professor completo, saber explicar, e que atividades usar para se fazer compreender. Aprendi, durante essa troca com as colegas, que o bom professor é aquele que faz uma boa pergunta e não aquele que ensaia uma boa resposta. Não podemos ser bons professores querendo limitar nosso conhecimento, querendo repassar somente algo que aprendi rapidamente ou por alto. É preciso, por si mesmo, buscar respostas para poder fazer perguntas com a consciência de quem realmente busca compreensão sobre o que ensinou aos seus alunos. Respostas vazias são dadas a perguntas vazias. Aprendi que a persistência leva ao sucesso ou, pelo menos, mostra o caminho para se chegar até ele. Não existe caso perdido na sala de aula, qualquer aluno é capaz de aprender e desempenhar tarefas se tiver acompanhamento e estímulo.

5. MEMÓRIAS DE UMA TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Estelamar Prestes Aires[23]

Eu, Estelamar Prestes Aires, natural de Pelotas, nasci no Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas no dia 02 de Setembro de 1977. Logo após meu nascimento, minha mãe e meu pai me levaram para casa, localizada na zona rural, que se chamava Cerro da Buena, distrito de Pelotas, onde minha mãe era professora; neste lugar cresci e fui alfabetizada.

Tenho ótimas recordações daquele lugar. Lembro que, por minha mãe ser professora, acabei por me interessar muito cedo pela escola, então com seis anos de idade fui alfabetizada. Passei para 2ª série sem dificuldades e na 2° e 3° série fui aluna de minha mãe, o que era um pouco estranho, mas não tive problemas com isso.

A escola onde minha mãe lecionava na zona rural era anexada a casa onde morávamos. A escola tinha duas salas de aula bem grandes, onde ficava dividido, em uma sala somente a 1ª série e na outra sala 2ª e 3ª séries, no turno da tarde, e 4ª e 5ª séries no turno da manhã, ou seja, turmas multisseriadas, com exceção da alfabetização.

Moramos lá muito tempo, onde fui alfabetizada e cursei até a 3º série. Durante todo esse período, lembro de que quando estava de aniversário todos os meus familiares iam para lá e, como minha família é muito grande, minhas festinhas de aniversário eram feitas em sala de aula, por ser um ambiente amplo, então há sempre um quadro negro nas fotos tiradas em meus aniversários na infância.

Depois de certo tempo, meu avô materno teve um problema de saúde, foi quando meus pais decidiram voltar a morar em Pelotas e fui matriculada em uma escola próxima de casa, porém não tive uma boa adaptação e acabei perdendo o ano.

---

[23] Ex-bolsista do PIBID: Graduada no curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Pelotas.

No ano seguinte, minha mãe me transferiu para a escola onde ela lecionava, tendo, eu, uma ótima adaptação a essa escola, na qual passei quatro anos.

Já na adolescência, estudei em outra escola, onde passei dois anos e, logo após, decidi parar de estudar por não entender a importância do ensino em minha vida. Um tempo depois percebi que não tinha tomado uma sábia decisão, devido a compreender que o estudo e a qualificação fazem parte de nossas vidas e que, para que eu conseguisse estabilidade profissional e financeira em minha vida, deveria sim retomar meus estudos, então resolvi voltar a estudar, terminando o Ensino Fundamental e o Médio em um supletivo, no Colégio Albert Einstein, onde fui bolsista.

Depois de terminar o Ensino Médio dei novamente uma pausa em meus estudos, trabalhando durante esse período, mas sempre com a ideia de ingressar em uma universidade. A minha escolha em cursar Pedagogia vem inicialmente da experiência escolar na infância, ou seja, a maior parte de minhas memórias infantis tem sempre como cenário a escola, pois como já mencionei minha mãe era professora.

Sabendo que não seria fácil, tomei a decisão de fazer um cursinho pré-vestibular, também na condição de bolsista, levei três anos tentando aprovação no vestibular da Universidade Federal de Pelotas, sendo que dois deles para o curso de Pedagogia. A cada vestibular que não obtinha a aprovação, me questionava se tinha ou não capacidade de ingressar na UFPEL, já que minha formação nas séries finais tinha sido frágil e eu queria estudar em uma universidade com qualidade de ensino para poder suprir possíveis limites de minha trajetória estudantil.

Prestei três vestibulares até ingressar na UFPel, um para Português Literatura e os outros dois para Pedagogia, ou seja, sempre na área da Educação. Logo que ingressei no universo acadêmico me encantei com o conteúdo, com as temáticas que me foram apresentadas e sobre tudo que envolveria minha formação no decorrer do tempo. Sempre gostei da ideia de lecionar, mas não tinha total certeza até começar o curso.

A certeza de estar no curso certo e de lecionar também não veio no começo do curso e, sim, depois de percorrer grande parte

deste, o que me fez entender o que é ser professora e quais são suas implicações. Compreendi que ser professora não é fácil, tem que ter muita dedicação e conhecimento para isso, além de estar constantemente buscando novas formas de atuação, ampliando conhecimentos para sabe ensinar seus educandos.

Nos primeiros anos do curso aprendi sobre teorias, mas ainda não tinha de fato o amadurecimento acadêmico para compreendê-las e para saber como deveria aplicá-las na prática de sala de aula. Sentia falta do contato com as duas simultaneamente. Tivemos poucas práticas durante o curso em escolas, no qual passávamos no máximo uma semana acompanhando o trabalho pedagógico, ainda assim essas práticas me forneceram o contato com a realidade. Contudo, devido ao pouco tempo no qual era oferecida essa prática, sentia que faltava o embasamento prático de sala de aula aliado às teorias estudadas na faculdade, para poder ter a compreensão do que é ser professora.

Com o passar dos semestres fui me aprimorando cada vez mais com conceitos teóricos, até conseguir de fato vê-los na prática, quando comecei um estágio não obrigatório no Centro Social do Areal. Foi nesse momento que, juntamente com as teorias estudadas na faculdade, tive a certeza de que ser professora era meu objetivo.

Depois de certo tempo saí do Centro Social e, nesse mesmo período, me candidatei à vaga de bolsista do PIBID. No entanto, não fui selecionada inicialmente, até achei que não chegaria a ser, porém, tive a alegria de ser chamada para ser bolsista do PIBID um ano depois da seleção, iniciando uma nova etapa de minha vida acadêmica.

No começo foi um pouco difícil, pois quando cheguei já haviam sido realizados muitos trabalhos e leituras. Acredito que ter feito parte do PIBID teve uma grande contribuição em minha formação, pois muito dos referenciais teóricos estudados no PIBID não foram abordados durante o curso ou quando abordados não foram aprofundados, ou seja, adquiri mais aporte teórico, como por exemplo, os PCNs que foram vistos muito sucintamente no decorrer do curso e que no PIBID pude estudá-los com mais profundidade. Acredito que devemos conhecer os PCNs e acredito também que eles podem nos fornecer ideias para questões que, muitas vezes, parecem difíceis de serem trabalhadas.

Mas com certeza uma das maiores contribuições do PIBID em minha formação é a possibilidade de ter estado novamente em uma sala de aula, com um olhar diferente, pois no Centro Social eu trabalhava com reforço escolar, já no PIBID tive uma experiência nova, pois na Escola Municipal de Ensino Fundamental Ministro Fernando Osório eu trabalhava com uma turma de 2°, trabalhando exclusivamente com alfabetização, a qual acompanhei durante todo o ano. Nessa perspectiva, além do comprometimento que tive e que se deve ter com a alfabetização, ainda há o aprendizado com relação à docência. Compartilhar a turma com a professora titular, ou seja, fazer planejamento em conjunto de forma a contribuir significativamente sem ser invasiva, respeitando o espaço da professora, foi meta a ser atingida durante todo o percurso do projeto. Nessa docência se compartilha tanto os êxitos quanto os anseios de fazer um bom trabalho, se permite também uma boa oportunidade de aprendizagem em presença da professora, observando e aprendendo com a experiência de quem ali já está.

Outra situação de favorecimento para minha formação está exatamente nessa docência compartilhada, pois esse aprendizado me foi muito importante quando realizei o estágio obrigatório, compartilhando a responsabilidade de ensinar com uma colega. Situação semelhante vi ocorrer durante as aulas na faculdade, com professores dividindo a difícil, mas compensadora, tarefa de ensinar seus conhecimentos para nós, com intenção de formar professores tão comprometidos e capazes de desempenhar um trabalho com excelência como eles o fazem.

O PIBID para mim não foi só uma bolsa de estudos, mas um momento de aproveitar todas as oportunidades de aprendizado, com teorias e práticas na escola. O que aprendi, certamente, vou procurar desempenhar no meu futuro trabalho, pois as idas a escola para mim já foram o fazer-me professora. Cada ida à escola obtive resultados significativos, pois aprendi a pensar de diferentes e diversas formas para atingir meus objetivos. Junto da professora titular, aprendi a fazer o que antes parecia-me tão difícil – estimular a criança para aprender, vendo-a a avançar nesse processo. Afirmo que durante o período em que estive em contato com as crianças na escola, proporcionado pelo PIBID, tinha como objeti-

vo, enquanto pibidiana, trabalhar situações do cotidiano do aluno de forma lúdica e contextualizada, a qual fizesse sentido para as crianças. Dessa forma, juntamente com o grupo e das coordenadoras do PIBID, pensava em estratégias de proporcionar atividades concretas e prazerosas, tendo como eixo principal a alfabetização e o letramento. Nesse contexto, empenhei-me juntamente com a professora em trabalhar as questões relacionadas ao processo de aquisição da leitura e da escrita, no qual tive a grata satisfação de acompanhar e participar do avanço das crianças no que se refere a esse processo, pois quando chegamos ao final do ano, as crianças que antes tinham dificuldades em ler e escrever, por estarem no começo de suas aprendizagens, estavam tendo facilidade de executar e desenvolver a leitura e a escrita de textos elaborados muitas vezes por eles através de cartas.

Aprendi durante esse período em que fiz parte do grupo PIBID e estive em contato com as crianças da Escola Ministro Fernando Osório que ser professora é sempre estar inovando, refletindo, modificando-se e questionando-se sobre a sua própria prática docente em favor do processo de ensino e aprendizagem das crianças, pois um bom professor é aquele que está sempre em transformação, renovando o que é bom e procurando outras maneiras e estratégias de garantir o desenvolvimento das habilidades necessárias para que o aluno evolua em seu processo de aprendizagem.

Também aprendi que devemos sempre ter um plano B, pois muitas vezes planejamos atividades as quais são resolvidas pelas crianças com facilidade e outras não, outras vezes, uns tem mais facilidade do que outros; então é necessário sempre ter atividades extras.

Também é importante ressaltar as escolhas de como trabalhar os conteúdos, de maneira que seja significativa e divertida, pois nada adianta trabalhar conceitos sem que eles façam sentido e que estejam fora da realidade das crianças, como também atividades sem atratividade nenhuma para os alunos, pois o bom aprender é compreender o que se aprende.

A mudança de estratégias durante a prática em sala de aula também se mostra necessária algumas vezes e é nesse momento que o professor faz seus questionamentos acerca de seu trabalho,

exercendo um processo da autocrítica, modificando e melhorando o mesmo.

Penso ser necessário também estar sempre atento ao rendimento, desenvolvimento e avanço, no que se refere à aprendizagem das crianças, não se esquecendo daqueles que demonstram mais dificuldades que os demais, pois se o professor atentar para isso, verá que o processo, mesmo que demorado, ocorre para todos.

Outra situação importante, a meu ver, em uma sala de aula, é o professor ouvir seu aluno, pois, através disso, surgem inúmeras possibilidades de trabalhar conceitos e conteúdos com a fala das crianças, já que muito do que elas vivem faz parte dos conteúdos que devem ser ministrados em aula, como também possibilita motivar a discussão e a troca de ideias entre todos.

A organização do tempo em sala de aula também é muito importante, ou seja, a organização sistemática do trabalho, levando em consideração e respeitando a vida cotidiana do aluno, como também a idade, mas não deixando de inserir conhecimentos necessários à aprendizagem dos mesmos.

Foi muito bom trabalhar em grupos, por meio deles criamos a possibilidade de construção coletiva do conhecimento, uma vez que esse é um momento de troca de opiniões de cada um, avaliando, decidindo e respeitando o próximo.

Finalizo dizendo que foi muito gratificante presenciar a evolução das crianças e ter a certeza de estar no caminho certo, ou seja, comprovar através do processo de ensino e aprendizagem das crianças que o trabalho e estratégias utilizadas foram válidos e fizerem diferença na aprendizagem das crianças.

6. MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS DE UMA ACADÊMICA NO CAMINHO DE SUA FORMAÇÃO DOCENTE ENQUANTO BOLSISTA DO PIBID

Glediane Saldanha Goetzke da Rosa[24]

> Na lembrança, o passado se torna presente e se transfigura, contaminado pelo aqui e o agora. Esforço-me por recuperá-lo tal como realmente e objetivamente foi, mas não posso separar o passado do presente, e o que encontro é sempre o meu pensamento atual sobre o passado, é o presente projetado sobre o passado (SOARES, 1991, p.37-8).

Sou professora das séries iniciais do Ensino Fundamental graças ao curso de magistério do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil - IEEAB, me formei em janeiro de 2003. Comecei o curso por insistência da minha mãe, e ao final do primeiro ano já estava completamente encantada por essa profissão. Um mês após a formatura comecei a trabalhar em uma escola particular de Educação Infantil, onde fiquei empregada até dezembro de 2010. Nessa escola desempenhei por dois anos a função de auxiliar, e depois de professora de Educação Infantil das turmas de maternal dois, jardim A e jardim B. No ano de 2004 fui admitida em um segundo emprego, em uma escola que atendia alunos especiais. Nessa, trabalhei com alunos com necessidades educacionais especiais, trabalho que foi um grande desafio e, ao mesmo tempo, um presente para mim porque com eles fui aprendo a superar minhas próprias limitações.

De 2004 ao final de 2006 me dividi nessas duas escolas, trabalhando pela manhã em uma e à tarde em outra. Trabalhar com essas duas realidades de forma paralela foi algo muito positivo para o meu crescimento pessoal. O memorial fez com que buscasse vivências que exigiram de mim o estabelecimento de uma dupla reflexão pessoal e profissional, parecia-me quase impossível fazer um memorial sobre a minha formação docente sem tocar nesses dois

[24]Bolsista do PIBID – Aluna do 8º semestre do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas.

pontos. Isso, fortaleceu minha convicção e desejo de ser professora Decidi então fazer Pedagogia.

Inscrevi-me para o PIBID porque enxerguei neste programa a oportunidade de trabalhar ativamente com a educação, atuar em sala de aula, participar de projetos que iriam favorecer a minha formação docente, que é algo que me interessa muito. Na seleção de bolsistas fiquei na lista de suplentes, ocupando a quarta posição, o que me deixou bastante frustrada, pois acreditava que não seria chamada, não imaginava que quatro pessoas abririam mão de seu lugar dentro do programa, mas abriram, e fiquei muito feliz quando recebi uma ligação informando que eu estava sendo chamada para ingressar no PIBID.

Minha experiência no PIBID teve inicio em Outubro de 2010, entrei em um grupo já formado e entrosado que me acolheu de forma tranquila e amigável, o que fez com que me sentisse muito à vontade. Logo no começo, participei das atividades em comemoração ao dia das crianças nas escolas Municipais de Ensino Fundamental Fernando Osório e Getúlio Vargas. Esse trabalho foi muito importante para as crianças, e para mim que estava chegando ao projeto e não conhecia essas escolas e sua realidade. Em seguida, comecei a visitar a EMEF Getúlio Vargas, com o grupo responsável por observar a rotina da manhã e formular o diagnóstico da escola neste turno.

Na minha primeira visita observamos a turma da pré-escola que estava realizando uma atividade em "folhinha", conforme algumas crianças terminavam a professora ia corrigindo, e depois esses alunos ficavam sem ter o que fazer e, como consequência, começavam a conversar, de certa forma atrapalhando os que ainda estavam realizando a atividade. Enquanto algumas conversavam e outras "trabalhavam", fizemos uma breve entrevista com a professora responsável pela turma, após isso as crianças foram para o lanche e, quando retornaram, continuaram a fazer as mesmas coisas. Na minha segunda ida à escola com o grupo não pudemos entrar em nenhuma sala de aula, e por esse motivo nos encaminhamos à biblioteca e terminamos o que faltava do questionário, fazendo os questionamentos à professora Patrícia, supervisora do PIBID na escola.

As observações e as entrevistas foram importantes para a formulação do diagnóstico da escola e das atividades realizadas nas últimas três semanas do ano letivo de 2010, e das primeiras atividades executadas no início de 2011. Um fato que me causou angústia foi o diagnóstico das crianças, pois apareceram turmas que não apresentavam nenhuma dificuldade de aprendizagem ou tinham uma única necessidade - a organização de recreio orientado. No entanto, as pibidianas, tinham apreocupação em identificar os limites e as possibilidades dos processos de ensino e aprendizagem que aconteciam na escola e, assim, passamos a investir na etapa diagnóstico, buscando encontrar dados que permitissem planejamentos conectados com as necessidades da instituição de ensino. Porém o que verificamos nas etapas seguintes, é que nem todos os dados referiram à realidade encontrada. Em muitos casos as avaliações e percepções de docentes, da direção, dos pais, dos funcionários, capturados na etapa diagnóstico, estavam em direção oposta ao que encontramos o que nos fez repensar intervenções para não comprometer o sucesso do projeto. Entendemos que isso é próprio do processo e que a imersão cotidiana em uma dada realidade pode obscurecer perspectivas outras de entendê-la. Como éramos sujeitos externos ao dia-a-dia da escola tivemos a oportunidade de novas leituras, novos olhares que poderiam ser despertados também nos sujeitos que ali vivenciavam seus dias de atuação profissional.

Durante as atividades de intervenção das últimas semanas de 2010 realizei atividades para estimular a atenção, a compreensão, o diálogo, a socialização, desenvolver motricidade fina e auxiliar na elevação da autoestima dos alunos. Para isso, o tema escolhido foi o Natal, pois, segundo a professora de artes, algumas crianças não sabiam e não conheciam o significado real desta data. Para conseguir alcançar os objetivos desejados conversei com eles antes do início de cada atividade, o que foi bom até mesmo para a nossa aproximação. As crianças participaram de todas as atividades com muita disposição e envolvimento, tanto que ao final de cada uma elas pediam mais, e não queriam que eu fosse embora. Todas as atividades que realizei tiveram como ponto de partida uma história de natal que contei, e a partir dela fiz questionamentos, pedi que fizessem desenhos e expressassem neles o que haviam compreendido sobre

a história e o Natal. Propus também um jogo dos sete erros para auxiliar no desenvolvimento da atenção, que era uma das queixas da professora e, na última atividade, que seria a escrita de uma carta para o Papai Noel a turma com a qual eu estava trabalhando, não estava na escola e, por isso, auxiliei a pibidiana Letícia com a sua atividade. Fazendo um balanço geral, considero que as atividades foram bem sucedidas e que alcancei os objetivos que tinha inicialmente, mas lamento ter tido tão pouco tempo para trabalhar com eles em 2010, acredito que com um prazo maior os resultados seriam ainda melhores, tanto para mim quanto para eles.

Já no início do ano letivo de 2011, nossa primeira tarefa foi realizar testes para avaliação diagnóstica da alfabetização dos alunos de 1º e 2º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Getúlio Vargas. A partir dessa avaliação, tínhamos como objetivo compreender o processo de construção do sistema alfabético e de escrita das crianças, conhecer as diversas hipóteses que elas têm em relação à leitura e a escrita e identificar em que nível de desenvolvimento e aquisição da leitura e da escrita cada uma se encontrava. Os resultados dos testes apontaram que muitos alunos, tanto do 1º quanto do 2º ano, não sabiam escrever nem mesmo o próprio nome, e a primeira alternativa pensada foi a utilização de crachás pelos alunos, afinal, o reconhecimento do próprio nome é muito importante para familiarização das crianças com as letras, e para possibilitar a construção de novas palavras.

Como o trabalho do nosso grupo – PIBID Pedagogia - tem como ponto de partida três eixos norteadores - Planejamento compartilhado, Sala de aula e a Escola como ambiente alfabetizador -, para contemplar cada um desses eixos foram pensadas alternativas que buscassem qualificar nossa formação e nossas ações na escola. Um exemplo o planejamento compartilhado, que é uma ação que ressalta a importância do planejamento de aula para a realização de práticas qualificadas. Esse planejamento era realizado em reuniões semanais que aconteciam nas escolas e que contavam com a participação dos pibidianos dos cursos de Pedagogia e Teatro da UFPel, supervisoras da escola, coordenadoras do programa e professoras titulares. Essas reuniões foram de grande valia para todos os envolvidos, foi um excelente espaço para troca de saberes e conversa. É

neste espaço também que pibidianos e professores discutiam e trocavam ideias sobre as atividades que aplicariam em parceria. Essas atividades não estavam desconectadas do trabalho realizado pela professora, elas obedeciam sempre ao tema escolhido pela titular, e correspondiam a turma e níveis a que cada aluno se encontrava.

Durante o 1º semestre de 2011 trabalhei em uma das turmas de 2º ano da escola no turno da tarde, juntamente com outra colega pibidiana e mais duas monitoras. As monitoras eram responsáveis pela turma atendida nos dias de reunião, enquanto estávamos envolvidas com o planejamento compartilhado e o estudo do livro "Escrever e ler". Essa experiência com as monitoras foi de grande importância para o bom desenvolvimento de nossas atividades, uma vez que era necessário que tivéssemos um momento para poder planejar juntamente com as professoras, sem que para isso os alunos tivessem de ser dispensados.

No decorrer do trabalho, surgiu então a ideia de elaborar um projeto capaz de colocar os alunos em contato com diversos gêneros textuais e atividades de outras disciplinas ao mesmo tempo. A partir dessa ideia foi elaborado então o projeto "Uma história puxa a outra". Esse projeto foi pensado para ser executado durante todo o 2º semestre do ano de 2011, e era planejado semanalmente pelas professoras e pibidianas. A partir do 2º semestre passei a trabalhar em outra turma de 2º ano, porque a turma na qual iniciei estava com três pibidianas e três monitoras, enquanto a outra turma tinha apenas uma pibidiana. O trabalho com essa segunda turma foi muito agradável, a colega pibidiana responsável pela turma foi quem me apresentou aos alunos e a professora, que me receberam muito bem. Durante todo o 2º semestre desenvolvemos o projeto citado anteriormente, e o caderno de atividades elaborado a partir de cada conto de fadas presente no livro "O Carteiro Chegou", o que foi muito importante e favoreceu o planejamento das atividades do projeto. É importante colocar também que os alunos participaram com muito interesse e de forma criativa de todo o desenvolvimento do projeto.

Desde que entrei no programa tenho participado das reuniões e tenho percebido que elas são muito importantes para o trabalho realizado, além da importância de expor ideias e pontos de vista, o que no início não estava fazendo por ter uma postura mais reservada e certo

receio de ser mal interpretada, o que acontece muito quando estamos em um grupo relativamente grande. Mas no ano de 2011 consegui deixar de lado esse receio e me expus mais, deixando claro qual o meu posicionamento frente às discussões levantadas, tanto nas reuniões da faculdade quanto na escola na qual atuo.

Outro ponto importante que o programa proporcionou foi a possibilidade de apresentar trabalhos sobre nossa atuação em eventos diversos, o que auxilia muito na nossa formação e qualificação. E quanto à apresentação de trabalhos, gostaria de citar que o ano de 2011 foi particularmente especial nesta área, pois após realizar a organização e a revitalização da biblioteca da escola, com a intenção de realizar um projeto que favorecesse o contato dos alunos com os materiais escritos a formação de leitores, eu e minha colega Dalva escrevemos um trabalho sobre este projeto e o enviamos para o IX Jogo do Livro e III Fórum Ibero-americano de Letramentos e Aprendizagens, que aconteceu em outubro de 2011 na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Felizmente o trabalho foi aceito e participar de um evento deste porte foi realmente maravilhoso, um momento de muita emoção e crescimento.

Além desse, participamos de outros eventos, como a Semana Acadêmica do curso de Pedagogia, o Congresso de Iniciação Científica- CIC e o Fórum FAPA- Faculdade Porto Alegrense. É claro que muitas vezes falta um pouco de desenvoltura, o que com certeza com um pouco de esforço se consegue melhorar, o que importa realmente é aproveitar estas oportunidades para crescer pessoal e profissionalmente. Ressalto esse ponto principalmente pelo fato de auxiliar na perda da timidez e do medo de falar para o público, algo vital para alguém que escolhe a docência como profissão, afinal, seria inadmissível tornar-se um professor com medo de falar.

Em termos de aprendizagem, algo muito importante que aprendi é que não há como separar a teoria da prática, visto que uma depende da outra. Todos os textos lidos me mostraram essa ligação tão tênue entre uma e outra, o que fica ainda mais claro quando conversamos ou paramos para refletir sobre algo referente a nossa prática. Estudar sobre a educação nas escolas sem estar inserido nela é algo que pode ocasionar informações errôneas e precipitadas acerca da realidade escolar. O PIBID veio ao encontro dessa necessidade, ao propiciar

a aproximação dos acadêmicos aos professores da rede pública e a realidade do trabalho na escola, auxiliando a ambos, aos graduandos que se preparam para exercer as funções da docência e aos professores que muitas vezes sentem-se desamparados ou desmotivados no decorrer de suas atividades diárias.

Para finalizar, gostaria de dizer que este projeto contribuiu muito para minha formação profissional. A possibilidade de vivenciar práticas escolares confrontando-as com problemas reais me ajudou muito, pois aprendi a buscar estratégias e soluções para tais problemas. Participar do PIBID foi muito bom, afinal amo estar em sala de aula, trabalhando com a educação que é a minha paixão, e acredito que todos os envolvidos neste projeto alcançaram de certa forma os objetivos que tinham inicialmente e saíram beneficiados.

7. PROCESSOS DE UMA DOCÊNCIA: ENCONTROS E DESENCONTROS

Graciele Silva do Amaral[25]

Neste documento tenho o intuito de trazer em relatos as percepções e as obtenções provenientes do processo de aprendizagem que constitui um professor, o qual obtive junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, mais especificamente junto ao grupo PIBID referente à Pedagogia. Buscarei relatar um pouco das dificuldades, angústias e necessidades enfrentadas, bem como os conhecimentos, aprendizagens e as conquistas alcançadas, mas antes de realizar tais relatos vou descrever um pouco dos processos anteriores que tive ao "momento bolsista-PIBID", por exemplo, o meu processo de escolarização. Assim organizei o texto em um relato que perpassa os seguintes momentos: escolarização; opção-profissional; acadêmica - pedagógica; escolha-opção pelo PIBID.

Cursei o Ensino Fundamental e Médio numa mesma escola. Hoje analisando meu processo escolar com um olhar mais "clínico" de acadêmica da Pedagogia e de futura professora-educadora, assim sendo, com uma percepção mais apurada em relação a como se deve dar o processo de aprendizagem escolar, posso afirmar que nesse período de escolarização muito pouco de conhecimento adquiri e que as aprendizagens ocorreram através de "decorebas" em aulas com metodologias "doentiamente repetitivas".

A "vida" que tive como aluna do Ensino Fundamental nunca mudava, via-me ano após ano dentro de uma sala de aula totalmente tradicional e monótona, sem atrativo nenhum. Logo, no Ensino Médio, infelizmente as coisas não mudaram muito. As aulas continuaram monótonas e a modalidade de ensino mais usada sem dúvida era a da "decoreba". Decorar para não reprovar nas avaliações classificatórias continuava sendo o meu maior obstáculo.

[25] Bolsista do PIBID – Aluna do 9º Semestre do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas.

Apesar das experiências acima referidas não terem sido boas durante o meu processo de escolarização, as mesmas não foram de um todo ruins, pois serviram de argumentos na minha escolha em cursar Pedagogia. Meu maior argumento era fazer a diferença no ensino e na aprendizagem das crianças de escola pública e deixar marcas positivas nos seus processos de escolarização.

Chegar à universidade não foi fácil. Tive que vencer várias barreiras que, no entanto, pareciam negar a mim uma carreira/profissão de ensino profissionalizante. O meu maior obstáculo se encontrava na questão financeira dos meus pais, os mesmos já estavam arcando com as despesas dos estudos da minha irmã e dinheiro para as duas era quase que impossível, mas para quem tinha um sonho a alcançar o impossível tornou-se possível. Não era só eu que sonhava, meus pais sonhavam o mesmo sonho, não só para mim, mas para todos os filhos: vê-los formados numa faculdade. Assim, não medimos esforços para alcançar o almejado: a minha entrada no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas. Se hoje me perguntarem qual o meu maior orgulho, respondo "Meus Pais, Deus e Eu", pois sem esse conjunto de afeto e sintonia não estaria hoje caminhando em direção ao que defino ser meu quarto orgulho, "ser Professora".

Já ao final do curso de Pedagogia vejo que realmente adquiri conhecimentos para tornar-me uma professora diferenciada das tradicionais, pois passei e ainda estou passando por profissionais muito bem qualificados que oferecem processos realmente capazes de constituir excelentes professoras-educadoras. Durante o curso só um pequeno detalhe deixou a desejar, a prática da prática docente. Considero importante poder relacionar a teoria com a prática, pois acredito que é durante o desenvolvimento dos conhecimentos adquiridos que a teoria torna-se significativa.

Ao sentir que a prática da profissão docente estava sendo muito pouco vivenciada na universidade, percebi no PIBID a oportunidade de vivenciar a teoria com a prática. Quando fiquei sabendo que abririam inscrições para bolsistas do PIBID e que esse programa desenvolveria trabalhos em parceria com escolas, não pensei duas vezes e resolvi realizar minha inscrição. Passei por três etapas de seleção, a escrita da carta de motivação, a média das notas do

histórico e a entrevista. Infelizmente não fui chamada na primeira listagem de selecionados, fiquei na expectativa da suplência, aguardando a ser chamada. Ao assumir o lugar de um colega, senti uma alegria enorme, pois durante a minha espera a vontade de participar do grupo crescia cada vez mais por conta dos bons relatos de colegas que já vivenciavam boas experiências junto ao PIBID.

Meu primeiro encontro com o grupo realizei junto à viagem ao II Encontro Interinstitucional do PIBID e III Encontro Institucional PIBID – UFRGS, em Porto Alegre. O encontro contou com a programação de mesas redondas, sala de debate e rodas de conversa, nas quais bolsistas do programa apresentaram trabalhados já realizados junto às escolas públicas e relatos das demais experiências vivenciadas. Inexperiente com a proposta de trabalho do programa, minha participação foi na qualidade de ouvinte, não tive a oportunidade de trocar experiências de trabalhos/atividades como os demais bolsistas tiveram, mas ter participado do encontro foi relevante para a compreensão da proposta de trabalho desenvolvida pelo programa.

O PIBID foi uma das minhas maiores conquistas alcançadas dentro da universidade, junto dele reforcei meus conceitos em relação à educação. Reforcei e vivenciei as ideias em relação à educação ser um processo contínuo que envolve o desenvolvimento integral de todas as faculdades humanas, assim sendo, não poderá se distanciar da realidade da sala de aula. O conjunto de normas pedagógicas deve ser pensado e aplicado ao desenvolvimento geral do corpo e do espírito. Não basta apenas ensinar, mas sim verdadeiramente estimular a vontade de aprender. Destaco que é necessário despertar nos alunos o interesse, a curiosidade e o desejo de aprender.

Marcas positivas de uma parceria perfeita

Não poderia deixar de comentar sobre as aprendizagens derivadas da parceria do PIBID com a Escola Municipal de Ensino Fundamental Ministro Fernando Osório, bem como as conquistas e angústias que suscitaram durante o período de trabalhos realizados.

Acredito que a parceria do PIBID com a escola veio complementar um vazio que sentia em relação a colocar em prática as aprendizagens e conhecimentos adquiridos na faculdade. A partir

do momento que começamos a ir para a escola, todas as aprendizagens teóricas começaram a fazer sentido.

Durante esse período foram muitos os trabalhos/projetos realizados que me possibilitaram várias observações tive a oportunidade de conhecer a realidade de um ambiente alfabetizador e de presenciar e movimentar trabalhos diferenciados dos tradicionais para o processo de ensino aprendizagem dos alunos. Destaco os projetos pedagógicos de sala de aula e os demais projetos alfabetizadores que surtiram efeitos positivos: o projeto "O carteiro chegou" e o "Aprendendo com as letras" (sala de aula); a Hora do Conto, o Recreio Orientado, a Brinquedoteca, como ambiente alfabetizador; o estudo do livro Escrever e Ler; e as reuniões semanais de planejamento com a supervisora, a coordenadora, as pibidianas e as professoras titulares das turmas envolvidas no programa.

Acredito que foram várias as aprendizagens derivadas desse trabalho de parceria com a escola. Tive com grande satisfação a oportunidade de relacionar a teoria com a prática de sala de aula, ação essa que muito tem a acrescentar no processo que constitui um professor, mas que infelizmente os quatro anos e meio de faculdade muito deixam a desejar, pois pouco oferecem sobre essa ação presencial.

Pude sentir durante os trabalhos realizados que a ausência de contato com a realidade escolar com certeza muito poderia implicar negativamente durante o estágio final de conclusão de curso. Ouvir falar sobre a realidade escolar é bem diferente de constatar tal realidade. O contato com a realidade escolar possibilita aprender a lidar com situações inesperadas do cotidiano da instituição de ensino, bem como com as angústias e inquietações que estas suscitam em relação ao fazer a diferença frente à realidade encontrada.

Aprendi durante esse período que uma das ações do professor é observar sua turma/aluno e auxiliar o seu processo de aprendizagem, tornando as aulas mais motivadas e dinâmicas, não rotulando o aluno, mas dando-lhe a oportunidade de descobrir suas potencialidades, oferecendo ferramentas para que essas potencialidades desenvolvam-se.

Aprendi também que planejar requer replanejar aulas de acordo com o andamento (realidade) da turma, levando em conta

seus aspectos cognitivos em relação às vantagens e desvantagens na construção de conhecimentos e de aprendizagens coletivas e pessoais. Uma prática pedagógica que possibilita considerar os aspectos acima mencionados no processo de ensino e aprendizagem do aluno é a "avaliação diagnóstica processual", a qual vivenciei num dos trabalhos realizados pelo PIBID Pedagogia em parceria com a escola já acima mencionada. Tal ação facilitou a elaboração dos projetos alfabetizadores ("O carteiro chegou" e o "Aprendendo com as letras"), elaborados para a turma do 1° ano, pela qual eu e minha dupla junto à professora titular da mesma ficamos responsáveis.

Realizamos no 1º semestre na turma do 1º ano do turno da manhã o projeto "Aprendendo com as letras". Esse projeto foi idealizado devido ao fato de ter sido realizada a avaliação diagnóstica, na qual foi constatada a necessidade de reforçar a aproximação dos alunos com a cultura letrada, pois muitos deles ainda não diferenciavam letra, número e símbolos e também não identificavam a escrita do alfabeto. Assim buscou-se proporcionar experiências e atividades, nas quais os alunos conseguissem reconhecer e escrever todo o alfabeto, e que os mesmos pudessem ter contato com diferentes portadores de textos e, principalmente, com a escrita e o reconhecimento de seus nomes completos. Acredito que com esse projeto conseguimos atingir o esperado, pois a maioria dos alunos conseguiram, ao final do projeto, alcançar nossos objetivos acima relatados. Minha maior angústia foi com os alunos especiais, pois não estavam progredindo na aprendizagem. Surgiram-me dúvidas em relação ao planejamento de atividades para esses alunos, visto que não sabia se deveríamos realizar um planejamento diferenciado.

No 2º semestre foram realizadas na turma diferentes sequências didáticas a partir do projeto "O Carteiro Chegou", o qual tinha como proposta trabalhar diferentes gêneros textuais de forma interdisciplinar. De acordo com essa proposta, optou-se por levar em consideração aspectos que fazem parte da cultura letrada dos alunos. Acredito que conseguimos com as atividades desse projeto oferecer aos alunos uma aprendizagem prazerosa de acordo com suas limitações e potencialidades.

Também quero comentar que a boa parceria com a professora titular da turma foi de fundamental importância na realização

dos projetos, visto que ela mantinha mais contato com os alunos e logo nos informava sobre os avanços e regressos dos mesmos, o que facilitou o replanejamento de atividades até então previstas. Através do trabalho compartilhado com a professora titular, foi possível adquirir novas experiências que contribuirão para a minha futura atuação como docente nas classes de alfabetização.

O "recreio orientado" foi um dos projetos alfabetizadores que teve maior retorno das crianças em termos de agradecimento às responsáveis pela realização. Foram vários os alunos que elogiaram e demonstraram o gosto pelo "Recreio Orientado", os quais comentaram que, quando não acontecia, eles ficavam "largados", correndo pra lá e pra cá sem ter o que fazer, logo, quando ocorria eles se sentiam felizes em participar de várias brincadeiras consideradas por eles "legais". Sendo assim, fico feliz em saber que conseguimos alcançar a meta esperada na elaboração do projeto "recreio orientado", o qual tinha como um dos objetivos explorar o ambiente do pátio da escola no horário do recreio, com brincadeiras dirigidas.

Enfim, a oportunidade que tive de experienciar a teoria com a prática em uma classe alfabetizadora sem dúvida enriqueceu minha "bagagem" de futura professora. Ter acompanhado e participado do desenvolvimento dos alunos no processo de aprendizagem da leitura e da escrita foi uma experiência inesquecível/excepcional, principalmente para mim que estive responsável pela turma do 1° ano do Ensino Fundamental, na qual havia alunos em diferentes níveis de alfabetização (leitura e escrita). Além disso, tive a oportunidade de acompanhar o avanço dos alunos aos demais níveis de alfabetização da leitura e da escrita e de, principalmente, mediar esse avanço, de forma que os alunos durante sua aprendizagem fossem formando conhecimentos do sistema de escrita. Foi durante esse papel de educadora mediadora que tive a possibilidade de colocar em prática conhecimentos provenientes dos meus estudos realizados na universidade, e a partir disso proporcionar uma renovação das práticas pedagógicas com as quais as professoras trabalham na escola.

Sem dúvida aprendi muitas coisas que levarei para toda vida, foi uma experiência muito significativa, sentirei muita saudade dos

trabalhos desenvolvidos nesta bolsa. Certamente foi incrível tudo o que vivi e aprendi.

Hoje com todas as experiências vivenciadas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência do PIBID Pedagogia da UFPel, posso afirmar que, na qualidade de futura professora, considero-me agente privilegiada para atuar a favor de uma educação pública de qualidade para todos os indivíduos. Acredito também que posso e devo atribuir na minha carreira docente a responsabilidade de assegurar a cada cidadão o direito de receber ensino e educação de qualidade social, igualitária e justa.

8. MINHA TRAJETÓRIA NO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

JÉSSICA ALINE LEAL DA ROSA[26]

Meu ingresso no PIBID deu-se no início do ano de 2010. Ao ouvir a professora Gilceane Caetano Porto[27] falar sobre o que era este programa, logo me animei, pois sabia que apenas assistir as aulas na faculdade não seria o suficiente para uma boa formação, era necessário algo a mais e a proposta de trabalho do PIBID pareceu-me perfeita para suprir grande parte de meus anseios.

O fato de ter o Curso Normal me encorajava em alguns momentos, porém em parte do tempo me deixava cheia de receios, pois parecia que isso depositava em mim uma responsabilidade extra. Porém, ao começar o trabalho no PIBID pude perceber que não havia diferenciação e que todas estavam ali para cumprir um principal objetivo, o de aprender.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência certamente representa para mim uma grande oportunidade de crescimento profissional. O contato direto com os problemas das escolas e com educação como um todo proporciona reflexões ricas sobre nossa prática de ensino e de aprendizagem e de como poderei fazer a diferença nas salas de aula que eu entrar.

É importante a confiança que foi concedida pelo PIBID em permitir que alunos do primeiro semestre ingressem em um projeto como este, o que serve de grande incentivo nos estudos dentro do curso de Pedagogia. É interessante o fato de começar um curso de formação tendo o contato com a prática desde o início, tendo mais oportunidades de refletir e debater os diferentes temas que me trazem à formação docente.

[26] Bolsista do PIBID – Aluna do 5º Semestre do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas.

[27] Professora Adjunta FaE/UFPel.

Inicialmente foi preciso um tempo para que o grupo conhecesse o projeto, para que ficasse claro o seu objetivo. Durante as reuniões, muitos esclarecimentos foram feitos e surgiu por parte das nossas coordenadoras a proposta de cada pibidiana construir o seu portfólio sobre as ações e reflexões que tivéssemos no programa. A ideia foi aceita como um desafio pelo grupo, e certamente foi um exercício muito rico, que me oportunizou o pensamento sobre a prática, que é de suma importância para formação docente.

A tarefa de produzir o portfólio inquietou-me muito. Uma novidade que por muitas vezes foi confusa, devido também aos ajustes nos combinados durante o ano para a produção mais adequada de tal instrumento de registro, porém foi um processo muito interessante.

Olhar o portfólio e poder fazer uma auto-avaliação sobre o que produzi e o que ainda posso melhorar me faz buscar ainda mais um aperfeiçoamento de minhas práticas e pensamentos. Possibilita-me observar pontos positivos e negativos desta caminhada.

Além disso, o portfólio me fez ter mais rigorosidade e pontualidade na leitura dos textos, além de fazer anotações sobre eles que podem ser posteriormente consultadas e comparadas com as minhas novas produções e descobertas sobre os assuntos já abordados. É muito bom ver nossas reflexões e perceber o quanto somos capazes de produzir em nossas atividades algo que ficará guardado.

Registrei no portfólio os diversos estudos que fizemos. Primeiramente um texto sobre o que era um portfólio, denominado "O portfólio no curso de Pedagogia: ampliando o diálogo entre professor e alunos.", de Benigna Maria Freitas Villas Boas. Logo vieram as leituras do projeto PIBID geral e o subprojeto Pedagogia, do qual fiz um resumo e escrevi minhas ideias e impressões sobre os documentos.

O estudo dos PCNs foi outra tarefa instigante proposta pelo PIBID Pedagogia. Em 2010 fiz a leitura, fichamentos e dividi com o grupo minhas ideias sobre os PCNs Introdutório, de Língua Portuguesa, Matemática e Ciências; e em 2011 os de História e Geografia, Arte, Educação Física, Temas Transversais e Ética, Meio Ambiente e Saúde e, por fim, Pluralidade Cultural.

Acredito que essas leituras estabeleceram em nossas reuniões grandes debates, provocaram dúvidas e inquietações necessá-

rias ao desenvolvimento de cada pibidiana como futura professora. Adiantar essas dúvidas, que só teríamos ao entrar em contato com as escolas após algum tempo no estágio, ou então até mesmo depois de professores formados dentro de uma sala de aula, nos faz mais preparados para compreender e lidar com esses problemas que aparecem no dia-a-dia da escola. A troca com as professoras orientadoras da escola que nos falam sobre o cotidiano escolar nos dá uma visão ainda mais ampla sobre nossa prática de ensino e de aprendizagem.

Sei que dentro do PIBID temos pouco tempo para aprofundar mais ainda essas reflexões e debates sobre este instrumento de orientação para os professores, os PCNs. Penso que teríamos muito mais a falar ou questionar, surgindo assim mais ideias que poderiam ser expostas e aperfeiçoadas. Porém, esse é um exercício que teremos que praticar por toda a nossa vida profissional, pois são ponderações sempre renovadas, seguindo a realidade que se instaura em cada tempo e lugar em que estivermos atuando.

Já que o foco do PIBID Pedagogia seria os anos iniciais, era necessário um estudo mais aprofundado dos documentos sobre o Ensino Fundamental de 9 anos, pois esse estava sendo implementado em Pelotas na época.

Ao ler o documento do MEC sobre esse assunto foi possível perceber que as mudanças propostas iam além do tempo de duração do Ensino Fundamental. Essa medida visa inserir todas as crianças de 6 anos de idade na cultura escrita o mais cedo possível, de forma a equiparar as oportunidades de educação entre pobres e ricos. Para isso é necessário uma reforma geral, com o bom uso desse tempo na escola.

O PIBID Pedagogia, antes de iniciar efetivamente as ações com os alunos, teve também um tempo de observação nas escolas, para que o grupo conhecesse um pouco de seu funcionamento e estrutura. Nessa época eu estava no grupo que iria trabalhar na Escola Municipal de Ensino Fundamental Ministro Fernando Osório.

As visitas foram muito importantes para compreendermos a realidade em que estávamos inseridos. As intervenções como no dia das crianças e nas últimas semanas, em que foi possível realizar os nossos planejamentos, foram momentos muito especiais pois

foi possível realizar atividades com os alunos, podendo conversar e conhecê-los melhor.

O diagnóstico das escolas me auxiliou muito na percepção das necessidades das crianças. Isso foi muito importante para o planejamento das atividades. Planejar sem conhecer as crianças se torna algo vazio, apenas reprodução de métodos prontos como se fossem receitas. As aulas devem ser realizadas de acordo com as características da turma, caso contrário podem não surtir efeito algum na aprendizagem dos mesmos.

Os contatos que tivemos com as escolas em 2010 nos apresentaram uma primeira visão do nosso campo de trabalho, se mostrando esse muito fértil para a renovação. Encontramos, nas escolas, crianças muito inteligentes e capazes. Certamente que tivemos muitas dificuldades, pois encontramos também muitos problemas, seja dentro da escola ou nas famílias desses alunos, mas com o auxílio de professores e coordenadores foi possível realizar um bom trabalho durante toda atuação do nosso grupo.

Outra ação marcante nesse ano foi a comemoração do dia das crianças, que foi realizada nas duas escolas, uma em cada dia. Para isso o grupo de pibidianas foi dividido em duplas e trios, os quais deveriam elaborar uma oficina. Meu grupo escolheu brincadeiras com músicas, pensando que essas auxiliam as crianças em seu desenvolvimento, oportunizando momentos que contribuem para a noção espacial, temporal e rítmica, bem como a expressão corporal e sensibilidade musical, além de provocar a apreciação da cultura e arte, com prazer.

Todas as turmas de ambas as escolas passaram por todas as oficinas oferecidas. Era muito gratificante ver os rostos sorridentes das crianças e o carinho com que nos tratavam. Desta comemoração eu elaborei um vídeo, que foi utilizado pela professora Patrícia, coordenadora da Escola Getúlio Vargas, para o concurso "Aqui se Brinca", lançado pela OMO, em que a escola ficou entre as finalistas.

Nas últimas semanas do ano letivo de 2010, tivemos nossa primeira oportunidade de aplicar um planejamento com as crianças. Por termos em nossa turma um cadeirante e um autista, pensamos em um projeto sobre as diferenças, com histórias e atividades que levassem a turma a pensar sobre as condições de cada criança e de respeitá-las como são.

Outro fator importante dentro do PIBID é o aprendizado que temos em trabalhar em grupo, o saber cooperar principalmente dentro da nossa profissão e o respeito entre colegas, professoras e coordenadores, o que é imprescindível para um bom trabalho.

Acredito que um dos pontos positivos é o diálogo e a flexibilidade que as coordenadoras e professoras do programa estabelecem com os pibidianos.

Durante o ano de 2010 tive reuniões do grupo semanalmente na faculdade, onde organizávamos melhor os trabalhos realizados, estudávamos e debatíamos sobre os textos que nos foram propostos pelas coordenadoras.

Muitas dúvidas surgiram, algumas ficaram, outras foram substituídas por novas compreensões, mas o importante é que muitas delas fizeram-me refletir e melhorar minha atuação na profissão. Ao participar das discussões, fiquei com mais sede de saber e mais vontade de fazer coisas diferentes dentro das escolas.

As reuniões gerais também são importantes no sentido da troca de ideias. E também um momento importante para perder o medo de falar em público, pois nelas tive oportunidade de apresentar parte do nosso projeto para o PIBID de outros cursos.

Ao final do primeiro ano, minhas expectativas para 2011 no PIBID eram muitas. Encontrava-me pensando nas grandes responsabilidades que teríamos, pois era hora de mostrar o que foi aprendido durante o tempo de estudo e contato com as escolas, através de uma intervenção mais sistematizada com as crianças, um planejamento mais contínuo, buscando fazer diferença na comunidade escolar.

No início do ano de 2011, logo na primeira reunião do grupo, as professoras coordenadoras do PIBID Pedagogia trouxeram uma surpresa para as pibidianas: um caderno para cada uma, que foi decorado por nós de acordo com a nossa personalidade. As professoras explicaram que esse caderno deveria ser nosso companheiro no andamento dos trabalhos.

E então recebemos três folhas, as duas primeiras falavam sobre o significado daquele caderno "nosso diário de campo", uma com textos e a outra com a música "O caderno", de Toquinho, que foi tocada durante a confecção das capas dos cadernos. Na terceira folha constavam as expectativas do trabalho para o 1° semestre,

tendo como principais tarefas o término da leitura e registros sobre os PCNs e os planejamentos e intervenções nas escolas.

Neste semestre cada pibidiana foi duas vezes por semana na escola, inicialmente para fazer a avaliação diagnóstica com as crianças, posteriormente para aplicar atividades, tendo em um dos dias nossas reuniões de planejamento, após o recreio, de forma compartilhada com as professoras titulares.

No dia 25 de março iniciamos as testagens com as crianças, contendo 7 atividades, sendo elas de escrita, reconhecimento de letras, associação de letras iniciais, unidades linguísticas, interpretação de texto com imagens e relação entre a imagem e o escrito.

Ao realizar a tarefa da escrita de quatro palavras e uma frase, na turma de 1° ano do turno da manhã na Escola Núcleo Habitacional Getúlio Vargas, da qual fiquei responsável, foi possível identificar que a maioria (11 crianças) estavam no nível 2- PS2, 9 crianças no nível 1- PS1 e 2 crianças no nível 3- silábico, uma criança se negou a fazer todos os testes.

Essa, entre outras atividades das testagens, mostrava que ainda necessitava percorrer um longo percurso na aquisição da língua escrita nesta turma, muitos conceitos ainda precisavam ser construídos, até mesmo sobre as noções mais básicas como o que é número e o que é letra, o que é palavra, o que é frase, e assim por diante.

No início do ano, ao visitar a turma com a então professora titular deles, Raquel, encontrei uma turma calma, concentrada e dedicada, algumas vezes eram bem levados, mas normal como toda criança. Ela fazia atividades lúdicas e, apesar de ser sua primeira vez lecionando para o 1° ano, estava sempre buscando formas de introduzir a cultura escrita e os primeiros passos nessa aprendizagem para os pequenos, sempre com muito carinho.

A entrada do PIBID na turma a deixou muito alegre, pois, segundo o que ela dizia, era uma oportunidade de aprender mais, já que mesmo tendo feito magistério sentia falta de alguns conhecimentos pedagógicos, uma vez que sua graduação é em Artes.

Nessa época o grupo PIBID Pedagogia optou por fazer um planejamento, para ser desenvolvido no resto do semestre, trabalhando a alfabetização partindo dos nomes próprios das crianças, com a frequência de dois dias por semana. Nas reuniões do grupo

podíamos discutir e trocar ideias, além de continuar com estudos pertinentes às práticas.

Infelizmente a Professora Raquel teve problemas pessoais, e desde então o meu trabalho também foi prejudicado. Não tive como fazer os meus planejamentos de forma compartilhada, e os que fiz tive dificuldade em executar, pois muitas vezes chegávamos na escola e as crianças tinham sido mandadas embora por falta de professor ou eram dispensadas às 10h.

Um dos principais diferenciais do grupo, que é a docência compartilhada, estava sendo prejudicada, pois a turma não tinha mais professora fixa. Por isso, as monitoras, a Juliana e eu nos sentíamos muito frustradas, pois não conseguíamos desenvolver nosso planejamento.

Tínhamos que telefonar antes de sair para saber se poderíamos ir, o que foi um tanto frustrante para mim e para as monitoras que me acompanhavam.

Quando consegui finalmente aplicar as atividades, tive a ajuda da Juliana, que entrou no PIBID no final do semestre. Esse foi um ponto muito positivo para mim, ter uma pessoa para compartilhar todas as expectativas, problemas e sucessos no trabalho foi uma ótima experiência.

Percebemos nas aulas que aplicamos com a turma que as crianças haviam mudado muito desde as observações feitas anteriormente, acreditamos que a falta de uma professora que faça combinações e tenha uma identificação com aquelas crianças foi algo extremamente prejudicial para o andamento da turma, sendo que acabaram perdendo o interesse de estudar. Entristece-me ver o descaso da escola com aquelas crianças, pois ficaram muito tempo sem aula, ou tiveram aulas que não acrescentaram nada para o crescimento da turma, na ausência da professora titular.

Acredito que se isso acontecesse em uma escola particular, as crianças não ficariam nem um dia sem aula. Mas por quê? Por que seus pais estão pagando? Os pais das crianças das escolas públicas também estão pagando, e merecem um ensino de qualidade. Apesar de que, muitas vezes, neste semestre minhas expectativas tenham sido frustradas, sentia que faltava organização de políticas que conseguissem antever as problemáticas de falta de professor,

penso que é pertinente apontar a necessidade de um banco de professores substitutos que tenham conhecimento sobre o andamento das turmas, porque o professor, principalmente professora mãe de família, tem muitos problemas. É necessário considerar este fato no planejamento do quadro de pessoal, isso precisa ser entendido pelas mantenedoras.

O trabalho que foi feito com essas crianças tem sido algo muito importante na construção da minha identidade como professora o que me move para buscar uma educação melhor, da qual todos os brasileiros têm direito.

É assim, estando dentro das escolas, que temos a oportunidade de ver a realidade e as grandes falhas no sistema educacional de nosso país, que acontecem em todos os seus setores. É necessário que os agentes da educação tenham consciência de que eles têm um papel muito importante e que deve ser cumprido. Todos devem fazer a sua parte, caso contrário viveremos sempre em meio à precariedade.

Por fim, passei o recesso de julho com a incerteza sobre minha permanência naquela turma. Porém continuar com eles era o que eu mais queria, pois além de ter feito todas as testagens com eles, já havia se estabelecido uma relação de afeto, de afetividade entre as pibidianas e as crianças. Ao voltar do recesso, decidimos em reunião que eu iria continuar na turma, para minha alegria. A professora Raquel estava voltando, e eu ainda ia ganhar uma colega para atuar comigo na turma, não estava mais sozinha.

O grupo foi dividido em subgrupos, e cada um ficou responsável por fazer o planejamento de uma dos contos clássicos que continham no livro "O carteiro chegou" de Janet e Allan Ahlbert, para depois trocarmos.

Juliana, Letícia e eu ficamos responsáveis pelo planejamento do conto "Os três porquinhos". Esse foi feito com o auxílio das professoras titulares das turmas, que estavam sempre abertas às ideias que tínhamos, e acrescentavam muitas novidades que não havíamos pensado.

O planejamento compartilhado foi um ponto muito importante para o bom andamento do projeto, pois tentávamos sempre ir ao encontro do que a professora estava trabalhando. Dessa ma-

neira, nossas intervenções não se tornaram algo desconectado das demais aulas.

No início do segundo semestre, começamos a por em prática o projeto, sendo que a Letícia ficou com o 2° ano, e Juliana e eu com o 1° ano. Porém, sempre que possível fazíamos atividades juntas, como a hora do conto e o recreio orientado.

Depois de terminarmos as atividades relativas ao conto "Os três porquinhos", desenvolvemos mais dois contos com a turma: João e Maria e Chapeuzinho Vermelho, além de reservar um tempo para a data comemorativa do Natal.

As turmas tinham ainda, uma vez por semana, a Hora do Conto, que não dependia do projeto, ou seja, poderia ser qualquer livro infantil e acontecia geralmente na biblioteca. Além disso, o recreio orientado era realizado todos os dias que nós estávamos na escola.

Paralelo a essas atividades na escola tivemos o Projeto de Ensino e a Amostra de Vídeos realizados na Faculdade de Educação, uma vez por semana cada um. Esses tornaram visível para a comunidade o trabalho que a Pedagogia desenvolveu dentro do PIBID, nele também houve debates sobre assuntos pedagógicos, apresentei meus projetos e os resultados dos diagnósticos das escolas e dos alunos, bem como textos que foram estudados no grupo.

Logo, concluo dizendo que no PIBID tive diversas experiências, que serão de grande valia em minha formação, tanto no aprendizado da postura como professora, como no aprofundamento dos conhecimentos que me são necessários para uma boa prática educacional, podendo dividir isso com colegas da faculdade e na troca com os professores da rede.

9. MINHA TRAJETÓRIA

JOSIANE ZARNOTT CRIZEL[28]

Ingressei no Ensino Fundamental aos sete anos de idade, na Escola Estadual De Ensino Fundamental Visconde de Souza Soares. Relembrando minha trajetória nessa escola, percebi o quanto minha primeira professora foi importante para mim nessa etapa de minha vida. Esta professora chamava-se Alba Marina, fui sua aluna na primeira e segunda série, depois ela tornou-se diretora da escola, permanecendo durante muitos anos na direção, deixando a escola logo após sua aposentadoria.

Durante minha trajetória, pude contar com ela em várias situações, uma pessoa que foi com certeza importante não só na minha vida como na vida de muitos alunos que passaram por essa escola, sem falar em seu desempenho para que a escola fosse exemplar, ambiente no qual os pais pudessem ter confiança em deixar seus filhos e saber o quanto ela trabalhava para que os alunos tivessem um ótimo desempenho escolar.

Relembrando minha trajetória escolar, percebo hoje o quanto foi difícil fazer a escolha do curso de Pedagogia. Não havia pensado em ser professora, pois achava essa profissão muito desvalorizada e cansativa.

Ao refletir sobre minha estória percebo que fui uma aluna sempre muito quieta, tive alguns problemas na escola, por ser pouco comunicativa, mas nada me impediu de seguir em frente, as pessoas acabavam entendendo meu jeito de ser. Hoje ainda sou quieta, pouco comunicativa, o que, aliás, me prejudica em algumas situações, mas sempre procuro tirar algo de bom e construtivo das situações que acontecem ao longo de minha trajetória.

Como já mencionei anteriormente, a referida professora foi quem em muitas situações incentivou-me, ajudou-me a superar de-

[28] Bolsista do PIBID – Aluna do 6º Semestre do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas.

safios ao longo do caminho. Tive a felicidade de terminar o Ensino Fundamental enquanto ela era diretora da escola. No dia da minha comemoração de formatura dessa etapa foi ela quem me abraçou com todo seu carinho e, neste momento, percebi o quanto valeu a pena toda a dedicação que tive na escola, superando desafios, errando e aprendendo, mas sabendo avaliar estes erros. Hoje sei a importância dessa época, pois não tinha a menor ideia de que um dia me tornaria professora, tenho certeza de que todas essas situações, toda esta caminhada, as pessoas que passaram em minha vida, me influenciariam e contribuíra para que eu fizesse minha escolha.

Percebo o quanto a escola em que atuo no PIBID é importante para mim, pois minha filha estuda nessa instituição e, além disso, encontro professoras dando aula, como minha professora de Língua Portuguesa que ainda permanece lecionando. Quando entro na escola e revejo algumas pessoas percebo que o tempo passou, mas os sentimentos de alegria e prazer por estar ali, de poder ainda fazer parte dela, ficaram.

Terminando o Ensino Fundamental, tive que escolher o que fazer no Ensino Médio, sendo que nesta época era chamado segundo grau. Procurei várias escolas e fiz minha inscrição na Escola Estadual de Ensino Médio Prof.ª Sylvia Mello em Contabilidade e na Escola Estadual de Ensino Médio João XXIII em Administração. Não tinha ideia do que queria cursar, não havia me preparado, estava confusa, então como teria que estudar resolvi cursar Contabilidade na última escola citada. Minha mãe tinha formação em contabilidade e sempre trabalhou em escritórios. Sabia que não era uma decisão sensata e que poderia me arrepender mais tarde, então comecei o curso de contabilidade e, logo no primeiro semestre, o governo fez uma reforma no ensino e o que eu estudava passou a ser Ensino Médio, excluindo o curso de Contabilidade. Assim, quem queria cursar o Técnico em Contabilidade teria que fazer primeiro o Ensino Médio.

Confesso que fiquei mais aliviada, pois teria tempo para pensar em um curso superior do qual eu tivesse a certeza de minha escolha. Posso dizer que cursei o Ensino Médio sem grandes desafios, nessa época, ainda não havia despertado meu interesse na Licenciatura, pois não tive muito contato com os professores, e estava indecisa quanto ao que cursar.

Passei os dois primeiros anos escolhendo, pensando no que seria melhor para mim, qual profissão seguir, pois não poderia me arrepender, teria que escolher uma profissão da qual me identificasse, que me trouxesse alegria, prazer em trabalhar. Mas tudo acabou mudando muito rapidamente, acabei engravidando no final do segundo ano do Ensino Médio. A gravidez em nenhum momento fez com que eu parassse de estudar, continuei até concluir. Portanto, acabei não fazendo o vestibular, optei por cuidar de minha filha, tenho certeza que fiz naquele momento fiz a escolha certa. Ter um filho não poderia ser uma desculpa para não continuar, mas acredito que deixei a escola e o estudo de lado por medo ou talvez indecisão.

Anos mais tarde quando minha filha tinha dois anos, resolvi fazer cursinho pré-vestibular e escolhi o curso de História, mas acabei não passando no vestibular, o que me deixou muito frustrada. Pensei a pensar que a faculdade não era para mim, que eu a havia deixado há muito tempo e que agora não havia mais tempo para estudar. Mal sabia que a vida me "pregaria uma peça", pois minha filha ingressou na Educação Infantil aos quatro anos de idade, e nessa época comecei a me envolver com a escola, com as professores, com as atividades e passeios que eles realizavam. Assim, começou meu interesse na Educação Infantil. Ao estar na escola, percebi que gostaria muito de fazer um curso de licenciatura. Mas fui deixando sempre para depois. O tempo foi passando e quando minha filha ingressou no Ensino Fundamental, na mesma escola onde estudei, acabei sentindo-me cada vez mais envolvida com a docência. Estar com ela na escola me fez perceber o quanto ela representava para mim e o quanto foi decisivo para meu ingresso no Curso de Pedagogia, Com certeza tudo que vivi na escola quando era aluna e, depois de voltar como mãe de uma aluna, foi fundamental em minha decisão.

Em 2009 comecei o curso pré-vestibular, resolvi fazer o vestibular de inverno, pois seria o último vestibular normal, sendo que logo o ingresso na faculdade seria pelo Exame Nacional de Ensino Médio - ENEM. Não me sentia preparada para realizar as provas, mas para minha surpresa fui aprovada.

Comemorei ao lado de meus amigos e familiares que não acreditavam na minha escolha, de ser professora, todos ficaram admirados. Eu estava muito feliz, pois poderia fazer o que realmente gostava: estar em uma sala de aula com as crianças.

Comecei as aulas na faculdade no mês de setembro de 2009, estava muito entusiasmada, conheci colegas e professores maravilhosos.

Sempre pensei que no curso de Pedagogia tivesse mais práticas em sala de aula, e me deparei com muita teoria, no começo estranhei um pouco, mas percebi o quanto essa teoria, da qual estava reclamando, era fundamental na minha formação.

Estar em sala de aula é uma oportunidade de por em prática todo estudo realizado ao longo do curso, muitos colegas não tiveram ainda esta oportunidade, pois trabalham durante o dia e estudam à noite. Penso que todos deveriam estar em sala de aula muito antes do estágio final, aprendendo com os professores, funcionários e, principalmente, com os alunos.

Quando comecei o curso trabalhava também o dia inteiro em um escritório e estudava à noite, confesso que estava cansada dessa correria, principalmente porque não gostava de trabalhar em escritório, pois não tinha nada a ver com o meu curso e não era exatamente o que queria para meu futuro. Queria muito estar em uma escola, foi então que pedi demissão do meu trabalho para poder me dedicar integralmente a estudar, participando de alguns projetos que a faculdade disponibilizava para os alunos.

Então, tive a oportunidade de conhecer o trabalho do PIBID através de colegas que já faziam parte do projeto, sendo assim, resolvi me candidatar à monitora na Escola Municipal de Ensino Fundamental Getúlio Vargas. Participar desse projeto era tudo que almejava, estar em sala de aula, conhecer as práticas das professoras, conhecer o projeto das pibidianas, enfim, realmente estar envolvida com a escola. Ficava com os alunos nas segundas-feiras após o recreio e percebia como era ser professora. Tinha a responsabilidade de aplicar os conteúdos que me eram deixados pela professora titular e a pibidiana responsável.

Quando surgiu a possibilidade de ingressar no PIBID, fiz minha inscrição e fui selecionada, o que, para mim, foi uma grande vitória. Fiquei muito feliz em ter participado de um projeto que me deu a possibilidade de estar em sala de aula, em contato com as professoras titulares, com os alunos, em realizar planos de aula, projetos e poder aprofundar estudos. Ter feito parte do PIBID para

mim foi fundamental, me deu a possibilidade de por em prática tudo aquilo que estudei. Hoje não posso pensar em uma formação sem ter estado ativamente na escola. A convivência, a parceria estabelecida com professoras, coordenadoras e supervisoras foi muito importante possibilitando a troca de informações e de experiências vividas por todas nós. Tive a oportunidade de conhecer cada aluno, fiz parte da vida deles, realizamos um ótimo trabalho, pois os educandos tiveram um ótimo desempenho escolar, e conseguimos ajudar a escola a melhorar em todos os fatores.

Realizamos também o recreio orientado, o qual percebo o quanto foi importante para os alunos. Tentamos resgatar algumas brincadeiras como cantigas de rodas que os alunos adoravam, eles também traziam outras cantigas as quais desconhecíamos. A interação vivenciada no recreio proporcionava a troca de experiências com os alunos, nos permitindo conhecê-los um pouquinho mais. As brincadeiras realizadas eram fundamentais para as crianças, pois nessa hora podiam brincar e interagir com outros colegas de salas de aula diferentes.

Não posso deixar também de citar a importância da hora do conto, as crianças adoravam, esperavam ansiosos por esse momento. A leitura é fundamental para os alunos, as histórias e os livros eram gratificantes para eles, muitos que ali estudavam não tinham nenhum contato com livros. A leitura estimula que a criança se torne mais crítica e, consequentemente, melhore a escrita, portanto devemos incentivar o gosto pela leitura. Foi gratificante perceber o quanto colaboramos com a escola, seja em termos de melhorias na aprovação, seja fazendo diferença no cotidiano das crianças em sala de aula. Perceber como avançaram, reconhecer suas conquistas e verificar as mudanças na escola foi muito estimulante.

Todas as atividades realizadas na escola só me deram a certeza da minha escolha de ser professora, foi muito importante ter tido essa oportunidade de estar na escola, de ter feito parte de um projeto tão importante para minha formação e, principalmente, para a vida escolar de muitas crianças. Fomos muito bem recebidas pela escola e com isso ficamos muito à vontade em propor atividades e por em prática nosso projeto. As professoras também estavam muito integradas nesse trabalho, com

isso, trocamos muitas experiências, ideias e conversamos sobre cada aluno.

Concluo dizendo que esta troca de experiências, realizada entre os diferente sujeitos participantes do PIBID, enriqueceu muito nosso trabalho e, com certeza, nossa formação. Tenho certeza de que meu crescimento pessoal e profissional, reafirma meu desejo de ser professora.

O PIBID tornou-se fundamental na nossa formação, seria o ideal todos poderem participar de um projeto tão importante, pois tivemos a possibilidade não apenas de estar em sala de aula, mas de ter tido um estudo continuado para que tenhamos sucesso em nossa prática em sala de aula.

10. QUANDO AS HISTÓRIAS NARRAM UM OBJETIVO

Julia Graciela da Silva Luna[29]

Minha trajetória estudantil da infância à adolescência

Sou a segunda filha de um total de três irmãs de um segundo casamento entre meus pais. Ambos já haviam sido casados e tinham outros filhos em seus casamentos anteriores. Filha de um pai analfabeto, trabalhador rural, de aparência brava, que nunca soube demonstrar muito seus sentimentos, mas que sempre soube ser presente quando algo de ruim ou perigoso acontecia. Já minha mãe sempre foi aquela mãe "leoa" disposta a tudo para defender sua cria. Ela sempre foi minha melhor amiga, sabia de tudo que acontecia em minha vida, foi compreensiva e soube *puxar a orelha* quando precisou. Sua profissão era de cozinheira. Passou toda a sua vida trabalhando muito ao lado do meu pai para dar o melhor para mim e para minhas irmãs.

Os conselhos de meus pais sempre foram para mim algo em que eu acreditava muito. Desde pequena quis ser professora. Lembro-me de dar aulas para minhas bonecas e até para minhas irmãs, portanto, me apliquei muito na escola e estudei muito, porque sempre me preocupei em ser uma ótima aluna. Não gostava de faltar à aula, fazia o tema de casa e prestava muita atenção no que a professora falava, nessas horas eu pensava: "Um dia estarei lá na frente, dando aula como ela".

Cursei meu Ensino Fundamental todo em uma escola do interior onde morávamos. Já no Ensino Médio, tive que cursar na cidade mais próxima, mas desisti no meio do 3º ano, porque o choque cultural para uma menina de 14 anos, que viveu toda a infância no interior, foi muito grande e não consegui me adaptar em meio a tanta gente diferente de mim. Depois disso fiz uma prova para

[29] Bolsista do PIBID – Aluna do 9º Semestre do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas.

ingressar em uma escola de freiras, na qual tinha o magistério tão sonhado por mim a vida toda. Passei na prova e muito feliz comecei a cursar o 1º ano Normal, no entanto, quase no final do ano, novamente tive que desistir, mas dessa vez por causa de uma gravidez inesperada que, aos 16 anos, fez com que desistisse do meu sonho para cuidar do meu filho que ia chegar. Não podia transferir essa responsabilidade para minha mãe, porque ela precisava trabalhar, e eu não confiava em mais ninguém para cuidar do meu filho. Hoje eu entendo que foi melhor assim e sei que não desisti do meu sonho somente o adiei para no momento certo poder realizá-lo.

Uma nova etapa, uma nova vida

Depois de alguns anos, meu marido, meu filho e eu nos mudamos para Pelotas e com muita dificuldade conclui o Ensino Médio. Ainda me sentindo um tanto perdida não sabia o que fazer, que rumo seguir, imaginava que não estava preparada para fazer um vestibular. Foi então que fiz o magistério, séries iniciais na modalidade de aproveitamento de matérias, que era uma possibilidade para quem já possuía o Ensino Médio.

Quando estava no final do 1º ano do curso de Magistério, por influência de uma grande amiga, fiz o vestibular e para minha grande surpresa, passei. Vi-me um pouco assustada sem saber o que fazer direito. Pensava em como poderia fazer magistério pela manhã e faculdade à tarde. Mas nesses momentos de dúvidas a respeito do que fazer era quando eu sentia mais força e vontade de fazer tudo que a vida estava me proporcionando, por isso não pensei duas vezes e comecei a fazer o curso de Pedagogia e continuei o curso de Magistério, pois já tinha desistido outras vezes de estudar e por isso ter me marcado tanto não pensei em nenhum momento em sair do magistério e ficar somente na faculdade.

Formei-me no magistério, que para mim foi muito importante, porque com isso conclui um ciclo que estava por encerrar a muito tempo. Quando desisti pela primeira vez, sentia que devia isso a mim mesma e segui com a faculdade que, para mim, só acrescentava a cada dia novos saberes.

Minha entrada no PIBID

O tempo foi passando e quando estava entrando no 5º semestre do curso de Pedagogia passei na seleção para o PIBID, novamente mais uma vitória, desde então tenho tido muitas aprendizagens que para mim são muito significativas, posso ver claramente isso em vários aspectos inclusive no que se refere à disciplina que tenho hoje para organizar meus afazeres e para estudar. Tanto meus conhecimentos sobre vários conceitos se aprofundaram como também a minha escrita melhorou muito, mas é claro que sei que ainda preciso melhorar muito mais. O que mais tenho certeza depois que entrei no PIBID é que além de fazer tudo com muito carinho sei que só tenho a ganhar por fazer parte desse grupo.

Vários foram os momentos importantes nessa caminhada do PIBID, falar do tempo de bolsista não é simples, porque desde a entrevista para seleção tem várias coisas que marcaram minha vida e que com certeza vou levar para o resto de minha carreira profissional como aprendizagens. Tudo começou com a leitura do subprojeto do PIBID, quando estava lendo já imaginei várias coisas do qual estaria participando por intermédio dessa bolsa. Esse subprojeto falava um pouco sobre os seminários, oficinas e reuniões, no qual teríamos a oportunidade de dividir nossas experiências e nosso aprendizado com os colegas participantes, trocando informações e vivências. Este espaço de reflexão sobre a prática foi primordial para que nosso trabalho se tornasse cada vez mais qualificado.

Acredito que o PIBID através de sua proposta de iniciação à docência traz uma nova perspectiva de ensino e de aprendizagem tanto para os alunos das escolas, quanto para seus professores e também para nós professores em formação. Com certeza é a oportunidade que qualquer aluno de graduação gostaria de ter.

Logo nas primeiras reuniões foi dito a mim e as demais bolsistas que deveríamos escrever em um portfólio todas as nossas reflexões, todas as experiências que teríamos como bolsista. Nessa hora pensei em vários modelos que poderiam ser feitos e o quão interessante seria se depois, na minha vida profissional, eu pudesse propor aos meus alunos a escrita de um portfólio. Com o passar do tempo fui elaborando-o, colocando ali todas as minhas reflexões

acerca dos textos lidos, das reuniões feitas, das idas à escola e sobre tudo aquilo que gostaria de mudar ou fazer melhor. Construir esse portfólio foi muito importante, porque foi uma maneira de avaliar a mim e a tudo que tinha feito no PIBID. Cada vez que eu o lia podia notar meu avanço a partir das reflexões que fiz nas minhas escritas.

Com o passar do tempo, foram surgindo outros desafios como o de apresentar o PCN de Língua Portuguesa no conservatório de música, isso também marcou muito. Sempre fui desinibida para falar, sempre tive facilidade em apresentar trabalhos em aula, mas, nessa apresentação, foi diferente. Por mais que eu não quisesse deixar transparecer, estava nervosa porque sabia que todos os meus colegas do PIBID Pedagogia apostavam que iríamos fazer uma ótima apresentação, tanto eu como as minhas colegas que tínhamos sido escolhidas para tal. Eu não queria decepcionar as pessoas que apostaram em mim, portanto, fiz de tudo para representar o grupo da melhor maneira possível. No final, fomos muito elogiados por todos.

Momentos marcantes VIVIDOS em 2010

A primeira visita à escola na qual eu iria atuar como bolsista pelos próximos dois anos, foi o começo de uma história que com certeza irá ficar para sempre em minha lembrança. Assim que cheguei juntamente com os demais integrantes do PIBID, a minha primeira reação foi de surpresa e muita curiosidade, surpresa porque estava com muita vontade de conhecer a escola que é na periferia da cidade em um bairro bastante conhecido pelo nível de violência que lá acontece. No começo até ficava com um pouco de medo de ir toda a semana para lá, medo de que algo de ruim acontecesse, mas fomos muito bem acolhidas pela comunidade e pela escola e com o tempo esse medo se desfez. Pode-se inferir desta minha experiência que o preconceito ronda certos espaços da cidade e que cabe a nós professores, por estarmos também envolvidos nestes lugares, pensar sobre este fato, discutindo com as crianças que existem sim diferentes realidades, mas que todas elas são espaços onde as pessoas vivem e convivem.

Nossa primeira atividade na escola foi fazer um diagnóstico no qual deveríamos responder a várias perguntas de um questionário previamente formulado por nossas coordenadoras. Ali conti-

nham perguntas sobre todos os aspectos que poderíamos encontrar na escola, como por exemplo, como era o ambiente físico, a estrutura da escola e sua respectiva condição social. Tínhamos também que analisar todos os aspectos pedagógicos. Foi bem demorado, mas por intermédio desse levantamento tivemos a oportunidade de conhecer mais profundamente a escola na qual iríamos atuar.

Ao mesmo tempo em que íamos à escola fazer esse diagnóstico, tínhamos que nos aprofundar teoricamente e nossas primeiras leituras foram todos os PCNs referentes ao Ensino Fundamental. Este espaço foi muito importante, porque era um momento no qual podíamos fazer várias reflexões sobre a prática pedagógica.

Dentre os diversos momentos marcantes posso citar: a peça teatral "Espetáculo jogo: E o gato não comeu" e as atividades alusivas ao dia das crianças realizadas nas duas escolas onde o PIBID atua. O professor que coordena o teatro e que recebeu as crianças, explicou como funcionava esse espetáculo jogo. Segundo ele existe uma linha divisória nas laterais do palco, essa linha é imaginária, no qual os atores ficam sentados podendo entrar a qualquer momento em cena. Uma frase que esse professor falou antes de começar a peça é que "podemos fazer teatro em qualquer lugar".

No teatro, as crianças ficaram atentas o tempo todo, riram, interagiram quando eram solicitadas, prestaram muita atenção. Ao final os atores disseram que se alguém tivesse alguma pergunta que poderia fazer e para a surpresa da maioria, inclusive dos atores, as crianças perguntaram muito, fizeram várias perguntas, mais do que os adultos que estavam na platéia. Dava para ver nos olhos das crianças o encantamento de estar assistindo a uma peça de teatro e um teatro. Para muitas delas, era a primeira vez que tinham esta oportunidade. Foi muito interessante e um grande aprendizado para eles e também para nós.

Como já mencionei anteriormente, outro fato que deixou marcas foram as atividades alusivas ao dia da criança. Antes mesmo de chegar às escolas tínhamos aquele "frio na barriga" sem saber o que nos esperava, "será que os alunos vão gostar dos personagens?" "Será que eles vão gostar das leituras que iremos fazer?" "Será que eles vão nos escutar?" Mas para nossa alegria, ao chegarmos fomos muito bem recebidas em ambas às escolas, todas as professoras nos

receberam com um sorriso no rosto e uma alegria de nos ver ali tentando deixar o dia daquelas crianças um pouco mais divertido.

Realizamos atividades nas duas escolas envolvidas no PIBID. Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Fernando Osório, que foi a primeira na qual as oficinas foram desenvolvidas, por alguns instantes tivemos dúvidas sobre se as crianças iriam comparecer, porque afinal, era um sábado pela manhã, mas todas estavam lá nos esperando. Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Getúlio Vargas também realizamos várias brincadeiras e pudemos constatar, nas duas escolas, a alegria estampada nos rostinho das crianças. As crianças prestavam atenção em tudo, qualquer gesto, a risada da "bruxa", o sorriso da "Cinderela", tudo era muito mágico nos olhos delas. Acredito que um pouco do que se fez nas duas escolas foi brincar, tema este muito debatido na Universidade. Também percebemos o quanto este trabalho encantou as crianças, prendeu sua atenção, criando um universo de magia em torno da leitura.

Saímos das duas escolas com a sensação de dever cumprido, naquele momento os professores desses alunos deixaram um pouquinho de ser o grande referencial deles e nós passamos a fazer parte desse mundo no qual eles têm que se guiar, dava para ver o quanto eles gostaram de tudo isso e por essa razão acreditamos que se dependesse somente deles nós iríamos para as escolas todos os dias ler histórias, pintar o rosto, brincar no circuito, etc.

Outro aspecto importante a ser lembrado é que mesmo os maiores que assistiram nossas leituras, gostaram e ficaram prestando muita atenção, achamos que eles não iriam gostar, mas interagiram conosco, fizeram perguntas, aplaudiram e se divertiram. Para mim foi muito gratificante ver que toda a escola gostou muito das nossas oficinas e tenho certeza que tanto para eles quanto para nós, esse sábado e essa quarta do mês de outubro de 2010 irão ficar marcados em nossas memórias e em nossos corações.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Getúlio Vargas é a escola na qual eu e mais um grupo de bolsistas atuamos. Nessa escola fomos muito bem recebidas desde o começo pelas professoras e funcionários. Mas sem dúvida, a melhor acolhida foi por parte dos alunos que, quando entramos na sala para, juntamente com as professoras, para realizar alguma atividade, nos receberam

em coro com alguma palavra, com gritos ou sorrisos que demonstravam alegria por nos ver ali com eles. Acredito ser essa a melhor das recompensas.

Momentos marcantes vividos em 2011

Começamos o ano de 2011 fazendo uma avaliação diagnóstica para vermos em que nível em relação à leitura e a escrita os alunos se encontravam. A turma que acompanhei foi do 2º ano e a grande maioria dos alunos são multirrepetentes. Após concluirmos as avaliações e com os resultados em mãos tivemos a oportunidade de conhecer melhor os alunos e a partir desse resultado montar um planejamento que fosse ao encontro das necessidades deles.

Após várias reuniões de planejamento com as professoras titulares, começamos a trabalhar com atividades que tinham relação com o cotidiano dos alunos. Essas atividades foram elaboradas a partir de um livro do GEEMPA[30] que se chama: "Que letra é essa?". Esse livro foi todo baseado em uma história real de um menino chamado Patrick que não sabia ler nem escrever e era, assim como esses alunos, multirrepetente.

Enquanto os alunos demonstraram interesse pelas atividades nós as trabalhamos, no entanto, depois de um tempo, percebemos que eles começaram a se desinteressar pelo assunto. Sendo assim, nós prontamente começamos a repensar o nosso planejamento que sempre levava em conta em que nível em relação à leitura e a escrita os alunos se encontravam, ou seja, o que eles já sabiam a respeito da leitura e da escrita e o que ainda precisavam aprender.

Quando o nosso trabalho baseado no livro do GEEMPA terminou, passamos a trabalhar com um projeto baseado no livro "O carteiro Chegou", de Janet & Allan Ahlberg, da editora Companhia das Letrinhas. O livro apresenta contos clássicos e permitiu que a partir destes criássemos sequências didáticas que contemplavam todas as áreas de conhecimento, tudo isso de uma maneira diferenciada e divertida. Este trabalho visou uma maior relação dos

[30] GEEMPA: Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação.

alunos com práticas reais de leitura e escrita e um contato com diferentes gêneros textuais.

Além dos trabalhos em sala de aula, realizamos na escola a Hora do Conto, uma vez por semana, na qual os alunos iam até a biblioteca para ouvir de um modo diferente e criativo a leitura de histórias. Sempre escolhíamos livros de literatura infantil que fossem interessantes levando em conta a idade dos alunos. Após a leitura de histórias, nós bolsistas, fazíamos questionamentos a respeito das histórias e pedíamos para que eles falassem um pouco sobre o livro que eles levavam para casa, esses livros eram disponibilizados para todos os alunos retirarem. Eles levavam para ler em casa e tinham que devolver na próxima semana na hora do conto. Alguns alunos contavam o que tinham lido, outros como ainda não sabiam ler, relatavam a história que alguém da família tinha lido para eles.

A retirada de livros foi algo bem importante porque incentivava a responsabilidade por parte dos alunos. Nós sempre questionávamos os alunos sobre a importância de cuidar do livro e de trazê-lo no dia marcado. As próprias professoras titulares dos alunos nos relatavam que esse trabalho da Hora do Conto, além de incentivar o gosto pela leitura fez com que também a responsabilidade por parte dos alunos aumentasse, e isso refletia no cotidiano da sala de aula. Para mim sempre foi muito gratificante ver o nosso trabalho dando resultados tão importantes.

Outro aspecto importante foi o recreio orientado, que era realizado duas vezes por semana com os alunos. Sempre antes de sairmos para o recreio combinávamos com eles algumas regras, quais brincadeiras iríamos brincar e quais brinquedos iríamos pegar.

No começo foi um caos, pois todos queriam pegar tudo ao mesmo tempo, corriam para todos os lados, mas com o passar do tempo tudo começou a ficar mais organizado e os próprios alunos nos ajudavam a carregar os brinquedos, as bolas e cordas, e depois nos ajudavam a guardar. As regras e combinados também foram mais aceitos com o tempo, nós nos divertíamos junto com eles, além de dar muita risada.

Acredito que tudo no PIBID foi se completando e, com o passar do tempo, aquelas angústias que relatei em meu portfólio,

que eram relativas à quantidade de coisas que eu deveria dar conta sendo bolsista do PIBID, já não existiam mais.

Além da prática na escola, todas as quartas-feiras nos reuníamos com nossas coordenadoras em uma reunião geral com todas as bolsistas do PIBID Pedagogia. Nessas reuniões nós fazíamos toda uma discussão e reflexão sobre as leituras que tínhamos que fazer e sobre nossas práticas nas escolas, era o momento de conversar sobre tudo que estava indo bem e sobre o que precisava melhorar.

Creio que o que fica para mim hoje são, muito aprendizado e a vontade de me especializar na área da alfabetização, vontade essa que descobri através do PIBID após muito estudo e pela prática que me foi proporcionada ao longo desses quase dois anos.

Não posso deixar de relatar aqui as amizades que fiz, as pessoas que conheci, as viagens para apresentar trabalhos, que para mim foram inesquecíveis, o carinho de minhas orientadoras com quem aprendi muito e o sentimento de vazio que, com certeza, vem aos poucos tomando o meu coração, já que no meio do ano de 2012 me formo em Pedagogia. Terei que sair do PIBID e dar chance para novas alunas terem o privilégio, assim como eu tive, de aprender muito com os alunos, com a escola na qual atuei, com minhas orientadoras, com os livros e textos que estudei ao longo desse tempo e com a convivência com pessoas que pensavam diferente de mim e que, com certeza, me ensinaram alguma coisa.

Também não posso deixar de falar da emoção que tive no contato com cada aluno, da surpresa que muitas vezes me abalou quando tive a oportunidade de conhecer suas histórias de vida e da grande alegria que tomou conta de mim quando, no final de 2011, fizemos novamente a avaliação diagnóstica e praticamente todos os alunos avançaram em relação à leitura e a escrita levando em conta a primeira avaliação diagnóstica feita com eles no começo do ano.

Essa minha caminhada no PIBID foi sem dúvida muito importante, pois aprendi muito, estudei muito, escrevi vários trabalhos e vou levar várias lições para minha vida, dentre elas, a de que temos sim como aliar a teoria e a prática para fazermos um trabalho de qualidade.

Termino meu memorial dizendo que, além de tudo que o PIBID me proporcionou em termos de aprendizado teve algo a

mais, que foi a grande elevação da minha autoestima. Através dessa bolsa e do contato com minhas orientadoras e com outras pessoas que tive o privilégio de conhecer, pude ter certeza que através do empenho pessoal temos condições de fazer um ótimo trabalho. Ao PIBID, obrigada por tudo!

11. TECENDO UMA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Juliana Ribeiro da Silva [31]

Um caminho sendo trilhado

Neste relato, pretendo traçar minha trajetória até os dias de hoje na busca de um sonho, o sonho de ser uma professora convicta de sua prática pedagógica e, muito além disso, o sonho de ver com seus próprios olhos os resultados de um investimento educativo e motivador na vida de cada aluno.

Embora, esteja há pouco tempo no PIBID, ele tem me auxiliado a dar continuidade em direção ao sonho, que como qualquer outro, nos reserva, entre outras coisas, surpresas, desafios, conquistas e rupturas de conceitos.

Como se realmente fosse o exercício de se tecer uma teia metaforicamente interligadas, se encontram todas as minhas experiências e situações de vida, que já ensinaram de alguma forma e me ensinam no dia-dia, acrescentando à minha formação as percepções que eu preciso para a conquista dos meus ideais na futura carreira docente.

Esse exercício de recapitular e sistematizar o que já aconteceu, os significados e aprendizados adquiridos, aqueles que estamos adquirindo e os que pretendemos adquirir, constitui não só uma reavaliação dos fatos, mas, leva-nos a um autoconhecimento. E no caso desse memorial, essa reflexão leva também a uma socialização de como estou me constituindo professora.

Para uma melhor compreensão de como estou me tornando professora e a alavanca que a vida universitária e o ingresso no PIBID deram na minha formação profissional, escolhi deter-me em três tópicos: antes do PIBID, durante, e o que já pude construir, ou

[31] Bolsista do PIBID – Aluna do 5º semestre do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas.

"tecer", com a ajuda do programa na minha trajetória como estudante de Pedagogia.

Há um tempo atrás...

Já ouvi de alguns estudantes, professores e simpatizantes da minha área de formação, que a experiência tida na escola e o perfil de professor que se teve, determinam que tipo de professor o futuro educador será. Embora, não acreditando nessa total generalização, creio que existe sim, certa influência desses fatores na formação de um profissional da educação. De posse disso, quero iniciar meu relato do período anterior ao PIBID, contando resumidamente minha própria experiência escolar.

Sendo minha família de baixa renda, já era esperado o meu ingresso em uma escola da rede pública estadual da cidade de Porto Alegre, como tantas outras, carente de recursos materiais mínimos para um bom ambiente de aprendizagem. Porém, composta de professores, em sua maioria, interessados em fazer o seu trabalho da melhor forma possível. No primeiro dia de aula, então, com seis anos, lá ia eu na companhia de minha mãe (apoio sempre presente) e de minha mochilinha improvisada, uma sacola plástica de uma loja que me acompanhou nos primeiros meses de aula. Lembro-me de uma sensação controversa, como medo, timidez e ao mesmo tempo, ansiedade e alegria. Essa simplicidade com que iniciei e passei a maior parte de minha vida escolar, sem precisar passar por nenhuma recuperação, exame e muito menos reprovação é o que me faz crer que, embora bem-vindas, as condições financeiras, ou a falta delas, não determinam o desempenho de um aluno. O que pode determinar é o estímulo que ele recebe por parte dos pais e, tomando por tarefa, por parte dos professores.

Não recordo bem de detalhes desses nove anos em que estudei nessa escola (incluindo pré-escola), mas como na cabecinha de uma criança tem coisas que marcam para sempre, lembro-me bem da cena em que, na primeira série, a professora literalmente arrastava certo aluno à diretoria; digo "arrastava", pelo fato de que, o aluno esforçava-se para segurar em todos os objetos ao seu alcance a fim de fugir dos braços fortes da professora que, ao mesmo

tempo, gritava com ele, a ponto de ficar vermelha. Enquanto isso, na aula, o show estava em seu auge, e o aluno sentia-se o dono do espetáculo. Hoje ao relembrar, é perceptível a mim que a autoridade daquela professora tornou-se, por conta de atitudes erradas, um autoritarismo ao qual, os alunos recém chegando à escola (antiga primeira série), não respeitavam. Essa vivência, embora antiga, hoje me faz querer agir diferente e cativar um aluno com atitudes dignas de alguém que deseja mudar de alguma forma, por pequena que seja, o futuro de outrem.

Continuando na narrativa de aspectos importantes de minha infância e vida escolar, que constituíram minha visão de educação antes do ingresso no PIBID, sempre me lembro com grande orgulho o reforço positivo que meu pai, mesmo sem ter conhecimento sobre nenhuma teoria da psicologia, sabia dar ao evento desejado, que eram as minhas boas notas na escola. Sempre nos fins de trimestre, eu tinha direito a um lanche especial em uma confeitaria próxima; pode parecer simples para alguém, mas para mim era o maior prêmio que eu poderia receber, não pelo lanche, mas pelos olhos satisfeitos de meu querido pai. Sei que esse fator foi significante para eu constituir minha visão de educação, é preciso apoio e incentivo!

Durante esses períodos em que permaneci na escola, tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio, sempre fui permeada pela dúvida, que inquieta muitos adolescentes, afinal, o que eu vou ser? Agora recordando, vem à minha mente os meus desejos mais, digamos, naturais. Já quis ser médica veterinária, como muitas crianças já quiseram, simplesmente por gostar de brincar com seu cachorrinho; já quis ser pediatra, pela minha paixão por crianças; já quis ser farmacêutica por gostar de fórmulas e inclusive, já quis ser servente de pedreiro, quando tinha nove anos, pela razão de gostar de ajudar meu pai alcançando as ferramentas, as quais eu sabia todos os nomes e suas designações. Apesar disso, sempre tive a consciência de que uma escolha tão importante como a vida profissional, não pode se basear apenas em afinidades próprias e sonhos, que muitas vezes, nossos próprios entes queridos sonham por nós.

Uma escolha dessa natureza, não se assemelha nem um pouco a uma simples escolha de peça de vestuário, quando que, para

adquirimos algo basta que esse algo combine conosco. A difícil escolha a qual me refiro, permitia erros e o voltar atrás, mas em minha personalidade o voltar atrás, como se diz por aí, é apenas para pegar impulso, ou seja, se um dia acredito em algo eu vou até o fim, e até o fim com a mesma determinação do início, embora muitas vezes, diante dos obstáculos, é inevitável a dúvida nos assombrar. Por esta razão, foi de grande complexidade para mim uma decisão dessas.

Ao fim do Ensino Médio, quis então cursar Farmácia na UFRGS. Hoje penso que se tratava de uma decisão tomada na ânsia de se decidir por algo a tempo de entrar na universidade mais conceituada do Estado o mais rápido possível. Acabei concluindo, durante os três dias de vestibular, que o meu negócio não era com exatas, definitivamente a Química, que pesaria mais para eu alcançar a tão sonhada vaga, não era meu forte. Enquanto que, na prova de Língua Portuguesa e durante a redação, eu me sentia realizada escrevendo, marcando as alternativas que não estavam ortograficamente corretas. Na divulgação dos resultados, lá estava a quase gabaritagem da prova de Língua Portuguesa e uma nota excelente em redação.

Acredito que tive sempre facilidade e paixão por palavras. A linguagem e escrita foram fatores que me levaram a ter hoje o gosto por conduzir às crianças e através do PIBID, nessa aventura de fragmentar as palavras, brincar com elas e se utilizar delas na vida prática. E quanta alegria ao ver suas conquistas e olhinhos encantados com as descobertas! É isso que me motiva e é o "motor" do meu querer, de ser alfabetizadora e trabalhar com esses pequeninos descobridores.

Passou-se, então, mais um ano até eu ter coragem de encarar mais um vestibular, que dessa vez seria o Exame Nacional de Ensino Médio - ENEM para tentar alguma vaga pelo Sistema de Seleção Unificada - SISU ou até mesmo uma faculdade privada pelo Programa Universidade para Todos - PROUNI. Obtive um bom resultado. Sabendo disso, meu irmão, que havia se mudado para Pelotas a cerca de três anos, incentivou-me a estudar na UFPel, porém, muito relutante com a enorme mudança que isso causaria, na primeira etapa do SISU optei por tentar mais uma vez uma vaga em qualquer curso que fosse para ficar na Capital. Quando soube que não havia sido aprovada e que as inscrições para a segunda etapa

do SISU estavam abertas, um dia sozinha em casa, sem palpites de ninguém, escolhi por Pedagogia: estava disposta a correr o risco da mudança e ainda o risco maior de escolher algo que expressava muito o que eu era e que até então eu não havia pensado. Quando falei para minha mãe, ela ficou muito surpresa e quase com um olhar de desânimo falou: "Pedagogia, minha filha!" Não era o que ela esperava, mas incrivelmente eu estava satisfeita com minha escolha, talvez um pouco inconsequente, mas certa de que era algo que identificava muito o que eu era.

A timidez que eu tinha, muitas vezes com os adultos, era dissipada quando estava entre as crianças, no meio delas eu me sentia como mais uma. Os momentos com eles eram mágicos, onde a imaginação tinha lugar e a diversão rolava solta. E ao ver seus sorrisos e risadas eufóricas era como se eu tivesse mudado o mundo. Sei hoje que, provavelmente, a minha escolha foi fundada em uma visão idealista e romântica da educação, mas ela foi determinante para que hoje eu estivesse, depois de muitas mudanças de conceitos, realizada com a minha escolha. A cada dia observo que minhas ideias nem se comparam ao que eu pensava no momento da escolha do curso, sei que estou construindo minha teia e o PIBID tem me auxiliado nessa tarefa, de através da prática defrontar-me com a realidade dessa escolha de que tanto me orgulho.

A paixão pela educação me contagiou, e foi ela que me manteve na área da educação. Muitas pessoas me diziam para tentar reopção e trocar de curso a todo custo, mas o primeiro semestre na FaE/UFPel já foi o suficiente para querer continuar e cada semestre essa convicção, de que estou no caminho certo, é mais forte.

Os primeiros dias de universidade foram para mim marcados como uma fase de transições, não só pela mudança de cidade, mas pelo sonho alcançado de pertencer a uma universidade conceituada. Tomei consciência de que para alcançar meu objetivo de ser Pedagoga dependia muito de mim, de minha dedicação, de não dispender recursos financeiros, caso não fizesse, teria que repartir o tempo de estudo da faculdade com um trabalho, o que, provavelmente, me prejudicaria os estudos no período diurno. Eram muitos os pensamentos que percorriam minha mente e muitas decisões a serem tomadas.

Concomitante a esses pensamentos acerca do futuro, a disciplina de Práticas Educativas me convidava a revisitar as memórias da infância e de analisar como eu tinha me constituído, o que eu era no momento: uma estudante de Pedagogia recém-descoberta. Esse exercício de relembrar utilizo até hoje e é o que deu origem à minha crença de que nossas vivências estão todas interligadas, como uma teia, e cada uma delas é importante nesse construir, o nosso construir. Lembro-me bem que uma das primeiras tarefas dessa disciplina era o desenho que representava o que eu vivia no momento. Desenhei uma pessoinha com vários caminhos à vista, mas ao fim deles só um ideal a ser alcançado, ou seja, eu já tinha determinado o que queria ser: professora. Mas não havia pensado ainda que alternativas escolher, que caminhos percorrer, quais obstáculos seriam precisos ultrapassar e quais conceitos mudar para alcançar esse ideal com o qual eu já sonhava.

Nesse mesmo semestre, como tudo não são flores, me senti um pouco atemorizada com o resultado que obtive com a prova de Teoria e Prática Pedagógica, não exatamente por conta da nota, mas pela razão de que eu poderia não estar totalmente inteirada de um assunto tão importante da minha área que era o letramento e a alfabetização. Como poderia eu ser uma professora se, em uma prova sobre o assunto, eu sentia tanta dificuldade? Pode ser uma preocupação boba, mas para mim era uma responsabilidade, porquanto eu tinha feito uma escolha que ninguém apoiava totalmente. Ser professor nunca foi o sonho de minha mãe para mim, mas eu havia tomado uma decisão e precisava arcar com tudo que viesse proveniente dela.

Passaram-se semestres em que progressivamente eu me adaptava a meu novo campo de estudo. E como eram interessantes as aulas de Práticas Educativas onde estudávamos a fonética, a fonologia e a forma com que as crianças adquirem a língua materna! E também, através da disciplina de Ensino, Aprendizagem, Conhecimento e Escolarização estudar sobre Freinet, já ansiosa por aplicar suas grandes ideias, que não precisavam ser de grandes recursos materiais, mas já faziam tanta diferença na vida das crianças! Conhecer mais sobre as teorias de Piaget e Vygotsky, que explicam algo tão abstrato para nós que é a epistemologia e os tipos de conhecimentos! Tudo isso era empolgante.

No terceiro semestre da faculdade, ingressei como bolsista no projeto NUPRAC, Núcleo de Práticas Complementares ao Ensino Regular, que consistia em um local de reforço escolar que atendia às crianças do primeiro ciclo do Ensino Fundamental em uma vila periférica da cidade. Naquele espaço, as estudantes de Pedagogia em parceria com a Veterinária, realizavam um trabalho de assistência àquela população. Ali encontrei a prática que eu tanto achava necessária, e muito além disso, foi ali que a educação para classes de baixa renda se tornou um anseio meu, queria mudar a todo custo a situação daquelas crianças que precisavam de incentivo para também vencerem na vida.

Quando o semestre em que permaneci nesse projeto terminou, recebi a ligação para que eu ingressasse agora em um novo projeto: o PIBID. Tomei por grande surpresa, visto que havia feito a seleção logo no primeiro semestre e não havia sido selecionada, ficando para suplência. Uma grande surpresa e felicidade por saber que agora sim minha formação tomaria um caminho repleto de significados e vivências, que enriqueceriam meus próximos três anos de universidade e minha vida profissional inteira.

A utilização de um verdadeiro "laboratório" riquíssimo em aprendizados...

Quis começar logo, ansiosa por conhecer mais desse grande projeto que mobilizava muito a FaE e que fazia das pibidianas alunas nota dez em sala de aula. Como eu tinha quatro colegas pibidianas, me senti mais acolhida e disposta a iniciar com tudo.

Comecei pelas leituras sobre interdisciplinaridade, fiquei perplexa ao ver que o termo não se resumia simplesmente à interação entre as áreas do saber, e sim que existiam nessa interação níveis de complexidade diferentes e todos com o fim de que essa interação construa um conhecimento de mundo no aluno, diferente de um conhecimento fragmentado que não produz uma aprendizagem significativa para sua vida prática. Através dessa leitura deparei-me com a necessidade desse conhecimento para nós que trabalhare-

mos com a unidocência[32] e muitas vezes não conhecemos esses conceitos.

Quanto à leitura dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, com eles e através deles, pude construir panoramas das áreas do saber sobre uma ênfase que prioriza o aluno em sua totalidade e o valoriza em seus conhecimentos prévios. E é isso que observamos em comum durante a leitura das 12 disciplinas abrangidas (incluindo os cinco temas transversais), o quanto é comum a noção de que é preciso se valorizar os saberes que o aluno traz para a escola e partindo deles, trazer-lhes um conhecimento para a vida. Como os próprios PCNs deixam claro, eles são uma tentativa de padronização dos currículos nacionais e dos quais devemos nos ater a estudá-los, visto que nos serão exigidos no decorrer de nossa profissão. Essas leituras, logo no início de minha trajetória no PIBID, ajudaram-me através de exemplos práticos para conhecer melhor as áreas do conhecimento, suas interações e as atribuições específicas de cada uma delas, as quais precisarei ter certo domínio para poder transmitir às crianças um aprendizado rico e instigador.

No tópico anterior, eu havia mencionado o fato de que tive certo receio de não conseguir compreender e lidar com certos conceitos de letramento e alfabetização apresentados a mim no 1º semestre. Porém, durante nossas reuniões de planejamento, que ocorrem na FaE/UFPel, surgiu a ideia, por parte das professoras orientadoras do projeto, de estudarmos e ficharmos o material do MEC Alfabetização e Letramento na Infância. Um material de linguagem simples, porém riquíssimo em conteúdo que contribuiu para que eu conseguisse retomar conceitos básicos imprescindíveis ao nosso trabalho, como pibidianas atuantes em classes de alfabetização. A oportuna leitura desse material, e de tantos outros que nos são sugeridos pelo PIBID são importantes, ao passo que faz-nos repensar nossa prática e nossa posição como educadores.

Esse mesmo material traz uma discussão relevante acerca do Ensino Fundamental de Nove Anos, que embora ainda não implantado em todas as escolas na data de publicação do boletim (junho 2005),

[32] UNIDOCÊNCIA: É o exercício de ser professor de todas as disciplinas curriculares, comum nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

expõe a necessidade que existe em se revisar o projeto pedagógico das escolas no ensino dos anos iniciais do Ensino Fundamental, particularmente no que diz respeito aos processos de alfabetização e letramento, visto que agora a entrada da criança aos seis anos de idade implicará mudanças significativas. De posse disso, imagino agora minhas concepções antes dessa leitura. Talvez sem ela, me passassem despercebidas essas mudanças e eu me tornasse mais uma professora que não mudará em nada seus métodos de ensino e continuará a meramente transmitir uma técnica que deu certo com um modelo de aluno de sete anos. Sei que talvez não haja tamanha diferença, mas faço uso disso para exemplificar o quanto é precioso conhecer, ler e informar-se e com base nisso, aplicar o que foi conhecido e aprendido.

Acredito que a ênfase que damos ao projeto tratando-se do Ensino Fundamental de Nove Anos, esclarece muito algumas dúvidas que possa haver acerca da iniciativa. Deparei-me muitas vezes com professoras que não compreendem que tipo de mudanças essa política pode acarretar ao seu trabalho. Quando vejo esse tipo de dúvida entre pessoas já formadas, pergunto-me: "Desde quando essas dúvidas existem?", "Será que desde a Graduação?", "Será que as professoras não modificam a sua prática?". O PIBID, como sendo um programa de incentivo à docência, auxilia as bolsistas a entender melhor um novo contexto que as professoras talvez não tenham tido oportunidade de compreender.

Como já mencionei, sempre fui direcionada à educação popular, pois de certa forma, o anseio por mudar para melhor ao menos a educação de uma criança, que é fadada a pouca escolaridade e ao fracasso escolar, sempre me moveu por dentro desde os primeiros semestres de faculdade. E a teia da vida continuou a constituir-me para esse objetivo: fui convocada a ser pibidiana da Escola Municipal de Ensino Fundamental Getúlio Vargas. E foi nessa escola, que compreendi muito o que acontecia em minha própria escola de Ensino Fundamental, que outrora eu tanto criticava, vi com que tamanha dificuldade as professoras se esforçam para dar o melhor de si, porém a falta de políticas públicas na região e o investimento eficaz na educação não as incentiva.

A minha estréia efetiva em sala de aula foi iniciada de uma forma bastante intensa. Confesso que no início tudo me assustava,

tinha medo da reação das crianças comigo e principalmente da minha com elas. Sei que essa insegurança é normal, mas não gostaria nenhum um pouco de tê-la primeiramente no estágio. Apesar do meu medo, eu e as crianças tivemos amor à primeira vista, e foi isso que me fez estar mais convicta do que eu queria, e me deu coragem para enfrentar a parte mais difícil, ser professora de fato. Felizmente, a minha dupla me auxiliou muito nessa parte, pois ela é formada em Magistério, e através da sua experiência fez sentir-me muito segura. No entanto, seguiram-se dias de muita timidez, medo de errar e muita ansiedade na busca por resultados. Porém, havia persistência, e é isso o que configura não só uma boa adaptação à uma situação nova, mas, no caso do professor, é imprescindível a persistência no que se refere às dificuldades de aprendizagem dos seus alunos.

E é nesse "laboratório" da Pedagogia, que aprendemos o quanto é importante a noção de uma educação integral, de uma educação para a vida. Sempre foi perceptível durante a história da educação, que as crianças estão dentro das salas de aulas realizando suas tarefas, porém com seus olhares lá fora; seu fascínio vai além de exercícios repetitivos e interpretação de textos sem significado algum para elas. Embora sabendo disso, geralmente pensamos poucas alternativas para usar como recurso na escola. O recreio orientado, a biblioteca, a Hora do Conto e todas as demais atividades, além de serem também oportunidades de ensino, aguçam a atenção dos alunos e os fazem querer aprender, até mesmo quando são necessários os tais exercícios repetitivos, em via de se fixar algo importante.

Ao fim desse pequeno período posso aqui registrar, que graças à integração dos conhecimentos aprendidos nas aulas do meu semestre, às leituras realizadas no PIBID e principalmente ao apoio e orientação sempre presente das orientadoras, supervisora, professora titular e demais pibidianas, esse período de adaptação foi repleto de descobertas e reformulações que me fizeram repensar várias vezes minhas próprias ações. Acredito que ser professor também é isso: a capacidade de ver por diferentes ângulos e de reconhecer falhas e mudar quando é preciso. E muitas vezes, ao longo do curso e do PIBID, mudei de ideia acerca de algo que já estava internalizado

em mim como sendo verdade. Mais do que experiências práticas, o projeto, muitas vezes, nos coloca em confronto com nós mesmos e nos leva a desenvolver uma consciência reflexiva do que temos ainda que aprender e remodelar em nossa prática pedagógica.

Os aprendizados já internalizados

Acredito que depois do PIBID, consegui apreender essencialmente, através da prática, que o exercício de ser professor equivale ao de um artista que se prepara para um show. Ele precisará falar a língua do seu público, fazer com que o público dirija a sua atenção a ele e, mais do que isso, ele deverá considerar que entre o seu público haverá diversas identidades, culturas e temperamentos. Porém, não lhe bastará o sacrifício de tentar agradar a todos, mas lhe será um desafio que o seu objetivo ali, a sua apresentação, seja apreendida por todos, mesmo que para isso precisem ser usadas várias formas de expressão, de linguagens, e diversas ferramentas.

Ao conversar com estudantes de Pedagogia em geral, deparo-me quase sempre com visões idealizadoras da prática em sala de aula, como outrora eram as minhas, amparadas pelos argumentos necessários da teoria, mas que efetivamente, muitas vezes, acobertam ao estudante o que é fundamental na docência, a essência de ser professor. Não digo só a prática de aplicação de exercícios didáticos, mas o contato com o objeto de estudo que é a criança. Todos têm contatos com crianças, mas talvez, poucos já experimentaram olhá-las com um olhar profissional em um ambiente profissional.

Os estudantes de licenciatura que vivem a prática pedagógica ainda na Graduação, qualifica seu fazer docente. Essa é a nossa vivência no PIBID. Reconheço que estou me tornando professora. No projeto, aprendi a lidar com situações reais na escola e também a driblar carências de natureza física e financeira da mesma, algo que não seria possível se de uma maneira repentina eu estivesse diante de uma turma de alunos do estágio no final do curso.

Para finalizar, é possível dizer que o trabalho persistente do PIBID resultou em um fechamento repleto de alegrias. Foram perceptíveis as conquistas e, principalmente, os aprendizados, gerados pelas práticas realizadas. Afirmo que nossa atuação na Escola Mu-

nicipal de Ensino Fundamental Getúlio Vargas gerou crescimento e enriquecimento profissional, além de fonte de pesquisa e estudo na área da educação popular. O PIBID proporcionou grandes aprendizados, que são fundamentais para o *ser* professora, não só transmitindo técnicas, mas reforçando o que a profissão tem de melhor: o contato com o aluno e o contemplar de seu entusiasmo, diante do trabalho realizado.

12. PIBID: VIVÊNCIAS ENQUANTO ACADÊMICA E INICIANTE À DOCÊNCIA

Letícia Fagundes Corrêa[33]

Gostaria de iniciar esse memorial falando sobre minha escolha pelo curso de Pedagogia. Desde pequena sempre quis ser professora, uma brincadeira de criança que se tornou algo real, minhas bonecas eram meus alunos e eu a professora, o tempo foi passando e minha vontade crescendo. Como sempre gostei muito de criança resolvi ser Pedagoga, não conseguia me imaginar fazendo outra coisa, portanto, prestei o vestibular e passei na 1° chamada para o curso de Pedagogia em 2008.

Quando ingressei na faculdade fiquei muito realizada, pois era um sonho fazer um curso superior, não só meu como de minha família, ainda mais no curso que sempre almejei. Sempre tive o apoio de meus pais na minha escolha profissional.

Nas primeiras aulas na faculdade estava bem perdida, e com certo receio de estar em um lugar totalmente diferente do Ensino Médio, pois a faculdade é um lugar que exige muito de nós e logo nas primeiras aulas senti isso. Lembro que no 1° dia de aula a coordenadora do curso, nos recebeu na sala 352 e em sua fala comentou que na faculdade havia bolsas e grupos de pesquisa os quais poderíamos participar a partir do 2° semestre, sendo que seria uma oportunidade ímpar para nós acadêmicos. Logo fiquei curiosa e ao mesmo tempo ansiosa, pois não tinha a menor ideia de como seria e ela também não entrou em muitos detalhes, somente afirmou que seria bom participarmos. Então no decorrer do curso fui descobrindo, conversando com alunos, professores, porém, sempre tive receio de tentar participar de alguma bolsa, pois tinha medo que viesse atrapalhar o andamento das aulas. Até que no 5° semestre a professora Gilceane, hoje nossa coordenadora do PIBID,

[33] Bolsista do PIBID – Aluna do 9º semestre do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas.

foi à minha turma falar do PIBID e oferecer vagas para bolsistas do mesmo. Lembro que ela falou que o PIBID teria uma relação com a Educação Básica e possibilitaria uma formação continuada aos professores, porém, não deixou nada explícito de como seria, somente comentou como fazer para participar e quais seriam os critérios de seleção.

A explicação recebida sobre o PIBID deixou-me bem entusiasmada, pois através de sua fala deu a entender que faríamos um trabalho na escola, diferentemente das outras bolsas oferecidas na faculdade. No entanto, não fazia ideia do que seria o PIBID, tampouco sabia o que significava a sigla deste, então, fui para internet pesquisar e nessa busca descobri que já havia alguns cursos beneficiados por essa bolsa e também confirmei que o PIBID possibilitaria nosso contato com a escola. Penso que essa articulação proposta entre a universidade e as escolas da Educação Básica estimula os acadêmicos na atuação como docentes, antecipando o vínculo com os alunos, já que muitas vezes o único contato que se tem na universidade com a escola é no estágio. Dessa forma decidi tentar a seleção do PIBID por acreditar que seria uma forma de ganhar muita experiência prática, o que a faculdade deixava a desejar.

Então fiz a carta que foi pedida como critério de seleção e na mesma expus tudo o que eu pensava do nosso contato com as escolas e dos benefícios que estas trariam para nossa formação. Em seguida teve a entrevista, a qual me deixou muito nervosa, mas ao mesmo tempo confiante visto que, recebi elogios pela minha carta. Até que em maio de 2010 ao ver meu nome na lista dos aprovados na bolsa oferecida fiquei muito feliz e logo em seguida liguei para contar a notícia para minha mãe, pois ela também já estava ansiosa esperando pela resposta. Foi muito gratificante saber que eu fui escolhida para ser uma das 20 pibidianas entre os muitos inscritos.

Entrei para o PIBID muito confiante, sabendo que seria um grande desafio e uma oportunidade riquíssima que havia ganhado. Aos poucos nas reuniões da FaE às quartas-feiras, fui compreendendo qual seria nosso papel enquanto pibidianas e as tarefas as quais deveriam ser cumpridas. A 1° reunião foi bem breve, apenas conhecemos o grupo que trabalharíamos e nos foi pedido para que

lêssemos o projeto institucional e o da Pedagogia para a próxima reunião.

Na 2° reunião conhecemos as supervisoras das escolas, professoras Arita e Patrícia, e também em conjunto fomos comentando o projeto institucional e o da Pedagogia, os quais detalhavam tudo sobre o programa, bem como suas metas a serem devidamente cumpridas. Nas próximas reuniões começamos a estudar os PCNs estes foram importantíssimos já que não tive a oportunidade de conhecê-los através das aulas e considero um instrumento fundamental para todos os professores, como um meio de se guiar na prática. O Parâmetro de Língua Portuguesa para mim foi o mais relevante, pois trata de um dos assuntos que tenho mais curiosidade em aprender sobre alfabetização.

A nossa forma de sintetizar as leituras que fazíamos em casa era através de apresentação, só que acabava sendo muito corrido devido ao tempo que tínhamos em relação aos grupos para apresentar, sendo assim, não havia possibilidade para dúvidas, questionamentos. Então em comum acordo resolvemos propor um diálogo em que todos participariam e cada grupo ficaria responsável por um tema, que daria início à discussão. Essa forma foi bem mais proveitosa de se trabalhar.

Em todas as reuniões na FaE sempre houve muita discussão sobre o assunto estudado para cada semana, considero o diálogo primordial para o trabalho ter êxito. No começo havia bastante teoria para ser estudada. Primeiramente, nos foi apresentada a proposta de trabalho, logo após houveram leituras, apresentações das tarefas, escrevemos muito, fizemos fichamentos para depois começarmos a frequentar a escola. Senti um pouco de falta da prática, pois passamos meses só estudando, nos preparando. As reuniões de quarta-feira eram boas, mas sentia como se fosse uma aula. Quando entrei na bolsa pensei que iríamos ter práticas durante todo o tempo, intercalando, claro, com leituras, porém, só no final do semestre que tivemos a oportunidade de ir à escola.

Tornar-se professora é um processo de aprendizagem, vamos nos constituindo a cada dia a profissional que nos tornamos. O exercício da leitura e da escrita são partes primordiais na reflexão das práticas. Entretanto, no começo do PIBID tivemos um

acúmulo de leituras, exigindo de nós o esforço de conciliar com as leituras da faculdade, em sempre atendidas. Muitas vezes, deixava de ler os textos da aula para terminar as tarefas propostas pelas coordenadoras.

Penso que o PIBID só começou a fazer sentido para mim, a partir do momento em que começamos a ir à escola, o que ocorreu no segundo semestre de 2010. As duas possibilidades de escolha foram Escola Municipal de Ensino Fundamental Ministro Fernando Osório e Escola Municipal de Ensino Fundamental Getúlio Vargas. Escolhi a EMEF Fernando Osório. Nosso primeiro contato com as crianças foi no dia das oficinas da festa do dia das crianças. Todas trabalharam muito para proporcionar um dia maravilhoso para elas, tendo preocupação com a preparação para que tudo ocorresse da melhor forma possível. Foram várias reuniões discutindo como iríamos fazer a oficina, como atender a demanda de alunos, enfim, foi um trabalho planejado com cautela. Além do mais, contribuiu para as pibidianas aprenderem a trabalhar em grupo, a discutir, pensar e analisar juntos.

A recompensa que ganhei desse trabalho foi o sorriso, a empolgação, a felicidade, o brilho nos olhos das crianças ao participarem da oficina, principalmente das crianças da EMEF Getúlio Vargas, pelo fato de serem crianças bem carentes, então, tudo que é proposto é bem-vindo, pode ser a brincadeira mais simples, porém, elas participam com toda a alegria. Um episódio que me marcou foi a disposição das crianças dessa escola em ajudar, pois a maioria delas queria carregar os materiais, brinquedos que as pibidianas traziam para a oficina. Apenas isso já os deixava felizes. Entretanto, em ambas as escolas, fomos muito bem recebidos e os alunos participaram de forma intensa das atividades.

No final de 2010 ingressei na EMEF Getúlio Vargas. Inicialmente fizemos o diagnóstico da escola com o intuito de conhecer as características particulares da mesma, realizado a partir de observações do ambiente escolar, das salas de aula e de entrevistas com professores e funcionários da escola. Quando soube com qual professora do 2° ano trabalharia fiquei muito feliz, pois já a conhecia da faculdade, então, fiz questão de atuar na turma dela.

Devido ao curto tempo que restou para trabalhar em sala de

aula, sendo que foram três idas à escola depois de feito o diagnóstico, em função de que já estava acabando o ano e as professoras estavam em período de provas com os alunos, pensamos em fazer atividades relacionadas ao Natal, já que estava próximo desta data e também aproveitando para mostrar o significado deste dia, visto que muitos alunos não tinham a menor noção sobre isso. No primeiro dia indaguei-os sobre o significado do Natal, conversamos um pouco, após, contei uma história, e em seguida pedi um desenho sobre a mesma.

No 2° dia pedi para eles recontarem a história lida na última aula e também levei um jogo de dominó sendo que as peças eram palavras e desenhos que lembravam o Natal. Todos participaram e gostaram muito. Além do que, esse jogo trabalhou concentração, atenção, coleguismo entre as crianças, etc. No último dia eu levei uma imagem do Papai Noel para que os alunos construíssem máscaras, cada um usando de sua criatividade. Foi bem legal e, após isso, pedi que escrevessem uma carta para o Papai Noel. Foi uma pena que não deu para levar ao correio, pois já havia passado o prazo de postagem de cartas para o Natal. Esses momentos que passei na sala de aula com as crianças foram maravilhosos, sentia que eles gostavam muito da minha visita e a professora deles também ficava bem entusiasmada.

Na EMEF Getúlio Vargas conheci pessoas maravilhosas, aprendi muita coisa que levarei por toda a vida e o mais importante, estava num lugar onde sentia que as crianças precisavam de mim. Lá me sentia muito acolhida por todos, é uma escola maravilhosa a qual faz com que venhamos a refletir sobre nossa escolha em atuar em sala de aula, além do que, não deixa de estar nos testando, já que a realidade é bem difícil, as crianças enfrentam um cotidiano precário, de privações de toda ordem. Há também uma carência alimentar e o espaço em que vivem é marcado pela falta de condições mínimas de moradia, de higiene, de saneamento básico. As pibidianas desta escola estavam decididas a planejar atividades que chamassem a atenção das crianças, motivando-as a gostar de estudar, a ter entusiasmo e vontade de ir à escola. Tudo isso foi um grande desafio.

Gostaria de salientar que esse período de 2010 foi um momento no qual estávamos planejando, nos preparando para realizar-

mos o trabalho que deveríamos fazer na escola. Destaco que as leituras feitas foram importante elas contribuíram para organizarmos nosso planejamento. Todas as leituras, serviram de subsídios para nossa prática em sala de aula.

Na escola nosso trabalho não foi muito intenso devido ter começado no final do ano, além do que, íamos apenas uma vez por semana. Dessa forma avalio esse período como um momento de conhecimento do espaço escolar, possibilitando-nos uma compreensão inicial do processo educativo do espaço em que iríamos atuar.

No ano de 2011 iniciamos com o Encontro Interinstitucional em Porto Alegre, nos dias 1° e 2 de março. Esta foi uma oportunidade ímpar que tivemos, pois conhecemos pibidianos de várias regiões, os quais, nesse evento, expuseram seus relatos sobre como eram seus trabalhos no PIBID. Posso dizer que foi muito gratificante ver a dimensão que tem o PIBID em âmbito nacional e os benefícios que o mesmo vem trazendo para as escolas.

Nosso retorno na escola ficou acertado para a 1ª semana de abril, com algumas modificações, sendo que diferentemente de 2010 iríamos duas vezes por semana na escola. No dia 08/04/2011 foi nossa 1° reunião de planejamento na escola, contando com a presença de todos os envolvidos no PIBID. Nessa reunião a professora Gilceane explicou como seriam nossas ações nesse período, apresentando os seguintes eixos que iriam acontecer: Planejamento compartilhado, Sala de aula e a Escola como ambiente alfabetizador. Sempre enfatizando que o objetivo do PIBID Pedagogia da UFPel era a alfabetização e o letramento das crianças. Também foi explicado pela Gilceane que começaríamos nosso trabalho na escola fazendo a avaliação diagnóstica dos alunos, com o objetivo de compreender o processo de construção do sistema alfabético de escrita das crianças de 1° e 2° ano.

A avaliação foi feita no período de 11/04 até 13/05. A meu ver foi importantíssimo fazer essa avaliação, pois me possibilitou conhecer bem as crianças e ver em que nível elas estavam na escrita, podendo auxiliar as que mais precisavam avançar, uma vez que muitas delas no 2° ano ainda não sabiam escrever o seu primeiro nome, ou não conheciam nenhuma letra, apenas desenhavam.

Agora falarei dos eixos que nortearam o meu trabalho e o trabalho de todas as outras bolsistas da escola, começando pelo eixo sala de aula, depois pelo planejamento compartilhado e, por fim, a escola como ambiente alfabetizador.

Sala de aula

Os dados coletados na avaliação diagnóstica foram de extrema importância para o planejamento das primeiras atividades. Sabendo quantos alunos eu teria e em que nível de leitura e escrita eles se encontravam, poderia então, partir para o planejamento das atividades, tendo como primeira ação trabalhar com o nome das crianças, uma vez que, os resultados da avaliação diagnóstica apontavam que muitos alunos, tanto do 1º quanto do 2º ano não sabiam escrever nem o seu primeiro nome. Dessa forma, confeccionei crachás, fiz diversas brincadeiras com o nome deles, como: dança da cadeira, bingo com nomes, caça-palavras, entre outras. Penso que essas atividades auxiliaram os alunos que ainda não sabiam escrever seu nome. Além do mais, eram atividades divertidas e prazerosas que sem dúvida motivavam os alunos.

Após o trabalho com os nomes, utilizei dois livros indicados pela professora Gilceane: "Elefantinho no Poço" e "Dinomir, o Gigante". Esses livros são ótimos, pois trabalham com histórias infantis e dão excelentes sugestões de trabalho para a alfabetização contemplando os diferentes níveis de escrita. Foi muito válido ter tido conhecimento desses livros do GEEMPA , porque vejo que são livros interessantes, instigantes para aguçar o raciocínio dos alunos, já que trabalham com histórias e atividades lúdicas.

Esse período de trabalho em sala de aula de abril até julho foi bem significativo, pois fui me identificando e criando vínculo com as crianças e tendo uma experiência riquíssima através da docência compartilhada. No entanto, às vezes sentia-me perdida, como se as coisas estivessem muito soltas, pois a cada reunião de planejamento na sexta-feira eu e a Mônica planejávamos aulas para a semana seguinte, sendo dois dias (segunda e sexta). Mesmo sendo essas aulas atraentes e diversificadas, não tinham uma sequência. Até que, na volta das férias em agosto, a professora Gilceane deu uma óti-

ma sugestão de trabalho através do livro: "O carteiro Chegou" dos autores Janet & Allan Ahlberg, o qual tem como objetivo levar os alunos de 1º e 2º ano a conhecer os diferentes gêneros textuais, trabalhando a linguagem oral e escrita.

A partir desse livro criamos uma sequência didática de uma das histórias presentes nele, nos dividimos em grupos e ficamos responsáveis por uma história clássica. Fiquei com a história dos Três Porquinhos, juntamente com as colegas Jéssica e Juliana. Nos dedicamos muito a fim de fazer uma sequência didática bem interessante que viesse a motivar os alunos e, sem dúvida, a tentativa deu muito certo, pois os alunos criaram um apego incrível pelos porquinhos (personagens da história), era uma alegria imensa toda vez que eu chegava à sala para dar início às atividades.

Primeiramente, contamos a história do livro "O carteiro chegou" e percebi que os alunos ficaram um pouco cansados, pois a história era muito extensa, depois perguntamos a eles se conheciam as histórias que apareciam no livro. Além do que, conversei com os alunos sobre a profissão de carteiro e logo depois, pedi para que confeccionassem cartas para trocar entre eles, embora muitos dissessem que não sabiam escrever, ninguém se recusou. A Mônica e eu sempre incentivávamos eles a escreverem como pensavam que era a escrita. Para motivá-los, nessa atividade fiz um sorteio para escolher nosso carteiro, sendo que o aluno sorteado entregaria as cartas para os colegas. Na outra semana contamos a história dos Três Porquinhos, fazendo toda uma dramatização da mesma. Em função desse trabalho levei a música da história para os alunos e daí surgiu à ideia, advinda por eles, de ensaiar a letra e apresentar para as outras turmas. Esse episódio me deixou muito feliz, pois sentia a motivação dos alunos, eles davam ideias, participavam muito. Foi então que confeccionamos as máscaras dos porquinhos, ensaiamos bem a música e os próprios alunos criaram a letra para a versão do lobo mau. Combinei com os alunos que eles apresentariam para as outras turmas participantes do projeto. Eles não só cantaram como também criaram uma dramatização para a apresentação, minha tarefa foi só mediar, pois eles se mostraram bem autônomos e muito criativos. Fiquei muito feliz com o resultado, pois a apresentação foi excelente e me deixou muito orgulhosa.

Foram várias atividades interessantes, mas outra que eu gostaria de salientar foi a da brincadeira do tribunal. Tudo começou quando eu contei a verdadeira história dos três porquinhos e tive a ideia de fazer uma brincadeira em que os alunos tinham que defender o porquinho ou o lobo mau, com base nas duas versões. Na brincadeira havia os seguintes personagens: advogado de defesa, de acusação, o juiz, as testemunhas e o réu. O interessante foi que a turma ficou bem dividida, uns acreditavam na primeira versão (história clássica dos Três Porquinhos), outros já acreditavam na segunda versão (a verdadeira história dos Três Porquinhos). Então nessa brincadeira do tribunal, os alunos deveriam expor seus pontos de vistas, defendendo quem gostariam, e o interessante é que eles defendiam com uma convicção que dava alegria em ver.

Assim que terminei a sequência didática dos Três Porquinhos trabalhei com a história do João e Maria e após Chapeuzinho Vermelho. Os alunos a cada história ficavam muito empolgados, mesmo sendo histórias clássicas, a maioria dos alunos não as conhecia. Essas duas últimas histórias não foram trabalhadas tão minuciosamente como a dos Três Porquinhos devido ao tempo, mas sem dúvida foram também muito significativas.

Planejamento compartilhado

Esse eixo foi muito significativo, e me fez crescer muito. A cada reunião de planejamento eu sentava com a Mônica e planejávamos sempre juntas, trocando ideias. Jamais eu mostrei o planejamento pronto, sempre aceitei sugestões e posso dizer que dessa forma o trabalho ficava muito mais rico. Identifiquei-me muito com a Mônica e acredito que fizemos um ótimo trabalho e uma excelente dupla, não só nas reuniões na hora de planejar, mas na hora de por em prática em sala de aula. A Mônica nunca me deixava sozinha, dávamos aula sempre juntas, em uma docência efetivamente compartilhada. Teve alguns dias que ela não pode comparecer e eu assumi a turma sozinha, posso dizer que foi bem tranquilo e uma experiência significativa para mim, mas quando ela estava presente sempre conduzia a aula junto comigo.

Gostaria de salientar também que o objetivo do PIBID era o de promover uma formação inicial dos acadêmicos e uma formação continuada dos professores, no meu caso se fez valer, pois acredito que não só eu aprendi muito através dessa experiência em sala de aula, mas a Mônica também, apesar dela ser muito resistente, percebi que ela passou a acreditar em algumas formas diferenciadas de ensinar e assim, passou a modificar algumas das suas metodologias de ensino. Como, por exemplo: passou a ler mais para as crianças, a trabalhar não só com as letras, mas também com textos, entre outras coisas.

Escola como ambiente alfabetizador

Nesse eixo gostaria de enfatizar outros espaços que foram potencializadores na aprendizagem das crianças, como: a biblioteca (Hora do Conto), e o pátio (Recreio Orientado).

Toda segunda-feira fazíamos a hora do conto. No início pensávamos que não poderíamos ler por ler e sim precisávamos fazer uma atividade após ler um livro, então descobrimos através da professora Gilceane que não é necessário. Desde então, toda segunda-feira tínhamos como atividade permanente a hora do conto, a qual acontecia na biblioteca.

As crianças foram se habituando e quando chagávamos já perguntavam: "Tem hora do conto?" Ou, "Que livro vocês vão ler hoje?". Era um momento muito gratificante, pois víamos o brilho dos olhos das crianças quando contávamos a história, além do que, sempre preparávamos algo diferente, às vezes contávamos a história utilizando o avental, outras vezes utilizando os fantoches, ou ainda, nos caracterizávamos ou organizávamos todo um cenário, sempre procurando inovar.

Uma das histórias que os alunos mais gostaram foi a dos Três Porquinhos, pois criamos um cenário e confeccionamos as casinhas de palha, madeira e tijolos. Além do mais eu e mais duas pibidianas dramatizamos a história enquanto havia uma monitora que narrava os acontecimentos. Os alunos gostaram tanto que quando voltamos para nossa sala, eles pediram para interpretarem a história, enquanto eu seria a narradora. Também quiseram confec-

cionar suas casinhas e as máscaras para dramatizar. Essa motivação deles me deixava muito feliz, pois no momento que eles estão criando algo, estão sendo mais autônomos, independentes, exercendo a criatividade, a imaginação, a linguagem oral e o trabalho em grupo.

Outra história que os alunos gostaram bastante foi a do João e Maria, em que fizemos uma peça teatral, ao invés de ler o livro, nós ensaiamos as falas, nos caracterizamos e dividimos os papéis entre nós pibidianas e monitoras. Os alunos do 1° e 2° ano, se divertiram muito, deram altas gargalhadas e depois, por vários dias lembravam-se das cenas.

Posso dizer que a hora do conto foi muito significativa, pois os alunos interpretavam a história a partir de suas percepções e recontavam com suas próprias palavras, uma vez que, sempre que terminávamos uma história, questionávamos os alunos. Além disso, a hora do conto incentivou os alunos a gostarem de ler, a terem gosto pela leitura. Eles também queriam ler para nós, e os que ainda não sabiam, sempre os incentivávamos para que contassem pelas imagens do livro.

É uma pena que não tivemos a participação do Teatro, pois seria uma grande oportunidade para socializarmos saberes, mas os pibidianos só tinham disponibilidade de horário pela tarde.

Outro momento que os alunos gostaram bastante foi o do recreio orientado, pois sempre que me viam perguntavam: "Hoje vai ter recreio orientado?" Quando eu respondia que sim, todos gritavam: "Eeeee!!". Era uma alegria imensa, pois geralmente o recreio deles era correndo pelo pátio, ocasionando assim, conflitos ou pequenos acidentes. No entanto, através do recreio orientado, os alunos puderam ter outras vivências corporais que não as usualmente praticadas, além de ser uma forma de entreter as crianças e resgatar brincadeiras culturais como: amarelinha, pular corda, três Marias, jogo futebol de prego, jogo da velha, cantigas de roda, entre outras.

Observei também, que através do recreio orientado havia uma forma diferenciada da relação dos alunos com a Mônica, visto que, ela sempre participava do recreio junto comigo e as crianças. Na sala de aula os alunos respeitam muito a Mônica e alguns tinham certo receio de se aproximar dela, pode-se dizer que por medo, pois ela é bem rígida e através do recreio orientado percebi que essa

barreira foi quebrada e um vínculo afetivo foi criado ali naquele momento.

Enfim, esses três eixos mencionados acima foram muito significativos não só para as crianças como para mim também. Aprendi com cada história contada, cada brincadeira realizada e com cada aula planejada. O PIBID me possibilitou viver experiências das quais nunca havia participado antes e aprendi que os espaços de alfabetização na escola transcendem a sala de aula.

Nesse processo de auto-formação aprendi a cada dia e vivi intensamente cada momento. Não poderia deixar de comentar também como foi o trabalho com as monitoras.

No princípio quando soube que teríamos monitoras fiquei um pouco receosa porque ficava imaginando quem poderiam ser as meninas que me acompanhariam, como seria nossa relação e o comprometimento delas com as crianças, enfim, tudo que é novo gera certa ansiedade. Então, no dia 08/04/2011 na primeira reunião de planejamento lá estavam nossas monitoras, porém, eu nem imaginava quais seriam as minhas, até que no final desta vieram duas meninas perguntar se eu era a Letícia, eu respondi que sim, então elas se apresentaram, e após trocamos e-mails para mantermos contato.

Já na semana seguinte elas começaram a ir à escola me ajudar a fazer a avaliação diagnóstica e daí para frente fomos nos identificando e criando uma boa relação. As duas monitoras que nos acompanharam sempre se mostraram interessadas no trabalho que se dispuseram a desenvolver na Getúlio, além do que, sempre quando eu precisei elas não mediram esforços para me ajudar.

As monitoras sempre chegavam mais cedo para ficar a par do que estávamos trabalhando com os alunos, pois a partir das 10h elas assumiriam a turma sozinhas, então seria importante dar seguimento a uma atividade que não havia sido terminada. No 1º semestre as monitoras levaram atividades, sendo que sempre me mostravam antes ou pediam orientação pelo e-mail. Já no 2º semestre como tínhamos o projeto do carteiro e as sequências didáticas, eu sempre dizia o que elas deveriam trabalhar, claro que sempre aceitando opiniões.

Posso dizer que fiquei muito feliz com o auxílio das monito-

ras e que a ideia das coordenadoras em colocar monitoras em cada turma (alunas voluntárias) para ajudar no trabalho, deu muito certo, pois sem dúvida, com ajuda delas fizemos um excelente trabalho na escola Getúlio Vargas. As meninas estavam presentes comigo em todos os momentos, na hora do conto elas iam mais cedo para me ajudar, pois certas vezes fazíamos toda uma encenação. No recreio orientado também, lá estavam elas me auxiliando.

Posso dizer com toda convicção que as monitoras deram o máximo de si, conquistaram as crianças e permaneceram comigo desde o dia em que entraram, com o mesmo *pique*, até o final deste ano. Acredito que as meninas, eu e a Mônica, fizemos um quarteto incrível e muito unido, nossa relação foi ótima, de muito coleguismo e simplicidade.

Tenho certeza que para elas que estavam no 1° semestre deve ter sido uma experiência muita satisfatória que fará a diferença na vida acadêmica delas, pois percebi que elas saíram desse trabalho com um novo olhar, favorecendo assim a sua formação, ao atuarem como aprendizes de professoras sistematizando os conhecimentos sobre a docência ao confrontarem-se com problemas reais em sala de aula.

Minhas considerações finais

Ser professor não é tarefa fácil, diariamente nossa capacidade é testada, surgem situações inusitadas, imprevistos acontecem, mas é somente no exercício da docência que vamos aprender a lidar com cada situação, pois não existe uma receita pronta, como também, ninguém nasce professor, torna-se a cada dia.

Entrei no PIBID como alguém que estava em busca desse conhecimento, pois às vezes parava para pensar, e algumas questões perpassavam meus pensamentos, tais como: "O que posso fazer para ajudar as crianças da escola Getúlio Vargas?", "Quais as causas de tanta repetência e evasão?", "Será que é pela falta de uma boa estrutura familiar?", "Ou será a didática utilizada pela professora?", "Ou quem sabe até mesmo pela má administração da gestão da escola?".

Logo, em minha percepção, é um conjunto de fatores que interferem diretamente no sucesso do aluno, não adianta ficar no

jogo do empurra, os professores precisam criar metodologias diferenciadas que despertem o interesse do aluno, fugindo de exercícios mecânicos e de cópias que em nada acrescentam no aprendizado dos alunos. A gestão também precisa estar comprometida e a participação dos pais não deixa de ser fundamental. Mas como nem tudo acontece como deveria ser os educadores tem um papel fundamental, o de fazer a diferença da vida dos alunos.

Eu aprendi muito diante de todas as tarefas desenvolvidas no PIBID: a leitura dos PCNs, as leituras sobre alfabetização, as reuniões na FaE, as reuniões gerais, os eventos, as oficinas, o trabalho na escola, etc. Enfim, adquiri muitos conhecimentos a partir desses estudos e práticas e da participação nesses encontros/eventos. Afirmo com convicção que tudo isso me ajudou muito, em termos de qualificação para minha vida acadêmica.

Quando entrei para o PIBID imaginei que faríamos monitorias nas escolas, jamais pensei que teríamos a oportunidade de criar, planejar aula, discutir a melhor forma de trabalhar juntamente com a professora regente da turma, enfim, estar na sala de aula, em uma docência compartilhada efetiva. Tenho certeza que não somente eu, mas a Mônica também aprendeu muito com o que o PIBID possibilitou.

As crianças também me ensinaram muitas coisas, me deram uma lição de vida, criei um carinho imenso por todas elas. Por tudo que vivi com elas, posso dizer que, por mais dificuldade que possua um aluno, jamais podemos deixar de investir nele, pois todos são capazes de aprender, alguns têm mais facilidade que outros, mas jamais podemos deixar de acreditar em algum aluno. É preciso estar muito atento, pois às vezes as crianças estão passando por problemas familiares sérios que podem afetar diretamente no seu aprendizado. Fiquei muito feliz por apostar em alguns alunos que tinham muita dificuldade e no final ter visto o progresso deles.

Com base no trabalho realizado e nos resultados obtidos, percebi que, apesar das dificuldades encontradas no decorrer das atividades, o projeto alcançou resultados que contribuíram significativamente para a formação de todos os envolvidos no PIBID, de forma a salientar a importância do mesmo na escola Getúlio Var-

gas, na formação inicial dos acadêmicos, formação continuada dos professores e no processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

De 2010 em diante aprendi muito e passei a ver a educação com outros olhos, olhos de quem quer dinamizar e inovar na forma de ensinar. Acredito que as experiências que construí ao longo desta trajetória me tornaram uma pessoa mais capaz no âmbito profissional. Agradeço muito ao PIBID por ter me concedido a oportunidade de vivenciar de perto a realidade da carreira docente criando experiências positivas para a minha futura prática docente.

13. UM SONHO POSSÍVEL

Maria Zilda Nascente Caetano Tavares[34]

Desde pequena sonhava em ser professora, adorava todas as brincadeiras que envolvessem ensinar.

Quando terminei o primeiro grau, comecei a fazer Magistério, percebi que realmente era o campo de Pedagogia que eu queria estudar, no entanto, por obras do destino, infelizmente não pude terminar o Magistério, por motivos de doença. Em função disso, precisei trabalhar para poder ajudar meus pais a superarem aquele momento difícil. Passei a estudar a noite e como não havia Magistério noturno, matriculei-me em outro curso. Assim, mais uma vez meu sonho foi postergado.

Há praticamente três anos sem estudar resolvi, então, prestar meu primeiro vestibular e, claro, só poderia ser para Pedagogia. Contudo, mais uma vez não obtive sucesso, pois fiquei na colocação 136. Diante dessas circunstâncias me desesperei, pois achei quase impossível entrar na faculdade, mas mesmo assim não desisti, tentei novamente no ano seguinte e, graças a Deus, eu consegui.

Esse dia nunca mais saiu da minha memória, lembro como se fosse ontem, eu contando os dias para que saísse o listão. Quando chegou o dia fiquei eufórica. Estava trabalhando, dei um jeito de me esconder dentro da fiambreria, porque meu coração me dizia que eu tinha passado, quando ouvi meu nome na rádio parecia um sonho, saí correndo e gritando, estava completamente realizada.

Muitas críticas e deboches eu sofri quando fui aprovada: "Ah, isso é faculdade de pobre!"; "Essa é a mais fácil!"; "Vais receber salário baixo" (comentários das outras pessoas). Mas nada me abalou, pois o que importa para mim é fazermos o que amamos. Naquela ocasião a remuneração não foi o fator preponderante na minha escolha profissional. No entanto, depois de conhecer a realidade

[34] Bolsista do PIBID – Aluna do 8º Semestre do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas.

escolar, afirmo, com convicção, que todo professor precisa ser bem remunerado, como qualquer outro profissional. Tenho esperança que um dia essa profissão tenha seu devido valor, pois o professor é a base de tudo, é o responsável pela educação do nosso país.

Enfim, começou a faculdade e eu queria aproveitar todas as oportunidades que ela oferecia, mas infelizmente não podia, pois trabalhava muito e não tinha quase horários para conseguir estudar. Nos finais de semana dedicava meu tempo para os estudos, sem falar nas inúmeras noites dedicadas a realização dos trabalhos. Mesmo assim, não estava dando conta de tudo. Reprovada em uma disciplina, voltei a sentir a mesma frustração da época do Magistério e pensei: "Será que novamente não vou conseguir realizar meu sonho de ser professora?". Comecei a me aborrecer, pensava muito em desistir, no entanto, não queria. Até que um dia conversei com meu esposo e cheguei à conclusão de que, das grandes oportunidades que a faculdade oferecia, participaria do processo seletivo da bolsa que teria 20 vagas para atuar no PIBID. Decidi então largar meu emprego e tentar uma bolsa na faculdade, acreditando na realização do meu sonho. Naquele ano surgiram em torno de umas sete bolsas, me inscrevi em todas elas, mas no fundo minha esperança estava voltada para o PIBID, fiz a inscrição, a entrevista e, finalmente, vi meu nome na lista dos resultados, enfim, tinha sido selecionada para uma bolsa na faculdade.

O PIBID trouxe para mim muitos sonhos e realizações, a oportunidade de aperfeiçoar meus estudos acadêmicos, a convivência em sala de aula com os alunos, os trabalhos em grupo, diante disso tudo minhas frustrações ficaram no passado.

Ainda tenho um problema, mas que com todas as oportunidades que o PIBID me proporcionou e proporciona estou conseguindo supera-lo. Percebo que cada dia minha timidez está gradativamente diminuindo.

Um dos maiores intuitos do PIBID é a inserção de nós acadêmicas em sala de aula, para isso necessitamos de um maior preparo, qualificação. Neste sentido, no primeiro ano de trabalho realizamos vários estudos tais como: leitura dos Parâmetros Curriculares Nacionais de todas as áreas, que serviu para maior embasamento teórico e conhecimento das atividades e conteúdos os

quais deveriam ser trabalhados nas respectivas áreas e turmas; o Projeto Político Pedagógico da escola; o estudo da reformulação do Ensino Fundamental de 9 anos, nos possibilitou uma qualificação muito significativa. Passamos então a observar e conhecer a escola, seus aspectos e necessidades, momento esse muito significativo e produtivo para as bolsistas, possibilitando o contato direto com a realidade escolar, espaço físico, turmas a serem trabalhadas, necessidades dos alunos, entre outros.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Fernando Osório é uma escola muito especial, pois a mesma trabalha com a inclusão escolar e recebe alunos com as mais diversas necessidades especiais, tais como: cadeirante, autista, síndrome de Willians, hiperativos, deficiente mental, síndrome de Down. Percebi na escola que para atender a estes alunos é desenvolver atividades diferenciadas.

Após o levantamento de dados e estudos desenvolvidos na escola, começamos algumas intervenções paralelas aos estudos. Uma dessas atividades foi realizada para comemoração do dia da criança em outubro/2010, com várias atividades, como: pintura no rosto, pintura na parede, rodas de músicas, atividades corporais com o círculo de atividades realizado no pátio da escola com várias brincadeiras (pula corda, túnel, carro de rolimã, voleibol, futebol, cantigas de roda, entre outras); momento político que teve com o tema: "Se eu fosse prefeito o que faria para melhoria da cidade?". A hora do conto as pibidianas se caracterizaram de alguns personagens, tais como: cinderela, bruxa, Aladim, palhaço, entre outros. Essas intervenções possibilitaram, a todas nós pibidianas, um maior contato com as colegas, professoras, equipe diretiva e, principalmente, um maior contato com todos os alunos de 1ª e 4ª ano. Outro momento que achei importante foi a peça teatral desenvolvida pelo grupo do PIBID do curso de Teatro, onde os alunos foram deslocados da escola até o teatro. Foi muito positiva essa experiência para todos, pois despertou a curiosidade e o interesse dos alunos, muitos deles nunca tinham ido a um teatro ver uma peça teatral. A meu ver todas essas atividades foram muito importantes para o desenvolvimento no primeiro contato com a escola.

A partir de 2011 foram realizados mais estudos, com a leitura sobre interdisciplinaridade. O livro "Escrever e ler" vol. I, a partir

do qual realizamos a leitura em grupo nas reuniões da área disponibilizado a todas as professoras da escola, promoveu diversas aprendizagens. Estudamos os níveis de alfabetização segundo a teoria de Emilia Ferreiro, estudo esse, que nos impulsionou a realizarmos uma avaliação diagnóstica com todos os alunos de 1º a 4ºano. Para maior conhecimento dos níveis encontrados em cada turma e a partir dos resultados encontrados passamos a planejar e executar as atividades específicas e necessárias.

Através das avaliações, várias inquietações foram surgindo. Começamos, então, várias discussões nas reuniões realizadas às quartas-feiras com todas as bolsistas sobre os projetos desenvolvidos e as atividades realizadas. Desenvolvemos na escola, com as crianças do primeiro e segundos anos o projeto "O carteiro chegou", no qual foi trabalhado os diversos gêneros textuais, contidos nos contos do livro, tais como: Chapeuzinho vermelho (cartão de aniversário), Cinderela (carta/comunicação), Os três porquinhos (carta de despejo), João e o pé de feijão (cartão postal), João e Maria (panfleto/encarte) e Cachinhos dourados (carta). Através desses contos desenvolvemos várias atividades com a classe de alfabetização, sempre respeitando os conteúdos das respectivas turmas e a necessidade de cada aluno. Essas atividades abrangeram leitura, escrita, músicas, números, cálculos, atividades corporais, peças teatrais, experiências, receitas e etc. O crescimento tanto dos alunos, quanto da professora e das bolsistas foi se dando gradativamente e positivamente, a aprendizagem foi visivelmente observada no decorrer de todo o projeto e ao término dele.

Outra necessidade que observamos na escola, foi o Recreio Orientado, para possibilitar melhor entretimento e atividades para os alunos, pois durante o recreio eles ficavam muito dispersos, realizando atividades as quais poderiam se machucar e muitas vezes se machucavam. O Recreio Orientado era composto de atividades que desenvolvíamos semanalmente com várias brincadeiras como: cantigas de roda, amarelinha, pular corda, bilboquê, vai e vem, futebol, 5 Marias, bolinhas de gudes, futebol de pregos, entre outras. Com o desenvolvimento desse projeto abrangemos mais um aspecto que o PIBID tinha proposto que é a escola como ambiente alfabetizador. Outro objetivo proposto pelo PIBID foi a criação de uma brinque-

doteca na escola. Meta que foi alcançada, pois através desse espaço conseguimos desenvolver atividades diversificadas com os alunos, dentre elas: a dança, a hora do conto, peças teatrais, salão de beleza, etc. Essa brinquedoteca foi enriquecida pelo projeto através da compra de vários materiais, tais como: contos clássicos, fantoches, avental temático, painéis, palco de tecido para as peças teatrais, jogos, maquiagens, fantasias, materiais de pintura, entre outros.

Todas essas oportunidades de sala de aula foram muito produtivas para nós acadêmicas, tanto quanto foram para as professores envolvidas. No decorrer do curso são poucas as oportunidades de estar em sala de aula. Muitas vezes, iremos ter o contato com a escola e/ou com os alunos, somente no estágio, sendo assim, vamos inseguras, despreparadas, e para as professoras já atuantes, esses trabalhos possibilitam uma formação continuada, novas práticas, atividades diversificadas, novos estudos e conhecimentos.

Desses dois anos de estudos, o que ficou de significativo para mim foi: as amizades que levarei para o resto da vida, as novas experiências, as possibilidades, o aprendizado, os estudos e leituras que só me qualificaram ainda mais, a alegria, o amor e o carinho de todos os alunos que pude ter o prazer de trabalhar, ver aquele brilho nos olhos deles, a confiança, o respeito, os medos e dificuldades encontradas e superadas, as recordações que ficam em nossas memórias. Recordações essas que são tão maravilhosas que só em recordar a saudade no meu peito já vai apertando.

O PIBID é uma oportunidade única de aprendizagem e qualificação, espero e desejo que existam muitos outros anos de Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência e que com eles venha a possibilidade de qualificação de muitos outros profissionais e alunos.

O projeto proporcionou a todos uma maior reflexão sobre as práticas docentes, uma melhoria da qualidade da educação, a visão de que teoria e prática andam sempre juntas, do quão importante é sempre levar em conta as dificuldades e necessidades específicas de cada aluno, que podemos conciliar as brincadeiras com os conteúdos escolares, sempre levando em conta a infância, a idade e o desenvolvimento dos alunos.

Jamais penso em desistir do meu sonho, penso cada vez mais aperfeiçoar e aproveitar todas as oportunidades que surgem, pois o tempo passa muito rápido e, daqui a pouco, já estou me formando. Por fim, digo que, amo o que faço e a profissão pela qual optei e, acrescento dizendo ainda, que não me arrependo em nenhum momento de ter escolhido o Curso de Pedagogia e, muito menos, de ter participado como bolsista do PIBID – Pedagogia.

Atualmente só tenho a agradecer por essa experiência vivida no PIBID, por toda aprendizagem e qualificação obtida. O quão importante foram as realizações de algumas leituras, as quais não têm no nosso currículo, a oportunidade e experiência em sala de aula, experiência essa que a faculdade só nos proporciona no 8º semestre, no final da faculdade. A atuação no PIBID só veio enriquecer meu currículo e minha vida acadêmica.

14. MINHAS MEMÓRIAS DURANTE O PIBID

Mayra Prates da Silva[35]

Acredito que é impossível falar sobre minhas memórias durante o trabalho no PIBID sem iniciar falando sobre o meu ingresso à universidade.

Estudei durante três anos no Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça, cursando Agroindústria. Nesse período surgiu à possibilidade de realizar um teste vocacional. Como sempre fui indecisa sobre qual carreira seguir, resolvi fazer, a fim de que este desse um rumo para o meu futuro profissional. Quando saiu a resposta do meu teste veio a surpresa: Pedagogia. Este nunca foi um curso que pensei em fazer, pois sempre me disseram que eu não tinha paciência para ensinar, então parei de pensar nisso.

Alguns anos se passaram, e resolvi tentar o vestibular da Universidade Federal de Pelotas/UFPel. Minha família não teve condições de pagar um curso preparatório e resolvi fazer sem esperança de passar, somente testar como me sairia. Quando fui fazer a inscrição, tive muitas dificuldades em escolher qual curso queria cursar. Depois de olhar as múltiplas opções, a que mais me agradou foi Pedagogia. "Vou fazer", pensei. E para minha surpresa fui selecionada.

Entrando para a faculdade me surpreendi ao perceber que eu gostava do assunto, a teoria me agradava. Logo depois, surgiu a primeira seleção para o PIBID Pedagogia, mas fiquei receosa em fazer, não me sentia preparada, acreditava não ter conhecimentos suficientes para fazer uma seleção, pensava que não saberia responder sobre nada, já que não havia feito o curso de Magistério. Naquele momento tudo era muito novo para mim, mesmo porque não havia pensado em entrar para a área da educação.

[35] Bolsista do PIBID – Aluna do 6º semestre do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas.

Segui na faculdade, participando apenas de seminários e palestras, mas notava que era pouco, que apesar de tudo, a faculdade estava distante, eu não estava inserida o suficiente, sentia que havia muita teoria, mas a prática era algo que me assustava, pois era desconhecida para mim. Foi então que soube que havia seleção para monitoria voluntária para atuar no projeto do PIBID na escola Getúlio Vargas. Ao mesmo tempo em que estava ansiosa para ver a realidade da escola, da prática, o cotidiano de uma sala de aula, eu tinha medo, medo de descobrir que eu não queria ser professora. Depois de pensar um pouco, resolvi arriscar, pensei que seria muito bom, pois a partir dessa experiência eu decidiria o meu futuro acadêmico.

No primeiro dia, estava bem nervosa. A escola se situava em um bairro conhecido por ser violento, em uma comunidade extremamente carente, uma realidade que eu não conhecia de perto. Ao chegar lá percebi que atuar junto à professora em sala de aula iria me acrescentar muito. Eram experiências extremamente necessárias para minha formação, além da possibilidade de fazer algo para ajudar na educação daquelas crianças carentes de tantas coisas, principalmente de carinho, que é o que mais noto na escola. A cada dia que passava, através da convivência com os alunos, sentia que estava crescendo não só como profissional, mas principalmente como pessoa, como ser humano. No decorrer de meu trabalho em sala de aula, vivi diferentes sensações que foram desde medo de não conseguir ensinar, de não dar conta da complexa tarefa de alfabetizar, até a de agir de maneira errada, pois por várias vezes, fiquei ansiosa e receosa de tomar alguma atitude, dúvida de como falar, pedir e cobrar, atitudes que ao longo da prática, o professor vai aprendendo a tomar. Para mim, naquele momento era tudo muito novo, dia a dia surgiam situações e acontecimentos inesperados, onde eu tinha que ser um pouco artista e sair bem daquela situação. Trabalhar com crianças sempre é um desafio, ser professor é um desafio, nunca estamos preparados para tudo, e cotidianamente surgem fatos que devemos saber o que e como fazer na hora, tomar uma atitude imediata para situações nas quais não programamos, isso para mim, é um dos aspectos mais complexos da arte de educar.

Por diversas vezes, fui indagada de assuntos que não tinha a resposta, mas eu deveria saber como sair dessa. Em apenas um dia

em sala de aula, desfrutei dessas diversas sensações. Em determinado momento, estava com medo de não conseguir explicar, de não me fazer entender e, logo, já me deparava com algo que mudava tudo, como a indescritível sensação de receber uma carta escrita por alguém que de repente começou a escrever pela primeira vez ou ouvir um daqueles alunos que até então não sabia ler, lendo um livro baixinho em sua classe. São todas essas inúmeras sensações que nos instigam a continuar e perceber o quão maravilhoso é ser professor.

Além disso, tive momentos de tensão e tristeza neste local, por diversas vezes ao ouvir algum aluno dizer que não tinha almoçado, que tinha apanhado ou que cortaram a luz na hora de seu banho, me fizeram dar um nó na garganta, me deixar sem reação. Nesses dias fui para casa muito triste, são momentos que nunca esquecerei, pois diversas vezes me acordei durante a madrugada, pensando nesses acontecimentos, nos fins de semana seguidamente me lembrava de como estariam aquelas crianças, comendo ou não, brincando ou não...

Acredito que minha maior vitória além de sentir o carinho que os alunos têm por mim e a felicidade que ficam ao nos ver chegar, seja o desenvolvimento deles, ver o quanto eles aprendem dia a dia, tanto em seu desenvolvimento como ser humano, quanto no desenvolvimento da leitura e da escrita, além da oralidade; essa é a maior recompensa que um educador tem: ser reconhecido pelo menos por seus alunos.

Sinceramente, nunca fui uma pessoa muito atenta aos problemas sociais, até entrar para o PIBID e para a escola. Lá descobri que é minha também a responsabilidade de transformar a triste realidade em que essas crianças se encontram, e na minha crença, a sociedade só se transforma através da educação. A urgente necessidade de contribuir para que essas crianças carentes tenham um futuro melhor foi crescendo em mim a cada dia e, então, surgiu mais uma seleção para o PIBID. Desta vez, eu já estava mais confiante no meu potencial, pois já tinha conhecimentos sobre diversos assuntos da área da educação adquiridos nesses cinco semestres de curso. Além disso, ir à escola apenas uma vez por semana não era o suficiente para eu me sentir parte daquele ambiente. Sentia necessidade de me envolver cada vez mais para realmente ver resultados no meu trabalho com aqueles alunos.

Resolvi tentar, e felizmente consegui ser selecionada. A partir daí tudo mudou, descobri que a carreira docente é sim o que quero exercer, e essa descoberta quem me proporcionou foi o PIBID.

Descobri o quanto é gratificante o trabalho do professor que se sente realizado com o aprendizado do outro. Que este é meu compromisso com a sociedade, formar cidadãos conscientes, críticos e informados, que não sejam alheios aos problemas que nela enfrentamos. Penso que precisamos contribuir para uma sociedade mais humana, mais justa, mais igualitária. O trabalho em sala de aula me fez perceber o quanto é nobre a tarefa de educar e que mesmo em um país que valoriza pouco seus professores, ainda há muitas pessoas se formando com um enorme desejo de ajudar o outro a se desenvolver e a aprender. O caminho para isso acontecer é através da educação.

Seguidamente, ao ser indagada sobre qual curso faço, ao responder: "Pedagogia", noto certa insatisfação das pessoas, que às vezes mesmo sem falar, apenas na expressão do rosto, demonstram a decepção, outras são mais ousadas e falam: "mas porque Pedagogia?", "Professor só se incomoda e ganha pouco!". Nessas situações, procuro responder que optar por ser professor, é muito mais que uma escolha, é um sentimento que vem do nosso interior, às vezes mais forte do que a própria razão. É este sentimento que nos faz seguir adiante e ter a esperança de um dia sermos reconhecidos socialmente, de não deixar de lutar e sempre acreditar no potencial de cada aluno.

O PIBID é um programa que proporciona conviver com as crianças, saber o que dá certo, o que não dá, planejar junto com a professora, trocar experiências, brincar com os alunos, o sentimento de realização a cada novo aprendizado que eles alcançam, aprender sobre a rotina de uma escola, seus problemas e suas conquistas. Além disso, o PIBID possibilita participar de eventos e oficinas, onde temos a oportunidade de ouvir pessoas que estudam ou atuam para uma educação de qualidade. Essas trocas de experiências me fazem crescer a cada dia e conhecer muitas coisas que apenas com as disciplinas oferecidas na faculdade não conseguiria saber.

São muitos os saberes aprendidos e vivenciados nas idas à escola duas vezes por semana. As leituras que fazemos acrescentam

muito à nossa formação, já que estes sempre são textos em que a teoria possibilita a prática em sala de aula. Quero dizer que os textos não são alheios ao nosso trabalho na escola, ao contrário, estão sempre articulados, possibilitando-nos que leiamos já pensando em colocar em prática tais aprendizados, como é o caso do texto Alfabetização e Letramento na infância, do Mec. Este livro articula teoria e exemplos práticos de atividades e de formas de organização em sala de aula. A partir dele pude colocar diversas atividades em prática e refletir sobre aspectos até, então, ignorados por mim.

Poderia aqui falar de diversas atividades que desenvolvi a partir dos estudos realizados nas reuniões do PIBID, mas vou falar de alguns que considero que se destacam mais, como a atividade permanente, que até, então, eu desconhecia sua importância no trabalho pedagógico cotidiano. A partir do projeto, fiz leituras de contos com as crianças e também a reescrita coletiva de cada história. Essa atividade proporcionou aos alunos que inventassem suas próprias histórias, que percebessem a diferença da linguagem oral para a escrita, pois eles ditavam a história para a professora, e esta por sua vez, escrevia no quadro, sendo, então, que os alunos adequavam para a forma escrita, fazendo as alterações necessárias.

Comecei também a observar mais atentamente as diversas oportunidades de escrita espontânea que aparecem no cotidiano de uma escola, por exemplo, ao levar os alunos para o refeitório para fazerem uma receita, pedi para eles anotarem após o preparo as etapas e os ingredientes que utilizaram, criando assim, mais um motivo para escrever, mostrando o real uso da escrita na sociedade.

Durante o segundo semestre do ano letivo, ocorreu de um aluno parar de frequentar a escola, sem qualquer aviso por parte dos pais ou responsáveis, então, diante dessa situação, propus a eles que fizessem uma carta coletiva ao aluno e, posteriormente, sorteei um aluno da turma para ser o carteiro e ir até a casa do menino entregar a carta, perguntando o porquê da sua ausência e demonstrando a falta e a saudade que estava causando aos seus colegas. Atividades como esta mobilizavam a turma toda, integrava e motivava as crianças a não faltarem a escola.

Todas essas atividades foram pensadas após os estudos teóricos que realizei no PIBID, pois até então, não havia pensado nessas

imensas possibilidades de trabalho. Pude compreender o quanto é importante que o professor esteja atento às pequenas oportunidades que aparecem no dia a dia que possibilitam que se faça uma escrita e uma leitura mais espontâneas, mostrando o efetivo uso dessas diversas formas de comunicação na sociedade. Isso transformou o meu trabalho em sala de aula, possibilitando desenvolver um trabalho muito mais interessante, prazeroso e significativo tanto para mim quanto para os alunos.

Destaco também a oficina de Jogos Boole, que são jogos de lógica os quais desenvolvem o raciocínio através de histórias estruturadas na matemática. O contato com esta oficina para mim foi fascinante, através desses jogos tão importantes para a alfabetização, aprendemos brincando e a partir deles pude perceber que o ensino da matemática torna-se muito mais significativo, simples e lúdico. Aprender a matemática dessa forma torna-se muito interessante para os alunos que despertam o gosto pelo aprendizado. Esse aprendizado foi de fundamental importância para minha formação enquanto educadora, pois a partir do contato que tive com os Jogos Boole pude conhecer e refletir sobre outras maneiras de tornar o ensino da matemática mais atrativo aos alunos, além de ser um meio eficiente para desenvolver o raciocínio lógico das crianças. Outra oficina que achei muito significativa foi a de Ciências. Pude com ela perceber o quanto o ensino de ciências é importante nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e como é simples de torná-lo prático e lúdico, deixando de lado a metodologia de apenas decorar conceitos. Descobri que é possível e mais apropriado desenvolver os conceitos a partir da ação dos alunos sobre o ambiente. Pude refletir que o ensino de ciências torna-se muito mais simples se for feito com experiências, despertando nos alunos o gosto pela ciência e pela descoberta.

Os eventos realizados no decorrer do projeto são outras oportunidades que temos para aprender. Realizar, organizar e participar de eventos faz com que se socialize o que já sabemos. Sem o PIBID não seria possível participar desses momentos de discussões tão ricos. A partir desses eventos, nosso crescimento é enorme, são inúmeros conhecimentos adquiridos que refletem muito em nossa formação acadêmica. Além disso, o PIBID me possibilitou apre-

sentar trabalhos para diferentes pessoas, em diferentes espaços nos quais vamos socializando e conhecendo novas pessoas e aprendendo a perder o medo de falar em público.

Em apenas seis meses no PIBID tive a profunda consciência do quanto cresci. As práticas em sala de aula me ensinaram conhecimentos em diferentes aspectos, como o funcionamento de uma escola, o planejamento semanal que fazemos juntamente com as professoras, as trocas de ideias e saberes, como agir nas inúmeras situações que surgem no cotidiano, enfim, tudo que é necessário para uma formação muito mais qualificada. Penso que este é um programa inovador, que deveria fazer parte de todos os cursos de licenciatura das várias universidades que existem, pois ele contribui enormemente para que os futuros docentes tenham uma formação mais qualificada e articulada, formando profissionais muito mais preparados para exercer sua carreira no dia a dia de uma escola, com as diversas especificidades que permeiam a área educacional, melhorando assim, significativamente, a qualidade do ensino. Não consigo pensar em como seria a minha formação e minha prática em sala de aula sem a oportunidade de participar deste programa.

Posso afirmar que foi através do projeto que descobri o valor que da carreira docente. A tarefa de educar é nobre, exige conhecimento, preparo, dedicação e principalmente amor, por isso, é indispensável que o professor goste do que faz, pois é que tenha vontade de ajudar, de contribuir para a formação de um sujeito que nos dá forças para seguir em frente, para encarar as inúmeras dificuldades que o professor enfrenta no cotidiano da escola. É preciso acreditar que a educação irá melhorar e é esse o sentimento que eu tenho, acredito que sejamos sim capazes de fazermos uma educação de qualidade em escolas públicas, diminuindo consideravelmente as diferenças sociais que são alarmantes no país.

Para concluir, não posso deixar de reiterar o quanto o PIBID foi importante para a descoberta da profissão que escolhi. São imensas contribuições que me foram proporcionadas, atuando em sala de aula mesmo antes de concluída a minha formação. São inúmeros os aprendizados realizados juntamente com a professora titular e as coordenadoras do projeto.

Estar no PIBID é ter a chance de aprender a teoria e a prática em conjunto, diferentemente do que fazer uma formação baseada na teoria e só após a conclusão do curso desempenhar a prática. Sendo assim, é essa a oportunidade de colocar em prática e testar todos os aprendizados que estão sendo feitos na graduação em sala de aula. Além disso, o programa me despertou a vontade de continuar minha formação, ou seja, de não me contentar apenas com a graduação e sim com um doutorado no futuro, ampliando minhas metas profissionais.

Sendo assim, posso perceber facilmente o quanto cresci desde que ingressei para o PIBID, tanto em meus conhecimentos acerca da profissão que escolhi, minhas escritas, a melhora do meu desempenho ao apresentar seminários, minha postura em sala de aula, além da contribuição pessoal, ao me transformar em uma pessoa mais atenta aos problemas sociais. Logo, cada dia que vivi no PIBID só me fez crescer ainda mais em termos de aprendizado.

15. NARRATIVA DO MEU PROCESSO DE AUTO-FORMAÇÃO ENQUANTO BOLSISTA DO PIBID

Natália Douglas Laner[36]

Sonhos e aprendizagens: construindo minha carreira como docente

Nasci e cresci em uma família de professores. Minha mãe, minha avó, meu avô e algumas tias exerciam a profissão docente. Assim, fica quase impossível não ser influenciada pela carreira que a maior parte da família escolheu. O que mais me lembro, quanto a eles, era a importância que davam à profissão. Meu avô dizia que o conhecimento era a maior chave para abrir as portas de nossas conquistas.

Todos eles trabalhavam em escolas municipais no interior de Cerrito, onde morei até meus 14 anos. Mudei para Pelotas para continuar os estudos, concluir o Ensino Médio e tentar cursar uma universidade. Mas, infelizmente, minha família não tinha condições de me sustentar aqui. Então, ingressei no mercado de trabalho.

Meu primeiro emprego, aos quinze anos, foi em uma pequena escola de Educação Infantil, que se encontrava no bairro onde moro em Pelotas. Eu ainda não pensava em cursar Pedagogia, mas depois de dois anos trabalhando nessa escola percebi o valor dessa profissão e no quanto poderia ajudar o mundo, as pessoas e a mim mesma. Esse sempre foi meu ideal, pois acredito que todos vieram ao mundo com uma missão e tenho fé de que a minha seja ajudar as pessoas que precisam e, consequentemente, ajudar o mundo. Assim, escolhi a Pedagogia.

Depois de alguns meses troquei de emprego e fui trabalhar em uma escola maior. Ela se localizava no centro, e ao mesmo tem-

[36] Bolsista do PIBID – Aluna do 8º semestre do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas.

po em que era uma escola grande, conhecida e prestigiada, também era totalmente conservadora. Foi lá que aprendi muito sobre como as crianças aprendem e como se socializam umas com as outras e também com os adultos.

Infelizmente, o trabalho estava me atrapalhando, e muito, na faculdade. Eu estava sempre cansada e nunca tinha tempo para fazer os trabalhos e estudar. Foi então que veio a calhar uma das melhores coisas que poderia ter acontecido em minha vida acadêmica, o PIBID. Quando fiquei sabendo que iria abrir vagas para esse programa, procurei saber ao máximo o que ele tinha como objetivo. Percebi que se participasse desse projeto estaria realizando um de meus desejos, o qual é unir todo um estudo teórico de autores e de grandes pensadores sobre a educação com o cotidiano de uma escola, a realidade do dia a dia das crianças. E, ainda, aprender a utilizar todos os estudos teóricos em uma sala de aula que contenha entre 20 e 30 crianças, como acontece na maioria das instituições públicas de ensino.

Outro grande sonho que o PIBID me proporcionou é o trabalho com crianças carentes, vindas de bairros populares. Além do trabalho, o programa me ofereceu a oportunidade de compreender como essas crianças aprendem com tantos problemas familiares e sociais.

Tudo começou com muitas incertezas do que eu realmente iria fazer durante esses dois anos no PIBID. Mas, para terminar com algumas dúvidas, todos começaram lendo o projeto. Depois da leitura, eu entendi o quanto é importante um bom planejamento de ações a serem feitas durante o programa. Pois é a partir dele que podemos nos basear e iniciar nossas intervenções. Porque, na verdade, não partimos do nada, mas, sim, de intervenções bem estruturadas e planejadas. Da mesma forma, entendo que não se pode entrar em uma sala de aula sem um esboço do que se vai passar para os alunos. Nem que seja diário, ter um plano de ensino consistente é essencial. Mas vale lembrar que o planejamento não deve ser tão rígido. No momento em que as crianças intervirem e questionarem outros caminhos, que não estão presentes no planejamento, deve-se levar os estudos em direção ao que desperta a atenção dos alunos.

Outro aprendizado importante que tive com as reuniões e leituras do PIBID foi quanto à forma de avaliação proposta pelas

orientadoras, o portfólio. Depois de ter lido o texto de Benigna Maria Villas Boas, descobri as mais diversas possibilidades de avaliar os alunos, e também o quanto o portfólio contribui com as produções textuais de cada aluno, possibilitando uma autorreflexão dos escritos e, ainda, contribuindo com a autonomia de cada um. E o mais importante é que o portfólio oferece oportunidades para demonstrar nossas aprendizagens sobre diversas situações, as quais, muitas vezes, nem os professores esperam.

A tradição pedagógica de avaliar nas escolas desvia-se para o lado classificatório, aprovando ou reprovando o aluno, excluindo-o do acesso ao ano posterior apenas por não ter retido certa informação que a escola ou o professor julga necessária. Sendo assim, a avaliação se torna um "instrumento de controle" (Gandin, 1995), através, principalmente, de provas, que também trata a aprendizagem como algo terminado. Essa foi uma das coisas que mais aprendi com o PIBID: o conhecimento não é algo acabado, mas está sempre em desenvolvimento.

Voltando aos meus objetivos como pibidiana, lembro-me de um vídeo que me despertou um forte desejo de trabalhar com crianças de bairros marginalizados. O documentário "Que letra é essa?" com a história do menino Patrick, que retratava um problema de repetência em que a responsabilidade era jogada de mãos em mãos, da família para escola e vice versa. Na verdade, o que mais quero descobrir é o porquê dessa repetência em escolas de bairros de classe baixa.

Enfim, é chegada a hora de conhecer as escolas, minha expectativa era enorme. Quando chegamos à Escola Municipal de Ensino Fundamental Fernando Osório fiquei admirada com a organização da mesma, com seus poucos alunos e com sua bela aparência, ótimas condições físicas e, aparentemente, professores comprometidos. Na verdade, quando entrei lá, me senti em uma escola particular pelas boas condições. Então comecei a questionar-me: por que algumas escolas públicas são tão bem estruturadas e outras não? Quais os privilégios que uma tem que outras não possuem? Será que a secretaria do município oferece *regalias* a essas boas escolas? Ou será que a direção da escola é que faz a diferença? Enfim, infinitas perguntas me rodearam durante esse tempo e até hoje. A

escola referida tem muitas qualidades, mesmo assim ela não é a que está em primeiro lugar em relação às melhores da cidade, temos muito a investigar, talvez faltem alguns detalhes para ela tornar-se excelente.

Bom, entendi que meus desejos não estavam ali, então meu coração palpitava para conhecer a Escola Municipal de Ensino Fundamental Getúlio Vargas, pois vivia perguntando-me: Como será que é a escola? Como será que são os alunos? Como será que são os professores?

Graças a Deus chegamos à escola, e ela era bem como eu imaginava: enorme; muitos alunos; poucos professores para o tamanho da escola e cansados do número grande de alunos por turma; espaço enorme para o recreio mas, infelizmente, desorganizado; condições físicas deixando totalmente a desejar; sem pintura; alguns buracos em salas de aula; goteira; lugares de recreação, como o pátio, totalmente abandonados; a grama enorme. Diante dessas circunstâncias, o meu desejo de ajudar começou a crescer e, em seguida, entendi que ali era o meu lugar, onde eu queria estudar cada detalhe e entender o porquê de todas as repetências. Como as crianças aprendiam, porque não aprendiam, como se relacionavam entre si, com a escola e com sua família. Eu queria aprender como mudar o futuro dessas crianças para melhor.

Começamos a observar o cotidiano dos alunos e, então, percebi o que vivia escutando dentro da universidade: "crianças que estão inseridas em um meio que propicia a leitura e a escrita terão mais facilidade em aprender do que aquelas que não estão". Na escola Getúlio Vargas algumas turmas não possuíam o hábito de ler e de escrever, o que tornava a aquisição da leitura e da escrita bem mais difícil. Alguns alunos de primeiro ano, ao final do ano, não reconheciam quase nem uma letra. Além disso, as aulas eram passivas para os alunos, eles tinham que permanecer sentados toda tarde, era quase um martírio para as crianças.

Quando aplicamos uma atividade sobre leitura e escrita, a qual se realizava através de uma brincadeira, eles se tornaram muito mais participativos e interessados. Esforçando-se para acertar e, o mais importante, pensando sobre a escrita.

Bem, observando tudo isso que acontecia na escola, eu percebi o quão importante era o nosso trabalho enquanto pibidianas

e universitárias. Entendi que se aplicarmos uma aula com jogos e brincadeiras com muito movimento e que envolvam os números e as letras, as crianças, além de estarem aprendendo, também estarão divertindo-se, o que, a meu ver, é o ponto chave para uma real aprendizagem.

E, ainda, compreendi o nosso papel de tentar levar essas reflexões aos professores, fazer com que eles percebam o quanto é importante desenvolver uma aula que esteja ligada com o que os alunos querem e gostam, com os assuntos que os rodeiam, pois assim, a mesma, se torna interessante.

Ainda nas aprendizagens adquiridas como bolsista do PIBID, lembro das oficinas que realizamos nas escolas e o quanto aprendi com elas. Com estas oficinas percebi que a agressividade está cada vez maior e que eu, enquanto colaboradora da escola, preciso construir projetos relacionados a essas questões. Também por meio das atividades aprendi que a organização é fundamental, pois durante a tarde da oficina "brincando na rua" algumas crianças não participaram, alguns jogos não foram realizados com sucesso, e isso foi consequência da minha inexperiência e também de pouco planejamento.

Mas, com todos os percalços, o que mais emociona é perceber que eu estou contribuindo para o crescimento dos alunos e que, da mesma forma, eles estão contribuindo para o meu.

Novas aprendizagens

No início do ano começamos efetivamente o trabalho. Idealizamos um projeto que pudesse atender a todos os espaços da escola, que propiciasse momentos de aprendizagem com professores, alunos, funcionários e direção. Quando passei a observar mais atentamente as salas de aula, percebi que deveríamos investir em formação com as professoras, pois algumas aplicavam aulas tradicionais não levando em consideração a cultura e a história dos alunos, o que com os estudos atuais sobre a educação constatamos ser essencial.

Então, num primeiro momento, pensei em fazer palestras semanais com as professoras envolvidas no projeto. Ao passar a

ideia para minhas orientadoras, amadurecemos a mesma e a transformamos em reuniões de planejamento compartilhado e estudo de alguns livros. Achei que iria ser bem produtivo e, por um lado, foi. Conseguimos um estreitamento nas relações e no vínculo com as professoras, assim, descobrimos suas formas de pensar sobre a educação e sobre a aquisição de conhecimentos. Também construímos um planejamento de atividades diferenciadas e significativas, entretanto, não conseguimos, definitivamente, fazer com que elas aplicassem novas aprendizagens acerca da alfabetização, que sempre foi nosso foco. Isso tornou o trabalho difícil e demorado, pois o planejamento feito em conjunto só era posto em prática quando estávamos lá. Diante disso, penso que ainda temos que investir em formação continuada com as professoras, devemos encontrar formas alternativas de fazer com que as mesmas se apropriem de estudos atuais sobre o processo de alfabetização e aquisição das diferentes áreas do conhecimento.

Quando se trata do contexto de sala de aula é muito gratificante lembrar os momentos com os alunos, pois eles sempre demonstravam alegria e satisfação. Além disso, as atividades aplicadas por nós, bolsistas, eram diferentes das praticadas no dia a dia das aulas, isso tornava a turma interessada, porém, ao mesmo tempo, agitada. Pois os alunos não entendiam que aquilo que estavam fazendo também era aula, mas com distintas formas de aprender. Nossas atividades eram sempre contextualizadas no projeto criado por mim e algumas colegas do segundo ano com a ajuda das professoras titulares sobre o livro *O carteiro Chegou*, de Janet & Allan Ahlberg, o qual aborda diferentes portadores de textos e os relaciona com contos infantis. Assim, conseguíamos trabalhar de forma atrativa com gêneros textuais através das histórias de clássicos infantis. O livro utilizado conta a história de um carteiro que entrega cartas a personagens dos contos, a cada carta entregue criava-se um contexto sobre aquela história e, então, aplicávamos atividades referentes ao conto em questão.

Uma das coisas que esse projeto me fez pensar foi que, por mais que as atividades fossem atrativas, o que realmente chamava a atenção das crianças era trabalhar com as suas realidades de vida, fazer planejamentos que envolviam o seu cotidiano. Isso me mar-

cou quando fizemos o passeio pelo bairro, em que pedimos para grupos escreverem o que observavam durante a saída de campo e, por mais que alguns não soubessem escrever, se mostravam interessados em saber como se escreviam as coisas vistas na rua. Além disso, nesse dia, conseguimos, como em nenhum outro dia em sala de aula, sentar em uma roda e conversarmos sobre o passeio. Todos os alunos falaram e escutaram seus colegas, mostrando que haviam aprendido a respeitar a opinião e o pensamento dos colegas. Outra atividade marcante foi o trabalho com o sistema monetário, pois toda a turma concentrou-se em fazer as contas sobre o troco e quanto cada um deveria receber. Nesse momento, consegui perceber a importância de se trabalhar com atividades significativas em sala de aula, as quais proporcionam aos alunos aprendizagens que poderão vir a ser aplicadas no cotidiano de cada um.

Por fim, posso afirmar que com o PIBID me transformei em uma profissional, pois foi a união entre os estudos e a prática em sala de aula, e na escola como um todo, que cresci como docente, que aprendi como trabalhar com crianças para as quais a escola é a esperança de um futuro melhor, e que está em nossas mãos fazer com que os alunos aprendam a enfrentar esse mundo letrado e a lutar pelos direitos que possuem. Foi também através do PIBID que me transformei como pessoa, pois entendi o grande significado da minha profissão, a grande responsabilidade que tenho de poder ou não mudar a vida dos meus alunos, de poder ou não construir uma nova forma de educar, de investir numa educação transformadora que qualifica e aprimora as potencialidades de cada aluno e os incentiva a buscar um mundo melhor. Na verdade, eu entendi o meu papel enquanto professora.

16. MEU PROCESSO DE DESCONSTRUÇÃO E CONSTRUÇÃO PARA ATUAR COMO FUTURA DOCENTE

Patrícia Cabral Duarte[37]

Escolher como iniciar minha narrativa é uma tarefa difícil, mas julgo que, para este artigo, devo começar com um breve relato de como eu vivia antes de entrar para a Universidade.

Passei doze anos sem estudar, tive meus filhos, casei, inverti a ordem dita 'normal' dos acontecimentos. Em 2009, prestei o último vestibular ofertado pela Universidade Federal de Pelotas e, para minha surpresa (surpresa sim, pois não acreditava em obter êxito devido meu distanciamento com os estudos), fui aprovada nesse processo seletivo. Posso garantir, sem dúvida alguma, que essa aprovação foi um divisor de águas em minha vida. Afinal, de mulher, mãe, filha e dona de casa, me tornei uma acadêmica do Curso de Pedagogia e dessa forma um objetivo se firmou: vou estudar e tornar-me professora alfabetizadora.

Ao adentrar as portas da Universidade pela primeira vez, ainda estava incrédula da minha conquista e com muito medo do que vinha pela frente. Admito: fui uma aluna mediana desde a metade do Ensino Fundamental, em que minha dificuldade na matemática apareceu, dificuldade esta que hoje sei que é uma soma da má aluna que fui – muitas vezes desinteressada, outras desestimulada, reprimida pelo medo de errar e dos rótulos muitas vezes recebidos por professores e colegas.

Nunca vou esquecer uma professora que tive, ela foi um modelo a ser seguido para mim. Lembro-me de uma prova feita por ela, minha primeira na faculdade, e o medo causado devido ao alto número de pessoas que reprovavam em sua disciplina. No entanto, quando recebi a prova com minha primeira nota

[37] Bolsista do PIBID – Aluna do 6º semestre do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas.

10, fruto de uma incansável semana de estudos, vibrei muito e descobri algo muito especial: eu sou capaz! A partir desta situação, incorporei esta certeza e assumi conquistar meus objetivos profissionais. Uma onda de autoconfiança passou a guiar-me e, desde então, resolvi lançar-me aos desafios dentro deste novo universo do qual passei a fazer parte.

Ainda no primeiro semestre da faculdade, ingressei em um projeto de extensão em que fui integrante por três semestres. Nele entendi a realidade da alfabetização, realidade esta que se mostrou de maneira muito cruel, pois mesmo com as leituras e com os dados apresentados durante as aulas, tudo parecia muito distante. Percebia que o analfabetismo estava no nordeste e que a falta de estrutura, os déficits na aprendizagem, não aconteciam aqui. Assim, sofri meu primeiro choque de realidade na área da educação. O que imaginamos, ou pelo menos o que eu enxergava, em relação ao nordeste está em todos os lugares, as crianças não aprendem, professores não ensinam, não temos estrutura também aqui. A realidade da educação não é cor de rosa e alfabetizar também não será tão "colorido" como eu imaginava até este momento. Eu pensava que as crianças aprendiam de forma automática, como estímulo-resposta, que não existiam dificuldades para que a criança aprendesse a ler e escrever. Acreditava que esta construção fosse simples. Grande ilusão!

Após meu primeiro contato com crianças em processo de alfabetização na realidade acima descrita, fiquei completamente indignada, quase alucinada. Queria conhecer a escola e as professoras, observar, conversar e saber o porquê daquelas crianças estarem nesta situação. Na verdade, eu queria mesmo era brigar com as professoras e com a escola. Naquele momento, o mais difícil foi aceitar que a escola funciona dessa maneira, que não poderíamos sequer ir à tal escola, que as professoras não viam nosso trabalho de maneira aprazível e que deveríamos fazer nossa parte independentemente da escola. Enfim, a vontade que dava era de, minimamente, convencer as mães que as crianças deveriam mudar de escola. Foi muito difícil aceitar, mais difícil ainda tentar fazer um trabalho sem embasamento teórico, sem orientações específicas, seguindo a intuição com alguns poucos caminhos, com um tempo mínimo de contato

com as crianças e o pior – em se tratando de alfabetização, que é o que me interessa – sem alcançar nenhum resultado. Aqui outro mito se desfez: não basta seguir a intuição, precisa-se do conhecimento para saber como e porque e, assim, poder seguir de maneira a atingir nossos objetivos.

Estava quase à beira da frustração, pois, como repeti várias vezes durante as reuniões do projeto, não considerava concebível que um menino multirrepetente na terceira série, devido aos "avanços", não soubesse a letra "U". Eu ficava "enlouquecida". Outro mito que caiu por terra é o da boa vontade, pois conclui que ela não serve de nada sem o suporte teórico, sem o planejamento e sem o conhecimento prévio. Tenho consciência que tentamos e que conseguimos ganhar a confiança das crianças. Mudamos seus comportamentos, esclarecemos suas dúvidas, principalmente dos maiores, os ajudando a entender os conteúdos, mas não soubemos ajudar os alunos em processo de alfabetização. Hoje não vejo mais como fracasso, pois tenho convicção de que não tinha como cumprir essa tarefa naquele momento com o que me era oferecido. Ou melhor, negado, pois não tinha acesso ao que precisamos desconstruir para que pudéssemos construir juntos e, o pior, não tínhamos tempo para um trabalho efetivo que desse os frutos tão almejados, se não pelo grupo, desejado por mim. Terminada esta parte, quero ressaltar a extrema importância que a participação naquele projeto teve em minha trajetória, pois mesmo sem alcançar o resultado que almejei, vivi experiências que me ajudaram a crescer e a entender a teoria. Pude constatar, com essa experiência, que nada está descolado, teoria e prática andam de mãos dadas. Tenho muito a aprender, buscar, compreender, adaptar para alcançar meus objetivos, buscando sempre o conhecimento necessário para a realização de um excelente trabalho como docente.

Eis que, então, surge uma nova oportunidade nessa minha caminhada, o PIBID.

Quando recebi o e-mail para assumir minha vaga como suplente, decidi me desligar do projeto que participava anteriormente para dedicar-me a esta nova oportunidade que me era concedida. Confesso que na primeira reunião do grupo que participei me senti completamente perdida, sem saber para onde "andar", o que e

como fazer. Ao chegar em casa, pensei: o que eu faço? Vou encarar, integrar-me e buscar pelo meu aprendizado, colaborando com este grupo que abre as portas para esta nova pibidiana, eu.

Confesso que no inicio de meu trabalho neste grupo a sensação de não pertencimento foi muito grande. O fato de pertencer a tudo, sem nenhuma atribuição específica, me deu a sensação de não pertencer a nada. Outro fator que me deixou muito desconfortável, no início de minha atuação, foi entrar no meio de um projeto que não ajudei a construir, foi difícil. Esses fatos fizeram com que eu sentisse a necessidade de atuar de maneira mais pontual dentro do programa. Nesse momento, então, compreendi que é preciso criar raízes em uma turma para poder atuar de maneira contínua e, assim, aprender melhor.

Conforme dito pelas colegas, ingressei no programa em sua melhor parte: arregaçando as mangas e atuando com as crianças na escola. Nesse inicio de trabalho, já pude perceber a diferença do trabalho orientado e das testagens realizadas com as crianças para a realização das escalas. Através das crianças, pude identificar o conhecimento que elas possuem e, desta forma, iniciar a intervenção para seguir estimulando seus processos de aprendizagem de maneira correta e significativa. Posso afirmar que foi uma experiência muito importante pela relevância do planejamento e, também, pela verificação dos avanços e conclusão de um trabalho adequado. Certamente, um aprendizado que utilizarei em minha profissão quando esta se efetivar.

Trabalhar com um grupo grande de pessoas é sempre muito difícil e quando não nos conhecemos é mais difícil ainda. A viagem a Porto Alegre, para o evento da UFRGS, proporcionou, não só a mim, mas a todos, além da oportunidade de aprender com as palestras, fazer uma visita enriquecedora à brinquedoteca em uma Escola Marista. Certamente tal oportunidade de conhecê-la foi estarrecedora, pois ficamos maravilhados com seus espaços sonhando com o dia em que todas as escolas públicas possam ter um ambiente tão rico para o aprendizado das crianças. Essa realidade nos motivou para tornar esta ideia uma realidade possível, mesmo com as limitações que a escola pública enfrenta. Particularmente, me motivou para a implantação de algo semelhante na escola que atuei pelo PIBID. Essa viagem proporcionou-me, também, um dia

de convívio bastante importante com as colegas bolsistas para que nos conhecêssemos melhor. Conheci melhor a proposta do projeto e, assim, dei um novo rumo a minha atuação.

Pensando na brinquedoteca da Escola Municipal de Ensino Fundamental Núcleo Habitacional Getúlio Vargas, enquanto este espaço ainda não se concretizava, mas que eu já sonhava, arrecadei brinquedos e adereços a serem usados em nossos projetos. Como prévia para esse espaço, a colega Ângela e eu implantamos uma pequena brinquedoteca e um espaço intitulado Leitura em movimento, onde implantamos uma micro-biblioteca, em sala de aula, com livros que as crianças locam e também acessam durante as aulas. A construção desse projeto muito nos empolgou, já que conseguimos levar para as crianças o gosto pela leitura e incentivá-las, dessa forma, a ler de uma maneira prazerosa e interessante.

O ano de 2011 se encerrou com desafios alcançados e metas atingidas. Os projetos que retomamos em 2012 me deixaram muito entusiasmada, com vontade de trabalhar e acertar. Trabalhamos de maneira conjunta e de forma interessante nos seguintes projetos: a Hora do conto, as atividades para o trabalho com o Livro do Carteiro, as leituras dos livros Escrever e Ler I e II e nas leituras dos PCN com as professoras da escola. Enfim, foi um trabalho árduo e, acima de tudo, significativo pelas aprendizagens que me proporcionou e com a oportunidade ímpar de estar no ambiente da escola, em contato com as crianças, ensinado e aprendendo.

Afirmo que aprendi muito mais do que ensinei vivenciando o dia-a-dia da escola, suas rotinas, e tendo a oportunidade que todos os docentes deveriam ter durante sua graduação. Sou privilegiada em estar aqui e quero aproveitar essa oportunidade para registrar o meu orgulho: quando me tornar professora, poder dizer que aprendi no PIBID. Com essa vivência tive os modelos do que quero e não quero ser; da maneira que quero, e também das que não quero, atuar na condição de professora; a importantíssima e fundamental oportunidade de aprender mais sobre a alfabetização – área que aspiro atuar e que, infelizmente, o currículo do Curso de Pedagogia lhe atribui um tempo mínimo.

Concluindo, digo que comparando as experiências anteriores que tive com alunos, desde minha entrada na universidade, o PI-

BID fez toda diferença. Quem, como eu, passou por três semestres de trabalho sem um planejamento efetivo, sem articulação, sabe o quanto faz falta o estudo mais aprofundado e a busca constante de conhecimento, de planejamento e de articulação das diversas áreas do conhecimento na aprendizagem das crianças. Tudo tem sentido, o mundo não é feito de palavras soltas. As crianças precisam de um sentido e de um fim e só vão se interessar pela escola, em aprender, se dermos a elas esse sentido, se tornarmos a escola interessante valorizando a oportunidade de aprender. Digo mais uma vez que todo futuro docente deveria ter a oportunidade de vislumbrar, através do programa, novas possibilidades para a escola.

Confesso que a lentidão das mudanças no campo da educação, o quanto todo o processo é demorado, me incomoda. Mas mesmo tendo tal consciência, acredito que esse processo é positivo, pois enquanto me sentir assim é porque a vontade de mudar estará latente em minha atuação e, por consequência, minha docência será significativa e responsável, levando em conta o social, valorizando as vivências e as experiências e nunca deixando de construir as aprendizagens de meus alunos.

17. COSTURANDO UMA TRAJETÓRIA ACADÊMICA: MEMÓRIAS DE EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO E AUTO-FORMAÇÃO

Raquel Mello Costa de Oliveira[38]

Antecedendo a Universidade

Vou começar falando um pouco de como iniciei minha trajetória acadêmica e como ingressei na Universidade.

Em primeiro lugar, gostaria de contar como consegui ser aprovada no último vestibular tradicional da Universidade Federal de Pelotas. Nesta época, consegui ser selecionada para participar de um pré-vestibular gratuito oferecido pela ONG ODARA, com aulas no período noturno já que eu trabalhava o dia inteiro em um restaurante no centro da cidade.

Tive muita dificuldade de frequentar as aulas, pois o trabalho era bem cansativo, mas fiz um esforço muito grande para conseguir chegar até lá. Mesmo assim persisti e o meu esforço não foi em vão, porque consegui passar no vestibular e ingressar na Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Quando vi meu nome em 28º lugar na lista de aprovados eu mal pude acreditar, realmente Deus tinha ouvido minhas orações. Como as aulas eram no período diurno decidi, então, com o apoio de meu marido, pedir demissão do emprego.

O ingresso na Universidade

Ao entrar no primeiro dia em sala de aula me senti um verdadeiro "peixe fora d'água", pois estava em um lugar estranho, com pessoas estranhas, onde eu não tinha a menor ideia do que iria acontecer. Foi bem constrangedor quando a professora pediu para

[38] Bolsista do PIBID – Aluna do 7º Semestre do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas.

que eu me apresentasse: tive que falar na frente de todas aquelas mulheres, até então estranhas para mim. Senti meu rosto "pegar fogo" de tanta vergonha.

Existia, na época, para mim uma dificuldade de como chegar à faculdade, já que tive que abandonar o emprego para estudar e não tinha condições de bancar o ônibus todos os dias. A solução, então, foi ir de bicicleta de minha casa, no Areal, até a Universidade – eram 30 minutos pedalando todos os dias durante todo o 1º semestre, até que no 2º semestre fiz a solicitação para o auxílio transporte e consegui.

Ainda no 2º semestre, participei de uma seleção para estágio na Prefeitura, para o Programa Primeira Infância Melhor (PIM). Fui selecionada para trabalhar diretamente nas casas das famílias na comunidade Vasco Pires, com crianças de 0 a 6 anos e gestantes. Experiência, essa, muito enriquecedora e gratificante que exerci por 2 anos, até o mês de agosto de 2011.

Antes do término de minhas atividades no PIM, quando estava quase encerando o 5º semestre, fiquei sabendo da seleção que estava acontecendo para ser bolsista do PIBID. Interessei-me, já que a vaga era para agosto, mês em que eu sairia do PIM. Participei da primeira etapa da seleção e passei para a segunda fase, da entrevista, e para a minha alegria fui selecionada.

Entrando para o PIBID

Meu primeiro contato com o PIBID foi um pouco difícil, já que era um trabalho totalmente novo e que já estava em andamento desde o início do ano. Foi um pouco complicado, mas tentei me inserir em todas as atividades propostas na escola, desde as atividades em sala de aula até o recreio orientado e a hora do conto.

Gradativamente, consegui me familiarizar com o trabalho e me sentir à vontade com as crianças e com a escola.

Desenvolvimento e relato das atividades

As atividades realizadas através desse projeto são realizadas durante dois dias na semana, sendo que estas são preparadas na

semana anterior pela professora titular e pelas bolsistas de acordo com as dificuldades observadas por elas e, principalmente, pela professora titular que passa mais tempo com os alunos.

No princípio de minhas atividades no projeto, estava sendo desenvolvido o "Projeto Patrick", uma história de um menino de Santa Maria que já estava repetindo pela terceira vez a primeira série do Ensino Fundamental. Acredito que por se tratar de uma realidade parecida com a deles, acabaram por perder o interesse e as aulas passaram, então, a ser "maçantes" e improdutivas – o que não era a finalidade do projeto, pois as aulas devem ser ministradas de forma lúdica sempre levando em consideração o que as crianças já sabem, visto que se trata de uma turma de multirrepetentes em que as idades variam de 9 a 14 anos de idade. Por isso, iniciamos com o projeto "O carteiro chegou", que trabalha com diversos gêneros textuais e sequências didáticas de vários contos de fadas em que as crianças se divertem e viajam no "mundo da imaginação". Essas sequências, que continham diversos gêneros textuais, foram criadas pelas bolsistas do projeto PIBID/Pedagogia.

Esse projeto foi muito bem recebido na turma por se tratar de uma história de fantasia que mexe com a imaginação. Começamos com a História da "Cachinhos de Ouro e os Três Ursos", o que se tornou mais fácil de encaminhar as aulas já que eles ficaram encantados com a história.

Para mim essas atividades me fizeram perceber que uma simples história pode fazer toda a diferença no trabalho em sala de aula, pois elas fazem os alunos saírem da rotina e das aulas cansativas e meramente mecânicas, em que os alunos acabam ficando desestimulados. Sendo assim, esse tipo de trabalho faz com que a criança desenvolva muito mais sua cognição, capacidade de raciocínio e criatividade, além de tornar as aulas muito mais prazerosas não só para o aluno, mas também para o educador. Por isso, é este o caminho que eu quero trilhar no futuro.

Atividades desenvolvidas em sala de aula

O primeiro gênero textual a ser trabalhado foi a "carta". Combinamos com os alunos para escreverem uma carta pedindo desculpas para alguém a quem tinham magoado ou feito algo erra-

do. Para a minha surpresa, três das crianças escolheram a mim para escrever a carta, se desculpando pelas vezes em que conversaram muito, atrapalharam e incomodaram nas aulas. Dois deles, além de se desculparem, escreveram que me amavam muito.

Essa experiência foi muito gratificante e emocionante, pois quando os vi lendo suas próprias cartinhas e o quanto seus olhos brilhavam, foi uma emoção inexplicável. Nunca pensei que em tão pouco tempo de trabalho poderia cativar os alunos dessa forma, senti-me realizada e com a sensação de que estou no caminho certo, pois mesmo dos demais, que escreveram cartinhas para outras pessoas, foi possível sentir a afeição e a receptividade com que me tratavam. Isso me faz sentir especial e importante para essas crianças. Apesar de essa atividade ter sido bastante demorada, por suas dificuldades e limitações, foi muito produtiva e gostosa para mim e para eles também.

Ao longo das aulas foram trabalhadas outras atividades baseadas na história "Cachinhos de Ouro e os três ursos".

Hora do Conto

Outra atividade que considerei de extrema importância, e indispensável nesse projeto, foi a Hora do Conto, pois a partir dela as crianças foram se familiarizando ainda mais com a leitura e a escrita. Portanto, histórias e contos de fadas são atividades que não podem deixar de existir na escola, principalmente com crianças em período de alfabetização.

As histórias propiciaram às crianças uma compreensão melhor da vida, dos atos e fatos, retendo e organizando as informações. As histórias também têm função linguística, pois fazem com que as crianças diferenciem a fala, a leitura e a escrita o que, progressivamente, aumentará seu repertório de palavras.

Além disso, esses alunos estão inseridos em um mundo onde são constantemente "bombardeados" pela mídia (internet, propagandas, revistas, etc.); eles vêm para a escola cada vez mais agitados e, por isso, é indispensável que pelo menos no espaço escolar eles tenham um momento de ouvir e criar imagens através das histórias. Sendo assim, esses são ensinamentos que ajudam a construir o ho-

mem, auxiliando na formação de leitores não pela obrigação, mas pelo amor às palavras.

Considerações finais

No decorrer de minha trajetória acadêmica aconteceram inúmeras dificuldades para que eu desistisse da Universidade. Mas o anseio de seguir ir em frente e tentar fazer a diferença falou mais alto no meu coração e me fez prosseguir.

Hoje, ao olhar para trás, posso perceber o quanto as experiências que tive no decorrer de minha formação até o presente momento (7º semestre) foram valiosas e enriquecedoras e o quanto fizeram perceber minha formação de uma forma muito mais clara do que eu via anteriormente.

Apesar de já ter tido contato, em meu trabalho anterior, com pessoas de classes menos favorecidas, a experiência nunca é da mesma forma, pois são outras pessoas, outros pensamentos, outras histórias de vida. Isso me torna uma acadêmica cada vez mais ciente de que preciso ser diferente dos professores que acham que crianças pobres não conseguem se alfabetizar. É preciso, a cada dia, nos conscientizarmos que podemos sim fazer a diferença na vida de uma criança, basta que nos comprometamos verdadeiramente com a responsabilidade de ensiná-la da melhor maneira possível.

O lúdico ainda é a melhor forma de ensiná-las e a cada aula que dou me convenço mais disso, pois quando as crianças aprendem brincando, elas compreendem muito mais e melhor o que lhes é ensinado.

Logo, a experiência de entrar para o PIBID me fez "abrir os olhos" para uma realidade que eu não conhecia, uma realidade da qual só ouvia falar, mas que hoje me faz querer seguir ainda mais adiante e fazer muito mais pelos alunos. Como futura professora educadora, penso que tudo o que eu puder fazer em termos de contribuições aos discentes só vai acrescentar na minha formação docente.

18. TRAJETÓRIAS EM BUSCA DE UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Samanta Ferraz de Almeida[39]

Começo a escrita de meu memorial relatando como foi minha infância, relacionada à brincadeira de ser professora, à adolescência. Após, irei relatar sobre minha entrada na Universidade Federal de Pelotas - UFPel, no curso de Pedagogia, antes e após de ingressar no PIBID.

Durante esse trajeto, tive muitas aprendizagens, medos, anseios e frustrações, mas acima de tudo estive convicta de que deveria ter um compromisso de ter um olhar diferenciado para as crianças que estão na escola que precisam muito de cada um nós, educadores.

Minha infância à adolescência

A maioria das meninas brinca de professora e eu não era diferente, pois ser professora era um sonho e essa brincadeira era realizada todos os dias com quem eu brincava ou até mesmo sozinha com os meus alunos "imaginários". Sonhava em estar em uma sala de aula, recebendo abraços e carinho das crianças, escrevendo no quadro, fazendo a chamada.

Como estudei em escola pública municipal durante toda minha escolaridade, sempre escutava as professoras falarem que seu salário era baixo, que se incomodavam muito e o dinheiro que recebiam não compensava. Eu ficava apavorada com as falas das professoras. De certa forma, tinha "pena" delas que faziam paralização pelo menos duas vezes ao ano reivindicando aumento no seu salário. Eu ficava agoniada, pensando: Mas porque será que essas professoras escolheram essa profissão?

[39] Bolsista do PIBID – Aluna do 7º semestre do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas.

Na minha adolescência, eu sonhava em ser psicóloga, mas minha mãe sempre sonhou e desejou que eu fosse professora. Eu sempre a contrariava dizendo que jamais seria professora pelo fato do que mencionei no parágrafo anterior.

Após terminar o Ensino Médio, fiz minha inscrição para o vestibular da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, mas não sabia que curso escolher. Escolhi Pedagogia por achar que as disciplinas da Pedagogia eram parecidas com as disciplinas da Psicologia. Meus pais não tiveram condições de pagar para mim um curso pré-vestibular, então realizei o vestibular sem ter feito curso, mas fui aprovada. Sempre fui muito dedicada aos meus estudos, porém fiquei com medo de não passar no vestibular.

Quando foi liberado o gabarito vi que acertei poucas questões, fiquei com medo de que não tivesse passado no vestibular, mas teria que aguardar o resultado dos aprovados.

No dia em que saiu o resultado dos aprovados, no dia 13 de fevereiro de 2009, minha amiga me ligou para me dar a notícia que eu tinha sido aprovada. Foi a maior emoção da minha vida, senti uma alegria inexplicável, pois fazia alguns dias que meu pai tinha falecido e posso afirmar que o fato de eu ter passado no vestibular foi uma grande alegria para minha casa.

Porém, ao mesmo tempo em que eu estava muito feliz por ter passado no vestibular, ficava imaginando como seriam as aulas, quais seriam as disciplinas que teria no curso. Fiquei muito ansiosa esperando o inicio das aulas.

Entrada na Universidade Federal de Pelotas

Quando ingressei na Universidade, logo no primeiro dia de aula, foi apresentado o cronograma do curso, o currículo do curso de Pedagogia. Fiquei apreensiva com tantas disciplinas que iria ter e pude perceber o quanto eu deveria estudar por estar em uma Universidade pública em que muitas pessoas desejavam estar no meu lugar.

No 1º semestre do curso conheci uma que me encantou. Gostei bastante do debate de sua aula sobre alfabetização e letramento. O inicio de sua aula sempre começava com a leitura de um livro de literatura infantil, esse momento era encantador. A pro-

fessora, também, realizou prova oral em que fiquei muito nervosa, com medo, mas passei com nota boa e posso afirmar que ela me marcou bastante e é com ela que pretendo fazer minha pós-graduação, pois gosto muito da área de alfabetização e letramento.

Durante o curso, pude perceber que estou no lugar certo, estou muito feliz em estar cursando Pedagogia e certa de que terei um grande desafio pela frente, pois ser professor não é fácil, mas tenho compromisso pela educação e o desejo de fazer diferente na escola.

Posso afirmar que a Universidade, de certa forma, me fez "crescer" como pessoa e minha maneira de pensar. Sou muito estudiosa e me tornei uma pessoa mais responsável pelos meus atos, faço muitos planos do que quero para minha vida e percebo que estou no caminho certo, na profissão certa.

O que me inquieta no curso é a falta de prática em sala de aula. Acredito que deveriam ser oferecidos momentos ricos de aprendizagem nas escolas, pois acho fundamental relacionar a teoria com a prática já que ambas devem ser conectadas, pois tanto as escolas como a Universidade saem ganhando com essa troca de experiência.

Pude perceber que muitas colegas minhas também desejavam ter contato com a escola e no tocante a isso o curso deixa a desejar. Acredito que deveria ser ofertada mais integração entre a escola e a Universidade.

O PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência abriu vagas para graduandas da Pedagogia para serem monitoras do projeto, para ficarem em sala de aula enquanto ocorria a reunião de planejamento compartilhado uma vez por semana. Matriculei-me logo no primeiro dia em que abriram as inscrições, pois para mim seria uma oportunidade excelente de estar em sala de aula, ganhar certificado e estar em uma classe de alfabetização diretamente com as crianças. A área da alfabetização me interessa bastante, é o que eu desejo seguir na minha carreira profissional. Além disso, ter contato com as professoras da rede é fundamental para saber de perto a realidade das escolas públicas e como é formado o universo escolar, já que no curso o contato com a escola só acontece no estágio.

Fiquei na monitora do projeto, de abril/2011 a agosto/2011. Foi uma experiência muito surpreendente e gratificante, principalmente porque a escola é de periferia, tinha crianças em classes de

alfabetização com idades entre 8 anos e 13 anos, multirrepetentes, com problemas neurológicos, psicológicos, dificuldade de aprendizagem, entre outros, mas todos queriam aprender. Eu não tinha noção dessa realidade, em que as crianças em dias muito frios frequentavam a escola com pouca roupa, isso me preocupava! Inúmeras vezes cheguei a chorar.

Criei um vínculo com as crianças, acredito que pelo afeto e carinho que oferecia a elas, pois quando não tinha a reunião até sentia falta. Para mim foi fundamental essa experiência de ser monitora, pois pude ver de perto as dificuldades de uma escola pública, dificuldades das crianças na questão da leitura e escrita, pois eu tinha uma ideia muito distorcida sobre a escola, sobre o fato de ser professora, uma visão romântica sobre a educação. Antes eu acreditava que, ao entrar na sala de aula, deveríamos deixar os problemas de lado, no entanto, percebo que isso atualmente não é possível. Eu pensava, também, que a família tinha a preocupação com os estudos de seu filho, contudo isso não acontece na escola em que eu atuei, pelo menos não com a grande maioria. Outra visão distorcida que eu tinha era a de que não era recorrente a reprovação em classes de alfabetização, entretanto percebo que infelizmente é possível. Com certeza, para mim, só resultou aprendizagem na época em que fui monitora do projeto.

Como monitora do PIBID, fiquei sabendo do que ocorria no Programa, quais leituras as pibidianas estavam realizando, o que estavam planejando para fazer com as crianças, quais as dificuldades das crianças. Pude ter uma "visão" mais ampla de uma sala de aula e descobrir tudo isso só fez com que aumentasse cada vez mais o meu desejo de ser uma pibidiana. Tive a oportunidade de ajudar as alunas, que já eram bolsistas, a fazer a avaliação diagnóstica referente aos níveis da leitura e escrita.

Ao realizar as avaliações, fiquei muito angustiada, pois a maioria das crianças que fizeram os testes na turma se encontrava no nível pré-silábico[40]. Muitas crianças não sabiam sua idade, não

[40] No estágio pré-silábico a criança ainda não estabelece uma relação necessária entre a linguagem falada e as diferentes formas de sua representação, acreditando que "se escreve com desenhos".

sabiam escrever seu nome e reconheciam poucas letras do alfabeto. Fiquei bastante preocupada com a realidade das crianças em relação à leitura e escrita, fiquei com o compromisso e sentimento de que deveria ajudá-las e fazer cada vez mais por elas. Ao fazer as avaliações, queria dizer as respostas para a criança, percebia que elas faziam várias tentativas para responder, mas mostravam em seu olhar que não sabiam, mas queriam acertar. Aprendi que não devemos intervir na avaliação o resultado mostrará o que ela realmente precisa aprender e, ainda, o que podemos fazer para ajudá-la a avançar nos níveis de leitura e escrita.

Minha inserção no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

Ao ser selecionada para o PIBID, fiquei muito feliz em virtude de gostar bastante da área de alfabetização e de vir a poder trabalhar com crianças em anos iniciais. Fiquei contente, também, porque teria a oportunidade de aprender cada vez mais sob a orientação de pessoas que estudam há muito tempo.

Logo que ingressei no PIBID, foi realizado um seminário "Identidades no Contexto Escolar". Achei muito importante ter esse espaço para os pibidianos poderem ouvir e falar sobre o quê vivenciaram no PIBID, nas escolas, com os professores, alunos, enfim, com o que perpassa de fato nas escolas. Pois acredito que suas ansiedades e dúvidas ficam restritas somente em uma reunião realizada uma vez por semana com os coordenadores e supervisoras das escolas.

Para mim foi muito importante saber sobre o quê acontece nas escolas com os outros pibidianos, pois pude perceber que alguns fatos que ocorrem comigo também ocorrem com os outros nas escolas, me identifiquei com muitas falas, preocupações que também vivenciei. Esse espaço trouxe um ganho tanto para mim quanto para os outros bolsistas envolvidos.

O projeto PIBID só veio a auxiliar os graduandos no sentido de formação e qualificação. Devido o curso oferecer poucas práticas em sala de aula, a temática sobre a alfabetização é vista somente em dois semestres no curso, ou seja, o currículo do curso

de Pedagogia, a meu ver, deve ser reformulado. Deve-se dar mais importância a essa área, pois ela aborda aspectos importantes sobre leitura e escrita com crianças.

Em sala de aula continuei atuando na mesma turma em que era monitora pelo fato de já ter um conhecimento sobre ela e ter formado um vínculo com as crianças, poderia, a partir de então, continuar um trabalho mais aprofundado.

No segundo semestre de 2011 começamos a trabalhar com o Projeto: "Que letra é essa"? Um documentário de um menino chamado Patrick organizado pelo GEEMPA.

Justificamos a escolha do documentário pela abordagem dada a uma trajetória escolar ainda recorrente no Brasil que é muito frequente na escola na qual atuamos. Patrick, personagem principal, no período de 2002 a 2004, frequentou a primeira série do Ensino Fundamental. No seu esforço para decifrar o enigma das letras, o menino chega a pensar em abandonar os amigos. "Que letra é essa?", apresenta relatos divergentes quanto ao comportamento e desempenho do menino em sala de aula e na sua família.

O objetivo desse projeto foi levar os alunos a conhecerem-se e, consequentemente, a compreenderem que cada um tem uma identidade, que fazem parte de um conjunto de pessoas, em casa, na escola e na comunidade.

Através do reconhecimento de si próprio, também trabalhar a autoestima, o sentimento de pertencimento a um grupo e a linguagem oral e escrita. O papel da escola é fundamental para essa construção da identidade, pois ao ingressar na vida estudantil, o aluno encontra-se nos estados iniciais desse desenvolvimento. Nessa fase da vida, são observados todos os tipos de comportamento, inclusive as mudanças bruscas que ocorrem como o baixo comprometimento escolar, problemas nos relacionamentos com os colegas e professores e os mais diversos tipos de problemas de comportamento. Podemos observar isso claramente no filme do Patrick.

Contudo, foram planejadas várias atividades na reunião, que contava com a participação das pibidianas, professoras e coordenadora do projeto, com o intuito de estudar o livro organizado pelo GEEMPA e o documentário "Que letra é essa"? No entanto, apesar de todo esse trabalho, não obtivemos muito sucesso com as

crianças. Acredito que isso aconteceu porque esse projeto mostrava a própria realidade dos alunos da escola. O que certamente causou estranhamento e constrangimento. O objetivo de se trabalhar sobre o Projeto Patrick era o de fazer com que as crianças se reconhecessem como tal, para reverter o quadro da não aprendizagem, mas a cada atividade que realizávamos as crianças pareciam perder o interesse em participar, ficando, então, evidente que esse projeto não lhes chamava a atenção.

Diante disso tudo pude perceber o quanto é importante o professor realizar o planejamento para suas aulas e estar sempre estudando e se qualificando. Em uma reunião de planejamento compartilhado, pensamos em começar a trabalhar com o livro: "O Carteiro Chegou" e a partir da leitura do livro, elaboramos várias sequências didáticas para serem feitas com as turmas. Na turma em que atuei começamos com a sequência didática: "Chapeuzinho Vermelho", porém não concluímos toda a sequência didática em virtude do tempo, estávamos quase no final do ano letivo.

Realizamos o recreio orientado na escola duas vezes por semana, pois entendemos o recreio como um espaço para as crianças brincarem, conversarem, logo é direito da criança estar na escola e ter esse momento livre. No recreio orientado foram realizadas cantigas de roda e, também, fizemos o resgate de brincadeiras antigas. As crianças gostavam bastante de brincadeiras como: jogar futebol de prego, amarelinha, brincadeiras com corda e outras brincadeiras que tivessem vontade. Após a realização dessa prática, constatamos que as crianças adoravam quando nós íamos à escola, pois sabiam que iríamos realizar o recreio orientado, dando-lhes a oportunidade de saírem da sala de aula para brincarem conosco. Isso era surpreendente para muitas crianças, pois o fato de adultos brincarem com elas era algo que não fazia parte de suas realidades de vida.

Para mim ficou claro o quanto é fundamental a criança ter esse momento para brincar na hora do recreio, seja sozinha ou com seus colegas, brincar como forma de aprendizado. Quando tínhamos que voltar para sala de aula, após o recreio orientado, as crianças sempre pediam para ficar no pátio um pouco mais para pode brincar e quando retornávamos para a sala de aula, as crianças ficavam mais calmas, concentradas com as atividades propostas. A

escola não pode deixar de lado esse momento tão indispensável na vida dos alunos.

Também julgo importante dizer que todas as sextas-feiras realizávamos a hora do conto logo no inicio da manhã, antes da reunião de planejamento. Como atuamos em uma escola de periferia, onde há poucos recursos culturais, investimos no contato sistemático com as crianças trabalhando leitura e a escrita. O professor deve garantir em sua prática o hábito de ler livros de literatura, levar para a sala de aula diversos tipos de textos, fazendo com que as crianças se familiarizem com a leitura, criando um vínculo prazeroso com a mesma. Percebi que a criança ao ouvir histórias fica bem concentrada e acaba prevendo hipóteses, revelando a sequência do que viria na página seguinte. Posso dizer que estes foram momentos encantadores.

Depois disso, as salas de aula passaram a ter livros de literatura infantil ao alcance das crianças, onde elas mesmas manuseavam quando desejassem. As crianças passaram a levar os livros para casa e, quando tinham que entregar o livro, algumas crianças sempre queriam contar a história que levaram para sua casa. As crianças passaram a ter contato com o livro, passaram a cuidá-lo, começaram a ter gosto pela leitura e nós, pibidianas, líamos uma história pelo prazer de ler. E, em alguns momentos em que estive na sala de aula, pude perceber que as crianças estavam mais interessadas pela leitura, queriam ler a história para todos na frente do quadro. As crianças viveram intensamente cada um desses momentos de leitura. Fiquei orgulhosa, pude constatar que fizemos um bom trabalho e que as crianças atribuíram gosto e interesse pela leitura.

No final do ano letivo de 2011, realizamos a avaliação diagnóstica com a turma em que eu atuei, não teve muitos avanços com relação à leitura e a escrita. Fiquei muito triste e preocupada com as crianças, pois fiquei com o sentimento de que deveria ter feito mais por elas, mas sei que não foi culpa minha o fato de as crianças não estarem alfabetizadas. Há outros fatores que envolvem a vida das crianças, que também interferem. Este fato faz com que eu queira ajudar ainda mais essas crianças que tanto precisam de educadores com práticas pedagógicas inovadoras. Elas necessitam de um olhar mais acolhedor, de pessoas que tenham vontade e desejo de fazer

diferente na vida de cada uma delas, para que possam de fato as alfabetizar.

O PIBID me proporcionou, em novembro de 2011, um desafio - uma apresentação de trabalho no Fórum FAPA (Faculdade Porto Alegrense), em Porto Alegre, em que várias pibidianas escreveram trabalhos para serem apresentados no evento em forma de comunicação oral ou pôster. Inscrevi meu trabalho em dupla com outra pibidiana, foi nosso primeiro trabalho a ser apresentado e, em virtude disso, preferimos nos inscrever em forma de pôster. Foi muito importante o PIBID ter nos incentivado a inscrever trabalhos para serem apresentados a outras instituições de ensino, pois no curso é muito raro nos informarem sobre esses eventos. Posso dizer que, no curso, quem apresenta trabalhos em outras instituições são acadêmicos que fazem parte de algum grupo de pesquisa ou estão envolvidos no PET (Programa de Educação Tutorial), os demais nem sabem da possibilidade de apresentar trabalhos em outras instituições. Fiquei muito nervosa, como se fosse apresentar na forma de comunicação oral, mas confesso que foi uma aprendizagem muito rica, pois fui avaliada por uma banca e afirmo que hoje estou pronta para apresentar trabalho na modalidade de comunicação oral em qualquer instituição. Além do mais, fato que me surpreendeu e me deixou muito alegre, foi o nosso trabalho ter sido escolhido como destaque. Até me emocionei quando li essa notícia no site da FAPA, pois para esse trabalho ter sido escrito demandou muito esforço, dedicação e empenho. Estou convicta de que esse trabalho só acrescentou aprendizagens na minha vida acadêmica, com ele superei o medo de apresentar trabalhos para uma banca. Estou certa de que essa prática será cada vez mais recorrente, pois desejo seguir estudando e desejo fazer pós-graduação na área de alfabetização.

19. PIBID: VÍNCULO IMPORTANTE ENTRE A UNIVERSIDADE E A ESCOLA

Vanessa Silva da Silva[41]

Confesso que, embora goste muito de escrever e escreva bastante sobre os acontecimentos diários de minha vida, não está sendo fácil reconstruir o período de tantos sonhos realizados e tantos outros deixados de sonhar e muitos mais inventados e reinventados nesse curto espaço de tempo, mas que, nesse fértil terreno que se chama universidade, nasceram, concretizaram-se e morreram no decorrer desses dois anos.

Muito além de uma autoavaliação acadêmica, este memorial é inevitavelmente um mecanismo de reflexão sobre o passado, o presente e o futuro, no que se refere aos caminhos trilhados ao longo deste período. Não há como fugir dos sentimentos que permearam as relações intrapessoais e interpessoais, que tanto contentaram e descontentaram, construíram e desconstruíram, contribuíram e impediram as conquistas e as realizações de tantas oportunidades de aprendizagem.

Pensei em diversas maneiras de começar objetivamente a narrar os fatos acontecidos em nosso grupo do PIBID, mas não tem como iniciar este memorial sem citar um professor que considero chave dentro da mudança de pensamento e comportamento que experimentei já nas primeiras aulas do curso de pedagogia e que se refletiu de maneira eloquente na minha opção de fazer parte deste programa.

Na disciplina de "Metodologia à Iniciação ao Estudo e à Pesquisa", que frequentei no 1° semestre, consegui compreender que a formação acadêmica deve ir além das portas fechadas das salas de aula. Em especial uma leitura feita na disciplina "Fazer Universida-

[41] Bolsista do PIBID – Aluna do 5º semestre do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas.

de: Uma proposta metodológica" de Cipriano Luckesi, Elói Barreto, José Cosma e Naidison Baptista fez com que eu decidisse fazer a escolha de permanecer na faculdade, mesmo diante da proposta de exercer o magistério na rede estadual. E essa permanência só foi possível pela grande chance que a bolsa me oportunizou, bem como pelo voto de confiança que as coordenadoras do PIBID Pedagogia me concederam.

Digo que este livro foi fundamental porque, embora minha vontade de estar desempenhando a função docente fosse enorme, este livro acabou reforçando a necessidade de aprender, aprender a ser, aprender a fazer e, para isso, era imprescindível não somente estudar, mas entender o que realmente norteia a prática discente e docente. Este pensamento vem ao encontro da proposta maior do PIBID, que é proporcionar atividades complementares a nossa formação acadêmica, as quais reforcem as oportunidades para desenvolver o desejo de observar, de conhecer, de agir, de interagir, de experimentar para autorregularmos nossas aprendizagens.

E foi com essa proposta que eu e os demais colegas começamos a formar a primeira turma de bolsistas do PIBID Pedagogia. O primeiro passo foi a seleção que contou com três etapas. A primeira foi a verificação da documentação solicitada, a segunda a avaliação do currículo, da carta de motivação, da ficha de inscrição, do histórico escolar (ou nota do ENEM) e, por último, houve uma entrevista com o candidato. Diante disso tudo, se formou o grupo que atuaria pelo prazo de dois anos no programa.

Com a divulgação da lista dos selecionados e de posse da informação do dia da primeira reunião, restou a mim e a mais três colegas de turma comemorar uma das muitas conquistas que, juntas, conquistamos em 2010.

Com o estudo do projeto institucional e do subprojeto de pedagogia, tornou-se claro o imenso trabalho que teríamos pela frente, assim como o comprometimento que ele exigiria. Particularmente me fascinou tomar conhecimento de que nosso foco seria a alfabetização e, por conseguinte, todos os aspectos relacionados ao tema. Não posso omitir também a preocupação causada pelo conhecimento dos dados de evasão e repetência, principalmente por se tratar de uma realidade muito próxima visto que os dados

deixaram de ser brasileiros e passaram a ser pelotenses e, ainda pior, tratava-se de duas escolas próximas da minha residência.

Acredito que, assim como eu, muitos dos bolsistas nunca tinham pensado que a situação nas escolas pelotenses fosse tão alarmante. Pelo menos eu, ao pensar na educação, sempre foquei em um âmbito geral e, vejo hoje, depois dos diversos estudos oportunizados pelo programa, que esse pensamento não é o que faz e nem fará a diferença, pois a mudança deve vir de dentro das salas de aula, cada um fazendo seu melhor. Com essa afirmação, não digo que a responsabilidade deve recair apenas nos ombros dos professores, já que a educação deve ser compreendida como um processo no qual a sociedade como um todo deve ser responsável, mas que o professor é um dos grandes agentes de transformação, figura imprescindível na mudança necessária na escola atual.

Com base nas leituras dos PCNs, acredito que se os professores tiverem a real preocupação de formar cidadãos críticos, assim como os documentos propõem, essa mudança será realizada e a educação passará por uma reformulação tão necessária nos dias atuais. É com essa vontade que comecei, juntamente com o grupo, a mapear a realidade das duas escolas engajadas no projeto, através do diagnóstico, pelo qual foi possível constatar na prática a realidade já estudada na teoria.

Dentro da minha educação escolar, mesmo participando de dois cursos de formação de professores, poucas vezes tivemos a oportunidade de falar. Escolas tradicionais que têm por convicção que escutando se aprende mais que falando, causaram não só a mim, mas a outras colegas Pibidianas, a aflição de ter que passar pela primeira apresentação geral, explanando sobre os dois primeiros Parâmetros Curriculares Nacionais: o Introdutório e o de Língua Portuguesa.

Embora goste de falar, realmente foi muito angustiante, passei a noite estudando porque muitas alterações foram feitas na manhã anterior a da apresentação, mas, sem dúvida, esse momento foi de suma importância para minha vida acadêmica. Acredito que dominar o tema já bem debatido em nossas rodas de discussões foi fator importante para o sucesso da apresentação, bem como o entrosamento dos componentes do quarteto e o apoio do grande

grupo, que nos passou tranquilidade no momento em que falávamos. O domínio a que me refiro na apresentação dos dois primeiros parâmetros estudados tem, a meu ver, influência com a excelente base teórica proposta pelas orientadoras. Realmente, as leituras dos PCNs e dos diversos textos de apoio como: "O portfólio no curso de pedagogia", "Ensino Fundamental de nove anos" e "Que letra é essa" são alguns dos tantos materiais de consulta e pesquisa, que norteiam nossas ideias para as futuras práticas no programa.

A oportunidade que o programa oferece de colocar em prática os conhecimentos teóricos adquiridos dentro dos projetos já elaborados e aplicados nas escolas deixa a nós, bolsistas do PIBID, com uma visão bem mais aguçada para os focos de trabalho a serem priorizados, evidenciando assim a real necessidade de reformulação do curso de Pedagogia de nossa Universidade. Isso porque é esse distanciamento do elo indispensável entre teoria e prática que compromete a formação dos futuros professores, fato esse, comprovado pelas pesquisas realizadas nas salas de aula e em seminários de nosso curso, debatendo essa questão.

Os projetos propostos no ano de 2011 auxiliaram em nossa formação acadêmica global: projetos de ensino, pesquisa e extensão que proporcionam não apenas a nós, mas à comunidade acadêmica, momentos de reflexão e aprendizagem. Além desses projetos, ocorreram práticas efetivas na escola que se dividem em vários momentos de inserção, em diferentes ambientes e situações ligadas à efetiva prática docente, o que tem proporcionado a mim e a minhas colegas pibidianas, momentos de diálogo entre a teoria vista nas aulas e a realidade a realidade cotidiana da escola, bem como a troca de saberes entre nós e todos os membros da escola, tanto da equipe diretiva, dos funcionários, dos docentes e discentes, dando a nós uma visão real do contexto diário e das mais diversas situações desse ambiente.

Durante o primeiro semestre do ano de 2011, tivemos a oportunidade de trabalhar com a turma do segundo ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Ministro Fernando Osório, sob a orientação da supervisora do PIBID da escola, que também era a professora da turma. Nossas intervenções ocorriam duas vezes por semana, no período da manhã, e tinham como foco central a alfabe-

tização e o letramento, previsto em nosso subprojeto. Para elaborar a proposta, se fizeram necessários os estudos da psicogênese da língua escrita e a aplicação de um teste para ver quais os níveis em que se encontravam os alunos. Esse diagnóstico ajudaria a compreender e planejar atividades que contemplassem todos os alunos e os ajudassem a atingirem o nível alfabético, que é o objetivo principal para as turmas de 2° ano.

Para tal, elaboramos uma sequência didática com o tema "poesias"na qual, em cada semana trabalhávamos poemas e poesias de Vinicius de Moraes e Cecília Meireles, abordando vários aspectos importantes sobre os autores, sobre o gênero textual, sobre as diversas expressões lúdico-corporais, sobre as reescritas e todas as questões fonológicas que as poesias proporcionam e complementam na aquisição da escrita. A culminância desse trabalho foi a elaboração de um livro coletivo sobre as poesias estudadas, ilustradas e reescritas pelos alunos, além de um sarau com todas as poesias em forma de vídeos, reunidas em um só momento. Através da avaliação coletiva da turma, percebi que o projeto "Poesias" conseguiu atingir a maior parte dos objetivos propostos, o que permitiu a consolidação do trabalho desenvolvido na escola, tanto para a direção e coordenação, que pôde visualizar de forma mais concreta as intervenções que vinham se desenvolvendo, quanto para as crianças que conseguiram refletir sobre suas aprendizagens durante o período, para a professora titular que pôde repensar sobre suas práticas anteriores e atuais, quanto para mim, pibidiana, que pude participar de cada momento desde o planejamento até a execução, passando pela elaboração, aplicação, avaliação e continuidade de uma ação pedagógica.

As avaliações das atividades desenvolvidas demonstraram o crescimento qualitativo tanto dos alunos, que conseguiram avançar nas hipóteses sobre a escrita e a leitura, quanto para mim, que tive a felicidade de comprovar através da minha prática que é possível haver aprendizagem significativa e consolidada. Para tanto, é preciso respeitar cada fase do desenvolvimento humano, levando em conta suas características, capacidades e, principalmente, sua vontade, o que tornou as aulas mais produtivas, significativas e prazerosas tanto para os alunos quanto para as professoras. Cabe ressaltar que as

condições oferecidas pela escola, bem como a disposição da professora titular foram de fundamental importância para que o projeto tenha alcançado o êxito que obteve.

O comprometimento da professora, sua assiduidade nas reuniões de planejamento e as leituras prévias que o programa exigiu, proporcionou uma interação muito positiva entre nós, visto que, embora não tenha sido minha primeira experiência profissional na área da educação, muitas das experiências docentes da professora titular me auxiliaram a resolver questões referentes à gestão escolar, pois esclareceram várias dúvidas sobre os hábitos da escola, além de diversas vezes ter ajudado na elaboração e construção das estratégias metodológicas.

Na transição do primeiro semestre letivo para o segundo, houve alguns atropelos, pois acreditava que o projeto citado acima seria aplicado durante todo o ano letivo, o que acabou por não acontecer, pois o programa optou por unificar as ações pedagógicas nas duas escolas atendidas, sendo escolhido o projeto intitulado "O Carteiro Chegou" para ser aplicado em todas as turmas envolvidas. De certa forma, essa medida desestruturou o cronograma, disponibilizando pouco tempo para que elaborássemos sequências didáticas referentes ao livro que deu origem ao projeto.

Este trabalho subdividiu as pibidianas na construção das sequências didáticas, pois tínhamos como proposta trabalhar os gêneros textuais, explorando os seis contos clássicos: João e Maria, João e o pé de Feijão, Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, Cachinhos Dourados e os Três Porquinhos, e também os variados gêneros textuais contidos na narrativa do livro. Uma das dificuldades que eu encontrei neste trabalho coletivo foi a incompatibilidade das atividades elaboradas para determinada história, pois as mesmas foram pensadas com o foco em um ano específico e, principalmente em uma escola específica, o que acarretou no pouco aproveitamento das atividades trocadas entre as escolas, visto que as realidades distintas, explicadas no Subprojeto da Pedagogia, pôde ser confirmada quando foi percebida a disparidade entre as atividades de sistematização, aplicadas em uma escola e em outra, em um mesmo ano escolar. Outra dificuldade foi a demora no compartilhamento de algumas das sequências, o que fez por se perder uma das caracterís-

ticas que levou a ideia de construir coletivamente o projeto, que era a de trocar as sequências e, consequentemente, agilizar o trabalho.

Assim como no projeto anterior, as atividades permanentes e de sistematização foram de total importância para que os alunos conseguissem expressar, através da escrita e da leitura, os conhecimentos adquiridos durante as intervenções do projeto, visto que se aprende a escrever, escrevendo, e a ler, lendo.

A partir dos contos citados, foram trabalhados os gêneros mais comuns que circulam na sociedade tais como: carta, panfleto de propaganda, cartão postal e cartão de aniversário, sem deixar de citar outros gêneros que também fizeram parte das intervenções, embora não de forma tão sistematizada como o expositivo, através das comunicações orais, leituras individuais e releitura das histórias e o descritivo, com a descrição dos locais e personagens, a construção de receitas e das regras de jogos além do gênero argumentativo através do diálogo e discurso de defesa e acusação com a interpretação de um julgamento do personagem João, da história João e o pé de feijão.

O avanço não somente da turma em geral, mas também das crianças com necessidades especiais e déficit de atenção foi constatado ao longo de todo o processo, sendo que a avaliação foi realizada de forma individual e com base no crescimento do próprio aluno, levando em consideração seu avanço entre à primeira avaliação diagnóstica até as últimas atividades realizadas no projeto. Esse processo deu a dimensão real da contribuição que as intervenções tiveram no avanço em relação à alfabetização e ao letramento das crianças.

Outras situações relevantes tiveram influência no desenrolar do trabalho tal como a atividade "a hora do conto", na qual procuramos trabalhar semanalmente com momentos que proporcionassem a contação de histórias, com o intuito de ir além do trivial que se espera dessa atividade que é a diversão, o desenvolvimento da capacidade de ser ouvinte, da atenção etc..., mas também de fazer com que as crianças ampliassem, através do contato com a literatura infantil, seu conhecimento sobre a língua tanto escrita quanto oral. O trabalho com a mídia dentro do contexto do projeto serviu como ponte entre o interesse e a motivação dos alunos e o conheci-

mento que queríamos ensinar, qualificando as intervenções em sala de aula e fora dela.

Foram maneiras diferentes de representação das diversas histórias e canções que, de maneira concreta e dinâmica, somaram para uma melhor compreensão das narrativas, o que auxiliou no desenvolvimento das potencialidades das crianças, nos diferentes tipos de percepções e na elaboração de pensamentos, principalmente no que se refere a conceitos de ética e valores.

Cabe ressaltar que, dentro dos vários projetos propostos para este ano, infelizmente um deles (a brinquedoteca da escola) não pôde ser colocado em prática, devido a uma série de fatores tais como espaço físico, falta de tempo e pessoal. Apesar de ter sido investida uma quantia de verba considerável para a compra de materiais, não se conseguiu organizar na escola um lugar específico para a concretização desse espaço.

Outro momento fundamental do segundo semestre de 2011, foi a proposta do recreio orientado, que ocorreu todas as terças-feiras e foi além de todas as expectativas do nosso grupo. Nesses momentos, conseguimos resgatar as brincadeiras infantis proporcionando aos alunos atividades corporais, as quais eles não tinham conhecimento. Também conseguimos nos aproximar mais efetivamente das crianças com necessidades especiais e fazer com que eles participassem das atividades, junto com o grupo, podendo, então, compreender a inclusão e enxergar um caminho eficiente para que essa palavra se torne realmente uma ação. Não posso deixar de falar da importância que foi para mim essa retomada de diversão, pular corda e relembrar meus tempos de infância foi, sem dúvida, uma aprendizagem tão significativa quanto à leitura de qualquer livro que pudesse tentar descrever a importância do brincar.

Finalizando o ano letivo de 2011, realizei com a turma uma nova avaliação diagnóstica e, comparando com os resultados obtidos no início do ano, juntamente com a professora titular, tivemos a grata surpresa de confirmar o que constatamos a cada aula ministrada, ou seja, que todos os alunos avançaram no seu conhecimento sobre a escrita e a leitura, subindo de nível na aquisição dessas capacidades, levando em conta que a grande maioria se encontra no nível alfabético.

Não posso deixar de relatar o último e emocionante dia de

aula com essa turma maravilhosa que acompanhei desde o final de 2010. Como combinado, as turmas do primeiro e segundo ano se unificaram e fiz a leitura do livro "O Natal do Carteiro", encerrando assim a última leitura do ano. Como de costume, sempre depois da leitura, fizemos uma roda de conversa para que todos tenham a oportunidade de falar sobre a história e outros assuntos, aproveitei o momento para explicar aos alunos que seria nossa última visita, não só minha como das demais pibidianas. Esse momento foi difícil, porém gratificante, pois pudemos perceber o carinho que todos tinham por nós. A manhã se tornou inesquecível tanto para mim quanto para eles, pois mesmo não participando mais daquela turminha, eles sabiam que meu coração estará sempre pertinho de todos e, em breve, poderei cumprir a promessa de visitá-los no terceiro ano. Não somente para essa turminha, mas também para todo o quadro docente, direção e funcionários da querida Escola Municipal Ministro Fernando Osório, agradeço a atenção dispensada, o carinho e os ensinamentos que levo comigo.

Diante do exposto acima, concluo meu relato enfatizando não somente minha satisfação como acadêmica por ter participado da primeira edição do PIBID Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas, mas também a notória diferença no que diz respeito a minha formação profissional, diante da compreensão do conhecimento que adquiri através da participação no programa. Foi graças à experiência adquirida em sala de aula, que pude perceber a relação entre as teorias da educação e a prática. Com a ajuda das coordenadoras, supervisoras e colegas pibidianas, passei a refletir sobre os processos de ensino e de aprendizagem de outra forma. Passei a compreender melhor as teorias da educação de grande pensadores como Freinet, Vygotsky, Emilia Ferreiro, e tantos outros, trazendo-os para as minhas práticas, durante as intervenções.

Não posso dizer que hoje, após essa experiência, me sinto preparada para encarar todos os desafios que aparecerão no decorrer da minha carreira docente, mas posso afirmar que aprendi o caminho de achar as possíveis respostas, mesmo que provisórias, para a resolução dos problemas que surgirão. Embora nosso PIBID seja simples, pelo modo de sermos, prático no modo de pensarmos, organizado no modo de agirmos, com toda a certeza, é muito

complexo pela grandeza e seriedade com que nos dedicamos a ele. O que me deixa orgulhosa de fazer parte deste projeto é a generosidade da maior parte dos seus componentes, que compartilham seus conhecimentos e ideias e realmente se interessam por estar ali, fazendo a diferença.

Tenho muito a agradecer pela paciência de nossas orientadoras em ensinar conceitos fundamentais, os quais eu e algumas colegas não dominávamos por termos entrado para o programa estando apenas no primeiro semestre do curso, às coordenadoras das escolas por terem aberto suas salas de aula e sempre terem se mostrado acessíveis e prestativas e aos colegas por contribuírem nas discussões e criação dos projetos.

Espero que o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – Pedagogia FaE /UFPel - continue na sua segunda edição dando a oportunidade para que mais acadêmicos do curso possam ter essa maravilhosa oportunidade de enriquecimento profissional, que não acontece somente com a teoria ofertada em nosso currículo atual. O programa, para mim, superou todas as expectativas e é realmente uma atividade diferenciada dentro da Faculdade de Educação, pois o envolvimento não se dá apenas na direção universidade/escola, mas também em um movimento de constante troca de saberes, anseios e vontade de acertar.

20. NARRATIVAS DA MINHA CAMINHADA EM BUSCA DE APERFEIÇOAMENTO PESSOAL E PROFISSIONAL

Veridiana de Matos Paladino[42]

Breve relato da minha história

Começarei fazendo uma síntese da minha vida. Meu nome é Veridiana de Matos Paladino, nasci na cidade de Pelotas, no dia vinte e cinco de dezembro de mil novecentos e oitenta e um. Morei com meus pais até a separação dos mesmos, que ocorreu quatro anos após meu nascimento. Após a separação, eu e minha irmã Carla (seis anos mais velha) fomos morar com minha avó paterna, que se chama Zélida, a pessoa que mais nos incentivou a estudar, sempre fazendo o possível e o impossível para nos manter na escola. Isso, porque ela sempre acreditou que a educação seria a base de tudo. Sendo assim, tudo que hoje sou devo a ela.

Frequentei a antiga primeira série em uma escola com turmas multisseriadas, sendo a única menina dos cinco alunos da turma. Minhas professoras chamavam-se Cléia e Ingrid. Conclui o Ensino Fundamental na Escola Estadual Marechal Rondon, no Monte Bonito, 9° distrito da cidade de Pelotas, onde residia. Durante o tempo em que estudei nesse estabelecimento de ensino, lembro-me de uma professora em especial, a dona Irene. Era uma professora excelente, uma ótima profissional, que estava sempre atenta aos problemas enfrentados por seus alunos, independentemente de sua natureza (problemas familiares, escolares, etc.). Ela era uma pessoa muito boa, atenciosa e suas aulas eram dinâmicas e divertidas. Antes de começarmos a aula, ela trazia uma frase de reflexão para turma.

Ela gostava que os cadernos fossem caprichosos e bem coloridos, tínhamos que deixar um espaço e passar um traço antes de passar para a próxima questão. Uma vez por semana, Dona Irene

[42] Bolsista do PIBID – Aluna do 7º semestre do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas.

levava a turma para a biblioteca, cada um pegava um livro e ia ler. Foi com dona Irene que meu desejo de ser professora despertou, pois, desde muito cedo, tive convicção da profissão que gostaria de exercer. Minha professora da 3ª série se chamava Genesi. Ela era muito brava, porém uma excelente profissional. A sala sempre ficava em silêncio quando ela estava. Ela não permitia conversa paralela e sempre que aqueles bilhetinhos começavam a circular pela sala, pegava e lia para toda a turma ouvir.

A professora Genesi exigia muito dos alunos, sempre passava exercícios de tabuada para casa. Escrevíamos a tabuada dez vezes, pois, antigamente, isso era considerado castigo. A professora usava isso como método de ensino, porque, no entender dela, ajudava a fixar aquilo que víamos. Os exercícios de português eram de interpretação de texto, sempre com perguntas difíceis. Quando a turma ficava quietinha no decorrer da semana, na sexta-feira, ela passava um filme ou deixava a gente brincar. Apesar das exigências eu gostava muito das aulas, pois realmente aprendia o que era proposto.

Na quarta série, tive aula novamente com a professora Irene, foi um ano muito importante, pois fomos preparados para enfrentar a quinta série, momento em que teríamos um professor para cada disciplina, passando por uma ruptura, mas, com bom preparo, teríamos plenas condições de encarar o novo desafio. Aos quinze anos de idade, fui estudar na zona urbana, uma realidade totalmente diferente da que estava acostumada. Cursei o Ensino Médio na Escola Estadual Assis Brasil, onde me formei no Magistério, no ano de 2000. Durante o primeiro ano de magistério, sofri muito preconceito por parte de algumas colegas, devido ao fato de residir na zona rural, mesmo assim, busquei forças e consegui enfrentar tais desafios. Os três anos transcorreram tão rapidamente que, quando percebi estava frente ao estágio curricular obrigatório. Realizei meu estágio na Escola Estadual Coronel Pedro Osório, em uma turma de 3ª série. Infelizmente, passei por alguns momentos desagradáveis durante o estágio, acredito que a falta de maturidade foi um dos agravantes, uma vez que a turma tinha trinta e seis alunos, o que me deixava muito insegura, porém, a experiência contribuiu para meu crescimento e amadurecimento, em todos os sentidos.

Experiências profissionais

A primeira experiência profissional que tive foi com adultos. Trabalhei durante quatro anos em um projeto do governo do estado do Rio Grande do Sul, MOVA (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos), na mesma localidade onde eu residia. Ganhávamos um auxílio de custo para nos locomovermos até o local dos encontros. No início do projeto fiquei muito angustiada, pois não tinha experiência no trabalho com adultos, não sabia muito bem o que e com que trabalhar, me questionava sobre o que os alunos pensariam de minhas aulas, se realmente eu conseguiria alfabetizá-los, qual seria a melhor forma de ensiná-los. Considerando que muitos desses alunos trabalhavam fora de casa, as aulas deveriam ser motivadoras para despertar o interesse deles, que chegavam em casa cansados. Enfim, muitas dúvidas surgiam em minha cabeça, porém, eu estava disposta a enfrentar os desafios que teria pela frente. Geralmente, as aulas aconteciam nas garagens das casas dos alunos.

Eram realizados dois encontros por semana com os alunos e uma reunião todos os domingos com uma pedagoga, e com todos os educadores, momentos em que trocávamos experiências, ganhávamos material para trabalhar com os alunos, uma vez que o ensino era diferenciado e baseado em Paulo Freire. Minha turma era composta de oito alunos, com idades variadas de 26 a 76 anos (idade da aluna mais velha). O aluno de 26 anos tinha Síndrome de Down e apresentava muita dificuldade para se comunicar. Eu também encontrava muitas dificuldades para trabalhar com ele, mais uma vez por falta de experiência e de conhecimento do problema enfrentado pelo aluno. Outra questão relevante diz respeito ao modo como deveria selecionar os conteúdos a serem desenvolvidos.

Diversas vezes, sei que erroneamente, aplicava atividades destinadas às crianças. Hoje, percebo quanta "coisa" podia ter sido feita de maneira diferente, se eu tivesse mais conhecimento. Apesar disso, foi uma experiência muito gratificante, pois, através do contato com essas pessoas, com idades tão variadas, aprendi muito. Posso falar com convicção que aprendi muito mais do que ensinei. Em primeiro lugar, aprendi a não julgar as pessoas sem conhecê-las, esse julgamento seria com relação à aprendizagem, uma vez que,

ingenuamente, acreditava que os mesmos não iriam aprender e eles me provaram o contrário. A dona Edith, minha aluna de mais idade, era a mais assídua, podia estar chovendo muito forte que, ao chegar ao local das aulas, lá estava ela, com seu caderninho embaixo do braço, me aguardando no portão. E esse fato me motivava a buscar cada vez mais a qualificação.

Durante as aulas, ficava maravilhada com suas variadas e ricas histórias de vida e o quanto podiam ser aproveitadas em prol da aprendizagem daquelas pessoas. Um dos momentos mais gratificantes foi quando a Dona Edith conseguiu escrever seu nome sozinha. Ela chorou muito, foi um momento muito marcante para todo o grupo, uma vez que estava tentando escrever há mais de dois anos. Foram quatro anos de muito aprendizado para todos os envolvidos nesse processo de ensino e aprendizagem.

A segunda experiência docente que tive foi em uma escola de Educação Infantil, em setembro do ano de dois mil. Lembro-me de que, pela manhã, bem cedinho, entreguei meu currículo e à tarde fui chamada para fazer um teste de experiência em uma turma de maternal (crianças de três e quatro anos). No início fiquei muito ansiosa, pois não sabia o que fazer, seria uma experiência nova, já que nunca havia trabalhado com crianças tão pequenas. Comecei me apresentando às crianças e pedindo que fizessem o mesmo, questionei quanto ao que gostavam de brincar etc. A tarde transcorreu tão rapidamente de modo que não senti o tempo passar.

Aos poucos, entrei no ritmo da escola e das crianças. O planejamento das aulas era realizado para uma semana inteira. Alguns meses depois, comecei a observar algumas práticas inadequadas relacionadas às crianças e decidi sair da escola, pois não queria ser conivente com o que estava acontecendo. Fiquei muito triste em sair, pois gostava muito de trabalhar na escola e principalmente com as crianças. Havíamos criado um vínculo muito forte, o qual foi difícil de ser desfeito. Após essa experiência, fui selecionada para trabalhar em uma escola do município via contratação emergencial, em 23/09/2002. A escola situa-se no 8° distrito de Pelotas, em Rincão da Cruz.

Comecei, então, a trabalhar com a antiga primeira série. Lembro de que tive uma longa conversa com o diretor da escola profissional que me relatou a situação vivenciada pela turma. Em síntese,

já estávamos praticamente em outubro e nenhuma das crianças estava alfabetizada, sendo que a maioria não sabia sequer segurar o lápis, problema muito sério. Teria, assim, um grande desafio pela frente, mas estava disposta a encará-lo. Diante do desafio, um grande temor tomava conta de mim. E agora? O que eu iria fazer? De onde partiria? Será que a comunidade me aceitaria? Dúvidas e mais dúvidas. Tentei fazer o máximo no pouco tempo que teria (menos de três meses). Procurei outros colegas para me auxiliarem na tarefa, pois não tinha muita prática e acabei assumindo uma grande responsabilidade.

Enfim, era um grande desafio, todavia, estava disposta a enfrentá-lo. O resultado foi surpreendente: pais, alunos e colegas me aceitaram muito bem. Foi uma experiência maravilhosa, a turma era excelente, apesar de muitos terem repetido o ano, conseguiram avançar bastante e isso me deixou completamente feliz. Nesse contexto, percebi o quanto a formação é importante: eu só tinha Magistério e tinha consciência de que o curso superior iria me preparar melhor para lidar com situações como essa que estava enfrentando. As dificuldades, os desafios e a sala de aula me renderam muitas experiências positivas e negativas, principalmente, proporcionou-me grande amadurecimento.

No ano de 2005 voltei a trabalhar na Educação Infantil, como professora, com um contrato emergencial nos meses de janeiro e fevereiro (férias das professoras), na Escola Municipal Herbert José de Souza, no bairro Getúlio Vargas, divisa com o bairro Pestano. Em março do mesmo ano, fui nomeada por concurso para trabalhar no cargo de professora de Educação Infantil. Decidi, então, voltar para a mesma escola que encontrava muitas dificuldades para manter seus professores, uma vez que se situa em um local considerado perigoso e atende a uma comunidade muito carente. Foram as condições adversas que me fizeram retornar à escola. Tinha muita vontade de tentar mudar a realidade daquelas crianças, tão frágeis e tão cedo já discriminadas. A direção e supervisão da escola exigiam muito carinho e afeto das professoras para com as crianças. Para mim, esses itens são fundamentais para uma educação de qualidade e fazem parte de minha conduta enquanto educadora, porém, o que mais me deixava angustiada eram as condições precárias em que as

crianças viviam, pois, elas não tinham roupas para vestir, nem fraldas e, muito menos, alimento.

Eu, trabalhava com mais duas auxiliares. A turma era composta de vinte alunos, portanto, foi necessária a entrada de mais uma professora. As crianças aceitaram muito bem a nova professora, e também, em pouco tempo, nos tornamos grandes amigas. Realizávamos o planejamento juntas, sempre visando o melhor para nossos alunos. Uma das alunas que me marcou muito foi a Tamires. Ela tinha um ano e quatro meses e chorava muito, teve muita dificuldade em se adaptar à turma, mas, aos poucos fui conquistando a confiança dela e consegui fazê-la parar de chorar. Depois disso, ela só entrava em sala de aula comigo e sua mãe tinha que esperar eu chegar para poder deixar a "Tatá" (seu apelido).

Alguns anos após minha saída da escola, soube que a menina também havia saído e não frequentou mais a Educação Infantil, pois não aceitava permanecer com as outras professoras. No dia seis de maio do ano de dois mil e seis, depois de cinco anos de namoro, aconteceu meu casamento com o Alexandre, foi um dia mágico, exatamente como eu sempre tinha sonhado. Em agosto deste mesmo ano, fui morar em Porto Alegre, pois meu marido estava trabalhando lá havia dois anos, precisei, então, me exonerar do cargo. Nesse mesmo ano eu havia sido aprovada para o curso de Pedagogia na Universidade Federal de Pelotas, porém, não realizei minha matrícula, devido ao fato de ir morar em outra cidade. Vale destacar que em nenhum momento me arrependi da decisão, pois muitas vezes devemos fazer escolhas.

Durante os três anos que fiquei em Porto Alegre, trabalhei em duas escolas. A primeira foi a Escola Cachinhos Dourados (no Parque dos Maias), onde voltei a trabalhar com o berçário e a segunda foi a Escola Mimo de Gente (no Cristo Redentor), trabalhando com o maternal 2. Nessa escola, encontrei uma grande amiga, a diretora Ivana, uma pessoa sempre disposta a ouvir os problemas de todos os seus funcionários sempre procurando resolver os problemas de forma que todos estivessem satisfeitos. As duas experiências foram maravilhosas, aprendi muito com pessoas que atuavam na área da educação há mais tempo e trocamos experiências que só me fizeram crescer tanto pessoal como profissionalmente.

Formação acadêmica

No ano de 2009 prestei vestibular para Pedagogia novamente. Ao receber a notícia de que havia sido aprovada, decidimos retornar para Pelotas. Fomos residir na localidade da Cascata, 5° distrito da referida cidade. A minha formação acadêmica começou em março do ano de 2009, quando iniciei o curso de graduação em Pedagogia, na Universidade Federal de Pelotas, no turno da tarde. Ao ingressar na faculdade começaram as expectativas, dúvidas e mais dúvidas foram surgindo. Questionava-me como seria o curso, o que aprenderia e o que mudaria em minha vida. Enfim, surgiram vários questionamentos que só poderiam ser respondidos ao longo da graduação.

Aos poucos, fui entendendo melhor a organização da instituição. Um aspecto que chamou minha atenção, no início do curso, foi que poucas colegas possuíam o curso de Magistério, pois acreditava que a opção pelo curso de Pedagogia seria devido ao fato de já possuírem breve experiência na área e estarem buscando melhor aperfeiçoamento, como era o meu caso. Com relação a esse assunto (falta do curso de Magistério), observo que muitas acadêmicas sentiam-se e ainda se sentem deslocadas quando os professores falam de determinados assuntos relativos à docência e isso causa muita angústia na maioria das colegas.

Sendo assim, acredito que o curso deveria oferecer mais oportunidades aos alunos de vivenciarem a teoria vista em aula, através da prática em sala de aula, para realmente terem certeza da profissão que irão desempenhar futuramente. Já no primeiro semestre foi ofertada uma disciplina que abordava diferentes problemas relacionados à alfabetização, desencadeando meu interesse pelo tema e levando-me a participar de vários debates, palestras e discussões.

O curso de Pedagogia mostrou-me que a professora que eu fui, devia se aprimorar e melhorar em muito sua forma de ministrar aula, modificando suas metodologias em sala de aula, ampliando e continuando a ampliar meus conceitos através das diversas leituras dos teóricos e dos ensinamentos dos professores. O papel desempenhado pelos professores, nas diferentes disciplinas, ao longo de

minha graduação, tem sido fundamental para expandir o meu repertório de aprendizagens.

Projeto PIBID

No curso, percebi que o espaço da universidade pública oferecia diversas oportunidades de envolvimento em projetos. Foi, então, que a partir do 3º semestre no curso tive a possibilidade de ser bolsista do projeto PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Este programa visa à integração da prática docente de professores com novos conhecimentos dos bolsistas do curso de Pedagogia, cujo objetivo é qualificar a alfabetização e o letramento dos alunos de 1° e 2º anos, fazendo com que os mesmos avancem no processo de aquisição da leitura e da escrita. Fazer parte do projeto me deixa muito lisonjeada, uma vez que tive e terei muitas oportunidades de qualificar minha formação.

Contudo, o curso em si nos oferece poucas práticas antes de ingressarmos na sala de aula. Julgo ser de suma importância que o graduando dos cursos de licenciatura tenha contato com a prática, antes de realizar seu estágio, uma vez que muitos, por vezes, acabam desistindo por não encontrarem o que esperavam. Os alunos bolsistas de um projeto tão rico quanto o PIBID têm a oportunidade de vivenciar experiências únicas em sala de aula, tanto junto aos alunos e professores titulares, quanto no convívio com outros bolsistas, com supervisores e coordenadores. Uma das escolas, na qual o projeto se desenvolve, atende crianças de 1° ao 5°ano do Ensino Fundamental e foi escolhida entre as demais escolas da rede municipal por apresentar um IDEB de 2,9 e um histórico de enfrentamentos de dificuldades no processo de alfabetização das crianças.

No início do projeto PIBID, realizamos muitas leituras para aprofundar nossos conhecimentos a fim de obter bom aporte teórico antes de iniciarmos significativamente a prática em sala de aula. Tenho certeza de que essas leituras, estudos e reflexões, foram extremamente significativas e de suma importância em minha vida acadêmica, profissional e pessoal. Nas quartas-feiras pela manhã, realizamos reuniões na faculdade de educação, quando ocorrem momentos de estudo, reflexão e tro-

cas de experiências, com vistas a qualificar as ações efetuadas pelos bolsistas, dentro das escolas.

Começamos nossas intervenções na Escola Getúlio Vargas, realizando um diagnóstico do funcionamento da escola em todos os âmbitos. Alguns levantamentos foram realizados por meio de observações nas salas de aula, no pátio, no recreio e em outras dependências da escola. Outros foram fornecidos pela professora supervisora do PIBID, que atua na escola, e também através de entrevistas com professores e demais funcionários. O ano de 2010 estava na reta final, tínhamos poucos dias para realizar as intervenções, porém, nesse pouco tempo, foi possível conhecer melhor os alunos e estreitar o vínculo afetivo com eles, o que considero ser de suma importância para a realização de um trabalho de qualidade.

Nesse tempo em que permaneci na sala, procurei participar ativamente, auxiliando a professora no atendimento das crianças, ajudando-a a organizar a fila, manter a ordem, buscar materiais e atender individualmente os alunos, enquanto eles realizavam as atividades propostas. A turma em que atuei era de 2º ano, com aproximadamente 25 alunos, com idades variando entre 8 a 13 anos. A oportunidade da prática em sala de aula nos leva a refletir como será nosso dia-a-dia, ao sermos professores. Enquanto estamos estudando apenas as teorias, não temos ideia do que é estar frente a uma classe com 30 alunos, sendo que cada uma dessas crianças tem suas peculiaridades, e o professor precisa estar preparado e atento, sempre refletindo sobre sua prática educativa.

Mesmo já tendo atuado anteriormente em sala de aula, me defronto com tais angústias, consigo refletir sobre minhas práticas passadas e percebo quantos erros cometi, mas sei que aprendi muito com essa experiência. Mas sei também que tenho muito mais a aprender e o PIBID foi uma oportunidade única que mudou completamente minha forma de ver e agir na sociedade em que estou inserida. Na escola, nos confrontamos com problemas reais tais como: a precariedade do ensino público, a falta de materiais essenciais para o trabalho, as dificuldades das crianças em aprender, o compromisso com o aprendizado e o crescimento de todos, entre outros aspectos ligados à realidade, dentro de uma escola pública.

Cada vez aumenta minha certeza de que o professor não pode ser apenas um transmissor de conteúdo, ao contrário, deve participar ativamente da vida dos alunos, deve ser um guia, estimulando-os a expressarem suas idéias, sem reprimi-las. Tenho consciência das pressões existentes na escola e do desgaste que os professores sofrem em sala de aula, confirmando que estar à frente de uma classe é uma enorme responsabilidade, pois há vidas humanas a serem trabalhadas. Os alunos têm sentimentos, têm atitudes e percebem tudo que ocorre a sua volta e o professor jamais deve subestimar suas capacidades.

No início do ano de 2011, retornei para a sala de aula, após o período de férias de verão e estava muito disposta a realizar um excelente trabalho que levasse em consideração os interesses das crianças. Com base nas observações e intervenções que fizemos, e nos relatos das professoras, constatamos a necessidade de realizar atividades diversificadas, para contribuir de modo positivo com o desenvolvimento integral dos alunos, intensificando ações que estimulassem a prática da leitura, da escrita, da coordenação motora, da atenção, da concentração, entre outras habilidades e competências. Assim como no ano anterior, permaneci com a parceria da mesma professora. Começamos o ano letivo realizando uma avaliação diagnóstica, cujo intuito foi auxiliar os professores, ou melhor, orientá-los para melhor planejarem suas aulas.

Realizei os testes com a turma de 2º ano, durante os meses de março e abril, em parceria com duas monitoras que, enquanto eu realizava a testagem, anotavam as reações das crianças para, posteriormente, podermos avaliar os resultados obtidos. A proposta de avaliação busca auxiliar os educadores do Ciclo Inicial na organização de seu processo de trabalho. É de suma importância que logo no início do ano letivo a professora faça uma avaliação diagnóstica dos conhecimentos linguísticos que os alunos possuem. Pois, através dela, irá conhecer melhor seus alunos e, a partir desse conhecimento, poderá organizar o seu trabalho, considerando quais as capacidades que precisam ser desenvolvidas, para que, no final do ano letivo, estejam consolidadas.

O professor deve avaliar, também, o próprio processo de ensino que realiza na aula, pois, ao analisar sua ação docente, adquire cri-

térios e elementos para introduzir mudanças em sua atividade, melhorando sua prática pedagógica. Vale ressaltar, por fim, que a avaliação diagnóstica não tem como função classificar os alunos. Sua função é, antes, a de servir para que o professor possa planejar a ação didática a ser desenvolvida em sua classe de alfabetização. A testagem dos alunos teve maior duração do que havíamos previsto, em função de a mesma ser bastante extensa e de a turma ser muito grande, além de os alunos faltarem muito às aulas, entre outros motivos.

Após a realização das avaliações, analisamo-as constatando, então, que a maioria das crianças encontrava-se em hipótese pré-silábica. Diante dessa comprovação, pensamos em um projeto para ser realizado com a turma, cujo nome era: "Quem sou eu", com o objetivo de levar os alunos a conhecerem-se, compreendendo que cada um tem uma identidade e que fazem parte de um conjunto de pessoas, em casa, na escola, e na comunidade. Procurava-se resgatar a autoestima dos alunos através de atividades que envolvem os valores humanos, que, muitas vezes, são esquecidos com o corre-corre diário.

Também foram trabalhados os nomes das crianças todos os dias em que as intervenções eram realizadas. Em um dos dias que ocorreu as intervenções na escola, foram realizadas reuniões de planejamento, nas quais participaram as alunas/bolsistas, professoras titulares e a supervisora. Nessa reunião, juntamente com a professora titular da turma, foram realizados os planejamentos da semana seguinte de forma compartilhada, consistindo em um momento muito importante de trocas de experiências. As reuniões de planejamento foram ótimos momentos de aprendizagem, eles proporcionaram muitas trocas entre todos os envolvidos. Aprendi bastante sobre o funcionamento da escola e, principalmente, sobre a turma em que auxiliava a professora.

Acredito, também que as trocas entre as professoras foram muito proveitosas, uma vez que antes, nem sempre conseguiam se reunir para conversar sobre a aprendizagem dos alunos. Nessas reuniões trocavam experiências e planejavam. À medida que o tempo passou, cresceu a certeza de que quero ser alfabetizadora e sinto muita vontade de fazer a diferença em sala de aula, de conseguir fazer com que as crianças aprendam realmente a ler e a escrever.

Enquanto as demais turmas da referida escola estavam trabalhando com um projeto único, ficou decidido, em conjunto com a professora coordenadora que orientou nosso trabalho na escola, que trabalharíamos com outro tipo de projeto que atendesse melhor aos interesses dos alunos.

Nas duas turmas de 2º anos do turno da manhã, em que os alunos são multirrepetentes, ou seja, temos alunos que estão repetindo o segundo ano pela terceira vez, organizamos um planejamento voltado a eles que já eram considerados desacreditados em função do fracasso escolar que vinham obtendo. O planejamento proposto foi baseado no projeto: "Patrick" através do vídeo que conta a trajetória de um menino chamado Patrick. Esse garoto frequentou a primeira série do Ensino Fundamental durante três anos e somente conseguiu aprender devido à dedicação de uma equipe do GEEMPA, que fez um trabalho voltado a sua realidade, contexto que é muito semelhante ao dos nossos alunos.

As crianças de duas turmas de 2º ano apresentam autoestima muito baixa, fato que compromete seu aprendizado. Através do projeto, procuramos auxiliar os alunos à avançarem em seus processos de aprendizagem. Na turma em que atuei, não houve muito interesse por parte dos alunos com relação ao projeto. Talvez o motivo tenha sido o fato de terem se identificado com o Patrick e, essa identificação não foi muito positiva, preferiram não comentar sobre o assunto dizendo que não conheciam ninguém com problemas semelhantes ao do menino do documentário. Notei, em suas atitudes, expressões que revelavam que o assunto do Patrick trazia angústias e inquietações às crianças. Percebi a necessidade de mudar de projeto. Após algum tempo de trabalho com esse projeto, iniciou-se outro baseado no livro: "O Carteiro Chegou". Ao iniciar a proposta, fiquei muito receosa quanto à aceitação por parte das crianças, uma vez que os mesmos estavam em idades mais avançadas e poderiam não se interessar por contos de fadas, porém, a surpresa foi muito grande ao perceber a alegria delas em realizar as atividades propostas.

No mês de dezembro, aplicamos novamente as avaliações diagnósticas, sendo que, dessa vez, foram realizadas apenas as tarefas da escrita do nome e das quatro palavras em uma frase. Houve

muitos avanços, porém, apenas seis alunos se alfabetizaram. Fato este que nos preocupou o tempo todo. O projeto da hora do conto teve grande êxito e seus resultados são visíveis nas atitudes e hábitos das crianças, elas estão mais independentes, pedem para levar livros para casa, ficam muito entusiasmados no dia em que realizamos a hora do conto, etc.

Os frutos desse projeto foram colhidos em sala de aula, havendo, dessa forma, avanços significativos com relação à linguagem oral e escrita das crianças, apesar de muitos não terem conseguido se alfabetizar, a aprendizagem foi notável. Pensando em auxiliar as crianças para aproveitarem o tempo do recreio, com a intenção de diminuir os conflitos, começamos a realizar o projeto do recreio orientado. Foi necessário haver um comprometimento para transformar o recreio escolar em um momento educativo. No início das intervenções relativas ao recreio não obtivemos muito êxito, porque os alunos não estavam acostumados a respeitar regras na hora de brincar. Tal fato, foi observado no diagnóstico inicial, em que percebemos que as crianças passavam todo o horário do recreio correndo pelo pátio, de modo bastante desregrado. Pouco tempo depois, comecei a notar mudanças de comportamento e disciplina o que se estendeu à sala de aula, auxiliando muito no desenvolvimento das atividades propostas.

Além do recreio orientado, implantamos outras ações na escola visando à qualidade do ensino. Dentre as propostas citamos: a retirada de livros, a hora do conto, a parceria com o PIBID do curso de Teatro, além de outras ações. O crescimento das crianças em todos os aspectos me deixa cada vez mais convicta de meu papel enquanto educadora em formação e a felicidade em observar os avanços é indescritível. Além disso, penso ser importante destacar o quanto o PIBID foi importante em termos de participação em muitos espaços de formação, tais como em eventos, congressos, fóruns, apresentando trabalhos, criando a possibilidade de conhecer outras pessoas de diferentes instituições ou mesmo participando apenas como ouvintes.

Uma dessas oportunidades foi a inscrição de trabalhos apresentados na FAPA (Faculdade Porto Alegrense), em Porto Alegre. Apesar de ter sido o meu primeiro trabalho, acredito que o mesmo

ficou bom e, foi graças às orientações, ao embasamento teórico de boa qualidade, às reflexões, realizadas em grupo nas reuniões e entre as bolsistas, que consegui bom preparo e segurança para apresentar o trabalho. Descontando o nervosismo natural, tive muita segurança, pois tinha convicção do que estava falando. Dessa forma, conseguimos o prêmio de Distinção, algo que comemorei muito e que me entusiasmou e entusiasma a sempre procurar o melhor para minha formação, principalmente, na área que mais aprecio na educação, ou seja, a alfabetização.

Considerações finais

A oportunidade de atuar como bolsista durante minha graduação permitiu minha dedicação à vida universitária, participando de seminários, congressos, cursos, monitorias, pesquisas e projetos de extensão. A experiência adquirida fez com que eu compreendesse melhor as teorias da educação, realizando práticas que contribuíram para a aprendizagem das crianças, ajudando-me a ser melhor profissional.

Toda esta experiência adquirida tem contribuído muito para minha formação. Com o PIBID, tive a oportunidade de obter muitas aprendizagens e perceber que quanto mais estudamos mais descobrimos que não sabemos o suficiente, que não podemos permanecer estagnados, acreditando que já sabemos o bastante. Devemos estar em constante aperfeiçoamento, em constante busca por oportunidades que nos levem ao crescimento pessoal e profissional.

Referências

CURTO, Lluís Maruny; MARIBEL, Morillo Ministral; MANUEL, Teixido Miralles; *Escrever e Ler Vol.1*: Como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever a ler. Porto Alegre, 2000 ARTMED.

CURY, Augusto. *12 Semanas para mudar uma vida*. São Paulo, Editora Planeta o Brasil, 2007.

SOARES, Magda Becker. *Metamemória-memórias: travessia de uma educadora*. São Paulo: Cortez, 1991. 124 p.

NOTAS SOBRE AS ORGANIZADORAS

COORDENADORAS DO PIBID PEDAGOGIA

Gilceane Caetano Porto, é coordenadora do PIBID/Pedagogia/UFPel. Professora adjunta do Departamento de Ensino da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas/UFPel. Coordena o Colegiado do Curso de Pedagogia da FaE/UFPel. Doutora em Educação pelo programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFPel (2011). Possui mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFPel (2005). Especialização em Educação pela Faculdade de Educação da FaE/UFPel (2001) e Graduação em Pedagogia pela mesma instituição (1999). Atuou como professora alfabetizadora de crianças, jovens e adultos na rede pública, tem experiência na área da educação, principalmente com os seguintes temas: alfabetização, letramento, história da alfabetização, e formação de professores. É integrante do grupo de pesquisa HISALES (História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares) da FaE/UFPel. gilceanep@gmail.com

Lourdes Maria Bragagnolo Frison, é Professora Adjunta do Departamento de Fundamentos Psicológicos da Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas/UFPel/RS. Atua nos cursos de graduação e no PPGE/FaE/UFPel. É doutora em Educação pela PUCRS e investiga sobre Autorregulação da Aprendizagem. É líder do Grupo de Estudos e Pesquisa da Aprendizagem Autorregulada - GEPAAR. Participa como colaboradora do grupo de pesquisa GRUPRODOCI (Profissionalização Docente e Identidade – Narrativas na Primeira Pessoa), liderado, na PUCRS, por Maria Helena Menna Barreto Abrahão e do grupo

de estudos PEAAR, liderado na Universidade de Lisboa por Ana Margarida da Veiga Simão. Participa do projeto de pesquisa "A autorregulação da aprendizagem na formação dos acadêmicos bolsistas do programa institucional de iniciação à docência do curso de Pedagogia/UFPel", financiado pelo CNPq. Foi coordenadora do PIBID/Pedagogia/FaE/UFPel (2010-2012). Desde novembro de 2012 atua como Coordenadora de Gestão de Processos Educacionais. lfrison@terra.com.br

NOTAS SOBRE AS AUTORAS

COORDENADORA INSTITUCIONAL DO PIBID II – HUMANIDADES (2011-2012)

Sônia Maria Schio nasceu em Caxias do Sul/RS, se licenciou em História (1988) e em Filosofia (1992) na UCS e cursou a Especialização em Filosofia Prática – Ética (1993). Possui Mestrado e Doutorado pela UFRGS na área de Filosofia Moral e Política, com a orientação do Prof. Dr. Denis L. Rosenfield (Mestrado – 2000) e da Profa. Dra. Kathrin H. L. Rosenfield (Doutorado – 2008). Estudou na Universidade de Poitiers, França, (2004-2005), no Centre de Recherche sur Hegel et l'Idéalisme Al- lemande. Atualmente é Professora Adjunta do Departamento de Filoso- fia da UFPel/RS, atuando na Graduação em Filosofia, no Mestrado em Filosofia Moral e Política (IFISP) e no Mestrado Profissional no Ensino de Ciências e Matemática (FaE). Coordena o GEHAr (Grupo de Estu- dos Hannah Arendt), foi coordenadora da área de Filosofia no PIBID e também coordenou institucionalmente o PIBID II/2009 – Humanidades CAPES/UFPel/5a CRE. soniaschio@hotmail.com

SUPERVISORAS DO PIBID NA ESCOLA

Escola Municipal de Ensino Fundamental Ministro Fernando Osório

Arita Mendes Duarte, cursou Magistério. Concluiu o

curso de Pedagogia na UFPeL em 1998. Fez Pós-Graduação em Metodologia de Ensino e Ação Docente na UCPeL em 2002. Apresentou a monografia "Inteligências Múltiplas na pré-escola". É professora da rede municipal de ensino da cidade de Pelotas e atua em classes de alfabetização. Ingressou em 2010 no PIBID/FaE/UFPeL como supervisora do PIBID na escola Ministro Fernando Osório. Ingressou no curso de Mestrado Profissional / IFSUL em 2013, com anteprojeto de pesquisa intitulado: "Como o PIBID/Pedagogia contribui para a prática pedagógica de professoras alfabetizadoras". Escreveu um artigo publicado no livro "Saberes e Práticas Pedagógicas dos profissionais da rede municipal de ensino" em 2012 e três artigos publicados com ênfase em práticas inclusivas. aritaduarte@bol.com.br

Escola Municipal de Ensino Fundamental Núcleo Habiltacional Getútlio Vargas

Patrícia Perleberg Gielow, formou-se em Tecnologia de Alimentos. No ano de 2002 concluiu o curso de Pedagogia na UFPeL. Fez Pós-Graduação em Educação Infantil pela UCB, tendo concluído no ano de 2004. Apresentou a monografia de "Resgatando valores nas escolas de educação infantil". É professora da rede municipal de ensino da cidade de Pelotas. Ingressou em 2010 no PIBID /FaE/UFPEL como supervisora do PIBID na escola Núcleo Habitacional Getúlio Vargas. Participou do livro "Saberes e Práticas Pedagógicas dos profissionais da rede municipal de ensino" da cidade de Pelotas no ano de 2012, tendo um artigo publicado a respeito de práticas inclusivas. profpatipg@hotmail.com

ALUNAS BOLSISTAS DO CURSO DE PEDAGOGIA
Andressa Bilhalva Rodrigues Bartz
Angela Maria Ferreira Garcia
Camila Gamino da Costa

Dalva Rosane Cruz Rodrigues
Estelamar Prestes Aires
Glediane Saldanha Goetzke da Rosa
Graciele Silva do Amaral
Jéssica Aline Leal da Rosa
Josiane Zarnott Crizel
Julia Graciela da Silva Luna
Juliana Ribeiro da Silva
Letícia Fagundes Corrêa
Maria Zilda Nascente Caetano Tavares
Mayra Prates da Silva
Natália Douglas Laner
Patrícia Cabral Duarte
Raquel Mello Costa de Oliveira
Samanta Ferraz de Almeida
Vanessa Silva da Silva
Veridiana de Matos Paladino

Observatório-Gráfico

Edições de livros, revistas e peças gráficas

51 3226-3560 / 84963690

observa@ig.com.br